



Entrem em nosso grupo

Romances_Sobrenaturais@yahoogrupos.com.br

Bodas de Ódio

Florencia Bonelli





Tradução e Revisão:
Jossi Borges e Ceila Sarita

Sinopse

Bodas de ódio

Corre o ano 1840 em Buenos Aires. Com sua beleza ruiva, sua teimosia e seu espírito impulsivo, a jovem Fiona Malone faz honra à sua origem irlandesa. Nega-se a seguir os costumes portenhos da época, pois está decidida a casar-se por amor. Por isso se desespera quando seu pai impõe seu matrimônio com Dom Juan Cruz de Silva, protegido do tirano Juan Manuel de Rosas.

De Silva, apelidado o Diabo, tem um passado negro e débito sua prosperidade tanto a sua inteligência, valor e frieza como ao afeto que lhe tem Rosas. Para consolidar sua posição deve casar-se com uma jovem de boa família, e a beleza da Fiona o conquistou.

Entretanto, o matrimônio começará marcado pelo ódio. Juan Cruz e Fiona só serão felizes se sabem ceder à imensa força do desejo e do amor.

Capítulo 1

*"Amor! palavra escandalosa em uma jovem, o amor
perseguiu, o amor era cuidadoso como uma depravação..."*

Joaninha Sánchez Thompson

A noite de 9 de julho de 1847, Buenos Aires.

Fiona Malone suspirou enfasiada e se entorpeceu na poltrona. De ali observava a sala principal da mansão, lotada de gente.

feito-se uma pausa no baile. Os homens, reunidos em pequenos grupos, conversavam de política. As jovencitas, excitadas, consultavam suas cadernetas e anotavam os nomes dos cavalheiros que as tinham pedido para esta ou aquela peça. Em um rincão, a orquestra provava os instrumentos, enquanto seu diretor, o professor Favero, recebia instruções da anfitriã, misia Mercedes Sáenz. As mulatas foram e vinham com mate nas mãos, bandejas com manjares e garrafas de vinho. Tudo parecia como foi pedido, os convidados luziam agradados e a proprietária de casa resplandecia pelo êxito de sua reunião no Dia da Independência.

Fiona voltou a suspirar, pensando em sua cama, calentita e cômoda, em um bom livro, ou no copo de leite quente que lhe preparava sua criada cada noite. Mas não! Aí estava, rígida, engravatada até o peito, os pés gelados, e com muitos desejos de voltar para sua casa. sentia-se cansada; nada parecia atrain-la, sempre o mesmo. Definitivamente, odiava as festas; em realidade, para ela não eram mais que uma feira de luxo, aonde o gado se substitui com mulheres se desesperadas por encontrar marido. Uma solteirona: antes, ao convento.

perguntou-se, então, por que permanecia nessa reunião, em uma geada noite de inverno, entre pessoas tediosas e afetadas. Pensou-o uns instantes e recordou as palavras de sua avó Brigid essa tarde.

—*Deve ir, Fiona —lhe ordenou a anciã.*

—*Se negar a todas as reuniões às que lhe convidam, nunca conseguirá uma boa partida para te casar—vaticinou sua tia Ana, lhe colocando um pente de prender cabelo na cabeça que ela, a sua vez, tirou-se rapidamente.*

—What are you doing, girl? Não te dá conta o trabalho que dá colocá-la em um cabelo tão murcho como o teu? —recriminou-lhe a tia.

—Não irei com pente de prender cabelo. As ódio. Além disso, não quero conseguir uma boa partida para me casar, quero me apaixonar.

A jovencita, desafiante, observava alternadamente a sua tia e a sua avó.

—Good heavens! Essas zonceras românticas que lhe colocaram na cabeça, Fiona, são ridículos; terminarão por me voltar louca.

A anciã se deixou cair em uma poltrona. As idéias irreverentes de sua neta conseguiam tirar a de gonzo.

—por que são ridículas, Grannie? Acaso você não te casou apaixonada pela Grandpa?

—Menina!Que perguntas faz?—exclamou sua tia.

—Grannie... —disse Fiona, insistindo a sua avó a responder.

—Bom... não... mas com os anos cheguei a querê-lo.

—Pois ele diz que te amou com loucura do primeiro dia em que te viu.

Brigid observou a sua neta e tratou de descobrir em seus enormes olhos azuis o mistério que a envolvia. Certamente, era uma menina intratável. Só Fiona podia lhe arrancar semelhante confissão ao velho Sejam Malone. Fazia cinquenta anos que estavam casados, tinham cinco filhos, e a ela jamais a tinha feito.

—Por fim! —disse Fiona para si, ao divisar a seu melhor amiga, Camila Ou'Gorman.

Camila ingressou no salão de misia Mercedes e procurou a Fiona com o olhar. Ao encontrá-la só em um rincão, dirigiu-se para ela.

—Por fim chega, Camila! Torrecilla já me tem médio louca perguntando por ti.

—Justo hoje que não tenho desejos nem de lhe olhar a cara.

Camila tomou assento ao lado de seu amiga.

conheciam-se desde pequenas e se queriam muito, como irmãs. Eram muito cupinchas e cada uma sabia os segredos da outra. Às vezes discutiam, porque não sempre estavam de acordo, embora as irritações duravam pouco. Ao momento, se amigaban e tudo continuava como sempre.

—Não te compreendo, Camila. Se não ter desejos de olhá-lo é porque não o ama; se não o amar, não deve te casar com ele.

O silogismo soava lógico para a Fiona, que desde fazia algum tempo não entendia o capricho de seu amiga em manter uma relação que não desejava.

—Sim, já sei.

—Então...

—Então... —suspirou Camila.

—Sim, o que acontece então, Camila Ou'Gorman.

—Nada, Fiona Malone, nada. É que... OH, mas você também vais fazer me recriminações!

—Não seja tola, eu só desejo que seja feliz. —Tomou uma de suas mãos e lhe sorriu—. É seu pai, verdade? Tem pânico de que se zangue contigo.

—É que tatita nunca compreenderia o que sinto aqui dentro —disse, golpeando o coração.

—Camila...

Alguém a interrompeu vociferando seu nome.

—Fiona Malone! Meia festa está murmurando a respeito de ti.

Uma jovem se aproximava direto para elas, com passo apurado e rosto desencaixado.

—O que pretende obter com este comportamento absurdo, Fiona? Uuuyyy! Se poderia te enforcar com minhas próprias mãos neste preciso instante.

—Olá, Imelda!

Camila não pôde ocultar a risada que lhe provocava a fúria da irmã maior da Fiona.

—Não te ria, Camila. O que seu amiguinha está fazendo nesta festa é imperdoável.

escutou-se o fôlego da Fiona. Tinha cruzado os braços sobre o peito e dirigido seus olhos em branco ao céu raso.

—É que cheguei faz uns instantes e não tenho ideia o que esteve fazendo seu hermanita —explicou a Ou'Gorman.

—A senhorita Fiona rechaçou a todos e cada um dos cavalheiros que a pediram para o minuê —declarou Imelda, sem deixar de olhar a sua irmã.

—Talvez não goste do minuê.

—Não te burle, Camila. Também rechaçou a Estar acostumado a para a valsa e a Anchorena para a mazurca. É evidente, não é questão de bailes.

—Não, Imelda. A Estar acostumado a não o rechacei, disse-lhe que sim.

—Sim, disse-lhe que sim, mas logo, quando veio a te buscar, espantou-o lhe dizendo que tinha desejos de vomitar.

—Não lhe disse que tinha desejos de vomitar. Tão somente lhe disse que...

—Bom, já basta, menina malcriada! Não importa o que disse ou que não disse. Quão único importa é que está fazendo ficar muito mal a nossa família em casa de misia Mercedes.

—Misia Mercedes jamais pensaria mal da Grandpa por isso. Respeita-o muito. Além disso, ela e eu somos amigas.

—Uuuyyy! Basta, basta —ordenou Imelda.

—te acalme, Imelda —disse Camila—. Seu rosto parece um tomate e não acredito que isso goste a dom Senillosa.

—Não cria, Camila, não cria —a corrigiu Fiona, com ironia—. Senillosa é mazorquero... Né! perdão, sócio popular e tudo o que seja vermelho sangue lhe apaixona.

Camila não suportou mais e soltou uma sonora gargalhada, que chamou imediatamente a atenção de um grupo de anciãs apostado em uns passos delas. Imelda as observava furiosa, o rosto como o grão e os olhos a ponto de saltar-se o das órbitas. Recolheu o arena de seu vestido, deu meia volta e saiu.

—Uy, não! Agora Torrecilla, quão único faltava —murmurou Fiona.

Lázaro Torrecilla se aproximou e pediu a Camila para o próximo minué; a moça aceitou a contra gosto e partiu ao salão principal junto a seu prometido.

Fiona ficou sozinha outra vez. Sozinha, porque não desejava estar com ninguém mais nessa festa. Possivelmente, seria divertido acontecer um momento com as *planchadoras*. Sempre as havia nas festas. As menos agraciadas, as mais feias, as mais gordas, as muito fracas, as mais pobres; um grupo de mulheres às que ninguém tinha pedido para dançar. Elas sozinhas se encerravam nos corredores da casa ou nos pátios mais retirados do salão. Uma e outra vez eram humilhadas pelos cavalheiros nas reuniões. Apesar de tudo, insistiam e não deixavam de concorrer. Fiona não conseguia as compreender.

—Não, não, senhorita. Outra vez com as *planchadoras*, não. Simplesmente, não o permitirei.

Misia Mercedes deteve a Fiona em seu intento por escapar da festa.

—OH... misia Mercedes...

—Não permitirei que te afaste como se fosse uma das mulheres mais feias de Buenos Aires quando é justamente o contrário.

—Justamente o contrário?

—Sim, querida, justamente o contrário. É a mais bela da reunião.

—Eu, misia Mercedes? Mas se a mais bela é dona Agustina Mansilla.

A proprietária de casa conduziu a Fiona pelo braço até um lugar mais afastado: ali se sentaram em uns tamboretos.

—Não, menina. Agustina perdeu o viço de sua pele e seu cabelo não brilha como antes. É que os anos não vêm sozinhos, querida. Além disso, você é distinta. É especial. Ela só tem uma cara bonita e nada mais. Você tem muito mais que isso.

Fiona admirava a misia Mercedes Sáenz e Velazco. sentia-se muito a gosto com ela. Talvez era parte de toda aquela parafernália de reuniões, sobrenomes, estadias e coisas que ela detestava, mas havia algo mais nessa mulher que a atraía irremediavelmente. Sua delicadeza, acompanhada por uma grande firmeza; sua educação estrita e sua abertura ao impensável; sua bondade, unida a uma grande sagacidade. Fiona amava escutar dos próprios lábios da protagonista a história a respeito de como misia Mercedes se havia oposto a seus pais quando quiseram casá-la com um parente longínquo, muito maior que ela, cheio de dinheiro e linhagem. "A primeira mulher do virreinato que se opôs a seus pais e contraiu matrimônio com o homem que realmente amava", gabava-se a anfitriã.

—Hão-me dito que não quiseste dançar com ninguém. E estavam todos desejosos de fazê-lo contigo.

—Misia Mercê...

—Eu te compreendo, querida, compreendo-te. Sei que estes crioulos nosso não são um modelo de virtudes nem nada que lhe pareça. Não tem que me explicar isso que me casei com um inglês, que Deus o tenha em sua glória.

—Amém —demarcou Fiona.

—Sim; não são do melhor mas é o que temos para escolher — sorriu.

—É que eu não desejo escolher a ninguém, eu não desejo um marido, misia. Não o desejo ainda.

—Ou talvez, o que desejas é te apaixonar, verdade?

O pulso da Fiona se acelerou. Por primeira vez alguém a entendia. Não tinha feito falta explicar nada. Tão somente, tinha-a compreendido.

—Sim, misia Mercedes, desejo me apaixonar por um homem que também esteja apaixonado por mim. Só assim aceitarei me casar.

—É um desejo muito nobre. Espero que o alcance. Em realidade, sei que o fará.

—Misia Mercedes?

—Sim, querida?

—Não esteja zangada comigo porque não quis dançar com ninguém, o suplico.

—Não, querida, como poderia está-lo.

—Prometo-lhe que ao próximo que me peça uma peça, aceito-o.

—Como deseja, Fiona.

Naquele momento, um cavalheiro algo petiso e volumoso, mas vestido com elegância, ingressou no salão junto a uma mulher.

—Mas se forem o conde e a condessa Walewski!

Mercedes se incorporou imediatamente.

—Se me desculpar, Fiona, devo ir receber os. Isso sim: não quero que vá com as *planchadoras*. me prometa que permanecerá aqui, onde seu belo rosto possa ver-se. Alegria este lugar.

—Sim, misia Mercedes, o prometo.

A jovem observou afastar-se a mulher, que desapareceu detrás de uns cortinados.

Outra vez sozinha. Então, começou a observar a seu redor. A mansão de misia Mercedes Sáenz, na rua da Florida, era das mais formosas de Buenos Aires. Seus salões eram famosos pelo luxo e o bom gosto. Levantou a vista para o céu raso. O enorme candil de bronze, carregado de perucas e velas chorreantes de sebo, era fantástico. Observou-o balançar-se muito lentamente; talvez seus olhos lhe jogavam uma má passada e tudo era uma ilusão óptica, talvez o abajur não se movia nem um centímetro. Mas sim, parecia que se deslocava ao som dos lembres da valsa que tocavam Favero e sua orquestra. Fechou os olhos para concentrar-se nas notas que chegavam a seus ouvidos. Sentiu que um ardor os alagava, deixando escapar lágrimas pelos flancos.

—Tem descoberto acaso uma greta no teto? Ou talvez uma telaraña em uma esquina? Porque esta casa poderá ser uma das mais belas, distinguidas e soberbas de todo Buenos Aires mas lhe está faltando muita manutenção. Já não é quão mesma em tempos de dom Cecilio. Permite-me te acompanhar, Fiona?

A jovem assentiu com desagrado, enquanto observava à roliça anciã que se apoltronava a seu lado.

—Como te estava dizendo... O que te estava dizendo? Ai, que memória a minha! Sempre fui assim.

—De dom Cecilio.

—Ah, sim, obrigado, querida! Em épocas de dom Cecilio... bom, você nem tinha nascido ainda. Em épocas desse galhardo e honorável cavalheiro rioplatense, esta casa era um verdadeiro paraíso.

Embora a mulher continuou com suas lembranças, Fiona não a escutava. Não podia ser possível. Tinha obtido um momento agradável e nada mais nem nada menos que dona Josefina Coloma vinha a incomodá-la. Era velha, já tinha até bisnetos qual era a necessidade de assistir a essas festas? Poderia permanecer em seu lar; ao menos assim não causaria machuco aos ouvidos e à prudência de ninguém. Em realidade, pensou Fiona, tivesse preferido dançar Estando acostumado a que escutar a essa anciã ladina e retorcida.

—Que belo vestido traz hoje, Fiona. Acaso lhe fez isso... —não concluiu a frase. Por aquela época o nome de uma boa costureira era um dado muito prezado. Ter o melhor vestido em uma festa podia chegar a ser a chave na busca de tin algemo. E Fiona levava o mais bonito essa noite.

—Sim, dona Josefina?

—Ejem! —pigarreou dona Josefina—. Talvez foi a senhora da Urrutia ou possivelmente a senhorita Torre... Não sei, são as melhores que conheço eu. Ali se confecciona os vestidos Clelia.

A avó dirigiu o olhar ao salão para observar a sua neta, que se desarmava por agradar ao jovem com o que dançava. Fiona contemplou por uns segundos a jovencita e pensou dela o mesmo de sempre: alguém caça-esposos sem muitos escrúpulos.

—Bom, não me disse onde lhe fizeram este espantoso vestido —insistiu a anciã. Tomou o tecido da saia, roçando-a com os dedos, como tratando de descobrir de que gênero se tratava.

—*Aunt Tricia* me enviou isso de Londres, dona Josefina.

Não era certo, mas gostava de jogar esse perverso jogo de mentirinhas com uma velha matreira como a Coloma.

—OH, Tricia lhe enviou isso de Londres!

Frente a aquilo, a mulher não podia competir. Ela não tinha a ninguém que lhe enviasse nada da Europa.

—E, como tem feito para recebê-lo tendo em conta o terrível bloqueio ao que está sendo submetida nossa Santa Federação?

Não era fácil enganar a aquela velha ardilosa. Fiona vacilou um momento; depois, respondeu:

—É que... é que, se a gente tiver alguém que lhe envie as coisas em pacotes da Inglaterra ou da França, o mais possível é que cheguem, como meu vestido, vê-o você, dona Josefina?

Fiona ensaiou um sorriso falso e levantou o tecido do traje. A mentira era tão grande que teria que confessar-se com o padre Vicente se desejava comungar no domingo. Mas se tranqüilizou pensando que se tratava de uma mentira piedosa, para lhe baixar as fumaças à velha chusma.

—Ah, também o serviço é lamentável nesta casa! —comentou a anciã com sarcasmo—. Pode acreditar que não me convidaram um só mate desde que cheguei, faz mais de uma hora já? —E a seguir, gritou—: Sofia, Sofia, me ceve um !

Fiona compadeceu a misia Mercedes por ver-se na obrigação de convidar a sua casa gente como essa. Ocorria que Josefina Coloma era uma "boa federal": fiel à causa, amante da Federação, da cor vermelha, e de seu caudilho Rosas. Não convidá-la seria para misia Mercedes como parar-se em meio da Praça da Vitória e gritar "Sou unitária! Sou unitária!", embora isso nada tivesse que ver com a inclinação partidária. Mas assim eram as coisas; não havia mais remedeio que adaptar-se ou perecer.

A negra Sofia já estava junto a elas.

—Aqui tem, dona Josefina.

—Mas, m'filha! Este mate é pior que *o dos Moraes*... —disse a anciã, enquanto o arrebatava de um tapa—. Por fim! Tinha a língua seca como a de um louro.

"Isso será por falar tantas necedades", pensou Fiona, fazendo um gesto de indigestão tão inequívoca que provocou a risada da Sofia.

—Bom, agora já me sinto um pouco melhor, pois!

A mulher respirou com dificuldade dentro de seu espartilho.

—me diga, filha, como é que te encontra aqui e não está dançando com algum de nossos guapetones federais? Está mais só que uma monja de clausura, Fiona. Isso não é bom se desejás conseguir marido.

—Não me sinto muito bem, dona Josefina. Talvez seja algo que me indigestó.

—OH, pobre menina! Com razão tem essa cara de morta, mais pálida que um alma. OH, e essas olheiras, escuras como uma noite sem lua! Decididamente, não te encontra em seu melhor momento.

Fiona, que não tinha desejos de comentar nada mais com aquela senhora, se devanava os miolos pensando frases de cortesia para tirá-lhe de cima.

Os instrumentos deixaram de soar e o salão ficou em silêncio; os homens, que se congregaram em grupos, dirigiam o olhar à estrada principal; algumas jovencitas começaram a cochichar, nervosas, escondendo-se atrás de seus leques, dissimulando a repentina vermelhidão em suas bochechas.

Intrigada, Fiona franziu o sobrecenho. Nesse momento viu misia Mercedes, que se encaminhava para a porta com os braços estendidos, e a ouviu dizer em um doce tom de voz: "Bem-vindo a meu lar". Como estavam, muito afastadas do salão principal, Fiona e Josefina não conseguiam ver de quem se tratava; embora de algo estavam seguras: tratava-se de uma grande personalidade. Misia Mercedes não recebia assim a qualquer. Nem sequer com o Conde Walewski tinha atuado desse modo.

O piano do professor Pavero soou de novo, e embora misia Mercedes, perdida entre os cortinados, não tinha reaparecido ainda, tudo retornou à normalidade.

—É obvio! Devi haver-me imaginado! —resmungou de repente dona Josefina Coloma—. Claro, como não! Se se tratar do Juan Cruz de Silva.

Misia Mercedes Sáenz, tirada do braço de um exótico cavalheiro, apresentou-se ante o olhar da Fiona como uma aparição do mais à frente. Tudo parecia desenvolver-se em forma lenta; o homem caminhava com porte aristocrático, um sorriso fresca e gesto vaidoso. A jovem não podia tirar seus olhos dele. Sabia que era impróprio observá-lo assim, mas não lhe importava; de todos os modos, não podia deixar de fazê-lo.

—Quem é? —perguntou a dona Josefina.

A mulher voltou seu rosto a Fiona com gesto de espanto.

—É que acaso vive em um dedal, menina?

Pergunta-a lhe causou risada.

—Não, dona Josefina, por que me pergunta isso?

—É que só uma pessoa que viveu em um dedal os últimos três meses não conhece o Juan Cruz de Silva.

—Eu não o conheço, dona.

—E claro, como vais conhecer o. Quase não aparece nas reuniões, não vai à Alameda mais que para montar seu cavalo como uma foragida, não percorre a rua da Florida depois de missa os domin...

—vai dizer me quem é o cavalheiro, sim ou não? —perguntou Fiona com insolência.

—Sim, m'filha, sim. É um dos homens mais ricos da Confederação. Além disso, é o protegido de nosso excelentíssimo governador. Agora que o Brigadeiro Rosas está tão ocupado com as questões de estado, de Silva é quem dirige todas suas estadias. Você sabe, Fiona, seu filho, Juancito, não é o melhor dos filhos, e como não se ocupa muito dos assuntos familiares... bom...

—Jamais o tinha ouvido nomear—comentou a jovem, abstraída. Disse-o sem apartar o olhar do enigmático cavalheiro, como muitas das outras jovencitas. Algumas, mais atrevidas, tentavam aproximar-se.

—Em realidade, chegou do campo faz uns meses, nada mais.

—E vai ficar?

—Parece que te interessa conhecer sobre o mocito de Silva, não é certo?

O comentário malicioso da anciã a pôs em guarda. Talvez se tinha deixado levar pelo impacto que de Silva lhe tinha causado e estava perguntando de mais. Dona Josefina era muito perigosa; de um nada, era capaz de criar a mais fantástica das fábulas. E Fiona não desejava ser a protagonista de um conto imaginado por ela.

—Sim, dona Josefina, tem razão. O que me interessa, verdade?

Olhou-a com acuidade, direto aos olhos.

—Além disso, tenho que deixá-la; não posso perder toda a noite aqui sentada se o que quero é conseguir marido. boa noite.

levantou-se e se foi, deixando à mulher com a boca aberta, sem nada que dizer.

—Ai, senhor de Silva! Que sorte que chegou! Já temia que não viesse você —exclamou Mercedes, que tirada do braço do jovem entrava com ele na sala.

—Sim, desculpe-me, misia. Acontece que me entretive até último momento na discussão de uns negócios —se apressou a explicar o recém-chegado.

—Uns negócios O... uma rapariga, senhor?

A mulher o olhou de marco em marco sonriéndole com picardia e acotovelando-o nas costelas.

—Sente saudades, misia Mercedes! Você sabe que ultimamente não penso em outra coisa que em sentar cabeça e conseguir esposa — respondeu de Silva, com certa ironia.

Mercedes riu. Gostava desse moço, e estava encantada com a missão de celestina que se impôs com ele.

—Sua demora quase atira pela amurada todos os planos que risquei para você esta noite, senhor de Silva. Vamos, tenho o que me pediu. Agora tudo depende de seu encanto.

Encanto era o que sobrava ao Juan Cruz de Silva quando o propunha. Tinha chegado à cidade envolto em um halo de mistério que o fazia ainda mais apetecível. As meninas solteiras suspiravam ao vê-lo, e as casadas não podiam sentir outra coisa que decepção quando o comparavam com seus maridos. Os homens, por sua parte, sabendo que obteriam boas lucros, desesperavam-se por fechar algum trato com ele. O conhecia como homem de palavra e tinha fama de enriquecer a seus sócios. Mas todo mundo sabia de sua rudeza e rapidez com o facão. Não era fácil amedrontá-lo, e se comentava que muitos tinham passado pelo fio de sua faca. Seus peões não só o respeitavam: temiam-lhe como ao mesmo demônio. Diziam que era severo e exigente e que não duvidava em castigá-los muito duramente quando não cumpriam suas ordens a rajatabla. Não lhe conheciam amigos, e ele tampouco mostrava ansiedade por fazer muitas miolos com os portenhos. Era atento, educado e sucedido, mas não passava disso.

A ciência certa, era pouco o que sabiam dele. Que era o protegido do governador Rosas, um lince para os negócios, e muito rico. Sua origem e seu passado se mantinham em uma nebulosa; talvez ninguém desejava conhecer realmente sua história, intuindo-a não muito Santa. cobriram-se tantas anedotas ao redor de Silva como mulheres havia em Buenos Aires. Até os varões tinham seus próprios contos.

Essa noite, Mercedes o notou nervoso e sentiu saudades. Sempre receoso e precavido, era o tipo de pessoa que nunca revelava seus sentimentos.

A mulher enviesou seus lábios; acreditava conhecer o motivo de sua inquietação.

Fiona necessitava um pouco de ar. Já tinha suportado muito daquela reunião.

O pátio da velha casona seria sua salvação. Cruzou os corredores deixando atrás o som da música, o incansável murmúrio da gente, a

fumaça dos charutos, e o aroma —médio repugnante já— das essências que se queimavam nos pebeteros da sala.

O choque com a brisa geada a recompôs o bastante. Fechou os olhos e inspirou profundamente. Instantes depois, soltou o ar pela boca com lentidão.

A noite era fria mas esplêndida. Permaneceu comprido momento observando a lua, que aparecia sob o arco do cisterna. Logo, aproximou-se do poço de água e se reclinou sobre sua parede de mármore. Ali ficou, olhando o céu, fechando os olhos de tanto em tanto. Não soube quanto tempo permaneceu assim. Possivelmente ficou dormida uns minutos e depois despertou. de repente, sentiu frio; talvez devia retornar à festa. "Assim nunca conseguirá marido, Fiona Malone", disse-se, sorrindo.

—Fiona, aqui estava! Faz momento que levo te buscando. O que fazia aqui, sozinha? Uuuyyy! Mas se está gelado! Vamos, entremos.

Camila tomou pelo braço, e virtualmente a obrigou a ingressar na mansão.

—Viu-o?

—A quem? —inquiriu Fiona.

—Como a quem? Ao convidado mais popular de esta noite. Ao Juan Cruz de Silva.

Já se tinha esquecido dele.

—Sim, vi-o quando chegou, faz uns minutos.

—Fiona, estiveste bebendo? De Silva chegou faz mais de uma hora.

—Bom, sim, faz mais de uma hora, que mais dá? Mas o que tanto há com esse homem. Todo mundo parece pendente dele.

—O que acontece é que é o protegido de donjuán Manuel. Alguns dizem que é seu filho bastardo; outros dizem que é o filho de uma negra, que o teve com um importante pecuarista. O que sim sei é que veio a Buenos Aires a procurar esposa.

—Agora entendo tanto escândalo —replicou Fiona, com um sorriso sardônico—. Por isso todas as solteiras da cidade tiram reluzir seus pôsteres que dizem: "busca-se marido", verdade?

—Não seja mordaz, Fiona. O que acontece é que é um homem verdadeiramente atrativo, acaso não o viu bem?

—Sim, vi-o. Não me pareceu nada do outro mundo.

—Não posso acreditar que te tenha parecido igual aos outros. Não me engana.

lhe fazendo cócegas sob os braços, Camila obteve que seu amiga confessasse.

—Sim, detenha, sim, sim, basta. Está bem, sim, pareceu-me interessante.

—Bem! Então, vamos, ao salão. Talvez te convide a dançar o minué.

—Não, Camila, não desejo dançar com ele. Em realidade, não desejo dançar com ninguém.

—Teimosa como boa filha de irlandeses que é, Fiona.

—Você também o é.

—Sim, mas trato de me controlar. Além disso eu sou neta, não filha, como você.

olharam-se uns segundos, seriamente; logo, começaram a rir.

—Anda, vamos. Além disso, misia Mercedes me perguntou por ti mil vezes.

—Bom, está bem, vamos. Mas antes me conte mais sobre o galhardo e honorável cavalheiro —disse Fiona, parodiando a dona Coloma.

—Em realidade, não é muito o que sei. Tatita o outro dia comentava com o Eduardo que é um homem muito rico. Parece que além de administrar as estadias de dom Juan Manuel, é dono de várias. Ah, sim, agora recordo! É dono de um dos salgas maiores da Confederação. Depois de amanhã, acredito, deve almoçar a casa. Aí poderei averiguar mais.

—De todas formas, não compreendo bem por que é tão boa partida. Se for bastardo de Rosas, ou filho de uma negra... Nada muito adulator que digamos... —comentou Fiona.

—Mas isso o que importa! Para dom Juan Manuel é como um filho. Assim o apresentou, como seu filho adotivo. Ele mesmo o acompanhou ao do Lacompte e Dudignac para que o vestissem de ponta em branco, como o viu. —Camila fez uma pausa—. Bom, agora sim, vamos à sala ou misia Mercedes se zangará comigo. Foi ela a que me enviou para te buscar.

—Sim, vamos.

Caminharam uns passos, e esta vez foi Camila a que a deteve.

—Ah, esquecia-me! Sabe como o chamam?

—Não.

—O diabo.

Quando chegaram ao salão principal, Camila e Fiona cruzaram um olhar carregado de desencanto: de Silva dançava o minué com a Clelia Coloma. Por tratar-se de um recém-chegado do campo, pensou Fiona,

seus movimentos ao som da música eram muito harmônicos e coordenados.

Fiona ficou observando-o, absorta, médio escondida detrás de uma porta. Era alto, muito alto. Comparado com a lânguida silhueta da Clelia, aquele homem parecia enorme. Seu corpo era robusto, e ao mesmo tempo incrivelmente belo. Vestia uma elegante levita negra que destacava o contorno de suas costas e terminava atendo-se a sua cintura. Os punhos de encaixe lhe caíam sobre as mãos, que sustentavam as pequenitas da Clelia com tanta suavidade e destreza como um cavalheiro da corte francesa. Em um movimento do baile, seu levita deixou entrever mais claramente o colete de veludo negro no que se destacava, como rosa branca, uma elegante gravata de seda. Ninguém haveria dito que se tratava de um homem de campo. Havia algo nele que o fazia distinto; tanto, que sobressaía inclusive entre os cavalheiros mais arrumados da cidade.

A cinta ferroou que pendurava da casa de seu saco era mais pequena que as de alguns unitários propensos a ocultar suas inclinações políticas. Sua cara, poda de barba, não exibia sequer o obrigado bigode federal. Levava o cabelo partido para médio, a trovador. Entretanto, ninguém em todo Buenos Aires teria ousado pôr em dúvida sua lealdade à causa. tratava-se do protegido de sua excelência, o Brigadeiro donjuán Manuel de Rosas, "presidente dos portenhos" e caudilho da Confederação. Não, ninguém teria ousado sequer mencionar essa possibilidade.

—Parece que esta noite estamos destinadas a nos encontrar, querida Fiona.

A jovem reconheceu a voz de dona Josefina, esta vez a suas costas. Não lhe importou a presença da mulher. Seu mau humor inicial se dissipou.

—Assim parece, dona —respondeu amavelmente Fiona.

Tinha estado muito grosseira com a anciã e tratava de corrigir seu comportamento anterior.

—Vejo que sua neta foi uma das afortunadas em dançar com o cavalheiro de Silva —comentou.

—OH, sim! —exclamou alvoroçada dona Josefina—. De Silva foi várias vezes a casa de meu filho. Em todas as ocasiões a desculpa foram os negócios, mas eu não me acredito. Além disso, comenta-se que já escolheu a que será sua esposa. Para mim que... Bom, filha, não me faça falar de mais.

Fiona a olhou surpreendida. Ela não a estava fazendo falar de mais, era a anciã a que sempre se ia de boca com seus comentários. Mas, que mais dava; aquela mulher tinha sido assim por mais de sessenta anos e nada nem ninguém a trocava agora.

—Está bem, dona Josefina. Agora devo deixá-la; já é tarde e tenho que me retirar.

—De maneira nenhuma, senhorita! Ainda é muito cedo e não dançaste com ninguém ainda. —Permaneceu um instante pensativa—. Dançará com meu neto Esteban.

—OH, Por Deus, dona Josefina, nem lhe ocorra!

Mas já era muito tarde. Esteban Coloma passava por ali nesse momento. Sua avó tomou pelo braço e, literalmente, esmagou-o contra Fiona.

—Leva-a a dançar, querido.

O jovem estava vermelho como o grão; o rosto da Fiona, em troca, já tinha passado à violeta intenso. Finalmente, não ficou outra opção, e quando a valsa começou a soar, ela e Esteban se encaminharam à improvisada pista de baile. Desde outro lugar, Camila e Imelda a observavam atônitas. Não podiam acreditar que tivesse aceito uma peça ao neto de dona Josefina.

—Bem merecido o tem! Por fazê-la deliciosa, ficou com o pior — afirmou Imelda com sarcasmo.

Esteban tinha que suportar sobre suas costas a pesada carga de ser neto de sua avó; apesar disso, resultou ser uma pessoa agradável e sensível. Evidentemente, ele também se sentiu a gosto com a Fiona porque a música continuou soando e eles não deixaram de dançar. A tensão do princípio foi dando lugar a uma amena conversação que logo se permutou em um diálogo de velhos amigos.

Esteban era doce, cavalheiro, e muito tenro. Gostava do campo, a música, a literatura. Fiona não podia acreditar que de uma avó assim pudesse sair um neto como ele. Embora, havida conta da história de sua própria família, teve que aceitar que ela era a menos indicada para julgar às pessoas por seus antecedentes genealógicos.

Seguiram dançando comprido momento. de repente, Fiona sentiu necessidade de ir ao penteadeira, e no primeiro corte entre peça e peça, desculpou-se com o Esteban. Mercedes sempre lhe indicava que utilizasse a sala de banho contígua a seu dormitório, de modo que não duvidou em encaminhar-se para ali.

A casa era enorme e terei que cruzar dois corredores e dois pátios para chegar à zona dos quartos, que dava justo sobre a rua de São Martín. O ruído da festa se perdeu e tudo parecia tranquilo e silencioso nessa parte da mansão.

Por um momento, pareceu-lhe escutar um som; um pouco parecido a um gemido, a um lamento. Não, não, era um ofego; e parecia angustiado. Talvez, alguém chorava por aí; possivelmente uma das *planchadoras*. Sentiu a necessidade de descobrir quem seria; pensou que poderia consolá-la.

Com essa ideia em mente, entrou nas habitações, e foi as percorrendo uma a uma, tratando de alcançar aquele som que ia fazendo-se cada vez mais audível. Seus esarpines de raso logo que roçavam o chão, e tomou a precaução de elevar a saia do vestido para que o roce do tecido com o piso não alertasse a pobrecita que chorava.

Advertiu então que o som provenia do fundo, de uma das últimas habitações para hóspedes. A ansiedade lhe jogou uma má passada, e tropeçou com uma mesita apostada em um dos flancos do corredor. Um vaso de prata caiu ao chão, e Fiona conteve a respiração. Por sorte, o floreiro deu sobre um tapete grossa e o ruído não foi tão estrondoso. Voltou a respirar, um pouco agitada.

—O que foi esse ruído? Escutou-o? —a voz era inequivocamente feminina.

Fiona se deteve, e permaneceu quieta no lugar.

—Não, não... deve ter sido o gato... não te detenha... —E outra vez o gemido, o lamento.

Fiona estava mais que intrigada. Era evidente que havia duas pessoas nessa habitação, e que eram um homem e uma mulher, mas, que diabos faziam ali?

Com muito tato, entreabriu a porta do dormitório e viu algo que nunca teria podido imaginar.

Uma mulher, de costas a Fiona, sustentava-se com ambas as mãos de um dos dosseis da cama. Como se estivesse montado sobre ela, e agarrado com força a sua cintura, um homem a empurrava uma e outra vez, atraindo-a para si, balançando-se sobre ela, esfregando-se nela, emitindo estranhos sons. A mulher também gemia e respirava entrecortadamente. O lugar estava escuro e só o banhava a luz do farol da rua. Fiona acreditou ver que a mulher tinha o vestido levantado, mas o assombro e a má iluminação não a ajudavam.

Uma só imagem sulcou sua mente nesse momento: a égua de seu avô afligida sob o peso do padrillo árabe dos Terrero. Por aqueles dias em que o animal visitava a estadia, tinha proibido ir ao potrero; mas não lhe importou, e se lançou a descobrir que coisa era a que faziam os dois cavalos. E isso recordou.

Agora, em troca, os que se entregavam a esse estranho balé eram um homem e uma mulher. Fiona mantinha apertado o trinco com tanta força que sentiu como as unhas lhe cravavam na carne. Sabia que não devia olhar. Entretanto, os movimentos, os pequenos gritos reprimidos, o ofego, sobre tudo esse contínuo e persistente ofego, como se estivessem correndo desesperadamente, todo aquilo exercia sobre ela uma atração tão irresistível que não podia apartar os olhos. Pressentia que logo haveria um desenlace. Além disso, queria lhes ver os rostos.

Respirou fundo para tratar de dominar sua agitação, e outro mau movimento esteve a ponto de pô-la em evidência. Tinha afrouxado sem dar-se conta a pressão de sua mão: em meio da quietude da noite, o ruído do trinco ao voltar para seu sítio soou como um cañonazo.

O homem e a mulher voltaram seus rostos instintivamente para a porta. Embora tinha oportuno a jogar o corpo para trás, Fiona alcançou a reconhecê-los. Por um momento, pensou que seus olhos a enganavam. Mas não. Não cabia dúvida de que eram Clelia e de Silva.

Fiona viu que o homem, tudo desalinhado, com a calça aberta e a camisa por fora, apartava-se a contra gosto da mulher. Era evidente que estava disposto a averiguar quem devia interromper sua tarefa. Fiona decidiu que era tempo de sair dali e correu para o pátio dos serventes. Para quando Juan Cruz terminou de abrir a porta, já não havia ninguém.

—Será melhor que retornemos à festa —sentenciou de Silva.

Fiona ingressou no salão. Não se sentia bem: tinha cruzado a mansão de ponta a ponta à carreira, quase sem respirar. O coração lhe palpitava a toda velocidade e as têmporas lhe pulsavam. Estava pálida e as mãos lhe tremiam.

—O que te acontece, Fiona? Acaso viu ao diabo?

—Talvez —respondeu ela com o fôlego entrecortado—. Por favor, Camila, me consiga algo afresco para beber.

AI cabo de uns minutos, Camila reapareceu com um copo de água.

—Obrigado. Por favor, Cami, me traga minha capa. Quero ir. Já mesmo.

Camila não ia discutir. Nunca a tinha visto assim, tão desencaixada.

Fiona sorveu a água lentamente, tratando de não engasgar-se. Depois, deixou o copo em uma mesa e se apoltronou em uma poltrona. Não desejava estar ali; desejava ir-se, escapar. O que acabava de ver era algo horroroso. Clelia sempre lhe tinha parecido uma mentecapta qualquer, com seu tonito enjoativo e seus modos de garotinha bem. E esse tal de Silva... Tinha resultado ser... sim, o mesmo diabo em pessoa.

—Por fim, Fiona querida! —exclamou a anfitriã ao vê-la—. estivemos te buscando laigo momento. Bom, não importa, encontramo-lhe.

Mercedes lhe sorriu tão docemente que Fiona sentiu pena por ela. A mulher não tinha idéia do que acontecia sua própria casa, em uma de suas habitações...

—Vêem, desejo que conheça alguém —indicou a senhora, levando-a uns metros mais à frente.

—Fiona, querida —começou a dizer Mercedes ao ver aparecer a de Silva—. O senhor dom Juan Cruz de Silva deseja dançar contigo a próxima peça.

Fiona olhou alternadamente a um e a outro sem pestanejar. Por fim, declarou:

—Antes prefiro estar morta.

Camila não teve tempo de lhe alcançar seu casaco. Fiona o arrebatou das mãos, e abandonou resolutamente a reunião.

Capítulo 2

*"Falar do coração a essas gente era farsa do diabo,
o casamento era um sacramento
e coisas mundanas não tinham que ver com isto."*

Joaninha Sánchez do Thompson

Seus ouvidos se crisparam para ouvir como chiavam as rodas da galera contra os paralelepípedos da rua da Florida. Seu corpo se balançou sobre o veludo cotelê do assento e fechou os olhos; não queria ver nada mais por essa noite.

Tão somente escutava. *"Viva a Santa Federação! Morram os selvagens unitários! As doze deram e nublou!"*. A voz do sereno ia perdendo-se à medida que os cavalos, açulados pelo Eliseo, ganhavam mais terreno em sua carreira para a casa. *"As doze deram e nublou!"*. E nublado? Acaso não tinha visto a lua no pátio de misia Mercedes? Misia Mercedes... Jamais lhe perdoaria seu comportamento dessa noite. "Antes prefiro estar morta... Antes prefiro estar morta." É que sempre seria assim, impulsiva, arrebatada. perguntou-se que lhe haveria flanco responder: "você desculpe, senhor dom de Silva, mas devo me retirar". Pensou-o uns minutos; em realidade, disse-se, haveria-lhe flanco muito.

Não podia acreditar que a mesma pessoa que momentos atrás fazia "isso" em uma das habitações se apresentasse pouco depois ante ela e a convidasse a dançar como se nada. Com essa cara impávida e esse sorriso falso. Embora, devia admiti-lo, formosa.

Talvez tinha exagerado. O que lhe importava o que o tal de Silva fazia com a Clelia? Não era assunto dele, no mais mínimo. Nem Clelia era seu amiga, nem "o diabo" seu prometido.

"E nublado." Abriu a cortina da portinhola e deixou entrar a paisagem. A lua já não estava. A nuvem espessa, iluminado desde atrás, deixava-a entrever cada tanto, e a ocultava logo entre sua espessura cinza. Uma luz repentina iluminou as ruas e instantes depois um estrondo caiu sobre Buenos Aires. E outra vez a luz, e outra vez o retumbante som que dava medo.

Em poucos minutos todo tinha trocado; o céu se transformou em uma espessa mescla de nuvens negras que gritavam seus anátemas sobre a cidade; a lua aparecia, de quando em quando, com um olhar lânguido e mortiço.

Em poucos minutos, tinham trocado também a pureza de sua alma e o angélico de seu rosto, o brilho de seus olhos e o trepidar de seus lábios inseguros. Tinha chegado à reunião de uma forma e se foi de outra, completamente distinta. Em sua mente, as lembranças cândidas e inocentes de sua infância desapareceram para dar passo às vivencias mais reais que jamais imaginasse.

Escutou as primeiras gotas de chuva sobre o teto da galera e se arrellanó ainda mais entre as almofadas. Apoiou a cabeça sobre seu

ombro e tratou de fazer-se tão pequena como um pajarillo. Como quando era uma menina e seu avô a agasalhava na cama, enquanto lhe contava as histórias dos heróis irlandeses.

A galera se sacudiu ao passar por um incipiente atoleiro, trazendo um ruído de cascatas aos flancos das rodas. E outro buraco mais, e mais ruído a quebradas. A água suja e barrosa da rua parecia partir-se para passo das rodas da carruagem Malone. Fiona começou a dormitar. A raiva com a que tinha ingressado no carro foi esfumando-se à medida que um torpor incontrollável se apoderava de seus olhos, de sua cabeça, de todo seu corpo.

—Menina Fiona! Menina!

Estava profundamente dormida. Elíseo a teria tomado entre seus braços para carregá-la até a casa, como quando era pequena. Mas agora não podia fazê-lo. Fiona tinha deixado de ser uma menina para transformar-se em uma das mulheres mais belas que ele tinha conhecido; apesar disso, para ele seguiria sendo sempre sua menina Fiona.

—Menina Fiona! —repetiu.

Esta vez, Fiona começou a despertar. Entreabriu os olhos, se mesó o cabelo e estirou o braço para tirar-se de cima a modorra que a entorpecia.

—Vamos, minha menina! Ainda devo retornar pela menina Imelda, que ficou no baile.

esqueceu-se por completo dela. Tinha saído como uma tromba da mansão Sáenz; lançou-se sobre o Eliseo e lhe tinha rogado que a levasse de retorno a casa imediatamente. E Eliseo jamais podia negar-se a sua menina, apesar de que sabia que Imelda o arreganharia por havê-la deixado no de misia Mercedes.

Nesse instante, um som de cascos de cavalo e niedas de carruagem chegou aos ouvidos do homem. Era a volanta dos Ou'Gorman, que um momento depois se detinha a porta da mansão Malone.

—boa noite, Camila, e obrigado por me trazer —se despediu Imelda antes de descender ajudada por um laçao.

Uma mão de mulher fechou a portinhola. Com um ruído afiado, uma guasca sulcou o ar e caiu sobre as ancas do ruano. O carro dos Ou'Gorman arrancou a toda marcha.

Eliseo, que apareceu por detrás da carruagem Malone, encontrou-se com uma Imelda quase desfigurada pela fúria.

—Seria em vão te pedir que me explique por que me deixou no baile, não? —vociferou Imelda.

—Menina Imelda, eu... —balbuciou Eliseo.

—te cale, Imelda! Não te atreva a culpar ao Eliseo por isso — interveio Fiona, que se protegia da garoa sob o voladizo do carro—. Eu lhe pedi que me trouxesse de volta quanto antes.

—É obvio, sua majestade —replicou Imelda com tom sarcástico—. É obvio —e fez uma reverência—. E o fiel e servil laçao jamais poderia contradizer uma urdem de sua majestade, verdade?

—Deixa-o em paz! Fui eu a que te deixou no baile.

—Já verá amanhã quando contar ao Grannie todos os papelões que fez no do Sáenz!

—Meninas, ninas, é muito tarde e não é correto que estejam aqui paradas na porta discutindo —interveio Eliseo—. Além disso, estão-se molhando.

—Sim, Eliseo, melhor será entrar—respondeu Fiona sem lhe tirar os olhos de cima a sua irmã.

Uncida lançava faíscas pelos olhos quando levantou sua Saia e se preparou a ingressar na mansão de seu avô.

A porta principal se abriu e deu passo a uma rajada de calor quente. por ali apareceu María, que com olhos médio adormecidos insistiu às jovens a entrar. Imelda passou rapidamente ao lado da faxineira, que a olhou curiosa. Fiona permaneceu ao lado de sua fiel criada; tinha sentido saudades a Maria toda a noite e agora desejava conversar com ela.

—Virgem Muito santo! Parece que levasse o diabo dentro dela!

—Não faça conta. Está furiosa porque teve que voltar na volanta dos Ou'Gorman.

—E não sei por que me cheira que você tiveste que ver com isso, verdade?

—OH, Maria! Jamais adivinharia as coisas que aconteceram esta noite. Desejo lhe contar isso todas as vezes, e agora mesmo.

E agarrando à mulher pelo braço, tentou arrastá-la para a cozinha.

—me prepare um copo de leite quente com uns scones e lhe contarei isso tudo.

—Um minutito, senhorita —a faxineira se deteve,

—Que acontece?

—Acontece que alguém te espera na sala.

—Que alguém me espera na sala? A esta hora?

—Sim, minha menina. É seu pai. Chegou esta noite, depois que saíram para a reunião.

As facções da Fiona se contraíram; seu olhar se endureceu. Seu pai. Quando dele se tratava, a jovem se convertia em outra. Seus olhos se apagavam, seus lábios se esticavam e começava a respirar com dificuldade. Franzia a frente e suas sobrancelhas se uniam na Ana só linha. Fiona odiava ao William Patrick Malone, o filho maior de seu avô, seu pai.

—Está bem. Imelda, vá a seu quarto. Devo conversar com sua irmã — disse William quando viu entrar na sala a Fiona, sua filha menor.

—Por favor, *daddy*, desejo ficar com você um momento mais — suplicou Imelda—. Fazia tanto que não vinha a nos visitar.

Fiona se tinha detido na porta e tinha os olhos fixos nos de seu pai. Nem um só músculo da cara lhe movia.

—Já sei. Imelda, mas agora deve ir a dormir.

—por que não posso ficar aqui com vocês? Por favor, *daddy*...

Uma vez mais a súplica da Imelda. Para a Fiona, a humilhante súplica. O ódio que ela sentia pelo William e a idolatria que a outra lhe professava, tinham provocado uma greta profunda entre as duas irmãs

Isabella, a mãe da Imelda e Fiona, havia falecido quando a maior de suas filhas tinha dois anos e a outra, apenas seis meses. Era uma formosa e inteligente italiana que à idade de vinte anos, tinha abandonado seu povo natal, Asti, ao norte da Itália, para aventurar-se nas terras cisplatinas. A pouco de chegar, conheceu o William Malone e se casou com ele. Não muito tempo depois nasceram suas filhas: primeiro Imelda, e um ano e meio mais tarde Fiona, ambas as formosas como ela e saudáveis como ele.

Pouco depois de fazer vinte e cinco anos, Isabella faleceu por causa de uma aguda infecção provocada por um forúnculo que tinha ido deformando sua cara até convi-la em um monstro irreconhecível. Seus olhos azuis já não podiam tirar o chapéu depois do inchaço; suas bochechas, seus lábios seu nariz, pareciam a ponto de arrebentar.

William jamais superou a culpa. Ou talvez sim, mas sentia que sua filha Fiona se encarregava de recordar-lhe em cada oportunidade. Tinha sido ele quem provocasse a virulenta infecção ao tratar de supurar o grão do rosto da Isabella com uma agulha sem esterilizar.

Compreenderia William algum dia que não era isso o que sua filha lhe reclamava? Fiona sabia que seu pai jamais teria feito algo assim com a intenção de lhe provocar a morte a sua mãe. Sabia que seu pai tinha

amado a Isabella. Assim o havia dito *Grandpa*, tratando de suavizar o rancor de seu coração. E Fiona acreditava em seu avô; ele jamais a tinha enganado. Mas o ódio seguia vivo porque não era isso o que a consumia de raiva por dentro.

Aos poucos meses de falecer Isabella, William contraiu matrimônio com outra mulher, filha de um pecuarista vizinho. A mulher se chamava Úrsula.

It's easier to jump over her rather than walking around her. Só isso disse seu avô ao retornar das bodas do William no campo, quando sua esposa Brigid e suas filhas, que se tinham ficado em Buenos Aires, imploraram-lhe que lhes relatasse algo a respeito da nova mulher do William. ficaram mudas observando como o velho irlandês se apoltronava na poltrona, enquanto carregava a sua pequena neta Fiona.

—E quando irão as meninas à estadia? —perguntou Brigid.

—Nunca.

—Como que alguma vez, Sejam?

—Elas ficarão a viver aqui, junto a mim. Serão como minhas filhas, darei-lhes tudo e nada lhes faltará.

—Sejam, não seja néscio, sabemos que te afeiçoaste com elas mas...

—É que acaso não compreende, Brigid? A nova mulher do William proibiu que as meninas vivam com eles. Não quer fazer-se cargo delas.

—Maldita seja, prostituta do demônio! —exclamou Tricia, uma das irmãs do William.

Brigid observou horrorizada a sua filha antes de esbofeteá-la. Mas a jovem não chorou. acariciou-se a bochecha e se marcou a sua habitação.

Os olhos do Brigid ficaram fixos na mão com a que acabava de golpeá-la. Tinha desistido de castigar fisicamente a sua filha; sabia que não obtinha nada com isso, só rasgar o coração cada vez que o olhar inteligente e incriminatória da Tricia se cravava em seu rosto. Mas esta vez não tinha podido controlar-se.

—Ana, te retire a sua habitação —ordenou que Sejam.

— *Yes, daddy*.

As irmãs pareciam o dia e a noite. Ana era obsecuente, enquanto Tricia não retrocedia nunca em sua rebeldia. Ana era aplicada e minuciosa, Tricia, desorganizada e livre. O dia e a noite, sim, mas eram irmãs e se queriam imensamente.

—por que esbofeteou a Tricia? —perguntou Sejam ao Brigid quando estiveram sozinhos.

—É que... não sei, Sejam... esse vocabulário que empregou para com a esposa nova de seu irmão.

—Brigid, você sabe bem que é uma imunda prostituta do demônio. E embora me aduela mais que um cardo parecido no pé, meu filho não tem valor nem dignidade. É um covarde; envergonho-me dele. Não quero pensar quais serão as conseqüências desta decisão nefasta. Ao fim e ao cabo, para mim isto é como uma bênção do céu. Reconheço que sou egoísta por desejar que minhas meninas permaneçam aqui, junto a mim, para sempre.

—Vamos, Imelda, me deixe solo com sua irmã —ordenou William, impaciente.

—Mas...

—Hei-te dito que não pode ficar ! —vociferou seu pai.

Imelda retrocedeu uns passos, com o rosto contraído. depois de uns segundos, correu chorando a sua habitação.

—Não te atreva a lhe gritar nunca mais —disse Fiona com os dentes apertados.

A jovem tinha avançado para seu pai tirando-a capa e arrojando-a com rabia sobre um confidente.

William a olhou com fúria. Já se tinha acostumado a que não o tratasse de você, porque com nenhum parente o fazia, mas uma rabugice como essa, em outra família teria significado o desterro a um convento de clausura. Com a Fiona não. Ela era ama e senhora de sua vida. E toda graças a seu avô e a sua tia Tricia, que não lhe tinham ensinado outra coisa.

—Como te atreve!

aproximou-se de sua filha com o braço elevado, disposto a descarregá-lo sobre ela.

—Vamos, te atreva a me pôr em cima um só dedo!

Fiona se aproximou ainda mais a seu pai, com a cabeça levantada, tirando peito. Ante esse espetáculo, seu pai não pôde mais que baixar o braço. Observou-a por uns segundos e se deixou cair sobre a poltrona, com as mãos no rosto.

Nenhuma fibra se comoveu no corpo da Fiona. Recolheu a capa e se dispôs a partir para seu dormitório.

—Não te retire ainda, Fiona; devo falar contigo —disse William com tom abatido.

A moça se deteve. Conhecendo-a, William não esperou que sua filha volteasse. Simplesmente, começou a falar.

—É necessário que saiba toda a verdade para que compreenda a decisão que tomei.

fez-se um silêncio. Fiona se voltou lentamente.

—A situação econômica de nossa família é calamitosa. Estamos a ponto de perder todos os campos e, talvez, esta casa.

Fiona não disse uma palavra; seus olhos encontraram os de seu pai, que automaticamente baixou a vista ao chão.

—Seu tio John e eu tivemos alguns problemas desde que seu avô nos encomendou a administração das estadias; agora, os credores nos estão acoassando. A verdade é que não temos nem um centavo.

De novo um silêncio. Esta vez Fiona se deixou cair em um tamborete e baixou o rosto.

—Por tudo isto, tenho que te dizer que consertei um matrimônio que nos salvará da ruína. Você se casa com o homem, e ele se faz cargo de nossas dívidas.

Surpreendida, Fiona se incorporou como impulsionada por uma mola, e em um instante esteve frente a seu pai.

—Que tem feito o que? —encarou-o.

—Fiona, não fica outra possibilidade se não quisermos perdê-lo tudo.

—Como foste capaz? Com que direito? —repreendeu-o. Aproximou-lhe tanto a cara que ele pôde sentir sua respiração.

—Que direito? Que direito, pergunta-me? O direito de ser seu pai, ou o esqueceste, Fiona? —trovejou William ficando de pé.

Fiona se retirou para trás; não estava preparada para a repentina reação de fúria de seu pai.

—Você... você... —balbuciou sem poder modular as palavras; sua boca tremia de cólera e seus punhos se fechavam ao flanco do corpo—. Você não é meu pai; jamais o foste, e jamais o será —resmungou ao fim.

William se deixou cair de novo na poltrona. Esta vez respirou profundamente, tentando conter o pranto. Não queria mostrar-se fraco frente a ela.

—E quem é o homem? —Tratou de dissimular o medo com a fúria—. Não será Estar acostumado a. Por Deus Santo! —exclamou com gesto de repugnância.

—Palmito Estar acostumado a? Não, Fiona! —William fez uma pausa—. Em realidade, não o conhece.

—Como que não o conheço?

—É um estrangeiro. veio a Buenos Aires para radicar-se não muito longe daqui. É milionário. Pensa, poderá viajar muito, talvez a Europa, até poderá ver a Tricia. Tem grandes projetos e negócios nos que... — Não pôde seguir.

—O que me importam os negócios desse estúpido! O que me importa seu dinheiro! Nada disso me importa um cominho!

—Fiona... —William não sabia o que dizer—. Fiona, sei que me detesta, sei. Se não o fizer por mim, faz-o por meu pai, por seu avô.

—Ele jamais permitirá que eu me case contra minha vontade. E menos ainda para pagar as dívidas que você e o inútil de tio John contraíram. Jamais o permitirá.

—Não compreende...

—Sim que compreendo, não sou estúpida. Vendeu-me ao melhor postor para cobrir os enganos que cometeu com as propriedades de meu avô. Vendeu-me como a uma pulseira no mercado, como a uma qualquer. Não, não, não! Jamais o farei.

—Sim, fará-o.

—Não, não o farei.

—Então, sobre sua consciência pesasse a morte de seu avô. Teve a possibilidade de salvá-lo, e por uma estúpida veleidade de menina malcriada não o fez.

A certa estocada final tinha dado no branco. Fiona ficou sem fôlego.

—O doutor Rivera disse a seu tio e a mim que o coração de seu avô jamais poderá resistir uma notícia como esta. Morrerá no mesmo instante.

Fiona conhecia muito bem a afecção de Sejam Malone. Seu coração tinha começado a debilitar-se cinco anos atrás. Naquele momento, por indicação do médico, o pecuarista irlandês tinha delegado o negócio em mãos de dois de seus filhos, William e John.

Em ocasiões, a pressão estava acostumada subir às nuvens e não ficava outra coisa que uma sangria com sanguessugas. Nesse caso, só Fiona podia estar junto a seu avô. Só ela sabia quanto sofria, quanto lhe doíam a cabeça, o coração, o peito, o corpo inteiro. Ela padecia cada vez que os olhos do velho Malone se cravavam nos seus e lhe aferrava a mão para tratar de suportar o tortura.

—Por isso te digo: em suas mãos está a vida ou a morte de seu avô. Sobre seu concien...

—te cale, te cale, amaldição-te! Maldito seja! Arruinou minha vida quando logo começava. E agora, que sou feliz aqui, volta a te colocar nela para encher a de ódio e dor! Odeio-te, odeio-te com toda minha alma, com todas minhas forças! E te amaldição, William Malone, amaldição-te por sempre!

Desesperada-se, Fiona abandonou a casa à carreira.

Talvez fosse melhor morrer.

Fiona não conseguia ponderar ainda o que seu pai acabava de lhe confessar. Os negócios da família, a saúde do avô, a perda dos campos e, por fim, seu possível matrimônio. Não podia acreditar que seu pai a tivesse vendido. Jamais lhe tinha pertencido, nem lhe pertenceria. Nunca aceitaria semelhante loucura. Só "desejava apaixonar-se por um homem, amá-lo com toda sua alma e entregar-se a ele. Mas seu pai o tinha arruinado tudo.

Tomou pela rua Larga de Barracos. Sabia que se estava afastando da casa de seu avô. *A casa de seu avô...* Estavam a ponto de perder todos os campos e, talvez, a casa também. As palavras de seu pai eram como um martelo. Os olhos lhe ardiam do pranto contido e sua garganta pulsava com intensidade.

Caminhava pela estreita vereda dando tombos, como ébria. O barro se afundava sob seus escarpines fazendo mais difícil ainda a caminhada; o arena do vestido se tramava em seu contrário, fazendo-se cada vez mais pesado à medida que recolhia a mescla de terra e água.

Talvez fosse melhor morrer. Sua mente repetia a idéia à medida que seguia avançando para nenhum lugar. A chuva golpeava sua cara, seus braços, empapava-lhe o calçado, provocava-lhe espasmos de frio.

Caiu ao chão da rua e seu corpo se inundou totalmente em um dos buracos de água suja e fedorento. Suas mãos se enterravam lentamente no fundo do lodaçal e a queda parecia não ter fim. Toda ela estava esparramada nessa imundície. Não pôde mais, e começou a chorar. Seus braços cederam, e foi dar com seu rosto e todo seu peito sobre a água imunda.

Talvez fosse melhor morrer.

ergueu-se com dificuldade. Seu vestido, suas anáguas, suas mangas *gigot*, seu reflexo de crinolina, tudo pesava uma tonelada. Seu corpo não o suportava mais. Começou a incorporar-se como pôde, tratando de não escorregar, tentando não chorar mais; isso lhe tirava forças.

levantou-se e permaneceu ali, de pé, em meio da rua, enlameada dos pés à cabeça, toda enegrecida pelo lodo. Tanto que o carro que girou na esquina da rua da Independência e tomou pela Larga, não conseguiu distingui-la do resto da paisagem noturna. Ela o viu aproximar-se, imparable. Os cascos dos cavalos chapinhavam no barro, e as rodas abriam sulcos como arados. Aquilo seria o melhor. Com estoicismo, dispôs-se a esperar a investida mortal da volanta que se precipitava para ela.

— *Grandpa!*.

Por fim, o grito se fez vivo na garganta da jovem. Recém nesse momento o chofer compreendeu que tinha frente a ele a uma pessoa.

— Alto! Alto!

O homem se pôs de pé sobre o boléia; seus braços, elevados no ar, sustentavam as rédeas em um intento desesperado por deter o carro. Era pouco menos que impossível: os cavalos galopavam muito rápido. Além disso, o lodo se confabulava para que a carreira amalucada dos potros fora mais veloz.

Fiona viu que a carruagem se equilibrava sobre ela mas não pôde mover-se. E depois, a investida final, esperada, quase sem medo.

A carruagem passou como cortando o caminho em dois. Fiona já não estava ali.

— ... não era necessário que a trouxesse aqui. Não tinha outro lugar onde levá-la...?

Fiona despertou escutando um murmúrio longínquo. Palavras e frases entrecortadas que não compreendia provinham de outra habitação. Olhou em redor e não soube onde estava. Essa cama não era a sua; sentiu-se estranha, incômoda. A seu lado uma sirva negra a olhava, com gesto impávido. Instantes depois, a pulseira apareceu ao corredor interrompendo a conversação que se desenvolvia fora.

— A senhorita despertou — disse.

Voltou ao lado da Fiona e, com um trapo úmido, começou a lhe limpar os pés. A jovem tratou de incorporar-se; a mulher, sem dizer nada, obrigou-a a recostar-se de novo.

Fiona fixou seus olhos nas molduras do teto e tratou de recordar o que tinha acontecido. Seu pai, o barro, o vestido que lhe pesava... *Ele vestido*. Apalpou seu corpo e se deu conta de que já não o levava consigo. Agora vestia uma bata de merino branca.

—Onde estou? —perguntou-lhe à negra, que espremeia o trapo em uma bacia.

Nesse instante, a porta se abriu e apareceu um homem alto que se aproximou da cabeceira.

—Senhor de Silva! —atinou a dizer Fiona.

—Assim é, senhorita. Está você melhor?

Fiona ficou olhando-o. Não compreendia nada. Balbuciou algumas palavras e seus olhos começaram a brilhar.

—Paolina, nos deixe solos —ordenou Juan Cruz à negra—. Senhorita Fiona Malone. Esse é seu nome, verdade?

Enquanto isso, aproximava uma cadeira à cabeceira. Fiona assentiu, baixando o olhar. Agora que as lembranças se amontoavam em sua mente se sentia pior ainda. Uma vez mais se arrependeu de seu comportamento imaturo em casa de misia Mercedes, mas ao recordar o que esse homem, agora tão galante, tinha estado fazendo horas atrás com a Clelia, não pôde evitar que o rubor tingira suas bochechas.

—Posso lhe fazer uma pergunta, senhor?

Juan Cruz assentiu.

—Onde estou? O que me aconteceu? Quem... quem me trouxe até aqui?

As lágrimas desejavam sair e a voz lhe deformava pelo pranto reprimido. Começou a incorporar-se.

—Vamos, senhorita, recoste-se —ordenou de Silva com amabilidade. O homem abandonou a cadeira e a obrigou a voltar para sua posição inicial.

—Além disso, essas são várias perguntas. —Sorriu amigavelmente, e depois adicionou—: Está em casa de meus amigos. A traje aqui porque a encontrei em meio da rua Larga, a ponto de ser investida por uma carruagem.

Fiona baixou o rosto e por fim começou a soluçar.

—Você... você me salvou?

A jovem levantou o olhar avermelhado e advertiu que os olhos de Silva a escrutinavam com intensidade; deu-lhe tanta vergonha que decidiu levantar-se e ir-se imediatamente dali.

Sem lhe responder, de Silva a deixou fazer; o salto foi tão repentino e estava tão débil, que se enjoou e caiu em seus braços. Assim permaneceram uns segundos; para a Fiona, uma eternidade. Não o olhava; tinha o rosto fundo em seu peito e os olhos fechados.

Um instante depois, sua mente voltou para seu sítio e o equilíbrio n seu corpo. separou-se dele; não se atrevia a olhá-lo.

—Onde está meu vestido? Devo ir.

Juan Cruz riu brandamente e se afastou uns passos dela.

—Senhorita, não acredito que seu vestido sirva mais.

Abriu o roupeiro e tomou um dos trajes de mulher que havia ali.

—Tome, fique este. Ficaré um tanto folgado, mas não acredito que pretenda usá-lo para um baile, verdade?

—Obrigado — respondeu Fiona lacónicamente.

Depois, olhou-o direto aos olhos e, lhe assinalando o vestido, convidou-o a abandonar a habitação. Ele permaneceu uns segundos sob o dintel da porta, observando-a. Por fim, saiu.

tirou-se o batón e o jogou sobre a cadeira. deu-se conta de que debaixo da *roube de chambre* não levava nada; sua nudez era completa. Olhou com receio por volta dos quatro flancos da habitação para assegurar-se de que ninguém a estivesse espiando e, rapidamente, colocou-se o traje sem muitos olhares. Depois, sentou-se frente ao penteadeira e, ao ver seu rosto refletido no espelho, desejou que a terra a tragasse. Seu cabelo era uma massa compacta de barro, fibras e cabelo. As júbas, rígidas e retas, caíam sobre seu rosto como pregos largos e pesados. Seu rosto, manchado de barro, não era o mesmo. Descobriu em seu pescoço uma crosta de lodo seco que separou com asco. Sentia vergonha. Durante vários minutos tinha conversado com de Silva nesse estado. Estava espantosa, murcha, fedorento, suja. ficou pensativa por um momento; depois, continuou polindo-se.

Levantou o braço direito para tirar as flores de seda de seu meio doido, murchas e sujas, e uma aguda dor, que lhe percorreu do ombro até o cotovelo, paralisou-a. Com muita dificuldade levantou o mais que pôde a manga do vestido e alcançou a ver, à altura da clavícula, um enorme hematoma azulado.

Agora recordava com mais claridade. Alguém a tinha investido, e era óbvio que não tinham sido os cavalos. Alguém a tinha investido pelo flanco direito e a tinha tirado do alcance da carruagem. Esse alguém era de Silva.

Tomou o trapo com o que a negra Paolina a tinha limpo momentos atrás. Quando o enxaguou na bacia só conseguiu sujá-lo mais: a água estava imunda. Espremeu-o com força e o passou pelo rosto, tentando eliminar as manchas. Com o cabelo não tentaria nada; não contava com

os elementos necessários e só conseguiria piorar a situação. Além disso, desejava terminar rapidamente com tudo aquilo e voltar para seu lar.

Saltou ao corredor. Estava escuro e deserto. De repente, escutou vozes que vinham de outro setor da casa; não podia entender o que diziam exatamente, mas pareciam de um homem e uma mulher em plena discussão.

encaminhou-se para o lado esquerdo do corredor; talvez, pensei ao final de este se encontraria a porta principal. Só desejava escapar dali.

—Senhorita Malone! —a voz vinha de atrás—. Senhorita! Aonde acredita que vai?

Fiona se deteve e, girando sobre si, encontrou-se uma vez mais com I Silva. A escuridão do corredor lhe impedia de vê-lo bem.

—Vou a minha casa, senhor. Devo ir. Além disso, já causei a você muitos problemas.

—Estamos muito longe de sua casa.

—Você sabe onde vivo, senhor?

Juan Cruz permaneceu mudo uns instantes, observando fixamente suas formas através da escuridão.

—Não; mas suponho que uma menina de sua linhagem deve viver... não sei... perto da Praça da Vitória, talvez?

—Vivo na rua Larga, perto da esquina com a da Cochabamba.

—Pois isso está muito longe daqui. Não poderá ir sozinha. Eu mesmo a levarei em meu volanta.

—Senhor, não desejo lhe causar mais...

—Não diga nada. É uma ordem —e a seguir gritou— Mateo, prepara a volanta, saio em seguida!

Ninguém respondeu; tudo o que se escutou foi uma correria em outro lugar da casa.

A figura majestosa do Juan Cruz se foi fazendo mais nítida à medida que se aproximava dela. Fiona não podia mover-se; aquele homem lhe cravava os olhos de tal forma que conseguia paralisá-la e lhe tirar todo resto de vontade. Tomou pelo braço.

—Ayy! —exclamou Fiona, sovando o hematoma.

—você desculpe —disse ele, sinceramente causar pena.

Pela primeira vez em toda a noite, Fiona o notou desconcertado.

—Incomoda-lhe o braço —afirmou—. O lamento; não tinha outro remédio que investi-la por esse lado se queria lhe salvar a vida. Teve sorte de que justo caminhasse por aí.

Nenhum dos dois voltou a falar até que subiram a volanta.

—À rua Larga, em esquina com a da Cochabamba! —gritou de Silva, e automaticamente os cavalos começaram a andar.

Entre as almofadas da volanta, Fiona adotou uma postura que não correspondia a de uma jovem de sua classe. Sabia muito bem que em presença de um cavalheiro devia permanecer sentada, muito direita, os joelhos juntos e as mãos entrelaçadas sobre o regaço, corno se rezasse. Mas não o fez assim: esparramou-se comodamente no assento, frente a de Silva, recolhendo os pés sob a saia. Para ela, ele não era um cavalheiro. Além disso, estava exausta. Aquela tinha sido a noite mais larga e difícil de sua vida. Não estava para protocolos; normalmente não o estava, muito menos agora.

De Silva não lhe tirava os olhos de cima e ela, embora não estivesse olhando-o, sabia. Abriu a cortina do guichê e divisou a lua. Enche, muito enche e branca. Agora que a tormenta tinha passado, pensou, tudo tinha voltado para a normalidade.

—Seria pouco cavalheiresco, e indiscreto além disso, lhe perguntar por que desejava tirá-la vida. De todos os modos, como me considero seu salvador, acredito ter certo direito.

Fiona voltou seus olhos a ele. Era mais belo do que lhe tinha parecido em casa de misia Mercedes. Embora, pensou, talvez não era beleza a palavra adequada. Seus rasgos não eram perfeitos. Talvez seu nariz era muito fina e alargada, talvez seus olhos estavam levemente rasgados para baixo, talvez seus lábios eram muito grossos. Mas era incrivelmente sensual e atrativo. Era o homem mais viril que Fiona tinha visto em sua vida.

Por fim, descobriu a cor de seus olhos. Mas, é que acaso não tinham uma cor definida? Agora os via negros, mais negros que o azeviche. Tão negros que não podia distinguir a pupila da íris. Antes, no do Sáenz, havia-os visto distintos.

—Evidentemente, não vai você a me responder.

De Silva a trouxe para terra. Extasiada no rosto daquele homem, esqueceu-se de tudo. Deu-lhe vergonha uma vez mais, e baixou a vista.

—Não sei... não sei por que fiz o que fiz.

—Não acredito que uma pessoa que decide tirá-la vida...

—Por favor, senhor, não volte a dizê-lo!

—Que coisa? "Tirá-la vida"?—Os olhos lhes picar do Juan Cruz pareciam sorrir—. Não é essa a verdade, pois?

Fiona não respondeu. Seguia com a vista baixa, só que agora se sentou, muito direita, os joelhos juntos e as mãos entrelaçadas sobre o regaço, como se rezasse.

—Fiz-o porque... bom, porque... Porque meu pai consertou um matrimônio para mim Y... —voltou a levantar o olhar. depois de dizê-lo sentiu que se tirava o mundo de cima, embora o tivesse confessado a um estranho.

De Silva continuava observando-a, impávido. Parecia não ter escutado a confissão da Fiona.

—E quem é o afortunado? —perguntou, finalmente.

—Afortunado, São Patrício! Não vai ser o jamais! Eu me encarregarei de lhe fazer a vida impossível!

De Silva riu com vontades.

—Do que ri, senhor? —perguntou, ofendida.

—Não, de nada, de nada. você desculpe... Possivelmente, de sua veemência. —Fez uma pausa para recuperar o fôlego—. Ainda não me há dito de quem se trata.

—Não o conheço. Só sei que se trata de um estrangeiro que vai radicar se em Buenos Aires e que... bom, só isso. Não me importa.

—Não acredita que sua decisão foi um pouco... dramática e definitiva? Talvez se trate de um bom homem.

—Duvido-o muito.

—Em seu lugar, qualquer mulher se sentiria feliz de saber que seu pai lhe conseguiu um marido. Não é isso o que desejam todas as portenhas por estes tempos?

—Todas, menos eu.

—E o que deseja você, senhorita Fiona Malone?

Voltou seu rosto para ele e o olhou com desdém.

—Senhor de Silva —começou a dizer—. Não quero que você pense que sou uma pessoa mal educada e descortês. Em todo este tempo não lhe dei as obrigado por me haver salvado a vida. Assim... obrigado.

—Ah! depois de tudo sim deseja seguir vivendo!

—Sim, desejo seguir vivendo, mas não por mim. Desejo-o por outra pessoa.

—Talvez seu coração pertence a algum outro?

—A quem poderia eu lhe haver entregue meu coração? Todos os homens que conheço não são mais que mentecaptos aborrecidos. Não, senhor de Silva, só desejo viver por meu avô.

Não voltaram a cruzar palavra no resto da viagem.

De pé na porta de sua casa, Fiona seguiu com o olhar a marcha da carruagem de Silva. Porque o chamariam o diabo?, perguntava-se. E, por mais que pensava, não conseguia entendê-lo. Porque embora tinha saído de casa de misia Mercedes convencida disso, agora tudo parecia ter trocado.

O ruído da porta a arrancou de seu ensimismamento. Era Maria, que impulsivamente jogou os braços ao pescoço.

—São Patrício seja bendito uma e mil vezes porque te trouxe para casa sã e salva! —exclamou enquanto a abraçava. Fiona respondeu ao abraço e a beijou em ambas as bochechas.

Maria se apartou e ficou olhando-a, perplexa.

—Deus Santo, Fiona! O que te aconteceu? Onde estiveste? te olhe um pouco. O que aconteceu a seu cabelo? De quem é esse vestido, menina?

A mulher não conseguia deter a verbosidade reprimida durante as três horas que tinham transcorrido do desaparecimento l Fiona.

—Está meu pai?

—Não, saiu com o Eliseo. Estão-lhe procurando.

—Pobre Eliseo! Deve estar muito preocupado.

—A morte, minha menina, a morte. Mas, pode-se saber onde estiveste?

—Ah, Maria! passaram tantas coisas esta noite que não sei por onde começar. Vêem, vamos. Enquanto me prepara um banho lhe o conto.

—Um banho, a esta hora!

—É que, entre outras coisas, esta noite nadei em um buraco cheio de barro.

A cara de espanto l Maria a fez sorrir. Tomou pelo braço a sua criada e a arrastou para seu quarto. internaram-se na casa em meio de um silêncio e uma escuridão assustadores. Fiona compreendeu com alívio que o resto da família tinha permanecido alheio a quanto tinha acontecido essa noite em sua vida.

Ao cabo, esteve em sua cama, quente e cômoda. Recém nesse momento seu corpo voltou a tomar a forma de sempre. De todas maneiras, sentia-se estranha. Nem triste nem contente: diferente.

Em uns instantes dormiu.

Capítulo 3

Ao dia seguinte, Fiona pediu a Maria que a desculpasse com seus avós. Mandou a dizer que estava indisposta e permaneceu o dia inteiro em cama.

Era certo. Cada parte do corpo lhe doía e, por momentos, teve febre; mas era seu espírito o que tinha amanhecido mais indisposto.

A excitação pela aventura da noite anterior tinha desaparecido ao despontar o sol para dar passo ao maior desgosto e angústia. Tudo tinha terminado; agora a realidade a afogava. A saúde de seu avô, a ruína de sua fortuna, seu casamento consertado. Tudo tinha terminado: todos seus sonhos e fantasias tinham ficado destruídos. Tinha-os destruído seu pai, uma vez mais.

Mais tarde, chegou seu avô e se sentou junto à cama, disposto a conversar com ela como todas as manhãs. Fiona olhou esses olhos cansados, esvaídos, emoldurados por dobras secas e enrugadas de pele. Segundo sua avó, em sua juventude os olhos de Sejam Malone eram de um vivido azul céu; mas o passado do tempo os tinha desbotado, tornando os de cor celeste clara.

Como nunca antes, Fiona compreendeu nesse momento que se seria para prolongar alguns anos mais a vida de seu avô, o sacrifício de sua própria vida valeria a pena.

Conversaram a respeito de tudo. Leram os periódicos, discutiram um pouco de política e Sejam lhe relatou novas anedotas da Irlanda e de quando ela era pequena. Contou-lhe a preferida da Fiona; possivelmente a tinha escutado mil vezes já, mas não lhe importava escutá-la mil mais. Havia algo no olhar de seu avô quando a relatava que enchia de orgulho a jovem.

—Uma vez, lembrança que era o dia de São Patrício... —começou Sejam.

—O dia do aniversário de *aunt Trida*... —adicionou Fiona.

—Assim é, *dear*. Bom, esse dia lhe arrellanaste sobre meus joelhos, como sempre cada manhã quando me dispunha a ler a *Gazela*. Assinalou-me uma palavra do periódico e balbuciou: "Eu sei o que diz aí, *Grandpa*". Assim foi como começou a ler. Primeiro o nome do periódico, logo os títulos, e assim tudo. Tenho que te confessar, princesa, que ao princípio me assustei. Depois, pensei que Tricia te tinha ensinado às escondidas. Entretanto, quando o perguntei o negou tão sinceramente

que lhe acreditei. Consultamo-lo com o médico Rivera. Disse-nos que aquilo era nem mais nem menos que uma de tantas raridades da natureza. Compreenderá que não fiquei muito de acordo com essa resposta, assim consultei a outros doutoras. Um deles me explicou que existem no mundo algumas pessoas que aprendem a ler, inclusive a escrever, sem que ninguém lhes ensine. As chama autodidatas. Só há umas poucas no mundo e uma dessas a tenho eu.

Roçou com sua mão a bochecha da Fiona; pensou, se sua neta lhe faltava, ele morreria.

Ao cabo de um momento, a jovem e seu avô pareciam haver-se esquecido de tudo e de todos. Inundados em suas lembranças e vivências, nada os trazia de novo à realidade.

—Que manda a dizer seu pai que mais vale que manhã esteja bem porque vai vir a verte seu prometido pela tarde.

depois de entregar o recado, Maria a olhou com temor, esperando uma explosão. Fiona escutou e não disse nada, o que preocupou à criada; talvez, teria sido melhor que a menina gritasse e esperneasse em sua cama.

—Sabe quando se vai? —perguntou Fiona.

—vai ?Quem, minha menina?

—Meu pai, pois.

—Não o há dito ainda; parece-me que não tem intenções de ir-se logo —acoló a crioula.

—E de onde tira isso?

—Há- dito ao Elíseo que esteja atento nestes dias porque tem que fazer muitos negócios na cidade e o vai necessitar como chofer. Além disso, trouxe um baú bastante grande com roupa. Pra'mim que quer ficar até as bodas.

Ao escutar essa palavra, Fiona cravou o olhar nos lençóis. Maria, angustiada, sentiu pânico ao pensar que sua garotinha pudesse perder a razão por toda aquela maldita questão do casório. Já lhe tinha aceso uma vela à Virgem do Lujan e outra a São Patrício, que sempre era tão bom com ela. Mas naquele momento lhe ocorreu uma idéia melhor: prenderia- uma vela ao Santo Antonio para que fizesse que sua menina se apaixonasse por prometido; assim não sofreria tanto.

A ponto de sair da habitação para cumprir com seu encargo, Fiona a deteve.

—Ninguém mais sabe a respeito de tudo isto?

—De tudo isto? O que, minha menina?

—Ai, mas se estiver lenta hoje, Maria! O que te acontece? Não tomou o café da manhã? Que se alguém mais sabe o de meu casamento.

—Ninguém, minha menina. Todos estão como se nada passasse; todos menos seu pai. Tem uma cara o pobre!

—Que pobre nem oito quartos! É um maldito embusteiro! Entende o que fez, Maria? —Olhava fixo à criada, jogando faíscas pelos olhos—. Me vendeu como a uma pulseira no mercado! Vendeu-me ao melhor postor —rematou com indignação, e se levou as mãos ao rosto.

—Vamos, minha menina, não chore.

Maria tratava de consolá-la, embora ao ver a Fiona como sempre, com o olhar aceso e a língua mordaz, sentiu-se mais reconfortada.

—Se não chorar, Maria, não choro. Embora quisesse, não poderia. Tenho tanta raiva, tanta raiva... —e, juntando os dentes, lançou um grito afogado.

—por que não a ofereceu a Imelda? Ela estaria feliz de enganchar a um marido.

—Mas não, minha menina, estando você, quem quereria a Imelda? É tão bela, mais bela que a aurora no campo. A menina Imelda não é nem a metade do que você. Além disso, ela já tem noivo.

—Senilosa? Esse não é um noivo, é um toco, Já acredito eu que Imelda o trocaria se tivesse possibilidade.

—E como diz o dito: 'Deus lhe dá pão ao que não tem dentes' —sentenciou Maria—. O que eu não compreendo é como não te ocorreu lhe perguntar a seu pai de quem se trata... Seu prometido, digo.

—Já te disse que não o conheço; é um estrangeiro, recém-chegado à cidade. Não me interessa. Pode tratar do mesmo Jesucristo ou do próprio Lúcifer, dá-me exatamente igual.

A criada se fez várias vezes o sinal da cruz com os olhos fechados antes de deixar a habitação.

Apesar de que nada lhe importava, Fiona estava muito belo essa tarde. E toda graças às mãos professoras da Maria que não só lhe tinham confeccionado o vestido, mas também também a tinham penteado e maquiado. Embora a criada já tinha aceso a vela para o Santo Antonio, não era questão de lhe deixar todo o assunto ao santo.

Maria suspirou. Depois, continuou marcando os cachos de cabelo com um ferro quente.

—por que sussurras? —perguntou Fiona.

—Ah, o amor, minha menina, o amor!

Levantou a vista do cabelo da Fiona e observou pela janela. Aí estava Eliseo.

—Para mim, o amor já não existe. É um sonho que jamais se fará realidade —afirmou sombriamente a jovem.

—Como pode dizer semelhante coisa, Fiona! Não me faça zangar.

—Que como posso dizer semelhante coisa? Pregúntaselo ao filho maior de meu avô.

Começava a faltar-se de ter que ficar rígida frente ao espelho preparando-se para alguém a quem já tinha decidido odiar do primeiro momento,

—Já sei, minha menina, que não é como o sonhou. Sei porque falamos que isto muitas vezes. Mas a vida não é sempre como nós queremos, Fiona. Às vezes as coisas são de outra forma e não fica outra detrás...

—É que não posso aceitar que por sua culpa, justamente por sua culpa, minha vida tenha que ser distinta a como eu a planejei. Por culpa dela e do estúpido de tio John.

—Bom, minha menina, não ponha nesse estado que não estará linda para quando chegar.

Maria abandonou o penteado e começou a roçar carmim nas bochechas da Fiona.

—É que não entende que não me interessa estar linda alguma vez mais? Não desejo lhe agradar. Oxalá me veja feia, muito feia, assim não quer casar-se comigo.

calou-se e baixou o rosto. Sabia que se o homem não queria casar-se com ela, o único que sofreria seria seu avô. arrependeu-se de haver dito isso.

—Por mais que o tente, jamais poderá obter que te veja feia porque, simplesmente, é formosa, a mais formosa que eu conheço.

—Não exagere. Você me diz isso porque me quer seriamente, mas não tem que ser para tanto.

—Para tanto e muito mais. Não sabe quantas patronas de outras famílias mandam a suas faxineiras a me perguntar onde te faz os vestidos, onde te penteia, quem te ensinou a tocar o piano...

—Não posso acreditá-lo!

Fiona girou sobre si no tamborete e cravou seus olhos nos da Maria.

—Sim, cada vez que vou à Recova de compras, alguma das criadas me detém e me pergunta. Você nunca quiseste te dar conta quão

bela é e sempre tentaste te manter além da sociedade. Mas a sociedade te viu, Fiona; eles sempre lhe vêem.

—Não posso acreditá-lo! —repetiu. olhou-se no espelho do penteadeira e se acariciou a bochecha.

—Pois me acredite isso minha menina, acredite-me isso É a mais bela. De verdade.

fez-se um silêncio. Maria continuou com seu trabalho e Fiona permaneceu com o olhar perdido em seu próprio reflexo.

—Já está! Preparado! Está mais linda que uma açucena. Espero que o cavalheiro se mora de amor por ti. E você por ele.

—Jamais. Jamais morrerei de amor por alguém que me comprou como a uma vaca na feira. Entende-me, Maria? Jamais.

—Não, Fiona, não! Deve predispor seu coração para ele. Talvez seja um bom homem que realmente te quer bem. Se o combater, só conseguirá fazer de sua vida um calvário. Deve fazê-lo pelo bem de todos.

—Pelo bem da Grandpa é que faço o maior sacrifício de minha vida, Maria. Uma vez que tenha a certeza de que esse homem pagou todas as dívidas de meu avô, escaparei-me, fugirei longe, onde ninguém possa me encontrar.

Maria se levou as mãos à boca para não gritar. Abria seus olhos muito grandes e movia a cabeça de um lado ao outro negando insistentemente. É que sabia capaz disso e muito mais.

—Mas, Maria, não ponha assim. Você e Elíseo virão comigo. Jamais os abandonaria —argumentou Fiona, lhe separando as mãos da boca.

—O que te ocorre, menina. Nunca volte a pensar em algo igual, não deve fazê-lo.

A palidez da Maria a assustou. Tanto que lhe prometeu que jamais voltaria a pensar em tal coisa. Entretanto, a idéia que acabava de ocorrer de não lhe pareceu tão má, e decidiu mantê-la em um rincão de sua mente para resgatá-la no momento propício.

—Tem que tratar de amá-lo, menina —insistiu Maria, um pouco mais tranqüila com a promessa da Fiona—. Talvez, com o tempo, chegue a te apaixonar por ele, e tudo isto que está vivendo agora te resulte gracioso.

Fiona a olhou docemente. Maria era como uma mãe para ela, uma das pessoas em que mais confiava, mas nesse momento sua criada não conseguia compreendê-la. Pensou em tia Trida; ela sim a entenderia. Por

desgraça, fazia muitos anos que sua tia se casou com um poderoso comerciante inglês e se partiu com ele a Londres.

Nesse momento se escutou a aldaba da porta principal. Devia ser ele. Fiona, muito nervosa, levou-se a mão à boca e começou a chupá-la ponta dos dedos; logo, inconscientemente, estirou-se os cachos de cabelo que tanto trabalho lhe haviam flanco à criada; e, por fim, e sem querer, lhe caiu a talquera, fazendo um esparramo de pó no piso.

—meu deus, o arena do vestido está cheio de talco, Fiona! meu deus! O que faremos agora?

—É um pouco de talco, Maria! Não exagere! Vê? Sacudindo um pouco, tira-se —disse, enquanto se agachava para eliminar o pó.

—Não te agache, Fiona! vais arrebentar o espartilho.

Maria tomou pelos antebraços e a obrigou a endireitar-se.

—me deixe que eu o faça.

Nesse momento, bateu na porta do dormitório Coquita, uma mulata faxineira da mansão.

—Que manda a dizer o senhor dom William que a menina Fiona vá à sala. Que alguém a está esperando:

Fiona tomou as mãos da Maria entre as suas, que estavam frias, suarentas, e lhe tremiam um pouco.

—Santo Antonio, sotaque todo em suas santas mãos —murmurou Maria.

E a deixou ir.

Quando Fiona chegou à sala, seu pai já não estava ali. Só viu um homem de costas a ela, observando pela janela.

—Boa tarde —disse Fiona, delatando sua presença.

—Boa tarde —respondeu o cavalheiro, começando a dá-la volta.

—Senhor de Silva? —franziu o sobrecenho, surpreendida e sentida saudades—. Ah... é você.

De Silva assentiu com um sorriso nos lábios.

—Que confusão! —Fiona tratava de ganhar tempo para pôr em ordem suas idéias. Pressentia que algo horrível estava a ponto de acontecer, e não se atrevia a enfrentá-lo—. Eu acreditei que... Em realidade, mim pai... Ele me disse que...

Fiona fechou os olhos e tragou saliva, tentando controlar sua ansiedade. Sabia que estava balbuciando como tina criatura, e isso não gostava.

—É acaso a você... —disse um momento depois—, que se referia meu pai quando disse...? Quero dizer, trata-se de você, senhor de Silva, com quem eu...?

A voz lhe tinha convertido em um fio; o pânico à resposta a dominava. O cavalheiro se limitou a assentir em silêncio.

sem razão, Fiona tomou entre suas mãos o vaso de porcelana do aparador e o arrojou direto à cabeça. Certamente, não contou com os bons reflexos do Juan Cruz. O homem se escondeu e esquivou o projétil. O vaso foi dar justo contra o marco da janela e seus fragmentos se pulverizaram, em parte, sobre a levita negra de Silva.

Fiona, em estado de *shock*, não disse uma palavra, não respirou, não pestanejou, não se moveu. Sua mente não podia sair da confusão em que tinha cansado; um torvelinho, um furacão a teriam comovido menos. "meu deus, não ele", foi o que pôde pensar.

—*Jesus Cristo! What's going on fere?* —exclamou Brigid ao ingressar na sala. O espetáculo com o que se encontrou a senhora era do mais estranho. Um homem que não conhecia se sacudia as últimas lascas de porcelana de seu levita. Sua neta Fiona o olhava como a um fantasma. Brigid se pendurou os óculos no nariz: teve que admitir que o que estava vendo não era produto de sua imaginação.

detrás da proprietária de casa entraram Ana e William. O pai da Fiona ficou boquiaberto ao ver as partes de vaso sobre o piso da sala

—O que passou aqui? —perguntou a sua filha, voltando seus olhos a ela.

Fiona não podia falar. ficou-se muda e não apartava o olhar de Silva. Novamente, seus arrebatamentos a tinham posto em uma situação impossível.

—Fiona? —insistiu seu pai

Fiona não se alterou. Seguia com a vista cravada em de Silva, que nesse momento, como se nada estranho tivesse ocorrido, dedicava-se a recolher do chão os pedaços do vaso.

—OH, não, senhor! Por favor, você deixe! —Brigid já estava junto ao Juan Cruz. Tirou-lhe com suavidade a parte de porcelana da mão, tirou-o do braço e o conduziu até a poltrona.

—Por favor, senhora —disse então de Silva, e com uma elegante reverência convidou ao Brigid a sentar-se.

A anciã lhe sorriu, adulada, e se sentou. De Silva passeou fugazmente seu olhar pelos presente, consciente do suspense e o

desconforto que se criou entre eles. Era evidente que todos estavam pendentes dele.

—Toda a culpa foi minha —disse com simplicidade, sem dirigir-se a ninguém em particular—. O vaso me atraiu por sua colorido e delicadeza. Aproximei-o da janela para apreciá-lo melhor, e sem que me desse conta me escorregou das mãos. Nesse momento entrou a senhorita. E como é natural, ficou-se boquiaberta ante minha estupidez. Não sei como lhes pedir desculpas...

Brigid cruzou um rápido olhar com a Fiona, que apartou os olhos envergonhados.

—você esqueça o vaso, senhor de Silva —se apressou a dizer William, que não necessitou nenhuma explicação para saber a verdade do ocorrido.

O gesto de contrariedade que se desenhava no rosto do Bridgid —aquele vaso era uma antigüidade da família avaliada em várias centenas de reais— não passou inadvertida ao Juan Cruz.

—Não, dom William, não é algo sem importância; para mim é um fato abafadiço. Devo repará-lo de algum jeito.

Seus olhos enviesados se posaram alternadamente no Brigid e na Fiona, ainda ausente.

—Amanhã mesmo procurarei um vaso igual —disse por fim. — Não se preocupe, senhor... —Brigid advertiu de repente que com o alvoroço nem sequer sabia com quem estava falando.

—OH, *mom*, desculpe-me! Ainda não os apresentei! —disse William enquanto se aproximava de ambos os—. *Mom*, ele é o senhor de Silva, meu amigo pessoal e sócio em alguns negócios. Senhor de Silva, a senhora dona Brigid Maguire do Malone, minha mãe.

De Silva tomou delicadamente a mão da anciã e a beijou.

—Ela é minha irmã menor, Ana —adicionou William—. Ah!, e ela é minha filha Fiona.

Fiona cravou os olhos nos de seu pai, que baixou a vista.

—Boa tarde, senhorita Fiona. —De longe, de Silva inclinou a cabeça para ela.

—Nos conhecemos anteontem à noite, em casa de misia Mercedes Sáenz, na reunião pelo Dia da Independência —comentou Juan Cruz ao Bridgid.

—Tome assento por favor, senhor de Silva. E sobre tudo, esqueça do vaso!

O rosto da anciã tinha trocado ao compreender que o jovem Juan Cruz era um candidato mais que potável para pôr final ao celibato de sua neta.

Enquanto isso, Ana e William se sentavam perto do Brigid e de Silva. Só Fiona permaneceu de pé, confundida.

—Se me permitir, *Grannie*, eu me retiro —disse, inexpressiva. Ana e Brigid a observaram desconcertadas. William conteve sua fúria, e de Silva sorriu com picardia.

—Por favor, senhorita Fiona! Não me prevê você de sua presença!
—Juan Cruz se incorporou da poltrona. Foi direto até a Fiona, tirou-a da mão, e a conduziu a um tamborete perto dele. A jovem não lhe tirava os olhos de cima, e de Silva acreditou ver faíscas neles.

entregaram-se a uma conversa intrascendente da que só Fiona se manteve à margem. Ao princípio obteve não pensar em nada. Momentos depois, quando entendeu o giro brusco e radical que tinha dado seu vicia, a pele lhe arrepiou e seu corpo começou a tremer imperceptivelmente.

—Vamos, filha, toma um pouco de chá, sentará-te bem. Está muito pálida, querida.

Fiona tomou temblorosamente a taça que lhe alcançou sua avó. Em seguida, de Silva sustentou a louça por ela, apoiando-a em uma mesa perto da jovem.

—Esta vez não tenho feito nenhum desastre, dona Brigid. O comentário do Juan Cruz causou a algazarra de todos. Fiona, em troca, observou-o exasperada, a ponto de estalar.

Ao cabo de uma hora, de Silva se pôs no bolso ao Brigid e a Ana. William estava radiante pelo triunfo. A atitude de sua filha já não lhe importava; se sua mãe e seu pai o aceitavam, o matrimônio já era um fato. A batalha com o Brigid estava ganha. Agora só subtraía impressionar bem ao velho Malone, e assunto arrumado.

—Acredito que já é hora de me retirar, senhoras. foi um verdadeiro prazer compartilhar a tarde com vocês.

Todos começaram a levantar-se de seus assentos.

—Senhor de Silva, o prazer foi nosso. você retorne quando desejar —disse Brigid, cortesmente. E ansiosa por fechar o círculo ao redor da escorregadia Fiona, adicionou—: Eu gostaria que o senhor Malone o conhecesse.

—Será um prazer —replicou de Silva com galanteria. Logo, olhou fixamente a Fiona e acrescentou—: Além disso, eu gostaria de voltar a ver seu niela se para você não é inconveniente, minha senhora.

Fiona lhe sustentou o olhar, implacável e fria.

—Insisto, senhor de Silva, volte quando desejar. As portas desta casa estão sempre abertas para você —esclareceu Erija, para que não ficassem dúvidas.

De Silva saudou com uma leve inclinação, deu meia volta, e abandonou a sala.

—além de tudo, é um mentiroso —disse Fiona entre dentes e com o gesto desencaixado.

William sabia bem a que se referia, mas não desejava discutir mais com sua filha.

—por que o diz?

—Sabe perfeitamente por que o digo. —Olhou-o fixamente, e no silêncio que sobreveio ressonou com força sua respiração agitada—. Me disse que não o conhecia e que se tratava de um estrangeiro!

—É certo —afirmou William com sarcasmo.

—Mas resulta ser que sim o conheço. E que não é estrangeiro.— Fiona adiantou seu corpo e ficou as mãos na cintura, desafiante.

—Eu não sabia que o conhecia Y... poderia-se dizer que, em rodeie forma, é estrangeiro. Não é de Buenos Aires. Além disso, em algo não te menti; é muito, mas muito rico.

—Mentiroso! Ocultou-me a verdade porque é um bastardo. É bastardo! E tem a lama de um demônio maldito! —explorou Fiona—. É filho de uma negra ou algo assim! Por isso me ocultou a verdade! Não pode me fazer isto, não pode isto hacenne... —de repente, sua voz desfaleceu.

—Desconheço-te, Fiona. Não é você a que sempre apregoa a igualdade entre todos? Não é você a que sempre trata aos serventes como sim fossem da família? O que há com a Maria e Elíseo? As respeitadas mais que a mim, e não são mais que um par de mestiços.

—Nó te atreva a te colocar com eles, maldito embusteiro! Eles são dez vezes melhores que você.

—Basta! —gritou William, tratando de amedrontar a Fiona—. Já está tudo arrumado. Casará-te com ele como é. Se não o fizer, já sabe o que ocorrerá nesta casa.

De Silva voltou. E o fez quase todas as tardes. Cada vez que se apresentava na mansão Malone, Juan Cruz trazia consigo algum

presente para os membros da família. Para todos, exceto para a Fiona, a quem parecia não lhe importar. O primeiro foi um magnífico vaso de porcelana do Sévres azul marinho com delicadas orquídeas desenhadas em laqueia rosa pálido. Muito belo, e por certo muito mais custoso que o que Fiona fazia voar pelo ar. Ana recebeu um par de luvas de pelica cor marfim que Juan Cruz mandou comprar ao do Caamaño, a loja mais pituca da cidade. O velho Malone também foi surpreso com um presente: uma pipa de espuma de mar em cuja cazoleta estava esculpida com muita precisão a cabeça de um soldado turco. Sejam ficou perplexo ao receber o presente do Juan Cruz. Fazia anos que desejava uma idêntica e em nenhuma parte a conseguia. Nem sequer Trida, em Londres, tinha achado uma. Como tinha adivinhado aquele homem seu desejo? Ninguém podia compreender como conseguia coisas tão bonitas em épocas em que, pelo bloqueio anglo-frances, até comprar mantimentos resultava difícil. Ao parecer, nenhum escolho se interpunha entre o Juan Cruz de Silva e seus desejos.

Frente a seus avós, Fiona aparentava ser a jovencita mais encantada da Confederação. Risonha, conversadora, até picasse, convertia-se em outra pessoa quando a deixavam a sós com de Silva na sala. Com ele era mordaz e atrevida, violenta e ressentida. Não tinha maiores olhares em te expressar todo seu desprezo. Mas de Silva mostrava a paciência de um beduíno e a segurança de um magnata. Nada o importunava; nenhum dos comentários ou as palavras da Fiona pareciam persegui-lo. Sempre de bom aspecto, não regulava seus elogios aos Malone.

— Até quando terei que suportar esta farsa do galante apaixonado? Que espera para anunciar nossas bodas? Que me apaixone por você, senhor de Silva?

Um sorriso sarcástico, quase doentia, sulcou os lábios da Fiona.

— É tão bela quando sorri, minha querida.

O homem tomou a mão; ela a retirou como do fogo.

— Não seja hipócrita, senhor de Silva. Responda a minha pergunta. Quando será as malditas bodas?

— Não sabia que estava tão interessada em te casar comigo, Fiona. Realmente, saber que o deseja tanto é uma notícia maravilhosa.

Fiona fechou os punhos e apertou os clientes tratando de reprimir um grito de impotência. Seu rosto ficou como o grão. Por um instante, seus olhares se cruzaram. Mas era tanto o poderio e o domínio que de Silva demonstrava ter sobre ela, sobre seu pai, sobre todos, que baixou a

cara e começou a soluçar. Não queria que ele soubesse quebrada. levantou-se e abandonou a sala.

A pena que a embargava deixou no ar uma esteira que se apoderou da alma do Juan Cruz. Seu habitual gesto soberbo se desvaneceu, e em seu lugar apareceu um semblante apagado e mortício. Em realidade, de Silva não sabia o que fazer com a Fiona.

Ao dia seguinte, William anunciou ante toda a família o compromisso de sua filha e de Silva, e o desejo do Juan Cruz de que as bodas se realizasse quanto antes.

—Quero que saibam que aceitei o pedido de mão da Fiona que me tem feito o senhor de Silva.

Ana e Brigid tratavam de conter as lágrimas: não correspondia chorar; Imelda se aproximou de sua irmã e, disimuladamente, tomou a mão. Sejam Malone permaneceu comprido momento contemplando a seu filho. Sempre tinha pensado que lhe consultaria esse tema quando chegasse o momento.

Finalmente, Juan Cruz se aproximou da Fiona e entregou um pequeno estojo de veludo. Todos permaneciam calados e espectadores, os olhos cravados nas mãos da jovem. Ao fim, Fiona o abriu.

—É muito belo! —exclamou Imelda ao descobrir o cintillo de brilhantes e aguamarinas.

Juan Cruz tomou o anel de mãos da Fiona e o colocou no dedo. Brigid e Ana se aproximaram de bisbilhotar, assombradas ante uma jóia tão soberba.

Ao dia seguinte, toda Buenos Aires conhecia a notícia do compromisso da Fiona Malone e Juan Cruz de Silva. Cada uma das famílias mais importantes parecia um hervidero de intrigas e hablillas. Por fim, de Silva limpava o enigma que tinha mantido em velo às jovencitas da cidade. Algumas estavam verdes de inveja. Um dos solteiros mais cobiçados da Confederação lhes tinha escapado. Tinham que aceitá-lo, nenhuma competia com a Malone.

Fiona era a mais formosa, a mais rebelde, a mais escorregadia de todas as donzelas da alta sociedade. Ele, embora bastardo, *mal-educado* e arrivista, era o protegido do governador e um dos homens mais ricos do país. Razão suficiente para que todos fizessem caso omisso dos antecedentes genealógicos de Silva e o deixassem entrar em seu círculo como se se tratasse de um conde francês, embora soubessem perfeitamente que não se tratava de um deles.

—Não posso acreditá-lo, Fiona!

A jovem se sobressaltou quando Camila Ou'Gorman irrompeu em seu quarto e quebrou o silêncio no que estava sumida desde fazia momento.

—Camila! —gritou Fiona. E se jogou em seus braços com tal ímpeto que sentiu as baleias do espartilho de seu amiga sob suas mãos.

Camila sabia o do compromisso da Fiona com de Silva. O próprio Juan Cruz o tinha anunciado a noite anterior durante o jantar em sua casa. Entretanto, não pôde evitar a pergunta,

—É certo que vai A...

Fiona não a deixou terminar. Queria falar o menos possível do tema.

—Por favor, me diga, como está sua avó?

—Não muito bem.

Os olhos da Camila se obscureceram e seus lábios desenharam uma careta triste. Sua avó, popularmente conhecida em Buenos Aires com o apodo depreciativo de "A Perichona", não estava bem de saúde. Por isso, viajava todas as semanas à Matança, a estadia de seu pai, aonde tinham confinado à mulher desde fazia anos, depois de seu romance com o vice-rei Liniers. Camila e Fiona amavam à a Perichona, talvez porque desejavam ser como ela. Formosa, majestosa, refinada, e livre como um pássaro. Um pássaro que já tinha suportado muitos anos de cativo e estava decidindo partir definitivamente.

Fiona compreendeu que devia trocar de tema.

—Esteve com seu curita tucumano? —perguntou em voz baixa e com tom cúmplice, tentando lhe levantar o ânimo.

Isso pareceu suficiente para alegrar a Camila. Começou a lhe relatar a seu amiga os detalhes da relação clandestina que mantinha com o padre do Socorro, Ladislao Gutiérrez. Estava perdida de amor e paixão por ele. dentro dela se desataram por fim os sentimentos dos que tanto lhe tinha falado a Perichona.

Depois, Fiona lhe contou a respeito de Sua relação com de Silva, dos acontecimentos na reunião do do Sáenz e Velazco até a entrega do cintillo frente a sua família. Finalmente, pôde expressar o ódio que sentia por aquele homem, a vergonha que lhe provocava o saber comprada, a dor de casar-se sem amor, a humilhação, a desonra.

—Talvez, Fiona, não seja tão mau como você pensa.

—OH, você também! Parece que te tivesse posto de acordo com a Maria —resmungou Fiona, levantando-se da cama e dirigindo-se ao

penteadeira. Camila a seguiu e, tomando uma escova de cerda, começou a lhe pentear o cabelo, tão murcho, tão largo. Sabia que isso a fascinava.

—foi várias vezes a minha casa. Tem alguns negócios com tatita. Eu não o vi muito ultimamente porque me passei isso em La Matança, você sabe, mas as vezes que nos cruzamos, pareceu-me um homem muito interessante. Seriamente...

Camila sorriu ao escutar o fôlego obstinado de seu amiga.

—Não seja teimosa e me escute —insistiu—. Não é o mais belo, não, mas tem algo. É galante, é delicado... E muita refinação para ser um gaúcho a maior parte do ano, não crie?

—Acredito que é um cretino. Jamais te perguntaste por que o chamam "o diabo"? Não deve ser justamente por tratar do homem melhor e galante do mundo, não te parece?

—Está bem —disse Camila um tanto zangada—. Está bem. Se não o suportar, por que não vai e lhe diz que não te casará com ele?

—Não! Sabe que não posso. Pela Grandpa.

Fiona baixou os olhos. Ali, abandonado no penteadeira desde dia em que Juan Cruz o entregasse, estava o cintillo de compromisso.

—Então, faz um intento por trocar de atitude. Se não, você vida será um verdadeiro inferno.

Fiona assentiu em silêncio. As mesmas palavras da Maria. Seria ela uma obstinada sem razão? por que não conseguia ver a solução que todos pareciam vislumbrar tão claramente? Estava muito confundam!

As bodas teve lugar em 25 de agosto de 1847, na mansão Malone, na mais estrita intimidade. Só assistiram a família da Fiona e os amigos mais amealhados. Não tinha convidados pela parte do noivo, e ninguém cometeu a indiscrição de perguntar por que; todos sabiam que Juan Cruz não tinha mãe nem pai, que tinha vivido toda sua infância em uma das estadias de Rosas, e que tinha sido criado por uma negra.

Essa manhã, Fiona estava simplesmente soberba. Os convidados contiveram o fôlego ao vê-la ingressar na sala acondicionada para a ocasião do braço de seu avô. Juan Cruz simulava uma indolente impavidez ao observá-la aproximar-se. Entretanto, não deixou de entreter-se intimamente com a beleza de sua prometida; de repente, seus movimentos sempre estudados se liberaram, e o corpo lhe estremeceu de prazer; seu sorriso, médio diabólica, foi, pela primeira vez, sincera. Fiona, em troca, parecia alheia a tudo. Seu olhar estava perdido em um

ponto indefinido da parede, seus olhos tinham abandonado seu azul intenso e se converteram em duas safiras duras e frias.

O vestido que lhe tinha confeccionado Maria era tão belo como ela. Apesar de que tinha insistido em lhe fazer trazer um de Paris, ao vê-la naquele majestoso traje, Juan Cruz teve que admitir que ninguém o teria feito melhor. Era branco, de encaixe francês. O espartilho se atia de tal modo a seu talhe que revelava a estreiteza de sua cintura e a redondez de seus seios. Juan Cruz imaginou suaves como uma rosa, e imediatamente teve uma ereção.

O Pai Fahy, um sacerdote irlandês amigo íntimo de Sejam e guia espiritual da família, benzeu o matrimônio. depois da cerimônia, serviram-se os manjares que Brigid fazia preparar. Apesar de que tudo parecia como foi pedido, a anciã estava desconsolada; os acontecimentos se precipitaram de tal modo que não tinha tido o tempo necessário para preparar o tradicional *plum pudding*, que leva mais de um mês de elaboração. Brigid pensava que umas bodas sem *plum pudding* era um mau augúrio para os recém casados, assim que lhe tinha rogado ao Juan Cruz que pospor as bodas para mais adiante; mas ele se opôs com o argumento de que já tinha permanecido muito tempo em Buenos Aires e devia voltar a ocupar-se de suas estadias.

Enquanto tudo a seu redor parecia imensa felicidade, a tristeza profunda do rosto da Fiona expressava a gritos silenciosos seu desconsolo. Era paradoxal, pensou; essa manhã, sua família festejava o que acreditava sua sorte, e ela se sentia o ser mais desgraçado deste mundo. Seu avô irrompeu em seus pensamentos lomándola do braço e apartando-a do grupo.

—por que está tão triste, princesa?

—Não, *Grandpa*, não estou triste. —Tratou de ensaiar um sorriso como o tinha feito cada dia desde que seu pai lhe anunciasse a notícia—. Me sinto um pouco estranha, nada mais. A verdade é que estranho muito a *aunt Trida*. Me teria gostado que estivesse hoje aqui.

Seu avô lhe golpeou carinhosamente a bochecha, com gesto divertido.

—Acredito que é normal que se sinta um pouco estranha. Hoje é um dia muito especial. Tudo vai trocar em sua vida.

Sejam fez uma pausa e se sentou na poltrona. Fiona se arrellanó a seu lado..

—Como te dizia, tudo vai trocar. Mas para melhor. Compartilhar sua vida com a pessoa que amas é o mais maravilhoso que lhe pode acontecer a um ser humano. Asseguro-lhe isso.

Fiona sentiu que o coração lhe galopava no peito. esfregou-se as mãos, cada vez mais úmidas e frite; podia sentir as gotas de suor que se deslizavam entre seus seios até perder-se em seu ventre. Como faria para lhe ocultar a seu avô que todo aquilo era uma farsa? Uma espantosa e cruel farsa urdida por seu pai e seu te chamem algo. Como faria para suportar sua vida ao lado de um homem ao que já odiava com toda sua alma? Via seu sorriso, sempre sardônica, que parecia lhe dizer: "Não me desafie, Fiona. Agora, eu tenho o poder". Seus olhos profundos eram infranqueáveis: nunca podia saber o que pensavam. E seus gestos eram tão controlados que não fazia um só movimento, não dizia uma só palavra, sem analisá-los antes. Estava segura disso. A só presença do Juan Cruz a intimidava, enchia-a de temores e vacilações. Como faria para suportá-lo uma vida inteira?

Sejam continuou com sua argumentação, mas Fiona já não o escutava. Inundada em um mundo inextricable de perguntas sem resposta, só conseguia deprimir-se ainda mais. Se seguia assim só conseguiria que as lágrimas a traíssem frente a seu avô e o desconsolo a levasse a pôr ao descoberto toda a verdade.

Um pequeno alvoroço na porta principal interrompeu os conselhos de Sejam Malone Rosas tinha chegado.

Sejam e Fiona ficaram de pé rapidamente, como se alguém os tivesse cravado com um alfinete. Fiona permaneceu ao lado da poltrona, sem mover-se; seu avô saiu ao encontro do governador de Buenos Aires.

Os convidados não podiam acreditar que Rosas tivesse concorrido à bodas de Silva; ultimamente, permanecia encerrado em seu quinta no Palermo trabalhando todo o dia, quase sem dormir nem comer. Os portenhos se cansavam de participar o das reuniões e reuniões que organizavam, sem obter que o governador federal lhes fizesse a honra de pisar em seus lares. A desculpa era sempre a mesma: os assuntos da Federação.

detrás de Rosas apareceu sua filha Manuelita. Não era linda, mas tampouco feia; tinha uma figura magra e um rosto agradável que conquistava os corações de todos pela humildade de seu olhar e o acolhedor de seu sorriso. Sempre tinha palavras doces e cheias de esperança para quem visitava sua casa em busca de consolo ou de um

favor. converteu-se em uma das mulheres mais queridas de Buenos Aires e não era difícil cair sob um encanto tão puro e espontâneo.

—Viva a Santa Federação! —gritou Rosas, posando seus rasgados olhos azuis em cada um dos que estavam perto dele.

—Viva! —responderam os comensais ao unísono.

Sejam chegou até o governador abrindo-se passo entre a gente e, lhe estendendo a mão, deu-lhe a bem-vinda.

—Sua excelência, é uma honra que você se dignou a visitar minha casa em um dia tão feliz como este.

Continuando, o velho irlandês fez uma respeitosa reverência com a cabeça.

—Deixe-se de tanta formalidade, dom Malone. Se eu o conhecer você desde antes de subir a um cavalo.

Rosas o atraiu para seu volumoso peito e o abraçou fraternalmente, provocando o assombro dos presentes. Evidentemente, o governador estava de muito bom aspecto esse dia; apesar disso, as pessoas a seu redor o tratavam com um cauteloso respeito, no que se mesclavam a admiração e o temor. Todos o conheciam muito bem; com suas graças ou seus mandatos podia chegar a fazer infeliz a qualquer.

—Além disso, a honra é meu —continuou dizendo Rosas com voz muito varonil, enquanto se separava de Sejam—. Quem tem sido amigo do coronel Dorrego, como foi você, dom Malone, merece meu mais profundo respeito e admiração. Além disso, agora que Crucito se uniu a sua neta, você e eu somos quase como da família.

Sejam se sentiu intimidado pela fogosa saudação. Não só intuía que Rosas simulava: ele mesmo o estava fazendo.

Sete anos atrás, em 1840, o bloqueio francês fazia estragos na economia de Buenos Aires, apoiada fundamentalmente nos ganhos alfandegários. As lojas estavam vazias e custava conseguir os artigos mais elementares, inclusive lamas mantimentos. O inverno, muito rigoroso, tinha arruinado algumas colhe.

No verão tinham ficado os falatórios a respeito de que Rosas deixaria o mando e se retiraria a uma de suas estadias. A Legislatura o tinha ratificado em seu posto por cinco anos mais. E o caudilho federal tinha mais poder que nunca.

Dois anos antes tinha imposto a ordem de não articular palavra sem antepor as frases "Viva a Santa Federação! Morram os selvagens unitários!". Fazia pouco tinha decretado o uso obrigatório da divisa

ferroou, no meio doido para as damas, no peito para os homens, com o lema "Federação ou morte", sem exceção. O governador tinha criado uma força especial, os monitores, encarregada de controlar o uso da divisa, que devia ser visível e ostentosa. Os monitores castigavam aos cidadãos que não levavam o distintivo e, em meio da rua, pegavam-lhes um emplastro vermelho com cauda. Não só isso, também pesquisavam as casas procurando algum elemento que delatasse a seus donos como unitários. Bastava um objeto celeste para enfurecer aos soldados federais.

Mas a que se tornou muito dura era a Espiga de milho. Todas as manhãs se anunciava a gritos os quais tinham sido degolados, quantas cabeças se haviam estaqueado na Praça da Vitória, que casas se assaltaram. O pregão durava muito; as vítimas e os acusados eram cada vez mais. Rosas era claro com os mazorqueros; "No estado a que chegaram as coisas nos povos argentinos, todos os meios de obrar são bons... os meios sempre ficam legitimados pelos fins". E seus homens não se separavam de suas ordens.

A Confederação estava sumida em uma cruel guerra civil. Os mortos eram muitos e os ânimos se exacerbavam à medida que o sangue corria. O ódio se acentuava e a sanha com os do bando contrário se voltava feroz. Era comum a morte por aqueles dias; todo mundo parecia haver-se acostumado aos fuzilamentos, às decapitações. Cada homem levava à vista sua adaga, "a espada da federação", como a chamavam.

Os emigrados a países vizinhos eram milhares. refugiavam-se especialmente no Montevideo e no Santiago do Chile. De ali, iniciavam uma luta encarniçada contra o regime do "abominável tirano". Escapavam de Buenos Aires como podiam. Alguns de navio, durante a noite. A empresa era mais que temerária; a Espiga de milho sempre vigiava o Baixo e a Boca. Outros, os que fugiam por terra para o Chile, deviam tomar cuidado na zona de Cujo; era muito difícil passar os controles dos caudilhos nessa parte da Federação.

A Sejam, todo esse assunto de unitários e federais lhe importava um cominho. Tinha deixado seu a Irlanda natal enojado das lutas entre católicos e protestantes, entre ingleses e irlandeses. Não se renderia agora a nenhum bando, por mais razão que tivessem um ou outro. O pecuarista pensava que os dois tinham suas verdades e seus desacertos. "Embora nenhum é um santo", estava acostumado a lhe dizer a sua esposa.

Mas a realidade o arrastava; seus melhores amigos eram unitários e estavam sendo perseguidos e assassinados sem compaixão. Lhe devia muito a esses crioulos que o tinham ajudado em seus primeiros anos no Virreinato. Tinham-no acolhido no seio de seu grupo social, tinham-lhe dado uma mão em seus primeiros negócios, tinham-lhe aberto as portas necessárias para sua integração.

O pior era esse mocito, o tal Joaquín Echevarría, do que sua filha Ana estava apaixonada, e que era mais unitário que o próprio Lavalle. Os sócios populares, surpreendendo-o no Baixo, em plena fuga para o Montevideo, tinham-no ferido gravemente de um disparo.

Aquela vez, um amigo, Martín Uturralde, conseguiu salvar o da revolta. Mas Joaquín perdia muito sangue e Martín não conseguia lhe estancar a ferida. Levá-lo a sua casa equivalia a condená-lo; os mazorqueros estariam rodeando-a para esses momentos, dispostos a echárs de cima. E como ele também estava pontuado de unitário e sua mansão era assediada diariamente pelos soldados de Rosas, Martín não atinou a outra coisa que a levá-lo a casa de sua prometida, a tal Ana Malone.

Sejam não queria comprometer-se, mas os rogos e o pranto de sua filha puderam com ele. Joaquín permaneceu em sua residência da rua Larga até que morreu. Tinha perdido muito sangue, a ferida estava muito infectada e não se atreviam a chamar um médico: isso os teria convertido imediatamente em suspeitos. Embora tinham oculto ao Joaquín em uma zona pouco visitada da casa e a servidão era da maior confiança, havia um par de negras que teriam ido correndo a lhe avisar a Rosas que seu patrão tinha escondido a um unitário.

Foram dias muito duros para todos; não só deviam ocultar ao prometido da Ana mas também suas próprias emoções. As meninas, Fiona e Imelda, permaneciam alheias aos horrores que aconteciam dentro e fora da casa obrigado a que os adultos faziam um esforço sobre-humano para lhes ocultar a realidade. Ana chorava nos rincões e Joaquín tinha que morder o punho para não gritar da dor. Sua morte deixou na família Malone uma amargura que demoraria anos em apagar-se. Ana nunca o esqueceu. Não voltou a freqüentar a nenhum moço, e consagrou sua vida aos cuidados de suas duas sobrinhas.

depois da morte do Joaquín, algo trocou em Sejam. Sem definir-se politicamente por nenhum bando, tomou aberta participação nas fugas de seus amigos unitários. Qualquer recurso era válido se a vida de alguém corria perigo e terei que lhe facilitar a fuga do país. Malone se

fez famoso pela ajuda que emprestava aos inimigos de Rosas e logo a Espiga de milho teve notícias dele. Entretanto, dirigiu-se com tanta habilidade que jamais puderam apanhá-lo. Nem as duas faxineiras negras, devotas do governador, puderam dar um dado certo que o compromettesse.

Rosas se comia os cotovelos da fúria. "Esse velho irlandês de mierda algum dia me vai pagar isso." Mas o governador não era tolo e conhecia muito bem o poder do Malone dentro da Confederação. Era dono das estadias mais ricas do Rio da Prata e amigo do ministro Mandeville, representante da Inglaterra em Buenos Aires. Além disso, mantinha contatos muito fortes com os franceses. Para pior, sua filha Tricia estava comprometida com um comerciante inglês tão capitalista que a rainha Vitória o tinha renomeado "Sir". Os peões de seus campos se contavam por centenas e o adoravam por sobre qualquer causa política. Se o queria, o irlandês podia revoltar a grande parte da população rural contra Rosas.

Não, tinha que ir com cuidado. Se enfurecia ao Malone, podia desatar uma hecatombe.

"Algum dia, algum dia", repetia o governador, golpeando-a mão com o punho.

Quando Rosas afrouxou seu caloroso abraço deixou médio aturdido ao Malone, que se fez a um lado para que o governador saudasse sua esposa.

Naquele momento, Juan Cruz acreditou conveniente irromper na cena.

—Dom Juan Manuel, pensei que já não viria! —exclamou.

—Ah, filho, Manuelita me teve médio louco toda a manhã me recordando suas bodas! Já sabe como é esta menina contigo —replicou Rosas, desviando o olhar ao rosto carmesim de sua filha.

—Ai, ratita, como é! —comentou a jovem, acostumada às saídas imprevisíveis de seu pai.

As apresentações e saudações duraram um bom momento. Em todo esse tempo, Fiona não se moveu do lugar no que seu avô a tinha deixado, ao flanco da poltrona, calada, pendente da cena. Começava a vislumbrar o verdadeiro poder do homem com o que se casou. Sentiu que a pele lhe arrepiava. Que Rosas se dignou a aparecer essa manhã em casa de seu avô palha saudar o Juan Cruz punha de manifesto o imenso

carinho que sentia por ele. E nesses tempos, o carinho e a avaliação de Rosas valiam mais que qualquer outra coisa.

Quando viu que o Brigadeiro Rosas e sua filha se aproximavam dela, trouxe saliva. Acaso tinha esperado acontecer despercebida e que não a saudassem? Se essa ilusão tinha passado por sua cabeça, desvaneceu-se apenas o governador tomou sua mão e lhe beijou a ponta dos dedos sem tirar seus olhos dos dela, que a essa altura já era incapaz de dissimular seu terror.

Rosas era realmente um homem muito arrumado, alto, e de corpo hercúleo e lhe avassalem. De pele branca e bochechas rosadas, suas grandes pálpebras emolduravam o azul escuro de seus olhos; sua boca era só uma linha purpúrea sob o nariz magro e reto-, sua frente ampla terminava em um denso e suave cabelo castanho com alguns cachos no topete. Fiona decidiu que o nariz e os olhos eram as partes que melhor definiam o caráter desse homem. Os olhos, pequenos, não permitiam imaginar o que estava pensando; e o nariz, reto e alargado, outorgava-lhe um ar autoritário, imperioso, que dava medo desprezar. Ela o tinha visto fugazmente em algum ato público, ou alguma vez que se escabulló junto à Camila ao candombe dos domingos, mas fazia muito tempo já disso. Então eram apenas umas meninas.

Camila era amiga da Manuelita; sempre ia às reuniões do Palermo e, às vezes, a filha de Rosas a mandava chamar só para conversar. Apesar de todo seu entorno, Manuelita era uma moça muito sensível que gostava da gente como ela, romântica e com sentimentos bondosos, algo que escasseava em seu lar. Por isso, Fiona sentia simpatia pela jovem, embora jamais tivessem cruzado palavra.

Juan Cruz se ocupou das apresentar, e logo depois dos beijos de rigor, tomou a posta na conversação. Suas ocorrências, que fizeram rir a Manuelita, só conseguiram arrancar dos lábios apertados da Fiona um sorriso falso e afetado. Mas a filha do governador pareceu não notá-lo.

O professor Favero, o professor de piano da Fiona, tinha devotado como presente de bodas a sua melhor aluna tocar com sua orquestra algumas valsas para ela e o noivo; quando os lembrar começaram a soar, Juan Cruz tomou ansiada estreiteza da cintura de sua esposa e se encaminhou com ela para o setor da mansão no que se improvisou uma pequena pista de baile. Fiona era quase arrastada, apenas se movia os pés; dura e ereta como uma vara, a repentina e inesperada intimidade das mãos de seu marido a tinham posto extremamente nervosa. Os dedos de Silva, ásperos e grandes, entrelaçaram-se com os da jovem,

pequenos e suaves. Juan Cruz apoiou sua mão na curva mais pronunciada e excitante da cintura dela e, com a mestria de um cavalheiro, começou a levá-la ao ritmo da valsa através da galeria principal.

Os convidados e os donos de casa se congregaram ao redor dos noivos. Logo se somaram novos casais à pista e em poucos momentos não ficou lugar para um mais.

Juan Cruz tinha o olhar cravado no rosto de sua mulher. Pensou que essa era a primeira vez que dançavam juntos e não pôde evitar sorrir ao recordar a única ocasião em que o tinha pedido. "*Antes prefiro estar morta.*" A voz de sua esposa chegava agora como a lembrança de um passado que, apesar de ser próximo, lhe desejava muito tão longínquo como sua infância em "Os Cerrillos". De Silva estava seguro de que aquela noite Fiona o tinha visto encetado com a Clelia. Como explicar, se não, semelhante resposta a um simples convite a dançar? De todos os modos, era algo que não lhe importava no mais mínimo; Clelia só tinha sido uma de tantas.

Fiona, em troca, esquivava os olhos do Juan Cruz. Não os suportava; pareciam despi-la com o olhar. Também ela recordou aquela noite no de misia Mercedes e não pôde evitar um estremecimento. Nesse momento percebeu que a mão de seu marido se atia com mais firmeza sobre ela e seu rosto se aproximava mais ao dele. Uma deliciosa fragrância lhe alagou os sentidos, mais afligidos e confundidos que nunca. Enquanto isso, seus pés seguiam pressurosos os passos destros de Silva, que a guiava como a uma pluma na mão; por momentos, quando um acorde mais pronunciado convidava ao dançarino a fazê-la girar entre seus braços para tomá-la com mais vigor e fogosidade que antes, sua cabeça parecia dar voltas. Sentia que devia aferrar-se ao corpo do Juan Cruz porque os pés lhe falhavam; o remédio era pior que a enfermidade: o homem respondia com mais ardor.

Salvou-a seu avô. Pediu a de Silva a próxima peça e o noivo aceitou com desagrado.

Enquanto dançavam. Sejam Malone, extasiado e orgulhoso, olhou-a sem esboçar o menor comentário. Que menina especial era essa! por que? Não sabia. Possivelmente, sua formosura sem igual. Não, não era só isso. Sua inteligência. Talvez, mas havia algo mais nela que a fazia singular. Fiona era seu niela adorada, sua alma geme-a. Ninguém o conhecia como ela, nem sequer Brigid, depois de tantos anos juntos.

Apesar de que Fiona já não viveria sob seu teto, Sejam estava contente de que se casasse com de Silva. Não podia queixar-se; o homem era educado, apresentável e muito rico. Asseguraria a sua neta a vida cômoda a que estava habituada. Além disso, era o único ao que ela tinha aceito.

Ao Malone não importava muito o fato de que Juan Cruz fora um bastardo. Alguém podia culpá-lo por isso? Em troca, de Silva tinha mostrado sua dignidade abrindo-se caminho em meio de um mundo antagônico que o condenava sem misericórdia, até chegar a ser o que agora: um homem importante, refinado e agradável.

Além disso, Fiona Malone necessitava a alguém como ele, de caráter, com convicções firmes e espírito valente. Talvez tinha sido muito brando com sua neta, talvez a tinha estragado com suas idéias românticas e utópicas. Mas quando a menina chegou a sua vida, ele já estava velho e com o guarda baixo. Como poderia ser duro e estrito com uma doçura como ela?

Por sua parte, a jovem parecia apaixonada. Isso era seguro; se não, jamais teria mimado em casar-se com de Silva. E embora a via nervosa e consternada, tranqüilizou-se pensando que não tinha conhecido nunca uma noiva que não estivesse assim o dia de suas bodas.

Tampouco lhe incomodava que Juan Cruz de Silva fora o protegido de Rosas. Primeiro, porque o moço, embora era federal, não parecia do tipo exacerbado e fanático. Segundo, porque ele jamais tinha considerado que dom Juan Manuel fosse seu inimigo. Sejam não era nem unitário, nem federal. Anos atrás, o destino o tinha posto em uma encruzilhada e ele tinha tomado uma decisão: colaborar com seus amigos unitários. De todas formas, sabia muito bem que estes tampouco eram os bons da história. Ou acaso não tinha sido um general unitário, Lavalle, que tinha mandado a fuzilar a seu mais íntimo amigo, o coronel Dorrego? Não, ninguém se salvava, todos eram pecadores, todos tinham culpa; a guerra tinha sido suja e ninguém resultou sem mácula.

Inclusive, em algumas questione fundamentais lhes recuava a razão aos federais. Agora o destino lhe brindava uma nova oportunidade: demonstrar que ele não guardava ressentimentos por ninguém, e que só desejava viver em paz. Não queria sentir como uma sombra o olhar lhe espreitem dos rosistas, nem pensar que sua família corria riscos por suas aventuras na época das lutas civis. Que melhor forma de obter isto que entregar em matrimônio a sua neta mais querida a um homem como de Silva, a mão direita do caudilho da Federação?

depois de tudo, Rosas sempre lhe terá resultado simpático; um pouco autoritário e grialhão, sim, mas agradável ao fim, e além disso cheio de brios e idéias. Recordava-o em seus anos moços, com vários quilogramas menos e mais corto no topete. Uma briga com sua mãe, uma mulher nada fácil, lançou ao jovem Juan Manuel ao mundo; só e sem um centavo. fez-se de abaixo, sem a ajuda de ninguém, e logo chegou a ser dono de várias fazendas em Buenos Aires. Eram vizinhos em várias estadias e, mais de uma vez, Rosas lhe tinha pedido conselhos a Sejam, para então já um velho acostumado nas artes rurais.

"É incrível as voltas que dá a vida", pensou Sejam, sem deixar de lhe sorrir a sua neta.

As valsas deixaram de soar e tudo foi terminando. Os primeiros em partir, dom Juan Manuel e sua filha, saudaram cordialmente aos noivos. Juan Cruz acompanhou ao governador até a porta, enquanto Manuelita rogava a Fiona que a visitasse em São Benito do Palermo, e lhe assegurava que agora, que eram quase como irmãs, desejava como nunca sua amizade.

—Porque deve saber, Fiona, que Crucito é para meu pai como um filho, de modo que, para mim, é como um irmão muito querido.

Fiona não soube o que responder ante um comentário tão sincero; nesses dias, toda sua vida era uma mentira. Não soube, nem pôde dizer nada; algo lhe teria divulgado falsa e torpe a Manuelita Rosas e Ezcurra.

E à medida que se foram desvanecendo os lembre da música, a gritaria dos convidados, o falatório controlado dos serventes na cozinha, o som do choque das taças de cristal, Fiona compreendeu o que terá estado fugindo durante todo esse tempo: que devia partir de seu lar, do lar de seus avós, seus seres mais queridos e adorados, para dirigir-se à estadia de um homem que, embora todos, a Igreja e a sociedade portenha, chamavam seu marido, para ela não era mais que um estranho.

—Nem te ocorra mencioná-lo, Fiona Malone! —Maria parecia furiosa esta vez—. É que acaso todo isto conseguiu te transtornar, menina?

—Suplico-lhe isso, não me deixe sozinha com ele.

—Mas, não te dá conta de que ele é seu marido e que terá que passar seus dias a seu lado?

A criada a olhou direto aos olhos, contendo o fôlego por uns instantes. Depois, suspirou, e baixando o olhar, cedeu.

—Está bem.

Fiona se equilibrou a seus braços.

—Basta, Fiona! Parece um cachorrinho, basta!

—Obrigado, Maria, obrigado.

A reação da Fiona tinha sido tão infantil que Maria não pôde esgrimir uma careta de desgosto. Iria com os recém casados na carruagem, sim, já que não tinha tido a força suficiente para negar-se. Não a deixaria a sós com seu marido até que chegassem à estadia. E depois o que? Lhe punha a pele de galinha de só pensar que Fiona não se adviesse logo a entrar em razão.

Saíram todos à rua. Três volantas esperavam ante a porta. Os baús com a roupa e o enxoval da Fiona já tinham sido carregados. Seu cavalo baio, enganchado ao carro principal, corcoveava impaciente, em tanto Maria e Eliseo esperavam a partida junto a sua ama; Fiona jamais teria mimado que seus dois serventes não fossem viver com ela à casa de Silva. Ninguém, nem sequer o mesmo de Silva, tratou de interpor uma desculpa para impedi-lo; todos sabiam o afeto que a jovem lhes tinha e o respeito e idolatria que eles lhe professavam. A Sejam Malone nem lhe teria ocorrido opor-se: sabia que ninguém a protegeria melhor que essas duas pessoas.

A despedida foi rápida, em um intento por dar fim ao que parecia ser uma tortura para os membros da casa Malone. Fiona se pendurou do pescoço de seu avô e tratou de não derramar nenhuma lágrima. Por sua parte, o irlandês tentou manter-se incólume e não demonstrar que sua alma se rasgava. Quando conseguiu separar a dele, só lhe acariciou torpemente o maçã do rosto, insistindo-a a partir.

William permanecia a um flanco. Finalmente, aproximou-se de sua filha e lhe murmurou algo com medo.

—Não te atreva a me dirigir a palavra nunca mais —murmurou Fiona, com os dentes apertados, quase sem separar os lábios. depois de perfurar o olhar de seu pai, girou sobre si, e ordenou com voz firme:

—Maria, vamos já, por favor.

Capítulo 4

A mandíbula do Juan Cruz caiu por um muito breve instante ao observar que Maria subia de um salto à carruagem no que se supunha só ele e Fiona foram viajar. Com a mão ainda na portinhola, Juan Cruz olhou para dentro em busca de uma explicação, mas a faxineira manteve a vista baixa. Fiona, por sua parte, volta para o outro guichê, parecia contemplar com soma atenção o rio, que de ali se divisava claramente.

Por fim, e sem ter obtido nenhuma elucidação, Juan Cruz subiu à carruagem.

Não terminava de entender qual era o feitiço que emanava dessa mulher capaz de transformar sua irritação —que em outra ocasião não teria demorado para aflorar— no sorriso de perplexidade que agora se desenhava em seus lábios. Talvez fora sua constante arrogância o que obtinha o milagre; talvez fora esse gesto valente que a fazia mais bela ainda. Ou possivelmente suas respostas encorajadas e bem elaboradas. Ou o brilho de seus olhos, sempre atentos e inteligentes. De algo não tinha dúvidas: por muito menos teria feito açoitar ao que se atreveu a desafiá-lo assim.

Enfiaram pela rua Larga de Barracos e, ao chegar a da Gochabamba, dirigiram-se para o Baixo. por ali, e bordeando o rio, encaminhariam-se para a mansão que Juan Cruz tinha terminado de construir recentemente em meio de uma de suas estadias mais prósperas, A Candelaria, na paragem chamada Os Olivos, a três léguas da cidade. A viagem lhes levaria algumas horas.

Juan Cruz apareceu pelo guichê e observou com chateio que sobre o rio se projetava a sombra escura da nuvem. O céu se conveio em uma massa espessa de cores cinzas e marrons. Um momento depois, voltou o rosto ao interior da volanta.

Fiona, sentada frente a ele e ao lado de sua criada, tinha tomado um livro de tampas vermelhas de sua pequena bolsa de couro e lia atentamente, com uma expressão de paz e serenidade que para o Juan Cruz foi toda uma novidade. E como tinha esperado uma cena de pranto e recriminações com o passar da viagem, a estóica atitude de sua esposa o surpreendeu.

O rosto de sua mulher despidia um aura de brancura que se projetava desde sua pele como se estivesse acetinada e uma luz própria a fizesse brilhar. Seus lábios grossos eram de por si desejáveis; sua cor vermelha carmesim e sua umidade natural os faziam mais apetecíveis

ainda. O nariz era diminuto e reto, e suas fossas tão pequenas que lhe custou imaginar como conseguia respirar por aí. Seus maçãs do rosto se elevavam femininamente e sua leve tonalidade rosada parecia a de um bebê. Sentiu um desejo irrefreável de roçá-los; sabia que seria como acariciar uma parte de algodão. estremeceu-se sobre o veludo cotelê do assento e sua respiração se acelerou; nenhuma das duas mulheres pareceu notá-lo, embora, por um instante, sua esposa elevou os olhos por sobre a leitura e vislumbrou a paisagem. Depois, Fiona voltou a vista ao livro, e a congelou uma vez mais sobre suas páginas.

Foi um momento fugaz, mas a imensidão de seus olhos se projetou sobre a pupila do Juan Cruz, e se gravou em sua mente para sempre. Sua forma rasgada para cima, suas pestanas largas e espessas, delicadamente arqueadas, a cor azul profunda da íris, esse delineado natural que lhe concedia certo ar ameaçador. Seus olhos outorgavam a Fiona essa nervura de fierecilla que o resto de suas facções tratava de desmentir.

Um relâmpago iluminou o interior da volanta, Lina luz forte e esbranquiçada que se projetou sobre os rostos dos viajantes. Segundos depois, pareceu que a cidade inteira se sacudia com o trovão.

María deixou sua malha e Fiona levantou novamente o olhar do livro, em tanto Juan Cruz não apartava a sua dela.

—O que os? —sua voz grossa quebrou o silêncio.

María deixou de tecer, mas não apartou a vista das agulhas. Fiona permaneceu calada uns instantes, com o rosto ainda submerso no livro. Por fim, levantou o olhar e arqueou suas sobrancelhas.

—*Hamlet* —sussurrou, embora seu gesto dizia a gritos: "O que lhe importa?".

Fiona voltou para seu livro. Seu marido, em troca, parecia cansado de tanto silêncio.

—*Hamlet*, do Shakespeare! Genial como poucos! Não o crie assim. Fiona?

Sabia que a estava incomodando com seus comentários, mas aquele jogo começava a lhe gostar de.

—Tem-no lido?

O tom petulante de sua esposa não pareceu importuná-lo; justamente o contrário, insistiu-o a continuar com o enredo no que ambos se colocaram.

—Tenho lido toda a obra do Shakespeare, Fiona.

depois de lançar esse comentário como um cañonazo inesperado, esperou sua reação. A jovem permaneceu calada, evidentemente surpreendida, embora em seguida trocou esse gesto sincero por um mais estudado. Depois, voltou a inundar-se na leitura.

—Tem lido *Macbeth*, querida?

—Não.

—Encontrará-o em minha biblioteca. Não só tenho as tragédias e as comédias. Também os sonetos.

Sabia que com isso picaria o anzol. Mercedes Sáenz lhe tinha falado da paixão da Fiona pela leitura, e como por aqueles dias a metade dos livros estavam proscritos e a outra metade não era fácil de encontrar, uma fonte de boa literatura significava que sua possuidor era, no melhor dos casos, um afortunado e no pior, decididamente um audaz.

—Você tem uma biblioteca, senhor?

—Sim; e muito completa. Poderá tomar o livro que goste.

Juan Cruz estava feliz. Por fim lhe tinha ganhado uma batalha, por fim tinha encontrado algo com que atrair-lhe. Porque, definitivamente, Fiona era a primeira mulher que se negou a seus encantos. Famoso pela impetuosidade de seu membro entre as mulheres de má vida e pelo aprimoramento de suas maneiras entre as da alta sociedade, nunca tinha tido que suportar irem-na alguma do sexo oposto. Ao menos, não até que conheceu a Fiona.

—O que outros livros tem, senhor?

Fiona luzia aprazível, mas seu tom seguia sendo sério e formal,

—Tenho-os todos —respondeu Juan Cruz.

Estirou o braço para alcançar o livro, que descansava no regaço de sua esposa. Fiona deu um coice ao sentir a mão dele sobre sua saia. Maria levantou os olhos da malha pela primeira vez; fixou-os no matrimônio de Silva e conteve a respiração. Juan Cruz demorou seus dedos sobre a Fiona mais do necessário e sentiu uma estranha sensação de prazer ao fazê-lo. Por fim, tomou o livro. A jovem tratou de arrebatá-lo por um instante, mas logo o deixou.

—Humm! Em inglês... —comentou, enquanto o folheava.

Fiona sentiu que a fulminava com o olhar. Seus olhos não tinham perdido ainda esse caráter turvo que laníu a atemorizava.

—Sim. *Aunt* Tricia me enviou isso de Londres.

Juan Cruz sorriu com um gesto que a Fiona incomodou; não podia discernir se era divertido ou zombador. A moça se preparou uma vez mais para a batilla que parecia ter abandonado momentos atrás. Seu

marido o advertiu em seguida, e estirando o braço, devolveu-lhe o livro. Fiona o arrebatou da mão. Sem adicionar nada mais, abriu-o e continuou com a leitura.

Se tivesse estado sozinho, faria caso omissa da tormenta que se morava. Mas sua solidão tinha terminado, e devia pensar na segurança da mulher que viajava junto a ele. O caminho bordeava as abas do rio e eram comuns as sudostas que o arrasavam tudo, inclusive carretas ou carruagens que percorriam a zona.

Juan Cruz golpeou o teto da volanta com a ponteira metálica de sua fortificação. O carro se deteve, e todos em seu interior sentiram como se balançou quando o corpo maciço e pesado do Eliseo abandonou o boléia, indo ao chamado de seu novo amo. junto a ele, apareceu a carita jovem do lacaio, que levava em sua mão uma escopeta.

—Eliseo, lhes diga a outros que não continuaremos a viagem. Faremos noite na estalagem dos Fleitas —ordenou Juan Cruz.

—Sim, senhor—respondeu Eliseo, e imediatamente, com um gesto, insistiu ao moço a cumprir a ordem.

Agora que as rodas se detiveram, o silêncio no interior da volanta se fez mais insondável. Fiona seguia lendo. María tecia a um ritmo frenético, e o leve choque metálico das agulhas era o único som que alagava o lugar. Juan Cruz, absorto, mantinha seu olhar naquela mulher teimada em rechaçá-lo com uma indiferença que já começava a lhe resultar incomoda. Agora desejava seus ataques, suas palavras duras e hirientes, seu olhar frio e depreciativo; algo seria melhor que essa mortal indiferença.

depois de reatar a marcha, os carros se desviaram para a esquerda e tomaram um atalho que os conduziria mais rapidamente à estalagem. Já era quase de noite: os espessos nubarrones a ponto de estalar tinham precipitado o crepúsculo. As primeiras gotas, grosas e pesadas, repicaram sobre o teto. A brisa fria que invadiu o interior da volanta e uma gota que lhe salpicou a pele trouxeram para a Fiona novamente à realidade. de repente, seu corpo se ergueu, suas mãos se apoiaram na janela e olhou espantada para a paisagem escura que se desenhava fora.

—Quero que Eliseo entre aqui, conosco. Não deve molhar-se — opinou quando compreendeu que logo a chuva aumentaria.

Juan Cruz a olhou pasmado; um segundo depois, seu semblante pareceu obscurecer-se. O arranque de fúria que o atravessou como uma corrente galvânica, sacudiu seus hábitos autoritários adormecidos.

—De maneira nenhuma —foi a resposta. Seu tom era sério; tinha abandonado o gesto zombador e já não parecia estar jogando com ela.

—Ou o detém você ou o faço eu.

Fiona se tinha estremecido de medo ante a nova atitude de seu marido, mas seu orgulho não lhe permitia ceder. Maria guardou a malha na bolsa e se acurrucó em um rincão; com as mãos entrelaçadas, parecia rezar, morto de medo.

Juan Cruz, por sua parte, ficou-se paralisado. Sentia que a raiva lhe esquentava as bochechas e que a jugular começava a lhe sobressair no pescoço. O que lhe estava acontecendo? Era para tanto? Embora não acostumava a ter considerações com seus servidores, a proposta da Fiona não era tão descabelada; ao fim e ao cabo, Elíseo já era um ancião. Então, por que de repente essa raiva tão profunda? Um pensamento penetrou de repente em sua mente e o enfureceu: perguntou-se o que aconteceria o chofer fora ele; de seguro, Fiona nem se alteraria. Sentiu ciúmes do Elíseo, terríveis, infantil e intratável ciúmes. E isso o pôs pior ainda porque nunca tinha experiente uma sensação semelhante. Sua negra Candelaria, seus amantes, seus amigos, seus serventes, todos se prostravam a seus pés, ele era o centro do universo. Mas aquela jovem, doze anos menor que ele, tinha conseguido pô-lo em carne viva, sem máscaras, sem sua couraça. Tinha conseguido lhe arrancar um sentimento que, por novo e desconhecido, estava-o voltando louco.

—Nem te atreva a deter a volante. Devemos chegar quanto antes a detrás...

Fiona não o deixou terminar. ficou de pé, e agitou com fúria o teto com seus nódulos. Eliseo não teria podido escutar; nesse instante, um estrondo alagou os ouvidos de lodos. Então, Juan Cruz tomou fortemente pelo braço e, atraindo-a, murmurou-lhe perto dos lábios:

—Já me cansaste, menina caprichosa. tratei que te ter paciência, mas seus remilgos de pequena bem me enojaram. Ou permanece em seu sítio, ou te darei uma sova que jamais esquecerá.

Finalmente Fiona compreendeu por que o chamavam "o diabo": a fúria cinzelava em sua cara profundas rugas que lhe deformavam o rosto até convertê-lo no de uma criatura monstruosa. O medo a paralisou. Era a primeira vez que alguém a tratava assim. Nem sequer seu pai se atreveu nunca.

Embora Maria a atraiu para si, em um primeiro momento de Silva não quis largá-la. Depois, com um gesto de profundo desprezo, soltou-a bruscamente, e ato seguido se tornou com todas suas forças contra o

respaldo do assento. Por fim, deixou escapar um grande fôlego que fez tremer às duas mulheres.

Durante o resto da viagem, Fiona permaneceu ovillada sobre o regaço da Maria. Mantinha a vista para baixo e já não tinha desejos de ler. O olhar e o rosto enfurecido de seu marido a tinham perturbado. Uma angustiosa desesperança a alagava; sabia que dentro de algumas horas estariam em casa de Silva, em seu território, no que ele era amo e senhor. Não teria escapatória. Afogou um lamento e fechou os olhos para que as lágrimas não escapassem tão facilmente; não queria humilhar-se ainda mais frente a ele.

Recolheu os pés sob a saia para acomodá-los entre seu tontillo e o assento, tal como a noite em que de Silva a ressaltou da morte. A lembrança a encheu de naufraga; não podia esquecer que lhe tinha salvado a vida. E aquela mesma noite em casa de misía Mercedes tinha conseguido impactá-la. Seu andar sereno, seu cabelo negro, comprido e murcha, bifurcado ao médio por obra de um redemoinho que insistia em partir suas mechas em dois, outorgavam-lhe um ar muito especial.

Chegaram à estalagem. A chuva descarregava todo seu ímpeto sobre a terra, que se tornou lamacenta e escorregadia.

O carro se deteve e de Silva se apeou com agilidade. Já fora, disfarçou-se em sua capa e se encaminhou à hospedaria, não sem antes dar instruções aos choferes. Fiona e Maria permaneceram caladas; acostumadas ao silêncio lhe reinem, resultava-lhes difícil quebrá-lo com o som de suas vozes. de repente, Eliseo, empapado, apareceu sua cabeça lhe jorrem pela abertura do carro.

—Vamos, minha menina. O patrão me pediu que as fizesse entrar.

Fiona apareceu e divisou, entre a espessa cortina de água, uma casa de tijolo cru com teto de palha que se parecia mais a uma pulpería que a uma estalagem. Suas janelas, localizada-se a ambos os lados da porta, deixavam entrever as chamas trepidantes das velas que ardiam no interior. Tragou saliva e suspirou. Só desejava uma cama confortável; estava exausta.

Quase arrastada através da chuva e do vento pelos fortes braços do Eliseo, Fiona ingressou no lugar trastabillando. Retirou de sua cabeça o capuz e enxugou algumas gotas que rodavam por seus olhos. Olhou a seu redor; o panorama era desolador.

A tormenta tinha afugentado a todos os clientes a suas casas; o salão estava completamente vazio. Divisou ao Juan Cruz apoiado sobre

o mostrador, conversando com o pulpero. Para ouvi-los entrar, de Silva volteou e, com ar hierático, cravou-lhes o olhar por alguns instantes; só um momento fugaz, mas suficiente para atormentá-la mais ainda.

A esposa do hospedeiro apareceu depois de um trapo que pendurava de uma abertura à direita do salão.

—Por favor, senhora, aproxime-se do trébede! Aqui está mais calentito. Uy, mas se está empapada! —comentou a mulher ao tomar entre suas mãos a capa da Fiona.

—Obrigado, senhora, mas ela e eu não estamos tão molhadas. É ele o que está passado por água.

Fiona tomou pelo braço ao Eliseo e, virtualmente, arrastou-o até o fogo.

—Seria você tão amável de conseguir um pouco de roupa seca? Eu lhe pagarei...

Não pôde terminar; uma aguda dor no braço a deteve. Juan Cruz cravava seus dedos nela e atraía com força seu rosto para o seu; esta vez o tom foi mais circunspeto que o de antes.

—Fiona, eu arrumarei nossa noite aqui.

"Desautoriza-me uma vez mais frente a meus empregados e estes fonderos e te estrangulo"; ao menos, isso foi o que a jovem interpretou.

Ela e Maria ocupariam uma das duas habitações que tinha a estalagem, explicou Juan Cruz. Na outra se hospedaria ele. Os três choferes e os jovens lacaios se acomodariam no celeiro.

—Não... —murmurou Fiona ao pensar que Eliseo, molhado como estava, passaria a noite sobre um jergón de palha, quase à intempérie. De Silva, ao escutar o murmúrio de sua voz, girou sobre si, desafiando-a com o olhar. Fiona baixou os olhos, curvada.

Comeram algo em uma das mesas do comilão. Maria, sem que ninguém o indicasse, foi sentar-se junto ao Eliseo e os moços. Fiona ficou, pela primeira vez, a sós com seu marido.

Apesar de que não tinha provado bocado em todo o dia, a jovem brincou com a comida que lhe acabavam de servir e não se levou uma só parte à boca. Juan Cruz, em troca, devorou com avidez o guisado, quase sem levantar a vista do prato.

—Deveria comer; está muito magra —comentou de Silva.

Fiona o olhou furiosa. Ao notá-lo outra vez afável e com esse tom mordaz, seu caráter impulsivo ressurgiu.

—Não acredito que a você deva lhe importar minha anatomia, senhor —disse, com os dentes apertados.

Juan Cruz começou a sorrir brandamente.

—OH, sim que me interessa.

fez-se para trás na cadeira, como procurando o melhor ângulo, e se entregou a olhar a Fiona com descaramento. Depois, continuou:

—Embora tenha que confessar que mãe natura te esculpiu mais que harmoniosamente. Tem os vultos necessários, e onde deve os ter.

Seus olhos se cravaram no pronunciado decote da jovem.

—Não seja insolente, maldito depravado! —bramou Fiona com o rosto vermelho. levantou-se da mesa de um salto, cobrindo-se ao mesmo tempo o peito com as mãos.

—Maria, por favor, vamos à antecâmara.

Momentos mais tarde, Juan Cruz entrou na habitação sem chamar. Fiona se levantou como propulsada do bordo do leito e Maria deu um passo atrás, levando a escova de marfim à boca.

—nos deixe a sós.

Fiona observou chateada como Maria se escorria mansamente pela porta, com a cabeça encurvada e a escova ainda sobre os lábios. Furiosa, descobriu que naquele lugar não havia nada apropriado para lhe arrojear.

—Sua educação deixa muito que desejar, meu senhor. Não lhe ensinaram que deve bater na porta antes de entrar em quarto de uma dama?

Juan Cruz sorriu, enquanto jogava uma olhada de pés a cabeça. O cabelo solto lhe caía sobre as costas e os seios, talheres agora por uma bata de lã que se aderira a seu contorno. Caminhou os passos que o separavam de sua esposa. Já perto dela, permaneceu quieto uns instantes, inspirando a fragrância de sua pele. Agora seus olhos percorriam cada centímetro do rosto dela, de seu pescoço, de seus seios. Tomou em suas mãos uma mecha de cabelo tão comprido que quase roçava os quadris da jovem. O levou ao nariz e absorveu seu perfume, fechando os olhos quando o aroma o alagou. De Silva ardia de desejo. Quando a soltou, a juba caiu pesadamente.

Fiona estava alterada. Não podia falar, nem brigar; sentia que as forças a tinham abandonado, e uma estranha sensação de comichão lhe percorria o corpo.

—Realmente crie que devo bater na porta da habitação de minha esposa?

Ela não soube o que responder.

—O que necessita, senhor de Silva? —sussurrou.

Baixou a cara, dando um passo atrás. Juan Cruz lhe levantou a cabeça roçando apenas seu queixo com os dedos. Os aladares que emolduravam o rosto da jovem pareciam dançar ao ritmo do brilho do abajur de sebo, que acentuava ainda mais o tom avermelhado de seu cabelo. Por momentos o tornava quase de um carmim nacarado, e logo seu matiz trocava de mais intenso a mais suave, ao compasso do movimento contínuo da chama.

—O que necessita? —voltou a perguntar Fiona com a voz em um fio.

—O que necessito, perguntas? —De Silva sorriu outra vez—. Só queria te avisar que amanhã, logo que amanheça, sairemos para a estadia. Desejo que para essa hora estejam preparadas; não quero perder um só minuto.

Deu meia volta e abandonou o quarto. Quando Fiona atinou a reagir, de Silva já tinha deixado a habitação.

Capítulo 5

Juan Cruz fechou os olhos. Não desejava dormir: precisava pensar. Fiona, sentada frente a ele na volanta, continuava lendo seu livro de tampas vermelhas, embora sabia que fazia meia hora seu olhar se perdia na mesma página.

casou-se com ela porque queria unir-se a uma mulher de linhagem que lhe tirasse o último vestígio de arrivista. O dinheiro tinha feito muito. Sua estreita relação de mais de vinte anos com Rosas tinha feito outro tanto. De todas maneiras, ele sabia que a gente de ascendência o olhava com desprezo e arrogância por sua origem incerta, por ser um bastardo. Às vezes desejava gritar aos quatro ventos sua verdade; mas não podia, fazia uma promessa.

Não era o olhar altivo das pessoas com linhagem o que lhe incomodava; simplesmente precisava branquear seu sobrenome para que os negócios lhe facilitassem. Além disso, desejava um herdeiro que continuasse o que ele tinha construído.

Por isso a tinha eleito. Ela era da mais alta sociedade portenha, seu avô era um dos pecuaristas mais reconhecidos da Federação, sua tia Tricia tinha contraído matrimônio com um famoso comerciante inglês e vivia agora em Londres. Todas essas coisas o tinham decidido.

Mas, por que insistia nesse raciocínio? Ele jamais se enganou. por que o estava fazendo agora? Ou acaso não recordava o primeiro dia em que a viu? No átrio do Socorro, depois da missa do domingo, com seu vestido de loira lilás claro e a mantilha de encaixe branco que lhe cobria a cabeça e emoldurava as linhas femininas mais belas que ele tivesse visto.

—Nem o pense, senhor de Silva —lhe tinha sussurrado ao ouvido Mercedes Sáenz nessa ocasião—. É inalcançável.

Mercedes Sáenz não sabia que para ele nada era inalcançável. Entretanto, devia reconhecer que por aqueles dias Fiona Malone lhe tinha convertido em uma obsessão. Era difícil encontrá-la nas reuniões, quase nunca ia; jamais percorria a rua da Florida depois de missa os domingos. Mais estranho ainda era achá-la no passeio da Alameda, ao que só concorria em contadas ocasiões para montar seu cavalo, afastada de todos e sem dirigir um olhar ao grupo de gente; jamais assistia a tomar o chá ao da Manuelita as quartas-feiras. A obsessão o levou a averiguar a respeito de sua família. Misia Mercedes o pôs a par da calamitosa situação econômica em que se encontrava seu avô.

Entreabriu os olhos ao escutá-la espirrar. Tinha sido um som curto, delicado, até divertido, como o de um gatinho. Observou-a repassar seu nariz com um lenço de linho e seus modos lhe resultaram tão femininos que não pôde evitar que seu peito se enchesse de uma sensação de orgulho. Fiona era distinta a todas. Sua rebeldia, sua inteligência, sua liberdade, faziam-na diferente. Seus arrebatamentos e ímpetos eram definitivamente divertidos. Além disso, estava ferida porque se sabia comprada e isso tinha jogado por terra seus sonhos românticos; já o tinha advertido misia Mercedes quando lhe expôs seu plano.

E o que lhe importavam os sonhos românticos de uma jovem que nada entendia da vida, que sempre tinha tido tudo em bandeja de prata, que jamais tinha passada fome ou fria? Sua inflexibilidade, sua extrema severidade, inclusive sua crueldade, tinham-lhe merecido a de Silva o

famoso mote: o diabo. Mas ser assim lhe tinha servido, e muito. Seu mundo era distinto, ao conto de fadas no que pareciam estar os meninos e meninas bem da cidade. Viver no meio do campo, entre gaúchos brutos, tendo que ulcerá-las mãos até as ver sangrar nada mais que por uns centavos para comer, e defendendo o pouco que tinha com unhas e dentes, isso não era um conto de fadas. Dirigia o facão como ninguém e era famoso por suas punhaladas certeiras e mortais, que lhe tinham granjeado desde muito jovem o temor e o respeito dos gaúchos e índios dos pampas; seu nome tinha transpassado os confins de suas estadias para chegar além da fronteira.

— Senhor de Silva, estamos chegando!

A voz do laçao ressonou dentro da volanta e sobressaltou às duas mulheres. Juan Cruz não demorou para sair de seu ensimismamento.

— Por Deus e María Muito puro! — exclamou Maria, com a vista cravada na paisagem.

A curiosidade carcomia a Fiona, mas seu orgulho não lhe permitia aparecer pelo guichê. Tinha fechado o livro, que descansava agora sobre seu regaço, e insistia em retorcer o pañuelito de linho entre suas mãos.

— Maria, te deixe já de tanto dramalhão e entra! Não pode ter meio corpo fora do carro — exclamou Fiona em inglês, descarregando toda a tensão na pobre mulher. Maria, sem emitir som, acomodou-se obedientemente ao lado de sua menina. Sabia que quando sua jovem patrã lhe falava nesse idioma era porque desejava que um terceiro não a compreendesse ou porque estava furiosa com ela. Mas a imagem do que acabava de ver voltou a refletir-se em sua retina e, esquecendo a provocação da Fiona, comentou:

— OH, Fiona! Deveria vê-la, é preciosa. — Continuando, e sem olhar ao Juan Cruz, disse —: Senhor, tem você uma casa muito belo.

— Obrigado, Maria.

Fiona teria querido estrangular a Maria. sentia-se traída ao vê-la tratar com tanta deferência a de Silva. E embora a fulminou com o olhar, só obteve da mulher um gesto de descaramento que a deixou atônita.

— Talvez deveria fazer caso a Maria. A vista da mansão se aprecia muito melhor daqui — adicionou Juan Cruz.

— Desgraçadamente para mim, senhor, terei toda a vida para apreciá-la. por que adiantar a tortura?

O sarcasmo do comentário incomodou a de Silva: entretanto não o demonstrou. Ao contrário: fixou seus olhos nela e lhe dedicou um olhar amoroso.

Maria se incomodou pela acidez, das palavras de sua ama. Sabia que podia ser venenosa com as pessoas que lhe desagradavam, mas devia tratar de trocar essa atitude imatura com seu marido.

Fiona jamais tinha visto algo como aquilo. A impressão que lhe causou a mansão de Silva a deixou sem fôlego. Seu rosto deixava entrever facilmente a fascinação que a embargava.

Elíseo a ajudou a baixar os degraus da carruagem. Seus olhos não podiam apartar do palacete que se erguia frente a ela. Era majestoso, parecia a residência de algum rei europeu, uma dessas que via nos quadros que *aunt* Trícia lhe enviava de Londres. Desde dois pisos, muito mais elevada que *os altos do Riglos*, estava claramente dividida em caminhos asas separadas por uma construção circular que finalizava em um teto cônico com uma pequena clarabóia em seu ápice, como se se tratasse de um abrigo. Na parte superior, cada uma das asas possuía várias puertaventanas que davam a um varanda deslocado que as comunicava. O teto era a duas águas, de modo tal que alguém caía para diante e podia ser divisado em sua totalidade, enquanto o outro se perdia por detrás e era difícil vê-lo. O telhado era estranho; de cor negra, brilhava sob a luz do sol e se tornava por momentos de uma cor azul pétrea que logo voltava a converter-se em azeviche. Tempo depois soube que se tratava de uma rocha muito exclusiva chamada piçarra, que seu marido tinha feito trazer de umas pedreiras na Itália. Finalmente, e sobre a cumbrera do telhado, um corrimão o circundava de um extremo ao outro, lhe imprimindo um toque tão especial como estranho para a época. Sua soberba fachada cinza calcária possuía alguns detalhes em tijolos cor terracota que bordeaban os sotabancos das puertaventanas.

Quão único cruzou por sua mente nesse momento foi que jamais poderia terminar de conhecer aquele palacete que se erguia arrogante ante ela. A incrível mansão era uma prova mais do poder e domínio de seu marido, que tanto tinha podido construir essa fastuosa casa como tomá-la a ela em troca de algumas avultadas dívidas. Este pensamento a afogou, e uma sensação de angústia lhe oprimiu o peito.

Várias faxineiras apareceram pela porta principal para receber ao patrão e baixaram solícitas as escadas de mármore até alcançar o caminho de pedregulho no que esperavam as três volantas. Algumas eram negras, outras mestiças, e todas vestiam impecáveis guarda-pós brancos e levavam as cabeças cobertas com lenços vermelhos.

Fiona, ainda de pé perto do carro, divisou entre a servidão a uma negra que se destacava por sua vestimenta. Um traje de seda borravino com detalhes em encaixe cor marfim festoneando o decote, demonstrava que se tratava de alguém especial. Obviamente, essa era a negra que se supunha sua mãe. Mas não podia ser certo; os rasgos do Juan Cruz não apresentavam nem sequer um espionho da raça africana que tão bem caracterizava a mulher. De lábios muito grossos, nariz largo e esmagado contra o rosto, olhos um tanto achinados, frente ampla e cabelo hirsuto e negro, essa mulher não podia ser sua mãe. A divisa ferrou que a negra tinha acomodado no lado esquerdo de sua meio doido era tão vistosa que Fiona sentiu que a sua apenas se via.

De Silva estava afastado, perto da primeira volanta, dando ordens aos outros choferes, quando seu olhar se encontrou com a da Candelaria. Fiona soube naquele instante que seu marido a adorava: jamais havia visto semelhante expressão em seu rosto. Pareceu que os olhos lhe iluminavam como os de um menino frente a um doce, enquanto o sobrececho, sempre franzido, lhe suavizava. aproximou-se de grandes limiões à mulher, que o observava séria, mas não zangada.

— Esperava-te ontem à noite — disse a negra Candelaria com ar de repreensão, provocando o sorriso cúmplice do Juan Cruz, que tomou pelos ombros e a beijou nas bochechas.

Logo, conduziu-a onde Fiona, que não podia apartar seu olhar da dele. De Silva a escrutinava seriamente como lhe dizendo "te atreva com ela e lhe Mato".

— Candelaria, apresento a minha esposa, a senhora Fiona de Silva. Fiona, Candelaria é como uma mãe para mim; espero que a trate com o respeito que merece.

— É um prazer, senhora.

A jovem a beijou em ambas as bochechas, tal como visse fazê-lo a seu marido. sentiu-se estranha ao conferir esse trato tão especial a uma negra; por aquela época eram quase como escravos, mesmo que a Assembléia do ano XIII tivesse abolido essa prática. De todos os modos, tinha a certeza de que com de Silva a seu lado nada voltaria a ser normal.

— O prazer é meu, senhora de Silva — respondeu a mulher, sem dissimular seu desgosto.

As três primeiras noites em La Candelaria, Fiona dormiu no sofá da sala principal. Jamais consentiria em compartilhar uma habitação com de Silva; economizaria-se essa humilhação.

De Silva, por sua parte, tampouco dava o braço a torcer e não lhe permitia ocupar outro dos tantos dormitórios da casa. Ou se instalava no dele ou em nenhum outro.

O matrimônio ainda não se consumou, Fiona não queria compartilhar sua cama e, o que era pior ainda, olhava-o de soslaio e com desprezo. Estava de um humor dos mil demônios e os empregados da estadia eram suas vítimas. Nunca tinha resultado um patrão fácil mas o pagamento era bom, seus campos os mais famosos, e trabalhar em uma de suas estadias ou no salga era uma chave segura para qualquer outro emprego. Agora, estava definitivamente insuportável., jamais o tinham visto assim. Parecia um vulcão a ponto de entrar em erupção, incomodava-se por tonteras e, por momentos, parecia distraído. Era óbvio que se tratava do assunto com a mulher, concluía os peões na ronda do mate, perto do fogo, de noite.

Por fim, a quarta manhã, María despertou de seu incômodo sonho na poltrona. Ao erguer-se, ainda amodorrada e enjoada, todos e cada um de seus músculos estavam contracturados. As olheiras, cada vez mais violáceas, acentuavam-se sob seus olhos avermelhados, e o semblante pálido pela falta de bom dormir dava um aspecto fantasmagórico. Quase não tinha comido; sentia que tinha as paredes do estômago pegadas, e isso lhe provocava uma espantosa sensação de frouxidão.

acomodou-se na poltrona com as mãos sob a cintura e descobriu seu aspecto refletido em um espelho da sala. Quase caiu de costas. Os fios de seu cabelo ruivo estavam murchas e estragadas e tinham perdido seu brilho natural. Sua bata, toda enrugada, já começava a cheirar mau. Durante esses primeiros dias apenas se tinha podido lavar-se um pouco suas partes íntimas com um trapo embebido em água de flores-de-laranja na diminuta habitação da Maria.

—Vamos, minha menina.

Quando Maria a chamava "minha menina" era porque estava sentindo pena por ela.

—A negra Candelaria me há dito que deve te localizar na quarta habitação da asa direita —explicou sua criada.

Fiona a olhou sentida saudades, franzindo o sobreceixo, enquanto mesaba as mechas de sua cabeça.

—Isso te disse? —Observou-a assentir em silêncio—. Pensar que eu sou a senhora da casa, e ela decide o que quarto posso tomar!

—Bom, Fiona, coincide comigo em que não te comportaste justamente como a senhora da casa desde que chegou.

—O que diz! O que pretende? Que durma com ele? Na mesma cama?

Seu rosto refletia a funda perturbação que se deu procuração dela.

—Mas Fiona! Você aceitou te casar com ele. Sabe o que um homem espera de sua mulher. Sua tia Tricia lhe explicou isso... —Maria deixou a frase em suspense.

—*Aunt* Tricia não foi muito explícita com esse tema. Sim, algo me disse mas... Camila tampouco sabe muito, embora pelo menos Lázaro a beijava nos lábios quando eram noivos. Eu, nem isso.

Tinha baixado os olhos e a imagem de Silva e Clelia lhe apresentava agora mais nítida que nunca.

Chegaram ao início da escada de mármore, com seu imponente corrimão de ferro negro e madeira escura. Era a primeira vez que Fiona subia à parte alta; os primeiros dias tinha perambulado entre a habitação de sua criada e os salões da planta baixa. Tinha matado o tempo lendo e escrevendo seu jornal íntimo, em inglês, pelas dúvidas.

Embora não o tinha visto virtualmente nesses dias, havia-se sentido humilhada, inerte e vulnerável frente a seu marido. Ele saía muito cedo pela manhã, minutos antes de que amanhecesse; para quando retornava, já era de noite; passava como flecha para seu dormitório na planta alta e Candelaria lhe levava algo de comer em uma bandeja.

Sabia que a servidão estaria fazendo disso a fofoca do ano. Não lhe importava absolutamente; o que sim lhe importava era que essa fileira de rumores chegasse para ouvidos de sua família e seu avô se inteirasse do plano que seu filho William e de Silva tinham esboçado. Isso seria o fim.

Chegaram à habitação; os baús com sua roupa tinham sido deixados a um flanco. Não queria sequer imaginar o estado deplorável de seus vestidos depois de vários dias de fechamento; estariam mais enrugados que um fole.

Não podia negá-lo: a habitação, ampla como um salão, era deslumbrante. A cama com baldaquino era enorme, como para um matrimônio. "Para um matrimônio." sobressaltou-se. Não seria essa, finalmente, a habitação de Silva? Correu espavorida por volta de um dos roupeiros. María, assombrada, seguiu-a com o olhar. Fiona abriu uma

das portas do armário e comprovou que estava vazio. Suspirou aliviada; se a roupa de Silva não estava ali era porque essa não era sua antecâmara. Quando Maria compreendeu a corrida de sua ama, arqueou uma de suas sobrancelhas com irritação. A seu entender, Fiona estava dirigindo mal as coisas.

—É formosa, não o crie, Fiona?

—Não me parece —mentiu a jovencita, que não podia separar os olhos das paredes forradas com um estranho papel aveludado cor adamascada.

—Por Deus, Fiona! Troca essa atitude, pelo bem teu e o de todos.

A faxineira se dirigiu para ela e, tomando-a pelos ombros, sacudiu-a levemente, como se queria fazê-la entrar em razão.

—O que está procurando? Que seu avô saiba toda a verdade? Isso quer? Porque te asseguro que isso o levará a tumba antes que as dívidas dos campos.

Fiona abriu seus olhos tão grandes que Maria pôde ver dentro deles alguns derrames.

—Isso quer, Fiona? É isso o que está procurando? —insistiu, encorajada ante a evidente vulnerabilidade da jovem.

—Não! Não! É obvio que não.

A sala de banho estava ao lado do dormitório e só se podia ingressar por uma porta situada na parede direita. No centro, havia uma tina de latão transbordante de água quente. O banho lhe sentou de maravilhas; Maria o completou com essências de jasmims e lhe esfregou o pescoço e as duras costas com azeites aromatizados.

Ao sair do toilette, chamou-lhe a atenção uma porta enfrentada, localizada-se na parede contrária. Caminhou descalça para ali. Tentou abri-la, mas estava fechada com chave; quis farejar pelo olho da fechadura, mas algo o cobria do outro lado. Ao fim, deu-se por vencida, e, dirigindo-se à cama, pediu a Maria que acendesse o pebetero de prata que acabava de descobrir.

Se arrellanó entre as almofadas e deixou que seu corpo se relaxasse sobre o colchão. Sentiu que cada osso, cada músculo, cada tendão, acomodava-se novamente em seu sítio, lhe provocando uma estranha sensação, entre prazenteira e dolorosa. Dormiu mais de oito horas seguidas.

—Fiona! Acordada, vamos!

A voz da Maria parecia vir de ultratumba. Estava ainda dormida e as pálpebras lhe pesavam toneladas; não podia abri-los. esfregou-se os olhos. Como na lonjura, escutava os passos pressurosos de sua criada.

Tratou de se localizar a janela de sua habitação: não a encontrou. Mediu com a mão, procurando o lenço em sua mesa de noite, mas a cama parecia não ter fim. Por último, olhou para cima para situar a aranha com perucas que tanto gostava; só descobriu o teto do dossel coberto por uma magra musselina branca.

—Onde estou?

Embora sabia que não estava no dormitório da casa de seu avô a não ser no de Silva, precisou perguntar.

—Encontra-te em casa de seu marido, o senhor dom Juan Cruz de Silva, recorda-o? —replicou Maria, seguindo o jogo.

Por fim, Fiona se incorporou. Sentia uma dor muscular nas costas e a cabeça lhe pesava. Em meio de seu embotamento atinou a reconhecer a Maria, abocada à busca frenética de algo dentro de um dos baús.

—O que faz?

—Vamos, Fiona, te levante. —Foi tudo o que lhe disse, de costas a ela, sem interromper sua tarefa.

—Não quero me levantar; quero seguir dormindo —disse com preguiça e voltou a recostar-se sobre o travesseiro de pluma de ganso.

—Vamos, Fiona!

Esta vez a mulher deu meia volta e a olhou fixamente. Fiona voltou a incorporar-se.

—Vamos, te levante! De Silva mandou dizer que te espera no comilão hoje às oito e meia para jantar —insistiu Maria, enquanto retomava a busca—. Ah, por fim! Encontrei-o! Porá-te este; é muito belo e não está tão enrugado —disse, mostrando em alto o vestido.

—Que de Silva quer jantar comigo? Quem te disse?

—E quem vai ser. Candelaria, pois —respondeu Maria, sem tirar os olhos do vestido—. Anda, te levante. Ainda há muito por fazer. Tenho que tratar de compor um pouco essas olheiras e te arrumar o cabelo; parece um ninho de ratos.

Quando baixou ao comilão, de Silva e Candelaria já estavam sentados à mesa. Ao vê-la entrar, Juan Cruz ficou de pé e saiu a seu encontro; sem dizer uma palavra, ofereceu-lhe o braço para acompanhá-la até seu sítio, ao lado dele e frente a Candelaria. A mulher a observava seriamente, com um olhar carregado de desaprovação. "Não será fácil", pensou Fiona, lhe dirigindo uma olhada furtiva.

Uma vez em seu lugar, pela extremidade do olho tratou de olhar uma vez mais ao Juan Cruz. Seu cabelo escuro brilhava sob a luz das velas por efeito do fixador com o que o tinha penteado, tudo para trás; Fiona, perplexa, teve que admitir que lhe sentava muito bem. Essa noite vestia uma impecável camisa de cambraia branca com punhos de encaixe da mesma cor. Ela odiava os coletes tintos rameados em negro, mas ao Juan Cruz ficava muito bem o seu, talvez pelo contraste com sua pele tão branca e o cabelo tão escuro, talvez pela forma em que contornava seu peito.

Estava nervosa; as mãos lhe tremiam, e lhe punham cada vez mais úmidas à medida que os minutos corriam e ninguém falava. Quando as tripas começaram a lhe fazer ruído temeu que Juan Cruz ouvisse. Tomou sua taça de cristal e bebeu um pouco de *azedo*, mas a acidez da bebida sortiu o efeito contrário: acentuou ainda mais o vazio do estômago e os ruídos de suas vísceras. Tinha desejos de levantar-se e sair correndo sem dar nenhuma explicação, apesar de que lhe tinha prometido a Maria que se comportaria como uma dama.

—A habitação resultou de seu agrado, Fiona?—perguntou Juan Cruz, rompendo abruptamente o silêncio.

—Sim, senhor. —Sua voz soou como um grasnido que a encheu de vergonha; seu rosto ficou de mil cores e, rapidamente, baixou a cara.

Naquele momento uma das faxineiras anunciou a presença de um mensageiro.

—Quantas vezes devo repetir que não devem me interromper quando estou jantando! —vociferou de Silva.

A jovencita tremia, com as mãos apertadas no regaço e os olhos cravados no chão. Fiona, aterrada como se lhe tivesse gritado a ela, pôde sentir ao longo de sua coluna vertebral o pânico que de Silva inspirava. Candelaria, em troca, olhava-o sem alterar-se.

—É um mensageiro de sua excelência, patrão. Pensei que..,

—Está bem, faz-o passar —resmungou.

Juan Cruz, mal-humorado, arrojou o guardanapo sobre a mesa e se incorporou. Ao cabo, ingressou um homem envolto em uma capa vermelha de nanquín rústico, com o clássico gorro ferroou cansado para um flanco que levavam os servidores de Rosas.

—Viva a Santa Federação! —gritou a modo de saudação.

—Viva —disseram ao unísono Candelaria e Juan Cruz sem muito ímpeto. Fiona permaneceu calada.

—boa noite, dom de Silva. Senhoras... —inclinou sua cabeça, primeiro em direção a Candelaria, logo a que certamente seria a senhora de Silva.

—O que o traz por para cá, Cosme?

—você desculpe a hora, dom Juan Cruz. Mas sua excelência o governador envia a você uma missiva que pediu seja respondida agora mesmo, assim eu levo a resposta antes do amanhecer.

O homem estendeu a mão ressecada e gretada pelo frio e lhe entregou um sobre lacrado com o selo de Rosas. Juan Cruz quebrou o ato de lacre, abriu o sobre e retirou um papel cor giz dobrado em dois. Candelaria ficou de pé e abandonou o comilão sem dizer uma palavra. Fiona a observou partir com os olhos dilatados pela surpresa. Juan Cruz, que parecia não haver-se precavido da escapada da mulher, continuou enfrascado na leitura da carta.

Ao cabo de uns minutos, a negra retornou com um tinteiro, uma pluma e uma barra de lacre que depositou sobre a mesa. Juan Cruz, que acabava de finalizar a leitura da missiva, tomou a pluma, embebeu a ponta no tinteiro de bronze e começou a rabiscar algumas palavras na folha cor giz. Fiona ficou atônita; parecia que de Silva e Candelaria podiam comunicar-se com apenas olhar-se, era estranho vê-los juntos. Sentiu certa inveja e ciúmes dessa mulher que tanto conhecia seu marido e que, mais que amá-lo, parecia idolatrá-lo.

—lhe diga a Carmelita que te dê algo bem quente para comer e um pouco de vinho antes de partir. Lhe peça ao Celedonio que te troque o cavalo, o teu deve estar esgotado—ordenou de Silva ao mensageiro, enquanto derretia o lacre em uma das velas dos candelabros de prata. Continuando, estampou o selo de seu anel e lhe entregou o sobre.

—Obrigado, dom Juan Cruz. Obrigado e boa noite. —Olhou às damas e novamente saudou com a cabeça.

—boa noite. —Esta vez, responderam os três.

O jantar foi servida. Tudo estava delicioso, mas Fiona quase não provou bocado.

—Não lhe gostou da comida, senhora? —perguntou Candelaria, seria como sempre e com tom imperioso—. María me disse que o pudim de espinafre é um de seus pratos prediletos.

—A comida é toda deliciosa —se apressou a responder Fiona—. Mas não tenho muita fome por estes dias.

—Está muito magra. Deve comer para estar forte, senhora.

O comentário da Candelaria soou mais como ordem que como sugestão.

—Necessita algo mais em seu quarto? Deixei toalhas no roupeiro do penteadeira e mais lençóis nas gavetas do armário.

—Obrigado, Candelaria. Tudo está bem. —Fiona se levou a taça aos lábios para não ter que falar mais. Pressentia que em qualquer momento cometeria algum engano do que se arrependeria.

Juan Cruz, que observava alternadamente a uma e a outra, não pôde deixar de perceber a tensão entre elas.

—Juán Cruz, vais tomar o mate como sempre no estudo?

"Juan Cruz, vais tomar o mate como sempre no estudo?". Fiona repetiu em sua mente uma a uma as palavras da Candelaria com o tom mais zombador. Uma raiva incompreensível a alagava cada vez que a negra tratava com tanta familiaridade a seu marido. Era evidente que conhecia cada um de seus segredos e costumes. Sabia bem o que gostava e o que odiava, suas preferências e seus deleites. Ela, em troca, não sabia nada dele.

—Não, Candelaria. Manda preparar o salão azul. Tomarei um conhaque ali junto à Fiona.

Juan Cruz olhou a Fiona de flanco e seus olhos se encontraram por um instante. As pálpebras da jovem bailotearon, sem saber o que fazer. Finalmente, deixou que seu olhar se perdesse outra vez em algum bordado da toalha.

—Faz dias que não abrimos esse salão... —comentou Candelaria—. Deve estar gelado, Y...

—Não importa, que levem o braseiro —ordenou ele, sem tirar a vista do cabelo de sua mulher.

Fiona parecia ter perdido a acidez dos últimos dias; não usava palavras acres e estava um pouco mais serena. Juan Cruz tinha cedido outro tanto; em grande parte, pelos rogos da Candelaria que, embora não adorava a muchachita, tampouco podia vê-la dormir em um sofá ou perambular pela casa como alma em pena sem ter piedade dela. Além disso, já não suportava a fofoca das faxineiras.

Fiona ficou pasmada ao entrar em salão. Nem sequer misia Mercedes tinha uma habitação como essa em sua casa. Acabavam de iluminá-la e as velas acesas refletiam sua chama sobre as perucas da aranha e miríades de luzes iridescentes sulcavam a sala de ponta a ponta. O empapelado azul escuro chegava até a metade das paredes, que finalizavam em uma estucado cor cinza clara, quase branco. O piso

de madeira, de um tinteiro escuro, ressonava à medida que os botas de cano longo da Fiona avançavam. Os móveis de mogno escuro eram de estilo inglês e os canapés estavam estofados em um tecido adamascado amarelo muito tênue. O piano foi o primeiro que atraiu sua atenção. Com taconeos curtos e pressurosos, chegou até ele; apoiou a ponta dos dedos sobre a madeira brunida da cauda e acariciou a superfície.

—Mandei-o comprar para ti antes de nos casar. Disseram-me que toucas o piano melhor que Favero. —A voz profunda do Juan Cruz carregou o ambiente de uma tensão intratável—. E como nunca acessou a tocá-lo em casa de seu avô, pensei que talvez agora... bom...

A frase ficou em suspense. Fiona, de costas a ele, não disse nada.

Nesse momento, entrou no salão uma faxineira. Trazia, em uma bandeja, uma garrafa de cristal, duas taças e uma cesta de filigrana com pastelitos de pêssego.

—Branca, fechamento a porta.

A doméstica fez uma reverência antes de trancar as duas folhas de madeira quase sem fazer ruído.

—Jamais pede as coisas “por favor”, senhor?

—Não —respondeu Juan Cruz, divertido.

Fiona continuou calada, investigando as paredes do salão, carregadas de quadros de grande beleza e mestria.

—Fiona, poderia tocar algo para mim, “por favor”?

Os olhos faiscavam a de Silva, e seus lábios se curvavam em um sorriso picaresco. Fiona deu meia volta para olhá-lo, surpreendida pelo de “por favor”. Não pôde advertir o gesto divertido de seu marido, que agora, enquanto servia a bebida, dava-lhe as costas. Um momento depois, quando chegou até ela para lhe oferecer a taça, seu rosto estava tão sério como de costume.

—Quantos “por favor” mais devo dizer antes de que toque algo para mim no piano? —perguntou, ao tempo que lhe alcançava o gole.

Ela se molhou apenas os lábios: a bebida lhe resultou muito forte. Deixou-a sobre uma mesa. encaminhou-se ao piano e se sentou frente a ele. Levantou a tampa e admirou por uns instantes as teclas novas e reluzentes. Fez ranger seus dedos, e logo brincou uns segundos, provando sons e acordes. Perfeito.

De Silva, enquanto isso, acomodou-se em um confidente, e taça em mão, preparava-se a escutá-la tocar. As primeiras notas chegaram a seus ouvidos e fechou os olhos; parecia-lhe que assim podia as escutar melhor. Pouco a pouco, a melodia foi entorpecendo-o, lhe transmitindo

uma sensação de paz e harmonia. Imaginou que os lânguidos dedos da Fiona se enchiam de vigor e descarregavam todo seu ímpeto sobre as teclas. Imaginou que o gesto ousado de seu magnífico rosto, concentrado agora na melodia que tão magistralmente estava executando, permutava-se em uma expressão angélica como a que lhe visse alguma vez. Imaginou que suas mechas de cabelo cor fogo escapavam do meio doido e bailoteaban enlouquecidos sobre suas têmporas. Imaginou seu peito agitado e seus lábios apertados, Y...

Quase, como um autômato, chegou onde ela e lhe posou a mão sobre o ombro, nu e suave ao tato como veludo. O roce desses dedos a sobressaltou e deixou de tocar. De Silva a sentiu estremecer-se com seu contato.

— Não deixe de tocar. — A voz dele soou tensa e torturada.

Com menos brios que antes, Fiona retomou a melodia, mas a mão do Juan Cruz sobre ela a tinha em velo. Sentia que seu coração palpitava alocadamente e sua respiração se acelerava. Sentia no estômago o mesmo comichão que tanto a tinha aflito quando passaram a noite na estalagem, uma sensação estranha que antes nunca havia sentido, e uma ansiedade que se contrapunha com o ódio que aquele homem lhe inspirava.

Juan Cruz não suportou mais: rodeou com suas pernas os quadris da Fiona e ficou sentado escarranchado detrás dela. Os sons do piano se cortaram em seco; o profundo silêncio que seguiu denunciou a agitação em que ambos estavam sumidos. Com um movimento automático, a jovem se correu para frente, até o bordo do tamborete.

Fiona sentiu que sua mente começava a girar vertiginosamente. Seu peito subia e baixava, sua garganta se ressecou e já não sentia as pernas. O que sim sentia sobre suas nádegas era a potente e ereta virilidade do Juan Cruz.

As teclas retumbaram quando, desde atrás, de Silva entrelaçou seus dedos com os dela, inertes sobre o piano, e a envolveu com seus musculosos braços. Ato seguido, Juan Cruz afundou o rosto no cabelo da Fiona. Inspirou profundamente e se encheu de essências balsâmicas que despertaram nele um desejo irrefreável. Tomou o pescoço de sua mulher com ambas as mãos e o beijou com umas ânsias que alimentavam ainda mais sua paixão.

A garganta da Fiona se contraiu convulsivamente quando sentiu as mãos ásperas do Juan Cruz. Estava assustada, morto de medo. Jamais

tinha experiente semelhante intimidade com um homem. Sentia que o fôlego de seu marido lhe queimava o pescoço.

—Fiona...

A voz do Juan Cruz a assustou mais que nunca. Como pôde, liberou-se da pressão que a mantinha apanhada contra o piano; espavorida, abandonou o salão azul.

Estava a ponto de alcançar o patamar da escada quando a seus ouvidos chegaram, magnificamente executados, os primeiros acordes de uma sonata do Mozart.

—Saia, Maria. — Depois de uma pausa, adicionou—: Por favor.

Juan Cruz ingressou pela porta que se elevava na parede esquerda do quarto da Fiona. Evidentemente, a habitação contígua era a sua.

Ao escutar sua voz, Fiona emergiu dos braços da Maria que, desde fazia uns minutos, consolava-a. Tinha o rosto avermelhado e as pestanas empapadas. A criada a separou de seu regaço e a deixou sozinha ao bordo do leito.

Uma vez que se certificou de que a criada estava fora e a porta tinha sido fechada Juan Cruz se aproximou dela. Com os cabelos revoltos e o engominado perdido, mechas caprichosas lhe caíam agora livremente sobre o rosto. tirou-se o colete rameado e levava a camisa fora da calça, aberta até a metade do peito.

O que lhe estava acontecendo? por que com ela não podia? Era seriamente inalcançável? Estava enlouquecendo; pressentia que se não a fazia sua algo exploraria dentro dele. Mas não queria machucá-la. Por Deus! A fim de contas, só tinha que arrojá-la sobre a cama, lhe abrir as pernas Y... Sim, assim era sua natureza, embora o que parecia ser sua própria essência lhe voltava em contra quando se tratava da Fiona.

—Fiona... — Tentou que sua voz se ouvisse tranqüila e doce.

A jovem levantou o olhar choroso fixando-a na dele. Parecia um animal ferido disposto a qualquer ardil com tal de defender-se.

—Fiona... É minha esposa.

Não sabia o que dizer. Jamais lhe tinha faltado eloquência; ninguém se atrevia nunca a refutar seus agudos e convincentes argumentos. Fiona, em troca...

Tentou tomá-la pelo braço. A jovem se separou dele como se sua mão a tivesse queimado. Deu um coice e se escabulló pela cama para o outro setor da habitação.

—Nó se atreva a me tocar! —Escondida, Fiona tinha o olhar atento procurando a melhor oportunidade para escapar.

—Já me cansei de seus caprichos, Fiona Malone! Suportei-te mais do que minha mente pode compreender. encheste minha paciência!

De novo a fúria esculpia em seu rosto esses sulcos profundos que o convertiam em outro ser: um ser diabólico e poseído. Fiona tinha começado a tremer; não sabia o que fazer para afugentar o de seu quarto.

—Para que saiba, de Silva, você não é meu primeiro homem! — gritou, em um intento desesperado por ganhar tempo.

O infantil da suposta confissão fez rir a gargalhadas ao Juan Cruz. Agora, seu rosto se suavizou e já não parecia o monstro que tanto a assustava. Entretanto, era evidente que não tinha intenção de abandonar o dormitório.

—Isso já o veremos —disse ao cabo, com os olhos fixos no decote da Fiona.

—Não há nada que ver, senhor! Eu o estou dizendo!

—Assim não há nada que ver... —repetiu ele, com ironia.

A expressão de desconcerto de sua mulher o deixou atônito.

—Realmente é mais candida do que imaginei, meu amor — concluiu, e avançou para ela.

Fiona não o suportou mais e tratou de escapular-se da habitação. Mas não foi suficientemente rápida. Com um ágil salto, Juan Cruz lhe fechou o passo, e em um instante a teve apanhada em seus braços. Fiona se debateu com fúria entre aquelas tenazes, desesperada-se por escapar. Seu ímpeto começou a desvanecer-se quando entendeu que de Silva era imensamente mais forte que ela. Seus músculos eram zunchos que a apertavam contra seu peito até sufocá-la. Uma sensação de raiva fez afluir as cores a suas bochechas. Estava vencida, humilhada, e não podia olhá-lo pela vergonha. Não queria perder essa batalha. Começou de novo a lutar, em um último intento por tirar-lhe de cima. Mas Juan Cruz a sujeitou mais forte ainda, até machucá-la.

—Fiona... deve aprender a te relaxar. Não vou fazer te danifico; somente quero fazer o amor contigo. Sou seu marido, é meu direito.

—Direito adquirido como todo um cavalheiro, verdade?

Foi mordaz e deu justo no branco: conseguiu ferir seu amor próprio. Mas não conseguiu que a soltasse; ao contrário: arrastou-a sem o menor esforço até a cama e a depositou brutalmente ali, como quem arroja um costal de batatas ao chão.

A cabeça da Fiona elevada no ar e seus cotovelos afundando-se no colchão, as pontas do cabelo roçando a manta e o decote deslocado da camisola deixando entrever a perfeição dos seios, esses olhos que não cessavam de olhá-lo e a boca entreaberta deixando escapar um ofego irreprimível, tudo naquele momento o avivava.

Fiona estava paralisada. Assim, sem poder articular palavra, viu como Juan Cruz se tirava a camisa e se desfazia logo da calça. Viu o peito nu de seu marido, empapado de suor que o fazia brilhar a pele. Apartou a vista e viu na parede a sombra dos músculos de seu torso.

Então, seus olhos se encontraram com os dele, enigmáticos e profundos, e nesse instante Fiona compreendeu que a olhava em uma forma estranha, completamente nova, e advertiu que esse olhar parecia despertar nela sentimentos desconhecidos. E esses sentimentos, teve que admiti-lo, não lhe resultavam desagradáveis.

Um comichão a percorreu quando Juan Cruz começou a aproximar-se dela, quase nu; uns calções curtos rodeavam suas pernas cobertas por um espesso pêlo negro e essa proximidade inquietante arrancou um gemido afogado a sua garganta. De Silva o escutou, e em sua boca, uma vez mais, desenhou-se esse sorriso entre divertida e zombadora. Fiona tratou de escapular-se pelo outro flanco da cama; Juan Cruz a sujeitou pela perna e a arrastou para ele com facilidade.

—Não, por favor... me deixe— sussurrou Fiona, tratando de afastar-se.

A voz lhe quebrou ao sentir o peso de seu corpo sobre ela. Com doçura inesperada, Juan Cruz começou a lhe acariciar o rosto, enquanto lhe dedicava uma dessas olhadas que tanto a desconcertavam.

—me deixe, o peço por favor —insistiu a jovem, sabendo que era em vão.

—Não, Fiona, não. Esta vez sou eu o que te pede por favor — sussurrou ele. Beijou-lhe o pescoço e o aroma de sua pele o enlouqueceu. Habilmente, suas mãos a despojaram da camisola—. Por favor, meu amor, por favor... Fiona... —voltou a sussurrar.

Fiona já não podia lutar. Sua mente tentava ordenar a seus braços, a suas pernas, a seus dentes, que defendessem sua dignidade, mas uma força desconhecida estava dobrando sua vontade.

—me deixe, o suplico... —murmurou-lhe ao ouvido, já sem convicção—. Não me toque, por favor...

—Fiona... É tão formosa... Desejo-te tanto...

Era evidente que Juan Cruz de Silva não a escutava. Estava extraviado em um mundo de sensações. Centenas de vezes tinha fantasiado com ela nua, como agora, mas nunca tinha imaginado a extrema magnificência de seu corpo. Cada centímetro da pele de sua mulher era sua maior fortuna, seu maior Conquista. Por isso, tocava-a com suavidade, como se temesse danificá-la, ou talvez manchar sua perfeição.

—me deixe te mostrar, Fiona...

Os lábios do Juan Cruz procuraram desejosos os dela, e pela primeira vez sentiram sua carnosidade. Sua língua se abriu passo entre os dentes apertados da jovem e tentou sem êxito brincar com a dela.

Fiona sentiu que o mundo girava alocadamente quando as mãos dele se fecharam brandamente sobre seus peitos nus. E a vertigem cresceu quando uns dedos peritos roçaram seus mamilos endurecidos como se se tratassem de inapreciáveis gema.

Juan Cruz não suportou mais. O arremesso não pôde ser lenta: estava transtornado pelo desejo que o consumia. Sabia que para ela era sua primeira vez, mas não podia esperar. As unhas da Fiona se cravaram em suas costas e um grito de dor que se fez vivo nela, destroçou-o por dentro.

—Já está, meu amor, já passou... —sussurrava Juan Cruz, respirando com dificuldade sobre os lábios dela—. te Relaxe, Fiona. te relaxe e verá.

Fiona, transida de dor como estava, não podia tirar os braços das costas de seu marido. depois de sentir esse rasgão, tinha permanecido hirta sob o corpo do Juan Cruz, que, entre gemidos e ofegos, parecia não poder deixar de mover-se dentro dela.

de repente, algo ocorreu; sentiu que uma energia sulcava como um fluido veloz suas zonas mais íntimas, e isso a assustou; assustou-a porque a encheu de gozo, de um muito estranho prazer que a incitou a friccionar a pélvis contra o corpo de Silva. Mas não, não queria fazê-lo... não devia fazê-lo.

Fiona abriu desmesuradamente os olhos quando de Silva curvou o corpo para trás, separando o torso de seu peito, e levou a cabeça para cima, como em transe. O homem soltou um grito profundo, dilacerador, semelhante ao de um animal ferido de morte, que a estremeceu de susto. Os braços de Silva se esticaram aos flancos de seu rosto, os músculos lhe remarcaram sob a pele transpirada e seus rasgos apolíneos se deixaram ver quando, por fim, caiu exausto sobre o corpo nu dela.

Fiona sentia que o peito do Juan Cruz se sacudia e chocava ritmicamente contra seus seios. Aos poucos instantes, de Silva se retirou de em cima dela, tendeu-se a seu lado, e se cobriu a cara com o antebraço esquerdo. Ainda estava agitado.

A jovem o observava atônita. Não sabia o que fazer; se fazia algo depois disso? deu-se volta e contraiu instintivamente o corpo; pegou os joelhos ao peito, escondeu o rosto e ocultou as mãos sob o queixo. Nesse momento, sentiu uma umidade fria entre as pernas, um líquido meio pegajoso que jorrava lentamente. Ao descobrir do que se tratava, proferiu um alarido tão estremecedor que arrancou bruscamente ao Juan Cruz de sua letargia.

—Não deve preocupar-se! É absolutamente normal! —disse-lhe, ao descobrir a causa de seu pânico.

O homem se incorporou e tratava de voltar o rosto da Fiona para o seu, mas a jovem, que não podia conter seus soluços, insistia em mantê-lo oculto atrás de suas mãos ensangüentadas.

—Assim que ninguém lhe explicou isso... —De Silva não podia acreditá-lo. Ela parecia tão segura de si, tão inteligente e cultivada—. É normal a primeira vez que o faz. Depois, nunca mais volta a passar.

Fiona não queria escutá-lo.

—Vá-se... Vá-se, por favor —disse entre suspiros—. Por favor...

Quando Juan Cruz abandonou a habitação, sua esposa não cessava de soluçar. antes de fechar a porta, voltou seu olhar e a viu feita um bollito, acurrucada entre os lençóis, com o cabelo esparsos detrás dela. O coração lhe contraiu, mas outra sensação mais grata o embargou.

Depois, de Silva se tendeu em sua cama, com o olhar fixo no céu raso, os braços estendidos para trás lhe servindo de travesseiro, um charuto que se consumia em seus lábios, e a imagem dela em sua mente ainda excitada.

Na hora do jantar, quando Juan Cruz se apresentou no comilão, só Candelaria o esperava sentada à mesa.

—Onde está? —quis saber.

—desculpou-se com a Maria. Diz que não jantasse porque não tem apetite. —A negra parecia medir cada palavra; tinha advertido que Juan Cruz tinha cara de poucos amigos—. Não tem que ser nada. Deve sentir-se um pouco cansada, já sabe, o ar de campo...

Candelaria tentava suavizar as coisas. Dias atrás tinha havido outro escândalo, quando Juan Cruz descobriu que Maria lhe estava levando o café da manhã à cama.

—Nada de frivolidades em minha casa —havia dito a Fiona com dureza—. Desde manhã, toma o café da manhã no comilão, como todos, às sete em ponto. —Sem dizer mais, retirou-se, deixando às duas mulheres boquiabertas.

—Talvez esteja um pouco... —começou a balbuciar a negra; mas de Silva já não a escutava.

Subiu os degraus da dois, e rapidamente esteve na planta superior. Caminhou a passo rápido pelo corredor, chegou a seu quarto, e se plantou frente à porta que comunicava as habitações: procurou abri-la. O único ferrolho estava de seu lado, totalmente aberto; não entendia por que a porta não cedia.

Depressa, saiu ao corredor e tentou entrar pela porta principal do quarto de sua esposa, mas tampouco pôde. Provou várias vezes o trinco, mas nada.

De dentro, Fiona seguia com ouvidos atentos e os olhos muito abertos cada um dos movimentos de Silva. Não lhe seria tão fácil entrar em seu dormitório esta vez. Com uma das cadeiras tinha trancado a porta comum, colocando-a reclinada em duas de suas patas sob o fecho; na outra, a que dava ao corredor, tinha jogado a chave que Maria tinha conseguido lhe arrancar a contra gosto a uma das faxineiras.

Desde sua cama, escutava os inúteis esforços do Juan Cruz e seus olhos pareciam sorrir satisfeitos. sentia-se divertida com a situação, e ao mesmo tempo um pouco estranha. No mais recôndito de sua alma desejava que seu marido sorteasse cada uma das ciladas que lhe tinha tendido. Queria lhe ver o rosto, certamente encarnado de fúria depois que abrisse a porta, para assim poder rir na cara com ironia e desprezo.

Por uns segundos, os intentos cessaram e Fiona se sentiu decepcionada.

Um momento depois, o estrondo que produziu o golpe do Juan Cruz sobre a porta lá sacudiu. A cancela de madeira golpeou totalmente contra a parede: virtualmente se saiu de suas dobradiças. O espelho que recebeu o impacto caiu feito pedacinhos, o que adicionou um pouco mais de escândalo à cena. Juan Cruz, com o rosto avermelhado e desenquadrado, não caiu de bruces por milagre. Tinha descarregado sobre a porta todo o peso de seu corpo.

Fiona, boquiaberta, observava como seu marido recuperava o ar. Rígida, sentada no leito, presenciava a cena com a metade do corpo coberto pelos lençóis.

Viu-o aproximar-se até os pés da cama Seus olhos, carregados de ódio, pareciam vermelhos. Suas sobranceiras, unidas em uma mesma linha, tinham recuperado esse aspecto satânico que conseguia imobilizá-la e emudecê-la. Pressentiu que se aproximava seu fim.

Juan Cruz chegou ao extremo do leito e, sem tirar seu olhar dos olhos da Fiona, sacudiu no ar os lençóis que a tampavam, deixando-a ao descoberto. Sem lhe dar tempo a nada, tomou pelos tornozelos e a arrastou para ele como se se tratasse de uma boneca de trapo. Fiona gritou de terror.

As pernas ficaram pendurando a ambos os flancos do corpo do Juan Cruz que, ao bordo da cama, erguia-se colossal frente a ela. Desde essa perspectiva, parecia um gigante. sentiu morrer quando lhe aproximou o rosto ao dele e tomou pelo pescoço. Tratou de baixar a vista: não suportava olhá-lo.

—Ah, não, minha senhora! Agora me vai olhar direto aqui — exclamou Juan Cruz, lhe tirando a mão do pescoço por um segundo, e destacando o sobrecenho. E como ela insistiu em não olhá-lo, levantou-lhe o rosto, pressionando com seus polegares sob o queixo.

—Se não desejar que te faça o amor —murmurou com ódio—, não o farei; mas diga-me o de frente e não atue como uma menina malcriada e torpe.

Juan Cruz permaneceu uns instantes mais sustentando a cara da Fiona; ela sentia que sua respiração lhe golpeava a pele. Pensou, aterrada, que com um movimento de suas mãos poderia lhe quebrar o pescoço. Mas não o fez.

Quando se separou dela, disposto a sair, seus olhos se chocaram com os serventes da mansão, entre eles María e Candelaria, que contemplavam atônitos a cena da porta.

—Fora! Fora daqui, corvos malditos! — gritou, fora de si.

Todos se fizeram fumaça.

antes de sair, divisou a cadeira que impedia o acesso pela entrada comum. aproximou-se dela lentamente. Logo, deu a volta, cravou seus olhos nos da Fiona, e lhe sorriu sarcásticamente.

—Muito engenhosa —disse, com expressão turva. A madeira da cadeira rangeu com o chute que o propinó de Silva, que a desencaixou do trinco, e a enviou a vários metros de distância.

Fiona lançou um grito dilacerador, e um momento depois rompeu em um pranto amargo e lastimero.

—Acredita que lhe tenho medo! —bramou no momento em que Juan Cruz transpassava a porta—. Acredita que lhe temo porque pode me matar com uma só mão! Não, não!

De Silva se deteve sob o dintel.

—Odeio-o, maldito de Silva! Odeio-o com toda minha alma! E você sim deve ser o mesmo diabo como dizem, porque isto se converteu para mim no inferno!

Sem sequer olhá-la, Juan Cruz abandonou a habitação.

Com as palavras da Fiona ainda lhe golpeando os ouvidos, Juan Cruz saiu ao corredor. Já não havia ninguém ali; os serventes tinham desaparecido.

Baixou a passo rápido a escada e deu uma portada ao ingressar em seu escritório. deixou-se cair no sofá, e ocultou o rosto entre as mãos. de repente, incorporou-se e foi direto à bandeja com o conhaque. serve-se uma taça e a esvaziou de um gole. Logo, sem alterar-se, apurou outras três taças mais. Finalmente, voltou para sofá, recostou-se, e fixou a vista no céu raso.

Tratava de entendê-la. Queria fazê-lo, mas não podia. Não conseguia ordenar seus pensamentos. Estava muito humilhado e ferido para controlar-se. Sabia que se retornava à habitação da Fiona era capaz de estrangulá-la. Golpeou com rudeza o piso de madeira e proferiu um insulto. Depois, levantou-se do sofá e abandonou o estudo.

Viu a porta do salão azul entreabrida e o piano que tinha comprado para ela. Um calafrio recorrio seu corpo ao recordar aquela primeira noite. Tudo tinha começado ali. A silhueta da Fiona, formosa e tentadora, reaparecia frente a ele, sentada nesse tamborete, descarregando sua paixão sobre as teclas novas do piano. Voltou a ver seu rosto concentrado, sua boca entreabierta, e a escutar os lembre harmoniosos que acompanharam o despertar de seu irrefreável desejo. Alcançou depressa a porta principal e abandonou a mansão. O frio da noite lhe golpeou o peito, mas não lhe importou. de repente, o som do violão dos peões alagou seus ouvidos; decidiu seguir aquela melodia até que a cor alazã do fogão apareceu uns quantos metros mais à frente. Só desejava escutar a música, de modo que se manteve afastado, médio escondido. Entretanto, tampouco assim pôde deixar de pensar na Fiona. Cada lembrança voltava para sua mente açoitando-o cruelmente. por que tinha travado as portas? por que se tinha encerrado? por que não o desejava? por que não era amável e doce com ele? As perguntas sem

resposta lhe provocavam uma sensação de tristeza e vazio que nunca havia sentido.

Quando voltou a olhar para o grupo de peões, as cordas do violão já não soavam e o fogo se extinguiu.

Capítulo 7

depois da noite em que Juan Cruz rompeu a cadeira e a porta da habitação de sua esposa, não se soube nada dele por várias semanas.

À manhã seguinte, Fiona despertou de muito mau aspecto. Tinha passado uma noite terrível, dando voltas na cama sem poder fechar os olhos sequer um instante. O pranto e a angústia faziam que a noite parecesse mais escura ainda. Em algum momento ouviu ruídos na habitação do Juan Cruz. Uma portada, uns passos; depois, nada mais.

Apesar de tudo, às seis e meia esteve em pé para não faltar à entrevista do café da manhã. Não lhe desagradava, absolutamente. Era um momento de fruição para ela; gostava de observar aos capatazes e aos peões que desfilavam um a um ante o Juan Cruz, com a cabeça encurvada, a boina de felpa entre as mãos e os pés indecisos ao transpassar o vão da porta, enquanto eles se deleitavam com o melhor café com leite e os manjares mais deliciosos.

—Viva a Santa Federação! —gritava-lhes de Silva, sem dar-se volta. Sua voz profunda e viril, que enchia a habitação, arrepiava-lhe a pele.

—Celedonio, que selem meu cavalo. Sairemos a preparar o rodeio, terá que separar o gado para a feira —ordenava, sem olhá-lo.

—Sim, dom Juan Cruz —respondia submisso o capataz.

—Miranda, já está preparado o gado para a feira?

—Estamos com o Pi...

—Está ou não está?

—Não, dom Juan Cruz.

—Melhor que esteja tudo preparado antes que termine este café da manhã e vá aos currais. Agora, sal daqui.

—Sim, dom Juan Cruz.

O domínio que tinha sobre essa gente era incrível; a pesar do temor que lhe tinham, o respeito que lhe professavam era total. Fiona se sentia extrañamente orgulhosa disso.

Às sete, tal como seu marido o tinha ordenado, baixou as escadas rumo ao comilão. Vestia um traje de seda verde Nilo com uma bata de fofoqueiro em gaze da mesma cor que se ajustava a seu corpo, delineando as formas. Sabia que o avivaria. Os contornos de suas facções se destacavam melhor ainda com o meio doido: um só coque, algo estranho para a época, que se levantava sobre o cocuruto, adornada com florinhas de seda. Os cachos de cabelo, que lhe caíam ao redor do pescoço e sobre as costas, balançavam-se ao ritmo de seus passos.

—bom dia, Candelaria —saudou, com tom despreocupado. Chamou-lhe a atenção que Juan Cruz não tivesse chegado ainda; mas por muito que lhe picasse a curiosidade estava decidida a não perguntar.

—bom dia, senhora de Silva —respondeu friamente a mulher.

Fiona se sentou no sítio de sempre e advertiu que no lugar de seu marido não havia nada. Nem taça, nem prato, nem guardanapo. Nada. Teria tomado o café da manhã já? Não perguntou.

Uma das faxineiras ingressou no salão com uma cafeteira de prata e lhe encheu a taça. Tomaram o café da manhã em silêncio. Nenhuma das duas disse uma palavra e mantiveram seus olhares desviados para não enfrentar-se a uma com a outra. Fiona, por orgulho. Candelaria, por raiva.

Esse dia, e os que seguiram, não resultaram tão desagradáveis para ela depois de tudo. Desde que chegasse à estadia quase nunca tinha saído; por isso, a partir de então, todas as tardes pedia ao Eliseo que lhe selasse seu cavalo e, junto a ele, saía a percorrê-la. Era fastuosa, mais do que ela se imaginasse, mais que as de seu avô, que eram das mais importantes da Confederação.

Eliseo estava muito contente ali. Tinha passado quase toda sua vida no campo, e agora, por fim, estava de volta em seu querência. Ao nascer a menina Fiona e antes de que falecesse sua mãe, dom Sejam lhe pediu que se transladasse à cidade a viver com eles na mansão da rua Larga. Nesse momento, com duas meninas na casa, fazia falta mais serviço. Embora não duvidou um minuto em ir ao pedido de seu velho patrão, lamentou ter que abandonar o posto de capataz que ostentava desde fazia anos em uma das estadias maiores do Malone. De todas formas, afeiçãoou-se tanto com a Fiona que jamais voltou a pensar em

retornar ao campo. Agora tudo parecia haver-se acomodado; estava trabalhando em uma fazenda importante, junto à menina Fiona e junto à María, seu amante de muitos anos. Depois de tudo, de Silva não era tão mau patrão. Não era um tipo fácil, certamente. Dizia as coisas uma vez e terei que as fazer tal e como ele as tinha pedido. Não se podia falhar; melhor, desaparecer. Tinha-o visto castigar duramente com sua vara a um peão por ter extraviado dois bezerros do rodeio que mais tarde foram encontrados mortos, destroçados por alguma animalia. O homem, humilhado e cheio de ódio, tinha tirado seu facão com a intenção de ferir o Juan Cruz, mas este, com a velocidade de um raio e a habilidade dos melhores, o arrebatou da mão sem que o peão se desse conta.

—Desaparece de minha vista antes de que te estripe com seu próprio facão. Não volte a aparecer por aqui em sua vida. Hoje lhe perdôo isso, mas a próxima vez preferirá não ter nascido.

O homem se foi dali quase dobrado pela vergonha. O resto da peonagem não se atreveu a dizer nada; a cena era um claro exemplo do que seu patrão era capaz de fazer quando algo não era de seu agrado.

Apesar de tudo, dom Juan Cruz lhe agradava. E lhe agradava que se casou com a menina Fiona; ela necessitava um pouco de mão dura. Talvez seu avô e a menina Tricia a tinham malcriado muito e ela agora tinha que pagar as conseqüências. Eliseo sabia que seu novo patrão conseguiria domá-la.

—Em que pensa? —perguntou Fiona.

—Em você, minha menina —respondeu Eliseo com serenidade.

Fiona lhe sorriu. Depois, voltou o olhar à paisagem, acomodando-se um pouco sobre a arreios. Passaram uns segundos antes de que voltasse a lhe perguntar.

—E que coisa pensa de mim?

—Penso em você e no patrão.

—Em mim e em de Silva? —Sorriu com desprezo.

—Seu marido não é um mau homem, minha menina —disse Eliseo, carrancudo—. É um dos homens mais respeitados da Federação.

—Sim. Um homem que precisa comprar a sua esposa porque de outra forma não a conseguiria —replicou ela.

—Vamos, menina, você jamais o teria aceito. Isso você sabe. Ele fez o que lhe pareceu conveniente para tê-la a seu lado.

Fiona observou atônita a seu servente.

—Puseste-te que sua parte...

Eliseo sorriu antes de responder.

—O que me diz, menina? Se você souber que eu lhe sou mais fiel que um cão. O único que lhe digo é que o senhor dom Juan Cruz não é tão mau homem. Talvez deveria lhe dar uma oportunidade.

depois desse interlúdio, os dois voltaram a inundar-se no verdor de La Candelaria e não cruzaram mais palavras.

Uma tarde, Fiona decidiu visitar os peões que viviam mais perto da mansão. Só encontrou nas casas às algemas e aos meninos, pois os homens estavam esparramados ao longo e largo de La Candelaria fazendo seu trabalho.

Receberam-na orgulhosos em seus lares. Embora humildes, Fiona pôde ver que nada lhes faltava. Era evidente que não passavam fria nem fome.

Não pôde deixar de perguntar-se se teriam chegado para ouvidos dessa gente os rumores de seus escândalos com de Silva. sentiu-se causar pena, embora o carinho com que a acolheram a ajudou a esquecer esse pensamento.

Nenhum dos meninos ia à escola e, como quase todas as mães eram analfabetas, os filhos também o eram. Aquilo inspirou a Fiona a idéia de abrir uma escola; ela seria a professora. Desde só pensar nesse projeto lhe voltaram um pouco as vontades de viver.

Resultou muito estimulante organizar a abertura da escuela. Decidiu que ditaria as classes na capela que Juan Cruz tinha feito construir não muito longe da mansão. Ali havia bancos suficientes para todos os meninos; no altar colocaria seu suporte de livro de pintura, e ainda por cima dele uma piçarra que tinha mandado comprar na loja de abarrote do Caamaño.

Tudo isto lhe trazia reminiscências de seus dias de professora juntou a Camila na igreja do Socorro, onde, medeio às escondidas, ensinavam a ler e escrever. A Rosas, todo isso da escola e os livros parecia não lhe gostar de muito. Entretanto, até a Eugenia, sua amante, tomava classes com elas; obviamente, às escondidas do governador.

O primeiro dia de classes esperou mais de uma hora; nenhum dos meninos se apresentou. Saiu da capela com decisão e partiu no carro a ver as mães.

—Senhora, não é que não queira. É o Braulio. Há-me dito que me vai matar a pauladas se sotaque ir à a Crispina a sua escola.

A mulher estava assustada. Por um lado, não desejava contradizer à esposa do patrão; pelo outro, não queria desobedecer a seu marido. Não gostava quando da açoitava com o chicote.

—Mas... —Fiona não podia acreditá-lo—. por que Braulio não quer que Crispina aprenda a ler e a escrever?

—Diz que o patrão de Silva não sabe nada da escolinha. E que quando voltar vai se pôr furioso.

A cena se repetiu com as outras mães. A causa era sempre a mesma: o medo que lhe tinham ao patrão.

Ao dia seguinte, Fiona preparou dois carros, a gente conduzido por ela e outro pelo Eliseo, que apesar de sua reticência inicial, finalmente acessou a secundária-la. Visitaram casa por casa e em cada visita somaram ao carro um ou dois meninos, os que houvesse na família. Quando tiveram recolhido dez meninos, Fiona ordenou ao Eliseo partir para a capela para começar a classe.

Resultou muito divertido, para ela e para os dez meninos. Tinha espírito docente, sabia ensinar e conseguiu ganhá-la atenção do auditório, que era bastante matizado. Meninos e meninas de entre cinco e treze anos, alguns negros, outros mestiços e mulatos, e até um índio pampa.

Cada dia, ela e Eliseo percorriam as casas dos meninos e os recolhiam. O grupo ia aumentando obrigado a que os alunos contavam aos outros meninos quão divertido era estar com dona Fiona na capela. Alguns, por curiosidade, aproximavam-se das janelas e apareciam o nariz para espiar a professora. Fiona advertia esses ojitos curiosos, mas não lhes dizia nada; ao contrário, se fazia a indiferente. Seguro que ao dia seguinte esses ojitos a estariam observando desde um dos bancos, junto ao resto dos meninos. Tarde de trás da tarde, Fiona se preparava para dar suas aulas, que se tinham convertido para ela no prazer de seus dias. O fazia com muito desprendimento e carinho. Os meninos a queriam muito, embora eram relutantes a demonstrar-lhe porque lhes tinham inculcado o medo ao patrão, e, depois de tudo, ela era sua mulher. De todas formas, alguns não podiam conter as ânsias e lhe enchiam o escritório de flores silvestres de belas cores e fragrâncias. Fiona se sentia orgulhosa cada vez que as recebia e as oferecia à imagem de quão virgem havia no altar. Assim que entravam na capela rezavam em voz alta o Ave Maria; depois, começavam a classe.

Tampouco as mulheres tinham instrução alguma. Só atendiam a casa e ao marido. Um poucas sabiam costurar, e outras poucas, bordar. Fiona sentia que já era tarde para lhes ensinar a ler e escrever, e se devanava os miolos pensando em alguma outra atividade que os fosse útil e lhes enchesse o espírito. Mas não lhe ocorria nada.

—No que pensa, senhora de Silva? —perguntou Candelaria uma manhã, enquanto tomavam o café da manhã.

Fiona levantou a vista e a fixou no rosto da mulher. Embora o gelo entre elas não se quebrado ainda, ao menos durante os cafés da manhã que compartilhavam em solidão se cruzaram algumas palavras amáveis. Talvez porque os silêncios se tornavam muito profundos e incômodos; ao melhor, porque queriam ser amigas. A questão era que se estava produzindo uma imperceptível aproximação entre as duas.

—Penso nas mulheres dos peões. Não sabem fazer quase nada.

—Assim viveram toda sua vida, senhora. Não deveria preocupar-se com elas.

A Candelaria incomodava a atitude da Fiona. Estava convencida de que, em vez de preocupar-se tanto por outros, deveria cuidar mais a mansão e a seu marido.

Fiona não emprestou atenção ao comentário da mulher; resultou-lhe vazio. Tomou uma parte de pão com uma feta de queijo em cima, e o levou a boca.

—Que queijo tão delicioso! —comentou, lambendo-se com sinceridade.

—Fiz-o eu —disse Candelaria com orgulho.

—Seriamente? —E sem esperar resposta, acrescentou—: É excelente!

Fiona ficou um momento pensativa. Candelaria o advertiu e guardou silêncio.

—Isso! —disse Fiona de repente, entusiasmada—. Lhes ensinaremos a fabricar queijo. Abriremos nossa própria queijaria. —Olhou a Candelaria, e, pela primeira vez, sorriu-lhe.

* * *

Fazia três semanas que Juan Cruz tinha deixado A Candelaria e Fiona não sabia nada dele. Tratava de pensar que isso era o melhor; que se mantivera longe dela e que não a incomodasse nem a tocasse mais. Entretanto, uma sensação de vazio a perturbava sem que pudesse lhe encontrar uma explicação lógica.

Só em sua cama, quando a noite se extinguia como um lenho no fogo e o sol começava a despontar, ela estava atenta a qualquer ruído que proviesse da porta contígua; talvez, ele chegasse esse dia. Logo, zangava-se tanto consigo mesma por aqueles pensamentos que

precisava deixar escapar um grito afogado entre os travesseiros, para aliviar o sentimento de culpa que a afligia. Ela odiava a de Silva. E não o necessitava.

—Maria, sabe onde está de Silva? —perguntava de tanto em tanto, e fingia estar mais interessada no estado de suas unhas que no destino de seu marido.

Maria, que a conhecia como se a tivesse parido, olhava-a de soslaio, e lhe respondia com um "Não" mais que displicente, e continuava arrumando a cama.

—Não se comenta nada entre a servidão?

—E para que te interessa saber onde está? Não está melhor assim, sem ele? Até que volte, desfruta-o. Não era isso o que tanto queria?

—Justamente... O que quero saber é quando volta; assim sei até que dia exatamente posso desfrutar.

—Está bem. Averiguarei onde está e quando volta, mas deve me confessar que o estranhas. Vamos, Fiona, não me engana.

—O que diz, Maria! Já está como Elíseo, dizendo estupidezes.

Luzia furiosa nessas ocasiões. O rosto lhe encarnava e seu olhar parecia lançar chamas. Então, Maria a deixava sozinha.

* * *

—Está trabalhando nas estadias do governador —comentou Maria uma manhã.

—Ah, para isso deve ter vindo aquela vez o mensageiro de Rosas, o tal Cosme! Lembra-te, Maria? Essa noite, enquanto jantávamos... —calou-se. Uma lembrança repentina a assaltou. Essa noite, no salão azul.

—Deve ser —murmurou a mulher com apatia. Estava lhe costurando o arena do vestido e mantinha a vista fixa no trabalho.

—E me diga... —Com atitude cúmplice, Fiona se sentou junto à Maria no bordo da cama—. me Diga, que mais averiguou?

—Não se sabe quando volta. Pode chegar amanhã como o ano que vem. —Maria, sem olhá-la, continuou revisando o vestido de loira que Fiona vestiria ao dia seguinte em casa de seu avô.

—O ano que vem!

—É decepção o que escuto em sua voz, Fiona Malone? —A faxineira cravou os olhos nos de sua ama—. Não deveria estar encantada de não voltar a vê-lo até o ano que vem? Confunde-me, menina.

Fiona não respondeu. Preferiu trocar de tema.

—Em um dos estúbulos, que está perto do tasque de tipas, sabe de qual te falo? Bom —seguiu Fiona—. Aí há uma mesa que está deixada de lado, arruinando-se. Também estão as cadeiras.

A criada a ajudava a vestir-se e, sem olhá-la, perguntou:

—E o que há com isso?

—Poderíamos trazê-la para a casa, limpá-la, arrumá-la. Eliseo sabe arrumar essas coisas, sempre as arrumava em casa da Grandpa. Bom, acondicionamo-la e a damos a María Isabel, a filha desse peão, o tal Rudecindo. Acaba de casar-se e não tem nada a pobre. É uma menina muito...

—Fiona, pelo amor de Deus! Deixa em paz a mesa, a María Isabel, ao tal Rudecindo e a todo mundo! Está fazendo cada confusão desde que se foi de Silva, que em qualquer momento se vai armar uma de Pai e meu Senhor!

Fiona a olhou sobressaltada. Maria nunca lhe tinha gritado assim. sentiu-se tão mal que começou a soluçar. Ao vê-la, a criada se arrependeu. Embora sentiu piedade por ela, seguiu pensando que alguém devia lhe pôr um freio; do contrário, quando retornasse seu marido, sobreviria o desastre. As faxineiras da mansão já comentavam a barafunda que ia desencadear a escuela.

—Ai, minha menina, não chore! —disse Maria, tratando de consolá-la, e a abraçou.

Foi inútil. Fiona se ovilló em seu regaço e seguiu chorando. Sabia que, depois de tudo, não tinha sido para tanto, mas as lágrimas brotavam e brotavam e ela sentia tanta angústia que não podia controlar-se.

Maria entendeu que Fiona, por fim, desafojava-se. O matrimônio forçado tinha sido para ela um verdadeiro tortura. A sensação de não ter saída, e a certeza de que se não se casava punha em perigo a vida de seu avô, tinham sido muito. Maria deixou que descarregasse sua dor e não voltou a insistir em suas recriminações; limitou-se a acariciá-la e a beijá-la no cocuruto.

—Onde diz que estão a mesa e as cadeiras? —perguntou Maria quando lhe pareceu que sua ama se tranqüilizou o suficiente.

Fiona emergiu de seus braços, com o rosto avermelhado e as pestanas úmidas. Estava adorável, como quando menina.

—A sério quer me ajudar com o da mesa?

Maria assentiu com a cabeça.

—E pedirá ao Eliseo que nos ajude, também? Ele nunca te diz que não.

—Sabe muito bem que jamais te nego nada. E Eliseo, menos.

Um momento depois, entravam em celeiro. Cheirava mau, a umidade. Da porta escutaram revoar uns pássaros na parte alta. O lugar estava lotado de coisas velhas; além da mesa, havia centenas de objetos que ninguém usava. A Fiona lhe fez água a boca pensando no bem que lhe viriam essas coisas aos peões. Maria a olhou de soslaio sabendo o que pensava. mordeu-se o lábio para não lhe dizer nada.

Um ruído estranho chamou a atenção da jovem; Maria assegurou que se tratava dos pássaros. O som se repetiu mais audivelmente e já não puderam atribuir-lhe às aves. Era um gemido.

aproximaram-se com precaução, e detrás de uns tablones viram um homem recostado sobre o chão, com a perna ferida. Maria se assustou e insinuou saindo do estábulo em busca do Eliseo. Talvez se tratava de algum malfeitor que, escapando de uma maldade, ocultou-se no celeiro. Mas Fiona a deteve.

Ao as ver, o homem tratou infructuosamente de incorporar-se. Fiona tentou ajudá-lo, mas era muito pesado para ela.

—me deixe ver sua ferida, senhor —pediu Fiona.

Maria tentou armar um escândalo. Sua menina ia tocar a ferida de um asqueroso delinquente? Que loucura! Fiona a fez calar e lhe ordenou que trouxesse seu estojo de primeiro socorros.

—O que lhe aconteceu, senhor? —perguntou Fiona, enquanto tirava como podia pedaços de calça do talho.

O homem se mordia para não gritar. O que mais lhe pesava, entretanto, era que justamente a esposa do patrão o tivesse encontrado ali, e nessas condições. Sua sorte não podia ser pior.

—Terá que levá-lo com um médico —disse Fiona, depois de examinar a ferida.

—Não, senhora, o suplico! Com um médico não! —falou pela primeira vez o homem.

—por que? Esta ferida se vê muito mal, pode infectar-se.

—Não, senhora, se o patrão se inteira me matar! Mata-me e me deixa sem trabalho!

Fiona o olhou e descobriu o terror nos olhos do homem. teve piedade dele. Ela mesma havia sentido esse pânico cada vez que de Silva lhe aproximava. disse-se que devia resolver o problema o mais rapidamente possível e sem conseqüências nefastas para ninguém.

O homem parecia índio, dos do sul. Era comum que seu marido os contratasse para determinadas tarefas do campo.

— Está bem, não diremos nada. Mas algo devemos fazer com a ferida. Como se chama você?

— Sanc Nieté, seu servidor, senhora de Silva.

— Ah, você sabe quem sou eu!

— Todos por aqui sabemos quem é você, senhora — adicionou Sanc Nieté.

Nesse momento, ingressou Maria com a cajita, que continha vários frascos, potes com ungüentos, esparadrapos e diversos elementos para curas. Entre as duas lhe limparam a ferida, cobriram-na com uma mistura fedorento e lhe envolveram a perna com gazes. Sanc Nieté se mordida o lábio para não bramar de dor. Ao terminar a cura, Fiona levantou a vista e se encontrou com o rosto mudado do homem, a ponto de desvanecer-se. Então, ajudou-o a acomodar-se melhor sobre um fardo de alfafa, enxugou-lhe o suor da frente e lhe deu a beber algo de mau sabor que, ao momento, adormeceu-lhe a perna. O índio estava desconcertado pelo comportamento da esposa de Silva e não sabia como atuar. Nunca um patrão lhe tinha prodigalizado tantos cuidados. Fiona, por sua parte, decidiu não lhe perguntar nada mais. O índio não tinha querido que o atendesse um médico, e isso só podia significar uma coisa. A ferida devia ser produto de alguma trifulca, e ela sabia tão bem como o índio que de Silva tinha proibido a seus homens resolver suas diferenças a navalhadas.

O homem lhes contou que vivia longe de ali, mas que desde fazia anos trabalhava pára de Silva na temporada da tosquia. Falava do Juan Cruz como se fora um deus. Respeitava-o e lhe temia tanto como os outros. Fiona o escutava e não conseguia entendê-lo. Como obtinha de Silva inspirar essa devoção em seus homens?

Apesar de sua evidente fortaleza, o índio não podia manter-se em pé por si só. A jovem compreendeu que precisaria repousar em um leito confortável e receber boa alimentação, ao menos por uns dias. O problema seria Celedonio; dele se encarregaria mais tarde, pensou.

— Vamos, Sane Nieté, apóie-se na Maria e em mim — ordenou Fiona.

O homem começou a transpirar. A só idéia de roçar à mulher do patrão alterou as pulsações. Se de Silva se inteirava de que ele a havia meio doido, arrancaria-lhe as mãos. Balbuciou algumas palavras incompreensíveis e tratou de levantar-se solo uma vez mais. Tinha o rosto encarnado e luzia muito transtornado.

—Vamos, não seja néscio — insistiu Fiona.

O homem apoiou os braços nos ombros de ambas as mulheres e se deixou levar, convencido de que não tinha alternativa.

Sanc Nieté passo vários dias na casa grande; dormia em uma habitação para a servidão e comia com o resto na cozinha. Fiona e Maria lhe curavam a ferida diariamente, e ao pouco tempo pôde caminhar sozinho, quase sem renguear. Elíseo, cúmplice das mulheres, ajudava a vesti-lo. Não passou muito e se fizeram grandes amigos. Sanc Nieté resultou uma pessoa encantadora e com muitas histórias entretidas para contar. Estava-lhe muito agradecido a Fiona. Uma tarde, durante uma cura, disse-lhe que ele daria sua vida por ela se fosse necessário. A jovem riu; talvez nesse momento não advertiu até que ponto era sincera a adoração que o índio lhe professava.

Para justificar sua presença na casa, Fiona lhe pediu que compusesse a mesa e as cadeiras do celeiro; era um trabalho leve, e podia realizá-lo sentado no pátio traseiro da casa. Resultou hábil com a madeira, e terminou o acerto com muito esmero e prolijidad. María Isabel, a filha do Rudecindo, mostrou-se encantado com o presente de bodas e não terminava de agradecer-lhe à patrã.

Celedonio não se privou de destrambelhar. Não podia entender que a senhora de Silva dispusera dos peões como se fossem dela. Sanc era um dos melhores em seu trabalho e sua falta se sentiria nos dias que a patrã o destinasse a outras tarefas.

—Resta! —queixava-se na ronda do mate—. Esta mulher é mais perigosa que um gato Montes! Descuida-te um momento e já deu volta todo. Aí está o índio Sanc lixando mesas. Habrase visto!

Mas não passou disso. Ao pouco tempo, Sane retornou a suas tarefas, e tudo voltou para a normalidade.

* * *

Todos os dias, pela manhã, Fiona trabalhava na "cremería" que ela e Candelaria tinham organizado. Fiona não podia acreditar que a mulher tivesse aceito sua proposta. Além disso, era boa nisso. Ainda não tinham provado nenhum dos queijos porque o estacionamento ainda não era suficiente; Candelaria era muito estrita a respeito. Mas sim tinham saboreado a nata e a manteiga ao estilo irlandês. Fiona ficou muito assombrada; quando lhe perguntou como conhecia a receita desse tipo de manteiga e a negra lhe respondeu com evasivas, decidiu que seria melhor não insistir.

Pela tarde seguia dando classes aos filhos dos peões. Alguns já tinham aprendido o alfabeto; outros, um pouco menos dotados, ainda o balbuciavam sem muito êxito.

Os que estavam zangados eram os peões. Desde o Celedonio até o mais crave de todos. Por um lado, seus filhos já quase não ajudavam no campo: se não estavam na escola, tinham que estudar. Por outro lado, suas mulheres perdiam algumas horas do dia na cremería. Celedonio estava furioso com a Fiona, que lhe tinha feito acondicionar um celeiro com porão não muito longe da casa para a famosa "fábrica de queijos". Além disso, tinha-o obrigado a destinar várias vacas mais para o ordenha e alguns peões para que o fizessem diariamente. Antes, com uma vaca, como muito dois, era suficiente para o consumo da casa grande.

Por outra parte, Celedonio temia a reação do patrão quando chegasse e visse as mudanças feitas sem seu consentimento. "Aqui arderá Troya", dizia a outros peões na ronda do mate; nem ele nem os que o escutavam tinham a menor ideia do que significava aquela frase, mas não tinham nenhuma dúvida de que indicava que algo mau ia acontecer.

Durante o exílio voluntário do Juan Cruz, Fiona visitou duas vezes a seus avós. E as duas em domingo. Partia rumo à cidade muito cedo, antes do amanhecer, acompanhada pelo Elíseo e Marta, para chegar à missa de dez no Socorro, da qual eram *habituem* sua avó, *aunt* Ana e Imelda. Sejam Malone fazia anos que tinha deixado de ir a missa e isso lhe custava ao Pai Fahy várias cãs à semana.

depois de missa, como era seu costume, Imelda percorria junto a seus amigas a rua da Florida. Fiona, que tinha detestado sempre esses passeios, retirava-se a seu antigo lar junto ao Brigid e a Ana, desejosa de encontrar-se com seu avô.

Sejam Malone esperava com ânsias a chegada de sua neta, e até que ela não aparecia não lia o periódico. Juntos se sentavam na poltrona do *living* a repassar as páginas, comentando as notícias e lendo das ocorrências de um e de outro. *The British Packet*, o periódico em inglês que se distribuía com a vênua do senhor governador, era um dos preferidos da Fiona; lia-o com avidez e recortava os artigos que mais lhe interessavam. Cada domingo, dom Pedro do Angelis enviava a casa de seu amigo Sejam Malone um exemplar gratuito do *Arquivo Americano*, de que era diretor. Mas esse não gostavam tanto. Também liam, como sempre, a *Gazeta Mercantil*.

Ela não sabia como, mas seu avô sempre conseguia algum dos jornais proibidos. *O Comércio do Prata*, do Montevideo, ou *O Mercúrio* do Chile. Embora eram mais que ácidos com Rosas, a Fiona gostava de algumas de suas notas, especialmente as da Alsina ou Echeverría. Os "monitores" do governador castigavam com severidade à pessoa que possuísse esses periódicos. Sacudiam com gosto a verga sobre o lombo dos "traidores", sem importar se era homem ou mulher, ancião ou jovem. Estas coisas a Fiona punham os cabelos de ponta. De todas formas, estava tranqüila, sabia que nenhum "monitor" se animaria a ingressar na mansão Malone com a intenção de realizar uma pesquisa; nem sequer lhes ocorreria.

O segundo domingo que foi visita casa de seus avós, também seu pai, com sua esposa Úrsula e seus cinco filhos, estavam passando o dia ali. À esposa do William não lhe dirigia a palavra. A seu pai, menos. De seu meio irmãos a separava uma barreira que William mesmo, empurrado por Úrsula, tinha levantado. Jamais tinham convivido, e isso fez racho na relação. Além disso, tinha que reconhecê-lo, estava um pouco ciumenta, e isso aumentava ainda mais seu ressentimento.

A pesar do acérrimo ódio para seu pai e a indiferença para seus filhos, quando os encontrou esse domingo em casa da Grandpa não se sentiu muito molesta por sua presença. sentou-se junto a Sejam a ler o periódico, almoçou com todos na mesa, conversou com *aunt* Ana, com a Imelda e com *Granule*, e em algum momento até intercambiou algumas palavras com a Brenda, a maior dos cinco filhos do William e Úrsula. De todas formas, por mais que a presença dessa família já não a enchesse de ira, a indiferença era mortal. Fria e cortante.

Depois do almoço, William e ela se encontraram no pátio da servidão. Em realidade, Fiona tinha ido a ver a Maria, e seu pai aproveitou para ir atrás dela.

—Queria te dizer que de Silva já pagou todas as dívidas. Cumpriu seu trato, Fiona.

O olhar da jovem teria turbado ao homem menos escrupuloso.

—Ejem... —William pigarreou, nervoso—. É um homem de honra... Ejem... Além disso nos está ajudando na administração das estadias. Graças a isso está indo melhor.

—Acredito te haver dito tempo atrás que não voltasse a me dirigir a palavra —lhe recordou Fiona, friamente. Sem mais, deu meia volta e ingressou na cozinha. morria de vontades de lhe perguntar a respeito de Silva, se o tinha visto ultimamente, se sabia onde estava agora, o que tinham conversado, se tinham falado dela. Mas seu orgulho irlandês não o permitiu, e ficou com as vontades de saber.

Essas vontades de saber cresciam tão vertiginosamente dia a dia que faziam perigar as mais fortes convicções que Fiona Malone se riscou.

* * *

A negra Candelaria estava sentada a seu lado no carro e se dirigiam, como de costume, a cremeria. De propósito, Fiona havia dito ao Eliseo que essa manhã não o necessitaria: ela mesma conduziria o carro. Nesse momento, o homem suspirou com alívio; levá-la e trazê-la a todos lados o fazia perder muito tempo e não conseguia cumprir com as tarefas que lhe encomendava Celedonio, que eram as que em realidade gostava. Quão único desejava Eliseo era que a menina Fiona permanecesse na mansão, bordando ou fazendo algo assim, em lugar de armar tanto alvoroço entre a peonagem com suas ocorrências.

Fiona desejava falar do Juan Cruz e sabia que Candelaria era a pessoa que melhor poderia informá-la.

—Desde quando conhece senhor de Silva, Candelaria?

Até para ela, pergunta-a soou estranha. Jamais tinham falado dele; era um pacto tácito que havia entre as duas; agora, sem razão aparente, Fiona o estava violando.

—Do mesmo dia em que nasceu, senhora —respondeu lacônicamente a mulher, sem sequer olhá-la.

—Ah... —replicou Fiona, atalho. Não sabia como continuar a conversação, mas a curiosidade pôde mais e prosseguiu—. E que dia nasceu?

Agora Candelaria girou a cabeça, desconcertada.

—Em 5 de novembro de 1816.

—E, onde?

Já era muito.

—Com todo o respeito que você se merece, senhora de Silva... Não acredita que isso deveria perguntar-lhe você mesma?

A negra esperou a resposta sem lhe tirar os olhos de cima.

—Sim, tem razão, Candelaria.

Era certo, tinha razão, mas a tinha humilhado dizendo-lhe assim, tão sinceramente. Por um momento, acreditou sentir o que os outros cada vez que ela lançava alguma de seus "diretas", e ficou mau. Pensou na Imelda, em *aunt* Ana, em seu pai. Mas não, o de seu pai era farinha de outro costal.

Quando chegaram a cremería, Fiona já tinha tomado uma decisão. Essa manhã não ficaria no lugar. De modo que deixou a Candelaria na porta do celeiro que abandonou o carro sem saudá-la. A jovem retornou à mansão, e pediu a um dos muchachitos do Celedonio que lhe selasse seu cavalo baio.

Depois, saiu a percorrer A Candelaria.

* * *

O cavalo se deteve de repente, como se soubesse que não devia ingressar ali. Dava coices impaciente contra o chão, levantando terra. Fiona o acariciou tratando de acalmá-lo.

A jovem olhou em direção ao bosque de tipas que se encontrava frente a ela, uns metros mais à frente. Sabia que não devia aventurar-se por essas paragens; Candelaria lhe havia dito que de Silva não permitia que ninguém visitasse essa parte da estadia. Talvez os cuatrerros, possivelmente os índios ou algum gato Montes, fosse o que fosse, o certo era que essa zona da estadia, que ainda não tinham explorado muito, era perigosa.

Claro que, se seu marido o tinha proibido, essa era uma razão suficiente para que ela desejasse transgredir a ordem e investigar essa parte do campo.

Como não conseguiu tranquilizar ao cavalo, apeou-se e seguiu a pé, levando a animal pelas rédeas. O lugar era formoso, embora algo sombrio pela espessa folhagem das árvores. Até cheirava distinto: um aroma úmido, como quando está por chover. Não havia muita maleza no lugar, mas bem uma espessa folhagem que corredor à medida que avançavam.

Deu a volta, e por entre as árvores divisou a mansão, cada vez mais longínqua. Melhor seria voltar, pensou por um instante; mas desistiu rapidamente. Para que voltar? Não tinha nada importante que fazer e esse lugar tinha um encanto especial.

Continuou caminhando, lentamente, observando tudo a seu redor. Pensou que tinha sido uma estupidez não ter visitado o bosque anteriormente. Inspirou o ar fresco da manhã e se sentiu bem, tranqüila. ao longe, divisou um claro cheio de maleza e apressou o passo, queria chegar até ali. Deixaria pastar ao cavalo e ela se recostaria um bom momento na erva a contemplar o céu, que parecia mais limpo que nunca.

Pareceu a ela, ou realmente havia alguém detrás desse tronco? Como uma sombra que desaparece, acreditou ver o cocuruto de uma pessoa, que se desvanecia entre as árvores. Depois, pensou que não era mais que uma má jogada da luz do sol, que se esfumava por aqui e reaparecia mais à frente.

Ah, não! Esta vez sim tinha visto alguém entre as tipas. Atou o cavalo em um ramo baixo e correu em direção à aparição. Metros mais à frente divisou a silhueta de uma mulher que se dirigia rapidamente para o claro do bosque. Uma elegante chalina pendurava em pico sobre suas costas e se arrastava pelo chão, levantando um pouco de pó.

"Uma mulher!", disse-se, sem tirar os olhos dela.

Talvez a vista lhe falhava, mas estava quase segura: essa não era a esposa de nenhum peão.

Muito resolvida, levantou a saia de seu vestido e correu, sem analisar o que fazia. O vento movia as folhas mais altas das tipas. escutavam-se algumas loras parlanchinas e, de vez em quando, algum bem-te-vi. De Silva lhe havia dito que havia muitos por ali, recordou.

A momentânea distração foi suficiente para que perdesse de vista à mulher. Sem fôlego, apoiou-se em um tronco a descansar. Olhou para

cima, como esquecendo sua caçada. Os raios do sol contornavam as taças das árvores, e davam totalmente sobre os olhos da Fiona, lhe esquentando o rosto, que a corrida indevidamente tinha esfriado.

de repente, um ruído distinto, como a ramos seca que se partem, quebrou a harmonia do sítio.

— Há alguém aí? — Esquadrinhou o lugar, atemorizada, e dando-se ânimos elevou a voz —: Por favor, saia, não desejo lhe fazer danifico.

Esperou uns instantes, mas nada. de repente, a figura feminina apareceu novamente frente a ela; corria como enlouquecida, deixando atrás a densidade do bosque que até esse momento lhe tinha servido de escudo.

— Ey! Espere, senhora! Espere!

A mulher não se deteve. Fiona correu atrás dela. Por momentos, a silhueta se desvanecia entre a maleza, por momentos voltava a divisá-la, um pouco mais longe. Repentinamente, advertiu que já não a via mais.

— OH, não! — gritou, decepcionada.

Estava agitada e exausta; deteve-se um momento para recuperar o fôlego. Olhou para o horizonte. Era um lugar magnífico aquele; pensou que já se entrou muito, e que devia voltar. Mas estava muito intrigada para abandonar a aventura. ergueu-se, e pôs-se a andar outra vez, agora sem pressa.

Não soube quanto tempo esteve perambulando por aquelas paragens. Não sabia se voltaria ver a mulher misteriosa e, pior ainda, nem sequer tinha a certeza de se poderia recordar o caminho de volta à mansão. Entretanto, isso não pareceu perturbá-la muito, e seguiu avançando, guiada por seu instinto.

Deveu caminhar mais de duas horas antes de topar-se com uma casita, a meias oculta depois da espessura do monte. Parecia desabitada. aproximou-se com precaução, tratando de não deixar-se ver, mas logo descobriu que não havia nenhum perigo, e se encaminhou audazmente à porta. Subiu os degraus da escada de madeira e se deteve uns instantes para observar a galeria que circundava a moradia. Tudo estava ordenado e limpo. Havia vasos em qualquer parte com as novelo mais variadas. Hortênsias, agapantos, margaridas; todas bem cuidadas e florescentes.

Sem chamar, abriu a porta. Ali estava a mulher, sentada em uma cadeira de balanço, olhando pela janela. Certamente, teria estado vendo-a enquanto ela se aproximava.

—Desculpe —começou a dizer Fiona com a voz algo quebrada—. Pensei... Não sabia...

—Está bem, querida —disse a mulher, enquanto se incorporava. Logo, encaminhou-se para uma mesa apostada em um rincão do comilão—. Te estava esperando. Vamos, entra. Vêem aqui, comigo —e lhe estendeu a mão.

Com passo indeciso, Fiona se foi aproximando sem lhe tirar os olhos de cima. Era uma mulher de média idade, teria talvez quarenta ou quarenta e cinco anos. Era muito linda, e seus movimentos tinham uma cadência aristocrática que recordaram aos de misia Mercedes.

—*Dou you want a cup of lha, dear?*

Pergunta-a em inglês a surpreendeu tanto que não soube o que responder; então, a mulher lhe explicou.

—Escutei-te falar em inglês com sua criada; sua pronúncia é excelente.

Fiona não saía de seu assombro.

—Escutou-me falar com a María?

—Sim —replicou, em meio de uma risada cândida, quase infantil—. Às vezes me dá de espiar aos da casa grande.

—Ah... —foi tudo o que atinou a dizer Fiona. Não pôde zangar-se com ela; sentiu que teria sido como zangar-se com uma garotinha de cinco anos.

—*A cup of lha?* — insistiu a mulher. Com o xale que arrastava e a cabeça erguida tinha o porte de uma rainha.

—*Please* —respondeu a jovem.

A mulher tomou a bule e verteu a beberagem em uma taça. A mesa estava tão bem arrumada como em casa de sua avó; não faltava um só detalhe. Até havia um floreiro de cristal com umas rosas brancas.

—Vêem, querida, sente-se. Tomemos juntas o chá.

sentaram-se. Fiona lhe agradeceu quando lhe alcançou a taça e quando lhe serve um pedaço de bolo de amoras que, conforme disse, ela mesma tinha colhido.

—As árvores estão que caem de amoras. Olhe! —Levantou as mãos e lhe mostrou as Palmas—. Me ficaram tintas de tantas que recolhi.

—Está deliciosa, senhora... Perdão, como se chama você?

A mulher não respondeu em seguida. ficou olhando-a atentamente, como se queria apreciá-la em detalhe.

—É tão formosa —disse por fim—. Meu nome é Catherine Emmet. Mas não me chame Catherine, ninguém o faz. me chame Catusha, como todos.

"Todos? —pensou Fiona—. Quem, Por Deus, em meio de um nada?"

—Catusha?

—Esse apodo me pôs isso meu pai, quando ainda nem caminhava. —Riu outra vez, e esclareceu—: Ele sempre dizia que eu era tão pequenita e suavecita que me parecia mais a uma gatita que a uma bebê.

Fiona se sentia cômoda, mas não conseguia sair de seu assombro. Quem era essa mulher? Que fazia ali, no meio do monte, sozinha?

—Vive você sozinha, senhora Catusha?

—Não me chame senhora, faz-me sentir velha —a repreendeu—. O que me perguntou, querida? Ah, sim! Se vivo sozinha... Bom, sim, mas meu filho vem a me visitar, de vez em quando.

—Seu filho?

—Sim, ele é um homem já. É muito importante, sabe? Quase tanto como o era seu pai.

Naquele instante seu olhar se perdeu, e deixou de mover as mãos como tinha vindo fazendo-o até esse momento.

—Senhora... Né, digo, Catusha, está você bem? sente-se bem? —Teve que repeti-lo, porque parecia que a mulher já não estava ali.

—OH... Sim, querida Fiona, sim.

—Sabe meu nome!

—Já te hei dito que às vezes espio sua casa. Não te incomoda, verdade?

—Não, é obvio que não. —Que mais podia lhe dizer?, perguntou-se—. Mas talvez teria sido melhor que se apresentasse; dessa forma a teríamos convidado para jantar, Catusha. A meu marido e a mim...

—Ah, não! Seu marido me dá medo, Fiona querida! Não quero nem me cruzar com ele.

A extrema sinceridade da dama não fazia mais que desconcertá-la.

—Sim, compreendo-a —respondeu, e olhou para baixo.

—OH, me perdoe, fui uma grosseira! depois de tudo, é seu marido. Mas... não sei... Esse olhar... Você não lhe teme?

—Sim, às vezes... Bom, em realidade, sempre. Mas...

—Sim, já sei; está apaixonada por ele, verdade? Quer mais chá?

—Não!

—Não deseja mais chá? —Olhou-a incrédula.

—Não... não. Bom, sim, um pouco mais de chá estaria bem.

Referia-me a que não estou apaixonada por ele.

Depois que o disse, sentiu-se mau, mas já o tinha feito.

—Não está apaixonada por ele?

Olhou-a tão assombrada que Fiona se envergonhou.

—Ah, não! Eu amava muito a meu Manuel e ele me amava também. Sim, senhor.

Fez um gesto divertido que a Fiona causou hilaridade.

—Tem um dos sorrisos mais lindos que vi, Fiona. Deveria sorrir todo o tempo.

—Obrigado, Catusha.

A jovem olhou a seu redor. A casita era pequena mas muito acolhedora; distinta às casonas uso mourisco de Buenos Aires; por certo, distinta à mansão. Mas havia algo ali que a fez sentir-se extraordinariamente bem. Suspirou.

—Esta casa é dela?

arrependeu-se de perguntá-lo; não queria ficar como uma colocada.

—Sim, meu filho a fez construir. —Parecia orgulhosa.

—Mas, isto não é ainda território de La Candelaria?

—Não sei, querida. Suponho que não —respondeu, sem lhe dar muita importância ao assunto— Mais bolo?

—Não, obrigado.

Fiona jogou outra olhada a seu redor.

—Touca o piano, Catusha? —perguntou sem tirar a vista do instrumento apostado em um rincão da sala.

—Sim. Desejas que toque para ti? Posso te ensinar novas melodias. —ficou esperando a resposta.

—Sim, claro, eu gostaria de muito escutá-la tocar.

O resto da manhã junto a essa mulher tão estranha resultou encantador. Embora havia coisas dela que não conseguia explicar-se não se preocupou muito. Pensou que, em meio de sua amargura, tinha encontrado a alguém com quem conversar. Maria não a entendia por esses dias; até parecia estar de parte do imbecil de Silva. E Candelaria... Bom!, Candelaria nem pensar.

Catusha insistiu em acompanhar a de volta e Fiona aceitou; não sabia se poderia orientar-se para voltar para a mansão. Tinha

perambulado por essas paragens sem reparar muito em nada, guiada só pelo desejo de encontrar à mulher misteriosa.

O cavalo da Fiona, agarrado ainda ao ramo da tipa, estava impaciente. Como o lugar não tinha erva não tinha podido comer; ao vê-la aparecer, relinchou zangado. De ali, Fiona já recordava o caminho; despediu-se de seu amiga Catusha com a promessa de retornar muito em breve.

Ao chegar à casa, Maria a arreganhou duramente. Fazia horas que a buscava e ninguém conhecia seu paradeiro. Fiona escutou suas provocações e lhe prometeu não voltar a desaparecer assim.

—pode-se saber onde estiveste, Fiona? Por Deus Santo, Candelaria está que brama com seu desaparecimento! —exclamou a criada levando-as mãos à cabeça.

—E o que tem que meter-se ela no que eu faço! Nem que fora minha proprietária! O único que me faltava! Não está meu carcereiro, mas tenho uma carcelera! —explorou a jovem.

—Bom, minha menina, lhe tranqüilize —a acalmou Maria, arrependida de ter renomado à negra. Fiona, muito sensível por esses dias, não suportava nada, em especial nada que tivesse que ver com seu marido.

—vais dizer me onde esteve? Sim ou não? —insistiu Maria.

Fiona a olhou de soslaio e pensou em contar-lhe tudo. Depois se arrependeu; Maria era muito medrosa, a todo temia. Se lhe confessava que tinha encontrado a uma mulher tão estranha no meio do monte, logo depois de cruzar sozinha o bosque proibido, poria o grito no céu e lhe proibiria retornar com a Catusha. Melhor seria calar.

—Andei por aí, sem rumo fixo.

* * *

—Camila!

No mesmo momento em que Fiona descia pelas escalinatas da entrada principal a grande velocidade, Camila descendia da volanta de seu pai auxiliada pelo laçao. encontraram-se no caminho de pedregulho que bordeaba a mansão e se abraçaram. Não se viam do casamento da Fiona, quase dois meses atrás, e se tinham sentido saudades muito.

—Tenho tantas coisas que te contar, Fiona. Já não tenho com quem falar. Bom, está Blanquita, mas algumas vezes não me compreende; não como você.

—Então, vamos dentro a nos empachar de relatos. Eu também preciso te contar coisas. me passa o mesmo com a Maria.

Tomou pelo ombro e a conduziu escada acima.

—É bela, muito belo —comentou Camila médio boquiaberta, dando voltas sobre si para poder admirar em toda sua magnificência o salão principal—. Quando vi a mansão da volanta não podia acreditá-lo; jamais vi uma casa como esta —adicionou, enquanto observava atônita um gobelino que ocupava toda uma parede.

—Sim, é muito bela —respondeu Fiona sem maior interesse—. Vêem, vamos a meu quarto. Ali estaremos mais cômodas.

Ao chegar à escada, apareceu de improviso Candelaria; deteve-se ante as duas jovens e olhou a Camila com cara de poucos amigos.

—Camila, apresento a Candelaria...

Não sabia nem seu sobrenome, nem sua posição dentro da casa. Não era a mãe de Silva, não era o ama de chaves, não era a tia nenhuma parienta longínqua. O que era, então? A que o tinha criado? Sim, mas apresentá-la como "Candelaria, a que criou a de Silva" não lhe pareceu correto; por isso, preferiu deixar a frase inconclusa.

—Candelaria, ela é Camila Ou'Gorman, minha mais íntima amiga.

Camila e Candelaria se estreitaram as mãos com frieza.

—Se necessitar algo, senhora de Silva, me chame —adicionou a negra antes de desaparecer detrás dos cortinados.

As jovens começaram a ascensão com menos entusiasmo que antes.

—Tem cara de bruxa, Deus me libere e me guarde —sussurrou Camila.

—Parece uma bruxa, mas não está tão mal depois de tudo; embora, em certa forma, tem razão. É muito parca e séria. —Um sorriso de menina se desenhcou nos lábios da Fiona. E tomando a Camila do braço, adicionou—: vamos esquecer nos dessa mulher; não quero que nada empane este dia, sim?

—Está bem.

Camila sorriu; começaram a subir as escadas correndo, como meninas, e não se detiveram até que chegaram ao quarto da Fiona.

—Não posso acreditar o dormitório que tem. Olhe esta gaze... Que suavcita é... —disse Camila, esfregando contra sua bochecha o tecido do baldaquino—. Este homem te dá todos os gostos, Fiona — comentou, admirando os móveis e os pebeteros de prata.

Fiona não dizia nada. Só observava como seu amiga ia ficando aniquilada por coisas que a ela em nenhum momento lhe tinham causado a mais mínima emoção. Mas, sim, devia reconhecê-lo, o luxo que a rodeava era certamente impressionante.

—Assim imagino que são as mansões em Paris. Não crie, Fiona?

Camila se voltou. Seu amiga, absorta, olhava através da puertaventana.

—Fiona, escuta-me?

—Vêem aqui. Olhe a vista —escolho Fiona, sem voltar.

No parque da estadia a primavera se desdobrava em todo seu esplendor. O verde o dominava tudo; os ciprestes, mais à frente as tipas, os cálices sagrados de pedra abarrotados de agapantos violeta, a imensa fonte em cujo centro os brincalhões angelotes de bronze arrojavam incansavelmente seus jorros de água cristalina.

de repente, Fiona compreendeu que via todo aquilo pela primeira vez, e um certo desassossego a invadiu. Mas a alegria que lhe provocava a presença da Camila voltou a impor-se, e se entusiasmou com a idéia de levá-la a conhecer a escuela e a cremería. sentia-se orgulhosa de suas duas obras e queria as compartilhar com ela. Também lhe contou a respeito de seu amiga do monte e a levou a conhecê-la; para desencanto de ambas, Catusha não estava na casa, nem no jardim, nem nos arredores. Buscaram-na um momento, mas não a encontraram. Ao fim se deram por vencidas e retornaram. Talvez, pensou Fiona, Catusha se tinha partido uns dias à cidade com seu filho.

—Por favor, Camila, não comente com ninguém minha amizade com a Catusha. É um segredo —pediu, muito séria, enquanto caminhavam de volta. Camila assentiu, sentida saudades, mas não lhe perguntou nada.

Almoçaram em um bosquecito que Fiona tinha descoberto em um de seus passeios a cavalo, a um quilômetro da mansão. Elíseo conduziu o carro e dormiu uma larga sesta depois de comer, enquanto Camila e Fiona tagarelavam como periquitos.

—Já fiz o amor com o Ladislao —confessou Camila com o olhar sobre a erva e as mãos nervosamente entrelaçadas.

—Sente-se feliz?

A Ou'Gorman fixou os olhos nos da Fiona. Estava um pouco desconcertada; talvez esperava um sermão, uma reprimenda ou um olhar de espanto. Nada disso.

—Sim, imensamente feliz —replicou ao cabo de uns segundos—. E você, Fiona, é feliz agora?

— Não... Bom, não sei... Eu...

Não sabia o que responder. Sinceramente, como se sentia? Não tinha a menor ideia. Tinha abarrotado seus dias com todo tipo de atividades; talvez, para não pensar. Mas de noite... De noite era inevitável pensar.

—Está bem, Fiona?

Camila a tirou da mão com preocupação; repentinamente, Fiona se havia posto pálida.

—Faz semanas que de Silva se foi. A última noite que estive aqui, foi a minha habitação e, como eu tinha travado as portas para que ele não entrasse, abriu uma a patadas... Foi horrível, estava como louco.

Fiona conteve a respiração ao recordar.

—E, o que aconteceu?

—Disse-me que eu era uma malcriada e uma torpe, e que... —Não pôde seguir; sentia humilhação e vergonha.

—O que acontecer, Fiona?

—Disse-me que..., que se não queria que me fizesse o amor o dissesse de frente.

—E logo depois disso não o viu mais?

Fiona assentiu.

—Eu o vi em Buenos Aires recentemente —disse Camila, e esperou a reação de seu amiga.

Fiona sentiu que o coração lhe dava um tombo.

—Quando o viu? Onde, Camila? Onde?

—Um momento, senhorita, um momento... A ver, a ver... Bom...

—Camila, por amor de Deus! —exasperou-se Fiona.

—Bom, te tranquilize. Vi-o em uma reunião, em casa de misia Joaninha, faz uns quantos dias. Não sei, umas duas semanas atrás, mais ou menos.

—Falou com ele?

—Sim; saudou-me aí, no de misia Joaninha, mas além disso estive jantando em minha casa, uns dias depois. Quando mamãe lhe perguntou por que você não tinha vindo com ele, disse que só estava de

passagem pela cidade por assuntos de negócios; e que logo retornaria ao campo.

Camila tomou entre seus dedos um pedaço de compota e o deixou cair em sua boca, saboreando-o lentamente. Fiona parecia a ponto de perder a prudência por um pouco mais de informação.

—Vamos, Camila, me diga que mais sabe!

—Não muito mais. Mas, como é que você não sabe nada? Não pode averiguar?

—Embora te pareça mentira, não —e moveu a cabeça, com preocupação—. me Diga, dançou com alguém essa noite? No de misia Joaninha, digo.

—Que se dançou? Com todas, Fiona, com todas.

—Dançou com a Clelia Coloma? —perguntou com medo.

—Sim, a maior parte do tempo.

Camila não podia saber até que ponto esse comentário ia impressionar a. Fiona ficou muda; separou os lábios e abriu ainda mais os olhos.

—Não entendo, Fiona. O que importa a ti o que de Silva faz ou deixa de fazer? Não é que o odeia e que nada te interessa dele?

—Não... não... Não é que me importe por mim, Camila —tratou de repor—. Me importa porque não quero que se fale. Já sabe, pela Grandpa —esclareceu, e desviou o olhar dos olhos de seu amiga.

—Ah... Claro, pela Grandpa—repetiu Camila mecanicamente.

—Claro, por ele. Por quem mais, se não?

—Por ti, Fiona Malone, por ti.

—Por mim! —destacou-se o peito, com os olhos exagerados—. O que diz, Camila? Voltou-te louca? Jamais me interessaria por mim —assegurou, com uma careta de aborrecimento.

—Bom, bom...não ponha assim. Além disso não grite ou despertará ao Eliseo e não poderemos continuar com a conversa.

Tomou o copo de seu amiga, cheio de *azedo*, e o ofereceu. Fiona o bebeu de repente.

—Deve te tranquilizar, noto-te muito inquieta —insistiu Camila.

—Sim, pode ser, me desculpe, não quis te gritar —respondeu Fiona baixando a vista—. Em realidade, não sei o que me acontece ultimamente. Sinto-me muito estranha, não sei. É como se, às vezes, necessitasse que de Silva estivesse na casa embora mais não fosse brigar com ele. Sonha estúpido, não crie? Dá-me raiva. Muitas vezes penso nele

e trato de recordá-lo com ódio pelo que me fez, mas não posso. Às vezes quero que esteja junto a mim, de noite.

—Crie que te está apaixonando por ele? —perguntou Camila quase com medo.

—Não!

Esta vez sim despertou ao servente. De todos os modos, já era hora de voltar.

Camila não desejava ir-se. Não só a tinha passado de maravilha: além disso, custava-lhe deixar a Fiona; não a encontrava nada bem, não era a mesma de sempre. Mas seu desejo de retornar aos braços de seu amante, o curita do Tucumán, foi mais poderoso. À manhã seguinte, e apesar dos rogos da Fiona, partiu para Bons.

—Fiona... Fiona...

A mulher se estremeceu sob o corpo nu do Juan Cruz quando o escutou murmurar esse nome. Mas não disse nada, não fez nada, limitou-se a seguir seus movimentos, como de costume.

Cloé Despontin era a amante de Silva desde fazia mais de cinco anos. Bastante maior que ele, ainda conservava algo da espantosa beleza de seus anos moços, e toda sua mestria na cama. Nisso ninguém a superava.

Cloé tinha chegado a Buenos Aires muitos anos atrás, escapando de um amante parisiense que tinha ameaçado matando-a se voltava a vê-la. E Paris não era tão grande. De modo que decidiu embarcar-se rumo ao desconhecido; assim foi como chegou ao Rio da Prata.

Logo se converteu na *madama* de um dos bordéis mais famosos da cidade, a ponto tal que seu renome chegou até as mais altas esferas do governo de Buenos Aires.

Em 1832, quando o ministro Tiram da Anchorena decretou o desterro das mulheres públicas, ela se valeu de seus contatos e pôde permanecer na cidade escondida em uma casa que lhe alugou seu novo amante, um jovem e arrumado militar.

Juan Cruz tinha dezesseis anos nnaquele tempo naquele tempo e estava acostumado a freqüentar a casa de senhoritas cada vez que Rosas o enviava à cidade com algum encargo. As meretrizes brigavam por atendê-lo: a potência e o tamanho de seu membro eram coisas que já todas conheciam. E, apesar de que Juan Cruz só queria deitar-se com ela,

a *madama* do local lhe sorria sardónicamente, aplaudia-lhe a cabeça e lhe dizia:

—Já falaremos quando deixar de ser menino.

Um dia em que Cloé estava na casa que lhe alugava um de seus novos amigos, Juan Cruz bateu na porta.

—Já deixei de ser um menino. Falemos.

A mulher ficou estupefata e boquiaberta. De Silva tinha para então quase vinte e cinco anos, e certamente tinha deixado de ser um menino. converteu-se em um homem que destilava virilidade pelos poros. Seu rosto, embora nada perfeito, era tão atrativo que desejou beijá-lo nesse mesmo momento. E assim o fez.

Abandonou a seu amante de volta e a casa onde vivia, e se instalou em que lhe alugou Juan Cruz, longe da cidade, perto dos barracos do porto, onde acabava de abrir sua salga.

A relação foi explosiva de um primeiro momento, do preciso dia em que ele chamou a sua porta. Jogou-a no chão do hall de entrada, chutou a cancela para fechá-la e lhe fez o amor aí mesmo. Fez-o quase com raiva, sem lhe interessar sequer se havia alguém dando voltas pela casa. Ao Cloé nada pareceu lhe importar; sentiu que pela primeira vez em sua vida tocava o céu com as mãos.

—Casarei-me com ela por seu sobrenome —disse um dia Juan Cruz enquanto acendia seu acostumado charuto, depois de lhe haver feito o amor.

—Apesar de meu dinheiro e a amizade com dom Juan Manuel, para eles sigo sendo um bastardo. Preciso que minha descendência se libere desta carga.

Cloé sentiu que a transpassava com o olhar. Os olhos do Juan Cruz sempre a tinham estremecido; um pouco de temor, um pouco de paixão... um pouco de amor. De Silva não era homem com o que se pudesse jogar. Ela conhecia muito bem sua história e sabia que não era nenhum santo. Mais ainda, sabia que era capaz de algo com tal de cumprir seus objetivos e defender o seu. Era imprevisível. Sim que o era.

O aluguel da casa não lhe importava, nem tampouco os vestidos que lhe comprava, nem os mantimentos que comia, nem os serventes que a atendiam. Quão único contava era que se apaixonou profundamente dele.

—Fiona... —voltou a sussurrar de Silva. Cloé sentiu que o coração lhe contraía. antes de que Juan Cruz chegasse ao orgasmo, uma lágrima rodou por sua bochecha.

* * *

De Silva entreabriu os olhos; a luz que se filtrava pelos portinhas da janela lhe feriu a vista. Tinha dormido poucas horas. depois de fazer o amor com o Cloé, ficou na cama, fumando seu charuto e pensando. O sonho não tinha chegado a não ser quase ao amanhecer e agora deviam ser perto das dez.

incorporou-se na cama e se esfregou os olhos. Girou a cabeça a um lado e o outro. Tinha uma aguda dor na nuca e mau sabor na boca, mescla do tabaco e o álcool da noite anterior. Sentia o cabelo gordurento e a pele transpirada.

Olhou ao flanco; Cloé, nua, dormia plácidamente a seu lado. Passou-lhe os dedos pelas costas, mas não conseguiu despertá-la. Só se moveu um pouco entre os lençóis, murmurou umas palavras ininteligíveis e seguiu dormindo, respirando ruidosamente. Juan Cruz sorriu.

Nesse momento se decidiu. Era hora de retornar.

* * *

Jamais terminaria de descobrir pequenos elíseos em La Candelaria?, perguntava-se Fiona. Todos os dias apareciam ante sua vista paisagens incríveis. Aquele lugar, cheio de formosura e magnificência, era como uma caixa da Pandora.

A fonte dos vasos de barro. Assim a tinha batizado Fiona. Era um reservatório retangular, de dois metros de largura e vários de comprimento, cheia de nenúfares; largos jorros de água rompiam o espelho da superfície aquática e moviam as folhas que flutuavam a seu redor. Em sua borda, revestida de mármore branco, encontravam-se os vasos de barro; simples, de terracota, eram tantas e albergavam flores tão formosas que não pôde lhe pôr outro nome mais que esse, "a fonte dos vasos de barro". Ao flanco, cresciam ciprestes altos, agapantos, e novelo das mais variadas que Fiona jamais tinha ouvido sequer mencionar.

Instalou seu suporte de livro em um dos extremos do reservatório e, de ali, dispôs-se a desenhá-la em perspectiva. Não era tão boa com a pintura como com o piano, mas lhe encantava e isso era quão único contava.

Era muito cedo, apenas as oito. Candelaria havia partido pressurosa a cremería depois de tomar o café da manhã. Cada dia parecia mais entusiasmada com a empresa, e até lhe tinha ocorrido que poderiam vender alguns dos produtos em armazéns de Buenos Aires. A Fiona tinha parecido uma idéia fantástica. Mas, apesar de tudo, essa manhã não tinha vontades de trabalhar. Tomou o suporte de livro, uma grande folha de papel duro, uns lápis de cisco, e se dirigiu no carro até a fonte.

O sol ia pegar duro esse dia. Assim o apregoavam as cigarras nos espinillos, com um som monótono, algo cansador, que ao cabo de um bom momento se mimetizava com a paz do lugar. Os pássaros cantavam e as mariposas revoavam sobre as flores nos vasos de barro. Desejou que permanecessem um bom momento posadas em uma flor, assim poderia as desenhar.

Começou a mover a mão sobre o papel e o lápis se deslizou com suavidade, deixando um rastro negro em seu caminho. Não seria fácil mas o conseguiria; tinha decidido que depois o coloriria com aquarelas e o daria de presente a Catusha. Luziria formoso na sala de sua cabana.

Fazia mais de duas horas que se empenhava sobre o suporte de livro e o esforço parecia estar dando seus frutos. As primeiras linhas, imprecisas e sem muita lógica, tinham começado a transformar-se em um reservatório cheia de vasos de barro em sua borda e com altos ciprestes a seu redor. Estava mais que concentrada; nem o sol, que dava totalmente em seus olhos e a obrigava a franzir o sobrecenho, parecia perturbá-la. Tampouco escutou os cascos de um cavalo que se aproximava. Só quando a sombra imponente do animal se projetou sobre o papel, Fiona se voltou, intrigada.

—Senhor de Silva! —exclamou.

Tinha-a tomado tão de surpresa que não soube que mais dizer. ficou olhando-o como uma parva, entre embevecida e confusa.

Com as rédeas ainda em alto, Juan Cruz tratava de controlar a seu padrillo, que se movia impaciente de um lado ao outro, soltando fortes bufos.

De Silva luzia irresistível essa manhã. Vestia calças de gênero azul escuro, e um *cavour* claro que se ajustava a seu corpo e deixava ver a

brancura das mangas de sua camisa de cambraia. Mas nada disso a atraiu tanto como o lenço vermelho que Juan Cruz levava na cabeça pacote "a corsário" que lhe sujeitava o cabelo, lhe limpando o rosto. Seu olhar a aniquilou.

O homem não disse uma palavra. Só a fulminou com seus olhos escuros antes de esporear a seu cavalo e reatar a marcha.

Fiona não pôde retomar a tarefa. depois de que de Silva se perdeu na planície, tratou de voltar para desenho sem muito êxito. A concentração de minutos atrás se esfumou. Sua mente aturdida dava voltas e voltas em torno de uma só certeza: ele tinha retornado.

Por fim, tirou o papel do suporte de livro, pregou-o rapidamente e subiu todas suas coisas ao carro. Decidiu retornar à mansão para arrumar-se um pouco; talvez de Silva almoçasse com elas.

Ao chegar, passou correndo ao lado de dom Pietro Fidelio, o jardineiro italiano que de Silva tinha contratado para que parquizara A Candelaria. O homem a olhou sentido saudades; estava plantando umas hortênsias ao pé da escada e pensou que a proprietária de casa se deteria conversar com ele sobre isso; sempre o fazia. Mas não esta vez; simplesmente lhe gritou "bom dia, Pietro!", e começou a ascensão dos degraus tão rápido como o vestido o permitia. O jardineiro, logo depois de observá-la uns instantes, encolheu-se de ombros e continuou com sua tarefa.

—María, já chegou! —exclamou Fiona quando entrou precipitadamente em sua habitação. A faxineira deu meia volta e ficou olhando-a.

—Quem, pois?

—Pois de Silva. Quem vai ser se não?

—Ah... de Silva. Sim, já sei, chegou esta manhã, justo depois de que você foi.

—Y... falou com ele?

Fiona lhe aproximava com passos tímidos.

—Para que queria ele falar comigo, Fiona?

—Bom, María, não sei. Poderia ser que... bom... que queria saber onde estava eu.

—Não me perguntou nada. —Volteou, e a escrutinou fixamente—. E, por que tanta ansiedade?

—Ansiedade? Ansiedade, eu? Está louca —replicou, e foi deixar cair em um dos confidentes.

—me parece que sim.

"Bendito seja Santo Antonio", disse para seus adentros a mestiça.

— Não, só desejo falar com ele pelo da escola e o da cremeria.

— Ah, claro... A escola e a cremeria. E, que desejás falar com ele sobre isso? Se é que posso sabê-lo, é obvio —se apressou a adicionar ante o duro olhar da jovem.

— Há muitos peões que não deixam a seus filhos ir à escola por medo a de Silva; o mesmo passa com as mulheres. Desejo legitimar a situação. Isso, legitimar a escola e a cremeria.

— Acredito que deveria havê-lo pensado antes. Pressinto uma catástrofe. Já consegui que arrancasse uma porta da parede e que fizesse pedacinhos uma cadeira mais que pesada. Que mais quer? Que lhe mate?

Ao escutar essas palavras, Fiona sentiu frio em todo o corpo.

— Não, como vou desejar isso, María. Que estupidezes diz?

— Então, Fiona, me prometa que te levará bem de agora em mais. Que fará tudo o que se supõe que uma esposa deve fazer.

A criada se agachou e ficou quase em cuclillas frente a ela.

— prometa-me isso Não quero que te aconteça nada mau.

— Mas, Maria...

A criada tomou entre as suas as mãos suarentas e frite da Fiona e as apertou com força.

— prometa-me isso

Maria estava assustada. Naqueles dias em La Candelaria tinha escutado as histórias mais incríveis a respeito de Silva e tinha amaldiçoado uma e mil vezes ao William Malone por ter entregue a Fiona a esse demônio. Mas o dano já parecia; agora terei que enfrentá-lo.

— Está bem, Maria, está bem! Comportarei-me como uma menina boa —replicou Fiona com um sorriso picasse nos lábios.

Maria não soube se Fiona tinha conseguido interpretar o terror em seus olhos.

* * *

De Silva não almoçou com elas. Fiona e Candelaria comeram sozinhas, como desde fazia várias semanas. Fiona morria por perguntar a respeito da chegada do Juan Cruz, mas se mordeu a língua e não disse nada.

depois de almoçar, preparou-se para ir a escuela. Não quis que Eliseo a levasse porque já tinha advertido que preferia ficar entre os peões, fazendo as tarefas do campo. Em certa forma, isso a reconfortou.

Chegou à capela e se encontrou com os meninos que a esperavam fora. Os maiores se aproximaram do carro e a ajudaram a descender. Os mais pequenos brigavam por levar suas coisas e as meninas se atropelavam por lhe entregar seus regalitos. Todo aquilo a fazia sentir-se bem.

Cada um conhecia seu lugar nos bancos e já não fazia falta repreendê-los para que ingressassem como seres humanos e não como turba de vacas. Depois de tudo, essa também era a casa do Senhor.

Uns dos majores desdobrou o suporte de livro e lhe colocou a pizarra em cima, ainda com restos de giz do dia anterior. Rapidamente, Fiona passou um trapo úmido e o apagou tudo. Sem tempo que perder, começou com a classe. Escreveu onze frases curtas e simples no pizarrón, uma para cada aluno, e fez que as lessem, da um por vez. As meninas eram as que mais de pressa aprendiam. Sempre dispostas, e muito minuciosas, eram as melhores da classe. Fiona lamentava que os homens as considerassem inferiores.

A porta da capela se abriu de repente, e os alunos voltaram para ver quem era o intruso. As meninas deram um grito e correram espavoridas a cobrir-se detrás da Fiona que, parada no altar, ficou-se rígida como uma estaca pelo inesperado da irrupção. Os mais pequenitos imitaram às meninas; os maiores se apressaram a ficar de pé. Era o patrão.

De Silva começou a rir a gargalhadas quando divisou a cabecita negra de um dos mais pequenos aparecer sob a saia da Fiona, como se o pequeno se refugiou em uma carpa. Todos o olharam incrédulos. Quando Fiona viu o menino, suas gargalhadas não foram menos sonoras que as de seu marido.

—Vamos, Carne... Sal daí, vamos —ordenou Fiona—. por que te esconde?

O garotinho saiu de seu esconderijo, não muito convencido. De Silva, de pé junto à porta, olhava-os com esses olhos que eles tanto temiam. Carne se aproximou do ouvido de sua professora.

—É que está o patrão, senhora —sussurrou.

Fiona lhe sorriu, e logo depois de lhe acariciar a bochecha suja, indicou ao resto que voltassem para seus lugares. Depois, percorreu o trecho que a separava de seu marido disposta a enfrentá-lo.

—Senhor de Silva...

—Está bem. Só queria confirmar com meus próprios olhos algo que não podia lhe acreditar no Celedonio. —O tom do Juan Cruz era calmo. Logo, consciente da ansiedade que embargava a Fiona, adicionou —: Hei dito que está bem. Falaremos esta noite, no jantar.

E dando-a volta, abandonou a capela. Pela segunda vez no dia, Fiona o viu desaparecer sobre o lombo de seu cavalo e se sentiu mau.

* * *

depois de tomar um banho com sai, Fiona se poliu especialmente. Fez-lhe ensaiar a Maria vários penteados até que encontrou o melhor: as mechas emolduravam seu rosto tomados no cocuruto, enquanto o resto caía pesadamente, cheio de cachos de cabelo que Fiona tinha desarmado lhe acontecendo os dedos entretanto.

—Assim está melhor —disse.

Estava realmente bela. Ao chegar ao salão se sentiu segura; sua formosura lhe dava segurança. Juan Cruz ficou atônito ao vê-la, mas o dissimulou.

Separou-lhe a cadeira e permaneceu uns instantes detrás dela, inspirando os aromas que emanavam de seu corpo. O vestido, encantador, era de loira cor lavanda e o xale, de cachemira marfim, estava festoneado por guardas da mesma cor. Um cinto de gro do mesmo tom do traje, largo, muito largo, delineava com graça os contornos afinados e perfeitos de sua cintura. Sobre sua saia deixava cair um relicário de ouro que pendurava da fivela do cinturão. E esse extravagante penteado, não como o de todas as portenhas, com sua raia ao médio e esses dois coques sobre o rosto em forma de banana... Juan Cruz odiava os peinetones. Por sorte, disse-se, Fiona nunca os usava.

—Como te foi em sua viagem, Juan Cruz? —perguntou familiarmente Candelaria.

—Excelentemente bem. Cumpri velhos compromissos... —olhou a Fiona de soslaio—, e fechei negócios muito convenientes.

Candelaria se assombrou de que se mostrasse tão loquaz com o tema de seus negócios; de todos os modos, pensou, melhor seria não perguntar mais.

—me diga, Fiona, o que tem feito todos estes dias?

O tom de seu marido era afável, mas aos ouvidos da jovem soou hipócrita.

—OH, Juan Cruz, você não sabe todo o... —Candelaria se interrompeu. O olhar furtivo e frio que de Silva lhe dedicou foi mais que eloqüente.

—Perguntei a ela, Candelaria.

—Bom... Não tenho feito muito, senhor... —apressou-se a replicar Fiona, sem muito ênfase. Toda sua segurança se desmoronou com apenas escutá-lo.

—Eu não acredito assim. Isso da escola e a cremeria... —Girou a cabeça e fixou o olhar na negra.

—OH, não senhor! Não diga nada a ela. foi todo minha idéia; ela só aceitou colaborar. Verá: fiz uma percorrida pelas casas dos peões. Quando me dava conta de que os meninos eram analfabetos e as mulheres pouco sabiam fazer, tomei o atrevimento...

—É claro que sim que foi um atrevimento —a cortou em seco Juan Cruz.

Naquele momento ingressou no salão uma das mestiças com a comida. Enquanto ela servia o peru, ninguém abriu a boca. Fiona, que se levou a taça nervosamente aos lábios, não podia evitar que suas pernas tremessem sob a mesa. Candelaria, em troca, não parecia muito preocupada.

—causaste grande revôo entre a peonagem com essas idéias, Fiona —disse por fim Juan Cruz, quando a criada se retirou.

O que mais estremecia a Fiona era o tom. Parecia-lhe muito cordial. perguntava-se se aquela não era a calma que predizia às tormentas.

—Eu...

—Puseste-os muito nervosos com todas essas idéias... —parecia procurar a palavra adequada—...escandalosas, diria eu.

—Escandalosas?

Fiona o olhou aos olhos com rabugice; nesse momento, a promessa que tinha feito a Maria horas atrás ficou no esquecimento.

—Eles não estão acostumados a essas coisas Y...

—Senhor de Silva, com todo respeito —interrompeu Fiona—. O que tem de escandaloso ensinar a ler e a escrever a um punhado de meninos? O que tem de escandaloso ensinar a fabricar queijos a um punhado de mulheres?

Fiona tinha elevado a voz. Tinha apoiado suas mãos com força sobre a mesa, e seu rosto tinha avermelhado de fúria contida. "Muito bem, pensou nesse momento, já hei dito o que tinha que dizer; se quer estalar, que estale." Mas voltou a equivocar-se. Em lugar da tormenta sobreveio um profundo silêncio durante o qual Juan Cruz lhe sustentou intensamente o olhar.

Sua esposa era, sem dúvida, pensou ele, uma mulher valente. Estava seguro de que ninguém se teria atrevido a desafiar o desse modo.

—Ai, Fiona Malone —disse por fim Juan Cruz, com um suspiro—. É uma menina para compreender algumas costure. Mas...

A jovem tentou lhe replicar, mas lhe apoiou um dedo sobre os lábios.

—me deixe falar, querida. Acredito que é muito inteligente, e não passará muito antes de que compreenda como se dirige o mundo realmente.

—Já sei como funciona. O que acontece é que eu não gosto de — murmurou apenas. De Silva, é obvio, escutou-a. Mas se limitou a lhe sorrir e a trocar abruptamente o tema de conversação.

Fiona pensava que depois de jantar lhe pediria que tocasse o piano. Mas não foi assim. Ordenou a Candelaria que lhe levasse o mate a seu estudo e, depois, desapareceu depois do vão da porta.

Fiona não podia acreditá-lo. sentia-se humilhada, cheia de fúria. Imaginou mil desculpas para ir a seu escritório e brigá-lo, mas todas lhe pareceram infantis. Pensou em lhe levar ela mesma o mate para ter oportunidade de conversar com ele; da escola e da cremeria, é obvio. depois de tudo, na hora do jantar não tinham ficado em nada; nada claro, pelo menos. Finalmente essa idéia não a convenceu. Abatida, decidiu partir a seu dormitório; talvez ao dia seguinte poderiam falar melhor; e a sós.

Já em seu dormitório, começou a dar voltas na cama, sem poder conciliar o sonho. Não queria apagar o quinquê; temia a sensação de absoluta escuridão. Tampouco desejava ler; tinha-o tentado e sua vista se atrasava largos minutos no mesmo artigo. Tampouco queria levantar-se. Simplesmente, não achava paz.

Já muito entrada a noite, de Silva não havia tornado ainda a seu dormitório. Fiona tinha estado muito atenta a qualquer som que proviesse da habitação do lado, e sabia que não se equivocava. Durante muito tempo esse dormitório tinha permanecido em silêncio; agora, estava ansiosa por escutar novamente seus sons. O sapateio de Silva

quando retornava, o suspiro que sempre exalava, o ruído da fivela de seu cinto ao golpear o respaldo da cadeira, o som da água na bacia quando se enxaguava o suor e o pó do rosto, os tacos das botas quando davam totalmente contra os tablones do piso, e os passos desejosos até a habitação dela. Fiona esperou, mas não escutou nada. Tudo estava na mais absoluta quietude.

levantou-se da cama e, antes de deixar a antecâmara, envolveu-se em uma bata de musselina, que tinha a obscenidade justa para aquelas noites calorosas. Decidida, encaminhou-se pelo corredor para o estudo de seu marido; falaria com ele essa noite, ou não voltaria a conciliar o sonho em sua vida. Baixou as escadas quase adivinhando onde estavam os degraus. A escuridão era absoluta; nenhuma só vela parecia estar acesa e não se escutava nenhuma voz. Seus escarpines apenas se roçavam o tapete da escada.

O estudo também permanecia às escuras; de Silva não estava ali. Tampouco o achou no salão azul. Nem na biblioteca, nem no salão de baile, nem na cozinha. cansou-se de procurar às cegas; já se tinha golpeado várias vezes e quase tinha atirado ao chão um *poliche* de porcelana que seus reflexos lhe permitiram apanhar no ar. Já não o buscaria mais. Esperaria-o em seu dormitório; cedo ou tarde teria que retornar a dormir. Ou se teria partido novamente? sentiu-se mau, e tratou de sobrepor-se. Sem pensá-lo, encaminhou-se à antecâmara do Juan Cruz.

* * *

—Não deveria mortificá-la tanto com o tema da escola. Está tão entusiasmada, a pobrecita! —comentou Candelaria.

Juan Cruz tomou o mate que lhe entregou a negra e se sentou frente a seu escritório. Tinha o sobreceño franzido e o olhar pensativo.

—Teria que ter visto como se empenhou contudo. Com a cremería, com a escola... Tem um caráter! Dirigia aos peões melhor que você —prosseguiu Candelaria, sorrindo.

Taciturno, de Silva lhe devolveu o mate sem levantar a vista. A mulher o olhou de soslaio antes de voltar a cevar. Sabia que o incomodava com tanta alharaca, mas queria lhe contar tudo.

—Os meninos estão muito contentes porque...

—Já não diga mais, Candelaria! —bramou Juan Cruz.

A negra não se alterou. Mais ainda, já lhe resultava estranho que não tivesse reagido antes. Enquanto se tomava seu mate, contemplou-o com carinho. Conhecia-o tanto que sabia exatamente o que Juan Cruz pensava nesse momento. Não era o assunto da escuelita o que o deixava sério, claro que não. Mas nem louca de arremate lhe ia atirar da língua para que lhe contasse. ficaria feito uma fúria se suspeitava que ela pressentia o motivo de seu mau humor.

depois de um silêncio, Candelaria se levantou disposta a abandonar o estudo. aproximou-se do escritório para despedir-se do Juan Cruz.

—E desde quando a defende tanto? —perguntou de Silva de repente—Me pareceu que não te caía nada bem a mucosa.

—Não te cria que a adoro; mas não é tão má. O parvo foi você por lhe escolher isso tão arisca e cocorita. Embora tenha que admitir que é tão, mas tão bonita, que seus defeitos se dissimulam bem.

Juan Cruz a olhou com um sorriso que equivalia a um assentimento. ficou de pé e caminhou sem rumo pela habitação. Candelaria compreendeu que era quão única podia ajudá-lo. Para isso, tinha que falar. E sabia perfeitamente o que era o que devia dizer.

—O outro dia cozinhou a perguntas a respeito de ti. Que desde quando te conhecia, que dia tinha nascido, que isto, que o outro — comentou a negra, como ao passo.

Ao escutá-la, de Silva se aproximou de sua criada com o rosto alterado, como o de um menino ansioso. deu-se conta em seguida de seu arrebatamento e tentou recuperar sua habitual falsidade; mas foi inútil: a impaciência por saber mais o delatava.

—E?

—E o que?

Candelaria pôs cara de inocente; sabia que o estava exasperando, e que essa era a única maneira de obter que seus sentimentos aflorassem.

—Que mais te perguntou, mulher?

—Ah! Nada mais. Disse-lhe que se queria saber perguntasse a ti. zangou-se comigo, mas não me importa. Além disso, já lhe passou. Não lhe duram muito os manhas de criança —disse a propósito.

Com a desculpa de que estava muito cansada, a negra se despediu e o deixou sozinho. De Silva a seguiu com o olhar até que a mulher fechou a porta; depois, ajeitou-se no sofá. de repente, sentiu em seu corpo o esgotamento de um dia muito duro. Tinha saído de Buenos

Aires antes do amanhecer, com a intenção de chegar à a Candelaria para o café da manhã, às sete. Uma demora involuntária jogou por terra seus planos. Um dos cavalos perdeu uma ferradura e deveram desviar o caminho em busca de um ferreiro. De Silva se enfureceu com o peão que cavalgava o cavalo em questão; supunha-se que deviam alistá-los na cidade para não perder um minuto ao dia seguinte.

A viagem a cavalo, a paisagem formosa da aurora e o clima benigno lhe devolveram o bom aspecto e a ansiedade com os que havia partido da cidade. Chegou passadas as nove. decepcionou-se quando perguntou pela Fiona e Candelaria lhe informou que tinha saído muito cedo no carro, mas que não tinha idéia de onde se dirigiu.

—Disse-te que a vigiasse... —repreendeu-a de Silva.

—Sim, pediu-me isso; mas é impossível. Essa menina é pólvora e não se deixa dirigir tão facilmente. Crie que posso estar lhe perguntando dia e noite que coisa faz? Várias vezes o tentei e me freou em seco. "Candelaria, sou uma mulher, não uma menina, não o esqueça", dizia-me; dava-se a meia volta e me deixava parada como estaca. Que queria que fizesse, que a atasse à pata de sua cama? Não cria...

—Bom, bom! Já deixa de te queixar —interrompeu Juan Cruz. Depois, abraçou-a com carinho e a beijou em ambas as bochechas.

—Ai, minha negra linda! O que vou fazer com essa chinita?

Enquanto Candelaria lhe contava as últimas novidades, Juan Cruz tomou o café da manhã algo na cozinha. Não tinha fome. Tinham comido algo no caminho, assim ao cabo de uns minutos saiu com seu padrillo a percorrer a fazenda.

Encontrou-a na fonte, pintando. Não lhe disse nada; fascinado, limitou-se a contemplá-la. Depois, na capela, rodeada de meninos medrosos, resultou-lhe encantadora. E agora sabia que sua esposa estava na quarto, preparando-se para ir à cama. De seguro Maria estaria penteando-a. Sempre cheirava tão bem... Sua pele naturalmente tinha esse aroma. ergueu-se de súbito e abandonou o sofá.

Estava de mau humor, mas não se devia ao alvoroço que Fiona tinha armado essas semanas em sua ausência, nem a cremería, nem a escuelita; nada disso. Por fim, de Silva se justificou consigo mesmo. Sentia pavora de que sua esposa voltasse a rechaçá-lo. Sabia que não o suportaria; mataria-a, cheio de raiva e despeito.

Pavura, ja! Ele, o grande de Silva, tinha-lhe medo a uma menina de dezoito anos. Deu-lhe um violento chute a uma cadeira. Melhor seria

sair um momento a avivar-se. Os peões o tinham convidado ao fogão essa noite, uma boa oportunidade para tirar o mau humor de cima.

Receberam-no com afeto. Um deles escondeu uma garrafa de aguardente; tinham proibido beber. De Silva se deu conta, mas se fez o zozinho. Não tinha vontades de repreendê-los. Tinha chegado até ali em busca de um pouco de distração. Possivelmente, até lhe sentariam bem uns goles de algo forte; entretanto, conteve-se: não era questão de desautorizar-se frente a seus homens. Sempre terei que estar atento e não colocar a pata.

As horas que passou com sua gente lhe vieram bem. divertiu-se e conseguiu afastar os maus pensamentos. Mas ao outro dia terei que trabalhar, e muito duro; começava a época da tosquia, uma tarefa que, embora árdua, resultava estimulante para os peões. Organizavam concursos para ver quem tosquiava mais ovelhas em um tempo determinado. Os prêmios não tinham muito valor; sim a sensação de ser o mais rápido na tarefa. A nenhum lhe ocorria competir com de Silva; a ele, ninguém o igualava.

Alguém apagou o fogão lhe jogando terra, outro se fez cargo do mate e seu equipamento, e assim terminou a farra dos gaúchos. despediram-se, encaminhando-se cada um a sua choça.

* * *

O estalo de um yesquero despertou. Olhou a seu redor, um pouco sobressaltado, e tratou de recordar onde estava; doía-lhe o pescoço e lhe tinha dormido um braço, no que começava a sentir o molesto comichão. Esfregou seus olhos e tratou de ver através da luz de um abajur aceso, uns passos mais à frente.

De Silva estava sentado em uma cadeira, com o respaldo para frente. Nesse instante guardava no bolso da calça seu yesquero de cauda de tatu e se levava o charuto aos lábios. Depois, apoiou tranqüilamente o queixo sobre o encosto de madeira e continuou observando-a com seriedade. Tinha o torso nu e só vestia as calças azuis que levasse para o jantar.

—O que faz você aqui? —perguntou Fiona com voz sonolenta.

—meu deus, Fiona! —Seus lábios sorriram divertidos—. Chego a *meu* dormitório e te encontro dormida em *minha* poltrona... Não crie que deveria ser eu o que pergunte isso?

Fiona recordou. Tinha decidido esperá-lo em seu quarto; tinha-o aguardado um comprido momento, até que o sonho a venceu e ficou dormida no canapé. Sentia vergonha; queria escapar dali a toda pressa: já não lhe importava falar com ele, só queria fugir. levantou-se, correu as mechas encrespadas de seus olhos e tratou de acomodá-la bata, que se abria, insinuante, ante o olhar lascivo de Silva.

—Desculpe, senhor. Só queria falar com você. Será melhor deixá-lo para amanhã. Agora deve estar muito cansado. —Enquanto o dizia, encaminhava-se para a porta comum.

—Um momento!

Juan Cruz se pôs de pé.

—Não acreditará que te observei dormir por mais de meia hora para me deixar agora com a intriga de que coisa tão importante tinha para me dizer que não podia esperar até manhã. Não, senhora. Você não se vai daqui até me dizer isso

aproximou-se lentamente, interpondo-se entre ela e a saída.

—Mas... —balbuciou Fiona, com o rosto encarnado—. Talvez seja melhor que...

Não pôde seguir. Juan Cruz a tirou dos ombros e começou a beijá-la tão febrilmente que lhe fez doer os lábios. Fiona sentiu que se estava afogando; mas o certo era que não queria detê-lo: começava a sentir o roce erótico das mãos dele sobre sua cintura, seus quadris, suas nádegas; logo, de novo sua cintura e seus peitos.

—Não... Não o faça... me deixe... —Tratou de vencer a tentação, tratou de separar o de seu corpo: resultou-lhe impossível; tratou de sentir-se ultrajada e humilhada, mas não o conseguiu.

—por que não, Fiona? O que acontece? Você não gosta? —Enquanto suas mãos seguiam percorrendo-a, falava-lhe com os lábios apoiados nos seus—. Não me deseja, Fiona? Não entende que me consumo por esta paixão que sinto por ti? me toque, por favor, me toque.

De novo essa voz torturada em seus ouvidos, em sua boca, em seus peitos, em todo seu corpo.

—Por favor... senhor... me deixe... —Sua voz era um sussurro entrecortado.

Juan Cruz a separou de si bruscamente; Fiona pensou que tudo acabaria nesse momento. Mas não. De Silva lhe tirou a bata, que caiu ao flanco do corpo da Fiona; logo, tomou entre seus braços e a levou a cama. Esta vez, Fiona não esperneou, não gritou, não o mordeu. tirou-se do pescoço de seu marido e o deixou fazer; e o deixou fazer porque assim o queria. Já não podia negá-lo: esse homem a enchia de um desejo físico que ela não podia controlar. Arrastava-a como um furacão, levando-a até acima e deixando-a cair como uma pluma depois de havê-la feito gozar do prazer mais arrasador.

Essa noite, Juan Cruz lhe fez o amor uma e outra vez. Fez-o como nunca antes em sua vida; ele mesmo estava desconcertado. deu-se conta de que a tinha desejado terrivelmente e que a tinha sentido saudades mais ainda.

Por momentos, Fiona sentia que devia detê-lo, deter-se. Mas não podia; aquilo a dominava como uma potente força externa, dobrava-a como uma papoula frente ao vento. Era impossível lutar contra ele. E os gemidos escapavam de sua garganta cada vez que Juan Cruz lhe acariciava o ventre, cada vez que lhe roçava os mamilos endurecidos com sua língua úmida e ofegante, cada vez que sussurrava "Fiona... meu deus... Fiona...".

Quando por fim terminaram, tendeu-se ao lado dela e, sustentando-a cabeça com a mão, permaneceu largos minutos observando-a dormir. Parecia tranqüila; sua respiração era compassada e apenas se se escutava. Seu nariz era tão pequenita. Desejou roçá-la com o dedo, mas temeu despertá-la. Seu cabelo flamígero se pulverizava ao redor, sobre o travesseiro. Esse marco perfeito, pensou, ressaltava ainda mais a brancura de sua pele.

Recostou a cabeça; o cansaço começava a vencê-lo.

—Fiona... formosa Fiona —sussurrou antes de ficar profundamente dormido.

Capítulo 9

Eram muitos os que pensavam que o grupo de patrícios que assassinou ao general Juan Lavalle a manhã de 9 de setembro de 1841

estava, em realidade, à busca da Bedoya, o governador cordovês que dias atrás tinha passado a noite no Jujuy, em casa da família Zenarruya. Havia algo de certo nessa hipótese. Aqueles patrícios sim procuravam a Bedoya, mas uns dias antes lhes tinha somado um moço de uns vinte e cinco anos que dizia estar procurando o Lavalle. Foi esse jovem quem, em meio da confusão do resto da partida, abateu ao Lavalle de um balaço na garganta no momento em que o general se encontrava no saguão da residência Zenarruya, disposto para fugir. antes de abandonar o lugar, o moço cortou com seu facão as medalhas que, agora ensangüentadas, tinham engalanado o uniforme do militar unitário.

—Pelo coronel Dorrego, meu pai —disse Juan Cruz, enquanto Lavalle se retorcia sobre seu sangue. Nunca soube se o tinha escutado. Não lhe importava; tinha vingado a morte de seu pai e isso era suficiente.

Semanas depois, de Silva reapareceu no estudo da casa de Moreno e Peru propriedade da família da esposa de Rosas. Ninguém sabia onde tinha estado, nem sequer o governador. Muito menos Candelaria, que permanecia angustiada na estadia.

Quando Juan Cruz transpôs a porta, Rosas lhe ditava uma carta a um de seus ajudantes. Seus olhares se cruzaram, e o governador entendeu que seu protegido precisava estar a sós com ele. Despediu-se dos assistentes e se sentou em sua poltrona de couro, sem pronunciar palavra. Aquele dia soube que Juan Cruz era o filho bastardo do Dorrego.

—Primeiro por meu pai, o coronel Dorrego; logo, por você.

O jovem arrojou as medalhas sobre a mesa e se retirou do lugar. Rosas reconheceu imediatamente as medalhas do Lavalle, seu amigo da infância e seu inimigo na maturidade. Então, a incerteza que rodeava a história do moço se limpou e tudo saiu à luz.

Desde muito pequeno, Juan Cruz tinha chamado a atenção do, por então, próspero pecuarista dom Juan Manuel de Rosas. Era um menino muito inteligente e vivaz que sempre estava entre os peões escutando-o tudo, aprendendo-o tudo. Tanto, que aos doze anos já tosquiava mais de dez ovelhas em uma hora, montava à perfeição e sabia dirigir um trabuco melhor que muitos gaúchos. E Rosas lhe ensinou as artes do facão.

afeiçoou-se muito com o mucoso. Havia algo em seu olhar, certa galhardia mesclada com soberba e inteligência, que recordava a outra pessoa, mas não sabia a quem. Além disso, era um menino educado; lia

e escrevia à perfeição e Rosas lhe tinha pedido muitas vezes sua colaboração para redigir suas cartas e missivas.

Mas a consagração do carinho para o menino de Silva veio quando, estando Rosas exilado na Santa Fé, em época da anarquia, Crucito, como ele o chamava, tomou um dos cavalos de Los Cerrillos e partiu rumo a essa província ao encontro de seu patrão. Ao vê-lo aparecer, Rosas não pôde acreditar que esse menino de apenas dez anos tivesse sorteado os perigos de semelhante viagem que a mais de um grandulón lhe havia flanco a vida. Os saques e desmandos dos exércitos, as animálias, a fome e o frio eram só alguns dos escolhos. Mas Crucito tinha chegado a Santa Fé com vida, morto de fome e com um olho inchado pela picada de uma vespa.

—Para o que você mande, meu patrão —respondeu com vaidade quando Rosas quis averiguar o motivo de sua presença.

E resultou muito útil. Serve como falso mensageiro do Lavallo, levando uma missiva ao general Paz, em que seu companheiro de luta lhe assegurava que tinha tudo sob controle e que a presença de seus exércitos não seria necessária. Crucito entrou no acampamento de Paz e entregou a carta falsa em própria mão. Depois, voltou para a estadia.

* * *

Rosas não pôde deixar de evocar intimamente aqueles episódios de anos atrás quando Juan Cruz transpôs a porta de seu estudo do Palermo.

—Ah, Crucito! Já quase não vem por aqui —disse o governador a modo de saudação.

—bom dia, dom Juan Manuel.

—Parece que o matrimônio te apanhou entre suas garras e não te deixa escapar.

Tomou pelo ombro e lhe aplaudiu as costas.

—Nem tanto, nem tanto —disse de Silva, com um sorriso—. Ultimamente viajei que estadia em estadia, tal corno você me mandou a dizer com o Cosme. Para isso vim, para lhe contar as últimas novidades.

—Muito bem, sente-se e desembucha.

Rosas olhou a seu redor, procurando entre seus empregados ao Pai Viguá, seu bufão pessoal.

—Pai Vigué, lhe diga a Manuelita que nos prepare mate fresco para mim e para o Crucito.

—Sim, sua excelência, em seguida —replicou o bufão.

E como ficou ali imóvel, Rosas lhe sacudiu um tapa nas costas, ao tempo que vociferava:

—Hei dito já, Pai Vigué! Ou tem você gradeio nos ouvidos?

Aturdido, o servente saiu rapidamente do salão temendo uma golpiza mais forte. Juan Cruz ria a gargalhadas da cena. Nunca tinha podido compreender a esse idiota do Vigué; Rosas o tratava pior que pior, humilhava-o, insultava-o, pegava-lhe, submetia-o aos torturas mais espantosas e ele seguia aí, talvez por um prato de comida e um teto onde cobrir-se.

A atitude de Rosas com de Silva era diametralmente distinta. Juan Cruz era uma das poucas pessoas às que o ditador na verdade respeitava. Em realidade, admirava-o. Admirava sua inteligência, sua sagacidade, e, por sobre tudo, sua frieza.

—Manuelita morre por conversar com sua mulher, mas ela nunca aceita os convites que lhe faz para as reuniões das quartas-feiras.

Juan Cruz sabia que isso era uma recriminação mais que um simples comentário. Ninguém se animava a rechaçar um convite à casa do governador. "Ninguém, exceto Fiona, é obvio", pensou de Silva.

—É que esteve um pouco ocupada. Custa-lhe adaptar-se a seu novo lar Y...

—Ou será talvez essa escuela que armou para os filhos dos peões?

O governador cravou seus olhos nos do Juan Cruz, que pareceu não alterar-se. Enquanto isso, se devanava os miolos tratando de lucubrar a melhor resposta.

—Não, não acredito que seja isso —respondeu de Silva, sem maior ênfase.

Era incrível, não tinha feito dentro da Confederação que lhe escapasse ao ditador; sempre sabia tudo. Sua rede de informação era endiablidamente eficaz, nunca falhava.

—Não crie que é perigoso andar educando aos filhos dos peões? Já sabe o que penso a respeito disso, Crucito.

—Sim; sei mais que bem o que você opina. Mas tudo está sob controle, dom Juan Manuel.

Com isso, de Silva pôs ponto final ao assunto.

—Se você o disser...

Rosas se aproximou do escritório repleto de papéis e expedientes; tomou um e o estendeu ao Juan Cruz.

—E agora, você que é mais rápido que eu com os números, quero que controles estas contas. Não me dão.

* * *

—Dormiu bem ontem à noite, Fiona?

Juan Cruz se sentou à mesa. Tinha chegado tarde do de Rosas e Fiona e Candelaria estavam esperando-o para jantar.

—Sim, senhor, obrigado —sussurrou Fiona, com o olhar baixo. Não queria que se notasse a vermelhidão em suas bochechas. A situação lhe resultava embaraçosa; essa manhã tinha amanhecido na cama de seu marido e, embora ele já não estava ali, havia-se sentido estranha. Antes nunca tinha passado toda a noite junto a ele. E o desconforto se mesclava com uma sensação que desde fazia tempo não conseguia explicar-se.

Candelaria observava ao matrimônio e, por momentos, suas atitudes a desconcertavam. Juan Cruz parecia contente, e Fiona, menos aguerrida.

—Convidaram a uma reunião no Palermo, na quarta-feira de noite —comentou Juan Cruz.

—Ah sim... E, qual é o motivo da reunião? Se posso sabê-lo, senhor... —perguntou Fiona sem olhá-lo.

—Nenhum em especial. A mesma de todas as quartas-feiras; divertir um pouco a Manuelita e conversar de política. Haverá o mesmo jantar americano de sempre, cantará-se um pouco, dançará-se... Não sei, Fiona, o que está acostumado a fazer-se nessas ocasiões, você sabe.

De Silva levantou a vista do prato e a descobriu olhando-o fixo. Estava muito belo. de repente, sentiu uma excitação e um regozijo inexplicável.

—Você não gosta das festas e essas coisas, verdade? —perguntou por fim Juan Cruz.

—Não muito, senhor.

A jovem ainda lhe sustentava o olhar, sem um espionho do acanhamento de minutos atrás.

—Que estranho que a uma jovencita como você não lhe agradem as reuniões! —comentou Candelaria.

—O que eu não gosto, Candelaria, é o que a gente faz nessas reuniões —replicou Fiona. Seus olhos azuis não se separavam dos de Silva, que a olhava impávido.

—E o que é o que a gente faz nessas reuniões, Fiona? —perguntou a negra, como se não soubesse.

—Verá você, Candelaria... As jovens solteiras não comprometidas se oferecem aos cavalheiros solteiros ou viúvos como se fossem fruta no mercado. As mães ou as avós passam horas inteiras organizando os encontros de suas filhas ou suas netas com os homens mais enriquecidos; é humilhante, me crie. Os homens, por sua parte, não perdem a oportunidade de caçar alguma presa mais ou menos atrativa e, se for milionária, tão melhor. E se for de linhagem, bom!, isso é o elixir, Candelaria.

Ambos a observavam divertidos. Fiona parecia poseída enquanto destrambelhava contra a sociedade em que lhe havia meio doido nascer.

—E não vai acreditar me Candelaria, mas também estão as *planchadoras*.

—As *planchadoras*!

—Sim, as *planchadoras*. As mais feias, as mais fracas, as mais gordas... ou as mais pobres, qualquer que presente algum defeito que a faça descartável, Pode acreditá-lo, Candelaria? passam-se toda a noite nos corredores ou nos pátios da casa porque nenhum convidado as pediu para nenhuma peça! E apesar de semelhante humilhação, continuam indo a cada um dos bailes aos que as convida. Pois eu, ao demônio com todos os bailes de Buenos Aires!

Fez uma pausa; deu-se conta de que estava dizendo de uma só vez mais palavras que as que tinha pronunciado desde que chegasse à a Candelaria. Tomou um sorvo de água e continuou, animada; depois de tudo, esse discurso, em parte, estava dirigido a seu marido.

—eu adoro ir com as *planchadoras*. —Fiona advertiu a expressão de surpresa no rosto da Candelaria—. Sim, Candelaria. Geralmente são pessoas agradáveis, amansadas pelo sofrimento de considerar-se menos que o resto. Além disso, é o melhor lugar para ocultar-se se um não deseja dançar com algum cavalheiro a quem já lhe prometeu uma peça.

De Silva já não pôde conter-se e soltou uma gargalhada. Fiona o olhou desgostada; esse não era o efeito que desejava lhe causar.

—Com que era por isso que ninguém te encontrava no do Saénz aquela noite —afirmou Juan Cruz.

Fiona estava furiosa; ficou olhando-o como lista para lhe saltar em cima.

—meu deus, Candelaria! Teria que ter visto o pobre Estar acostumado a... Buscou-a toda a noite, desesperado...

Voltou a rir, e a raiva da Fiona recrudescu.

—O pobre diabo não conseguiu sequer saudá-la —retomou Juan Cruz com inocultable desprezo. Depois, apartou a vista da Fiona e permaneceu calado, com as mãos juntas sobre os lábios.

Palmiro Estar acostumado a, tipo mau parido. Desde dia em que Rosas os apresentou, na quinta de São Benito do Palermo, resultou-lhe insuportável. O governador acabava de nomeá-lo secretário geral da Sociedade Popular, um posto bastante cobiçado; o imbecil se acreditava um deus por isso.

Juan Cruz desprezava o sorriso hipócrita de Estar acostumado a e seus modos de garotinho bem. Baixo esse oropel se escondia um homem baixo, sem princípios, com desejos doentios por subir no entorno que rodeava ao governador. De Silva sabia que Estar acostumado ao invejava. Tirava-o de gonzo que Juan Cruz fora tão especial para Rosas, como um filho, de sua inteira confiança; e para pior, milionário.

Foi misia Mercedes Saénz a que o pôs a par de que Estar acostumado a fazia tempo cortejava a Fiona, ou, mais exatamente, que estava meio loquito atrás dela. Mas a jovem nem o olhava. Lhe gelou o sangue de só pensar que esse maldito pudesse pôr uma mão sobre sua mulher, embora só fosse dançar o minué. Mas não terei que preocupar-se. Estar acostumado a estava longe, na cidade, ruminando sua derrota; em troca ele, desfrutava da vitória.

Voltou a vista a sua esposa. Ela o olhava fixo, com ânsias. Tinha que lhe dizer algo; precisava desafogar-se da raiva que lhe tinha feito sentir com seus sarcasmos.

—você saiba, senhor de Silva, que eu não danço com mazorqueros. É algo que me tenho proibido.

—Seriamente, Fiona? Então, me diga... —arqueou as sobrancelhas e ensaiou sua cara mais inocente—. por que não quis dançar comigo essa noite? Que eu saiba, não sou mazorquero, nem penso sê-lo.

Definitivamente, não o esperava. Essa pergunta foi como um balde de água fria. Como se atrevia a lhe perguntar isso? Respirou profundamente e bebeu um sorvo mais de água. Devia manter a calma.

Não permitiria que de Silva seguisse enredando-a em seus tentáculos com sua inescrupulosa habilidade.

—Você me pediu para uma peça no momento em que eu me retirava da festa. Estava cansada e tinha uma terrível enxaqueca — mentiu Fiona.

—É obvio — adicionou de Silva em tom irônico, pondo ponto final à conversa.

—Desejas mais bolo de choclo, Juan Cruz? —interveio Candelaria.

—Não, obrigado. —E adicionou—: Comam a sobremesa sozinhas, eu estarei em meu escritório arrumando uns papéis. —Logo, desviou o olhar para a Fiona—. Quando terminar, preciso falar contigo. Vêem meu estudo, por favor.

Fiona não respondeu; limitou-se a observá-lo até que desapareceu detrás da porta.

* * *

—Deverá deixar de dar classes aos filhos dos peões, Fiona. —A voz de seu marido soou imperativa.

Fiona não chegou a sentar-se no sofá de couro; deu um coice e esteve outra vez em pé. Tratou de tranquilizar-se; sabia que se perdia a calma perderia também a batalha.

—Senhor de Silva... —começou quase com doçura—. Eu entendo que esta é sua estadia e nenhum direito tenho A... —deteve-se bruscamente e com o dedo indicador indicou a de Silva que não a interrompesse—. Por favor, me deixe terminar.

Juan Cruz a olhou, divertido.

—É certo que não tenho nenhum direito sobre sua propriedade ou sobre o pessoal de La Candelaria —seguiu Fiona, imperturbável—, mas, como acredito que é você um homem muito inteligente, sei que compreenderá quão benéfica é a educação para os meninos. Porque tem que saber, senhor, que a ignorância é um inimigo encoberto ao que se deve combater sem quartel. Contra ela nada se pode, só fica eliminá-la.

De Silva, que tinha permanecido de pé detrás de seu escritório, começou a caminhar pela habitação, cabisbaixo, as mãos tomadas nas costas e o charuto entre os lábios.

—Certamente, Fiona, tem lido a muitos revolucionários europeus —afirmou, em tom severo.

—Como diz você, senhor? —Fiona tratou de dissimular o melhor que pôde o estremecimento que lhe provocaram aquelas palavras.

—Digo-o por essas idéias sobre a educação dos meninos e a ignorância. Tem lido muito sobre isso, verdade? —Agora a olhava direto aos olhos.

—Sim, é certo, senhor. Eu leio muito. Parece-me que, ao menos nisso, você e eu coincidimos. —Fiona olhou as paredes a seu redor. Altas bibliotecas, repletas do chão ao céu raso.

—Não posso acreditá-lo! Fiona Malone admitindo que coincide em algo com seu marido.

A jovem sentiu vergonha e se ruborizou. Entretanto, não ia deixar se vencer tão facilmente.

—É mais singelo pensar que minhas idéias correspondem a outros, verdade? Nem sequer por um mísero instante pode acreditar que isto que lhe digo é algo no que eu acredito firmemente e que nada tem que ver com minhas leituras?

—Sim, custa-me pensar que seja algo que surge de ti como por arte de magia.

—Arte de magia! Arte de magia há dito você! Senhor de Silva, nada é por arte de magia. Você deveria sabê-lo já... Tudo o que eu sei e conheço, tudo o que penso e acredito, é meu maior tesouro. É algo meu; me ganhei, e nada nem ninguém me vai tirar isso. Apesar de vestir saias e levar o cabelo recolhido em um coque, eu também sou capaz de criar minhas próprias idéias, senhor.

Sua postura era desafiante: a cabeça para frente, os braços em jarras sobre a cintura, o olhar fixo no rosto dele.

—Fiona... Fiona... sim que é uma mulher especial —murmurou de Silva para si. estava-se divertindo com a conversação, mas não desejava zangá-la muito; tinha outros planos para essa noite. deixou-se cair na poltrona, sem apartar o olhar dela.

Entretanto, o tom condescendente do Juan Cruz avivou ainda mais a Fiona.

—É lamentável que se considere "especial" a uma mulher só por querer superar-se e aprender um pouco mais que as nimiedades que nos ensinam. —Um sorriso irônico se desenhava em seus lábios—. Mas também tenho que reconhecer que a culpa não é de vocês, os homens. Não, senhor. A culpa é nossa, das próprias mulheres.

De Silva arqueou as sobrancelhas com assombro, mas não disse uma palavra.

—Sim, das mulheres... —voltou a afirmar—. Porque são elas as que se submetem às normas que outros lhes impõem sem sequer pensar por um minuto se lhes convierem ou não. E não dizem nem mu; ao contrário, humilham-se por obter a atenção de um "cavalheiro" que as possa pedir em matrimônio. Fazem algo por isso; e uma vez que o apanharam, apanhada-las são elas. Mas parecem não dar-se conta. E assim vivem, vegetando. Como diz Elíseo: "A culpa não é do porco, mas sim do que lhe dá de comer".

—Não acredito que todas as mulheres sejam como você diz —apontou de Silva—. Não acredito que misia Mercedes Sáenz o seja.

—É obvio que não! —assegurou Fiona com veemência—. Mas ela teve e tem ainda que suportar as línguas viperinas de muitas das mulheres mais elevadas de nossa sociedade. Ser assim, tão livre e aberta, causou-lhe sempre problemas; ela mesma me há isso dito.

—me há dito que se sente feliz de ser assim —retrucou Juan Cruz.

—É obvio —replicou Fiona, encorajada—. Ninguém pode sentir-se infeliz se fizer o que deseja com toda a alma.

—E você, Fiona, é feliz?

Pergunta-a que fazia tempo estava evitando a formulava agora a pessoa menos indicada. Sua mente começou a girar em círculos; nada lógico lhe ocorra como resposta. As mãos lhe suavam, as pernas lhe tremiam.

Juan Cruz viu como Fiona se transformava, e de ser a mulher mais segura passava a ser a mais temerosa e vulnerável. incorporou-se e foi para seu escritório, tratando de ocultar o gesto lastimero de seu rosto. Talvez, ele tampouco queria escutar a resposta. Abriu uma das gavetas e tirou um livro encadernado em couro. Logo, aproximou-se da Fiona, e o tendeu.

—Toma.

Fiona o recebeu com mãos trêmulas e o apertou contra seu peito; depois, separou-o para ler o título. Pôde ver as duas manchas úmidas que o suor de suas mãos havia impresso no couro da coberta.

—Sugiro-te que as a página cento e trinta e três; logo, se o desejar, dá-me seu parecer.

Fiona levantou o olhar do livro e se encontrou com os olhos escuros do Juan Cruz. Por um momento, sentiu um forte desejo de abraçá-lo; talvez sua expressão, mais mansa e tenra, talvez o tom de sua

voz, mais doce e pormenorizado, enterneceram-na. Sem esperar mais, abriu o livro e procurou a página indicada. A cor sépia das folhas denotava sua antigüidade; voltou-as com cuidado, parecia que poderiam quebrar-se como madeira ressecada.

— "O mito da caverna" — leu Fiona.

Ao voltar a vista à frente, pôde sentir a respiração do Juan Cruz, a só um passo de distância. aproximou-se ainda mais a ela e agora a contemplava dessa forma que tanto a impressionava. Sem lhe tirar os olhos de cima, Juan Cruz lhe tirou o livro e o deixou em uma mesita próxima a eles. Logo, roçou com suas mãos os maçãs do rosto da Fiona, que sabia tersos como a seda. Ela, hipnotizada, Conteve a respiração. Tinha as mãos inertes aos flancos do corpo, a boca entreaberta e o peito agitado.

Fiona sentiu que uma força animal a atraía quando o braço de lhe rodeou a cintura e uma de suas mãos a sujeitou pela nuca. Beijou-a desaforadamente, enquanto a apertava contra ele; e, logo, quando baixou pouco a pouco as mãos para suas nádegas, e a empurrou contra sua virilidade endurecida, Fiona o escutou ofegar. Parecia ter enlouquecido, parecia outro.

— me abrace — ordenou de Silva por fim, quase sem fôlego.

Fiona passou os braços por detrás do pescoço de Silva e se deixou levar uma vez mais. Não podia controlá-lo, aquele desejo era mais forte que sua vontade. E embora o não poder dominara enfurecia, teve que admitir que nunca havia sentido tanta sorte como entre os braços do homem que odiava.

Com o olhar extraviado, de Silva procurou com desespero um lugar onde lhe fazer o amor; pensou no escritório, no sofá, no mesmo chão. Não, nada era adequado para ela. Fiona, ainda agarrada a seu pescoço, observava-o confundida, sem atrever-se a dizer uma palavra.

Juan Cruz a levantou no ar e saiu de seu estudo. Fiona se sujeitava a suas costas; agora que se aferrava lhe parecia mais larga e robusta. O fôlego entrecortado dele a estremeceu e não pôde evitar beijá-lo; primeiro na mandíbula, depois na bochecha, algo áspera pela barba incipiente, e, por fim, no pescoço. De Silva se contorsionaba cada vez que sentia os lábios úmidos da Fiona sobre sua carne. Era a primeira vez que o beijava dessa forma, tão voluntária, e aquilo terminou de desenquadrá-lo; depositou-a sobre o tapete do salão principal e começou a despir-se. Parecia alienado, e a expressão ofegante que animava o rosto de sua mulher o avivava ainda mais que seu próprio desejo.

Fiona observava o jogo e a tensão de seus músculos à medida que ele se despojava da camisa, das calças e, finalmente, dos calções. Afogou um gemido na garganta quando Juan Cruz lhe rasgou de um puxão a bata de fofoqueiro, liberou-lhe os peitos e começou a beijar-lhe e sugar-lhe. Um torvelinho de sensações começava a envolvê-la quando sentiu que a penetrava. Logo, o éden.

* * *

—Senhor... senhor de Silva.

Fiona lhe sussurrava ao ouvido para despertá-lo. Ainda estavam tendidos sobre o tapete; ela, despida pela metade, ele, completamente nu. Parecia dormido; um braço a envolvia pelas costas e o outro descansava em seu ventre; paradoxalmente, embora apanhada, não desejava sair dali.

—Senhor de Silva... —insistiu, levantando um pouco mais o tom.

A casa estava em silêncio; os serventes dormiam, à exceção do guarda que passava a noite vigiando possíveis malones da torrecilla. Estava muito longe, quase nos limites do casco da estadia, não havia riscos com ele. Mas, o que aconteceria algum dos serventes despertava e os via?

—Senhor de Silva, por favor, desperte! —Agora o sacudia freneticamente.

Juan Cruz dormia como um menino a seu lado; de repente começou a mover-se com lentidão e a fazer sons estranhos com a boca. Isso a fez rir.

—Senhor de Silva, desperte de uma vez, por favor. Devemos ir antes de que alguém nos descubra.

Juan Cruz se incorporou com uma gargalhada; doía-lhe as costas e tinha uma perna e um braço médio intumescidos, mas se sentia bem.

—por que ri, senhor? —perguntou Fiona ofendida; e desviou o olhar ao advertir que Juan Cruz ficava de pé e seu corpo nu se projetava ante ela.

—Fiona, esta é minha casa; e você é minha esposa. —Levantou a calça do chão e começou a ficar o Ninguém pode nos dizer nada, entende?

—Sim, mas melhor vamos —disse ela, enquanto tratava de levantar-se.

Nesse momento Juan Cruz tomou as mãos, atraiu-a fada ele e a beijou nos lábios. Ela se ruborizou e ele sorriu.

—me deixe te ajudar com sua bata. Fiz-a farrapos... — Contemplou-a com picardia, com as mãos ainda sobre o tecido—. Amanhã mesmo irá a Buenos Aires e encarregará todos quão vestidos deseje. Está bem?

—Não é necessário, senhor, tenho...

—Nada disso, Fiona. Minha esposa tem que ser uma rainha.

Recolheu a camisa e o calção do piso e os carregou ao ombro. A Fiona fez graça vê-lo assim.

—Além disso, em minha última viagem a Buenos Aires aceitei algumas convites a reuniões e festas. —Olhou-a de soslaio e pôde advertir um gesto de aborrecimento. Atraiu-a para ele pela cintura antes de lhe dizer—: Já sei que você não gosta; mas, faria-o por mim? — Cruzou com ela um olhar fugaz—. Melhor não me responda.

Juntos começaram a ascensão silenciosa pela escada. De Silva semidesnudo, ela, toda desalinhada.

—Senhor de Silva, poderei continuar com meu escuelita? — perguntou Fiona quando chegaram à porta de sua habitação.

—Amanhã falaremos disso.

Juan Cruz sabia que a resposta era não, mas não estava disposto a romper a magia desse momento por nada do mundo.

Com inocência, Fiona juntou as mãos como em uma prece e as levou a peito.

—Por favor, senhor, o suplico.

Juan Cruz pensou que poderia voltar a lhe fazer o amor ali mesmo, com igual ímpeto.

—Não, Fiona. —Acariciou-lhe a bochecha—. Agora não. Amanhã veremos; agora estou muito cansado. —Voltou a beijá-la.

—É Rosas, verdade? Ele não quer meu escuelita, não é certo?

Era tão sagaz. Possivelmente deveria ter eleito uma mais tola; e menos impetuosa. Como Clelia, talvez. Mas não, era a Fiona a quem mais desejava em sua vida.

—vá dormir, amanhã falaremos.

Fiona entrou em sua habitação. Sabia que não devia insistir; não com de Silva.

* * *

—Qual é seu sobrenome, Candelaria? —perguntou Fiona como ao passar.

A mulher começou a tossir com nervosismo.

—Faz dias quero perguntar-lhe e sempre me esquecimento.

—Bom... verá... este...

—Acontece-lhe algo mau, Candelaria? —perguntou com fingida ingenuidade—. Eu só desejava saber seu sobrenome.

—E para que deseja saber seu sobrenome?

A voz profunda e viril do Juan Cruz se deixou escutar no momento em que ingressava no comilão. aproximou-se da negra e a beijou em ambas as bochechas, como cada manhã; depois, sentou-se.

—Por nada em especial, senhor —se apressou a responder Fiona—. Simples curiosidade,

Juan Cruz não a olhava; parecia estar muito concentrado em desdobrar o guardanapo sobre seus joelhos. Enquanto, uma faxineira lhe servia café e Candelaria lhe escolhia alguns pãozinhos.

—Seu sobrenome é de Silva, Fiona —disse por fim.

Fiona franziu o sobrecenho e olhou à mulher, que tinha baixado a vista, envergonhada.

—Isso significa que vocês são parentes, senhor? —perguntou quase com medo.

—Não, não o somos. Candelaria me deu seu sobrenome porque ninguém mais estava disposto a fazê-lo.

Fiona se ergueu um pouco mais na cadeira. Jamais teria imaginado que lhe daria uma resposta tão direta.

—Isso foi muito nobre de sua parte, Candelaria —disse.

—Obrigado —murmurou a negra.

—Que deliciosa manteiga! —comentou Juan Cruz, pondo ponto final ao Este tema é a que fazem na famosa cremería?

—Sim —replicou Candelaria mais reposta—. E isso que ainda não te dei a provar os queijos.

—Quase não posso esperar para comer um —disse ele, tomando a mão.

Fiona os olhou e compreendeu que se tratava de outro desses momentos nos que ela não existia. Sentiu ciúmes.

—E também poderemos continuar com a escolinha, verdade, senhor? —disse, aproveitando o momento de euforia.

—Não, não poderá seguir com a escolinha.

Fiona sentiu raiva, tristeza, impotência, uma mescla muito difícil de controlar. E não pôde evitar umas lágrimas.

—Por favor —pareceu suplicar de Silva.

Nesse preciso instante, Candelaria se levantou e abandonou a habitação. Isso a enfureceu mais ainda; era a mulher perfeita, sabia como proceder em cada ocasião, sempre fazia o que lhe agradava, jamais o zangava. Em troca ela, sempre cometia algum engano que terminava por tirar o das casinhas.

—Já falei com o professor Pellegrini para que venha a te dar aulas de pintura. O outro dia te vi na fonte com...

—Não quero classes de pintura! Quero meu escolinha!

Até para ela as frases soaram como as de uma garotinha caprichosa.

—Não pode seguir com isso. Os meninos têm que trabalhar para ajudar a seus pais, e eles se queixam porque estão todo o dia colocados entre livros...

De Silva tratava de manter a calma, mas não estava acostumado a que suas ordens não se obedecessem.

—É Rosas! É ele o que não quer! —A jovem se levantou da cadeira—. Maldito tirano!

Fiona pensou que seu fim tinha chegado quando viu o braço do Juan Cruz elevar-se no ar. Instintivamente, fez-se para trás, cobriu-se o rosto e afogou um alarido de terror. Mas antes de tocá-la, de Silva deixou cair a mão. Logo, aferrou-a bruscamente pelos ombros, elevou-a no ar e a apoiou contra a parede; os pés da Fiona bailoteaban freneticamente sem apoio.

—me baixe, me baixe!

—Alguma vez volte a chamá-lo tirano —disse Juan Cruz com os dentes apertados de raiva—. entendeste? —gritou-lhe perto do rosto.

Como pôde, Fiona moveu a cabeça em sinal de assentimento. Lhe tinha arrepiado a pele de todo o corpo e um tremor frio lhe sulcava as costas. "Outra vez não", pensou angustiada ao recordar a ocasião em que de Silva quase tirou a porta de seu sítio e destruiu uma pesada cadeira.

Então, sentiu que de Silva descomprimia a força que tinha estado exercendo sobre seus ombros e, pouco a pouco, voltava-a para terra firme. De todas formas, não a deixou escapar; colocou ambas as mãos à

altura de seu pescoço, tão perto que lhe cravava os polegares na carne. O fazia doer. As mangas da camisa de Silva se correram para cima e Fiona pôde ver como os músculos se esticavam sob sua pele bronzeada e suarenta.

—Sou um bastardo, Fiona. —Disse-o em um sussurro resistente, como querendo destroçá-la com os dentes—. Um bastardo —repetiu—. Você não tem idéia do que isso significa, nem a mais remota idéia. O que vai ou seja você, mucosa malcriada, se jamais te faltou nada? —sorriu com ironia.

Ela se moveu um pouco, tratando de escapar das tenazes que a mantinham aprisionada: foi impossível. Pior ainda: apenas se moveu, Juan Cruz tomou pelo pescoço.

—Dá-te asco te haver casado com um bastardo? Por isso me rechaçou de um princípio, porque sou um bastardo, verdade?

Os olhos de Silva a queimavam. Fiona tratava de negar com a cabeça, mas sentia que a cada movimento os dedos dele lhe cravavam na carne. A dor era, momento a momento, mais intenso.

—Mentirosa! É uma maldita mentirosa! —bramou Juan Cruz.

Fiona sentiu o fôlego quente do homem em seu nariz e começou a tremer.

—Mas não me importa. Já te tenho, é minha —disse ele com desdém.

—me solte, por favor —choramingou a jovem.

—Não antes de que escute o que tenho que te dizer.

Retirou sua mão do pescoço da Fiona e voltou a apoiá-la contra a parede.

—Quando Candelaria chegou comigo à estadia de Rosas, eu tinha apenas dias de nascido. Estava morta de fome e sem forças porque tudo o que tinha o trocava por leite para mim. —Fez uma pausa em que baixou a vista; depois, continuou com a mesma veemência—. Rosas a acolheu em seu campo, deu-lhe um rancho onde viver e lhe ofereceu trabalho. Nunca nos deu de presente nada; sim nos brindou a oportunidade de subsistir quando todos nos desprezavam. me tratou sempre como a um filho, e eu o quero como a um pai.

Baixou cansativamente os braços e voltou para sua cadeira.

—Sente-se, Fiona.

Estava cansado de brigar com ela. Preferia-a mansa e disposta como quando faziam o amor. Não queria brigar mais.

Obedientemente, Fiona se sentou à mesa, com as mãos sobre a saia e a vista na toalha; não queria olhá-lo aos olhos. sentiu-se miserável e triste; nesse momento compreendeu que dom Juan Manuel era para o Juan Cruz o que Sejam Malone para ela. Que fazia de Silva com ela? depois de tudo, teria que odiá-lo; mas não podia.

— Senhor...

— Fiona...

Os dois falaram com mesmo tempo. depois de olhar uns segundos, sorriram tristemente.

— O que foste dizer me?

— Queria lhe pedir perdão por chamar assim a dom Juan Manuel. Eu não sabia nada. — Voltou os olhos à toalha.

— Está bem, Fiona. Talvez a culpa seja minha por não haver lhe contado isso, mas... é tão difícil falar contigo... Sempre à defensiva, sempre tão mordaz...

— Bom, senhor, você tampouco fica atrás —argüiu Fiona com novas presunções.

Juan Cruz se limitou a lhe sorrir.

— Fiona, o que vou fazer contigo? por que insiste em me desafiar? — perguntou-se, enquanto aproximava uma mão ao pescoço de sua esposa e o acariciava; sabia que lhe tinha causada dor com seus dedos. Tinha uma pele tão suave, tão vulnerável.

— Eu não quero desafiá-lo. Só desejo continuar com minhas classes. — Viu-o sobressaltar-se levemente na cadeira, e se apressou a adicionar—: É que não compreendo que mal faço ensinando a ler e a escrever aos meninos.

— Há tantas coisas que não compreende... E não porque não seja inteligente! — adicionou em seguida ao ver que Fiona franzia o sobreceixo—. É claro que sim que o é; mas não viveste o suficiente para entendê-lo tudo. O mundo é mais complicado do que você crie.

ficou de pé, disposto a abandonar o comilão.

— Senhor... — chamou-o Fiona antes de que cruzasse a porta—. E sua mãe, senhor? O que ocorreu com ela?

— Minha mãe está morta.

A negra Paolina se aproximou do mostrador da recepção. O homem que atendia estava concentrado em sua tarefa: anotava algo, com letra miúda e clara, em um enorme livro que tinha diante.

Paolina apoiou a confusão de roupa que trazia em um espaço livre do mostrador e pigarreou, delatando sua presença. O homem levantou a vista por sobre seus óculos.

—bom dia, senhor Keen —saudou a criada.

—bom dia, Paolina. perguntou por ti três vezes no que vai da manhã. por que demorou tanto, menina? —perguntou Keen, o dono do hotel, um velho irlandês que desde fazia alguns anos vivia em Buenos Aires.

—Está zangado? —perguntou Paolina com medo.

O homem se encolheu de ombros e fez um gesto com a boca.

—Com de Silva nunca se sabe, menina. O melhor é não fazê-lo rabiar. Vamos, sobe; está na mesma habitação de sempre.

A criada subiu com rapidez as escadas, mas demorou um pouco em bater na porta. Em realidade, embora de Silva nunca tinha sido mau com ela, sabia que podia sê-lo se não se cumpriam suas ordens. A verdade é que tinha tido toda a intenção de chegar mais cedo, tal e como tinha ficado com ele; só que, com a senhorita Cloé rondando por aí, tinha-lhe resultado impossível.

—Adiante —disse de Silva, quando por fim Paolina se atreveu a chamar—. Chega tarde. Faz momento que teria que ter saído para a estadia —a repreendeu.

A jovencita começou a tremer; as palavras não lhe saíam.

—Patrão, desculpe, mas... Perdão, patrão, o que acontece... Bom, não pude antes porque... É que...

—Paolina, Por Deus, te explique de uma vez!

—A senhorita Cloé não me deixou em paz nem um minuto, patrão. Logo agora pude escapar da casa porque ela saiu a fazer umas compras —explicou a negra, espremendo-as mãos, com o olhar fixo no chão.

—Está bem. —Juan Cruz trocou o tom de voz e continuou—. De agora em mais, manda-o ao Mateo; com ele será mais fácil.

—Sim, patrão.

—Trouxe-me o que te pedi?

A negra estendeu os braços e entregou a confusão de roupa. Juan Cruz o jogou sobre a cama.

—Estas são todas as coisas delas que ficavam na casa, patrão. Já não há nada mais —assegurou a jovem.

Sem falar, de Silva se aproximou de um móvel, tirou de uma das gavetas um saco com moedas, e o entregou a Paolina. Depois, despediu-a.

—Vete agora. Não esqueça mandar ao Mateo o mês que vem.

A jovem estava a ponto de abandonar a habitação quando Juan Cruz a deteve.

—Como está ela? —perguntou.

A jovem soltou um fôlego de indignação antes de responder.

—Como louca, patrão. Desde que você já não vai à casa, a senhorita Cloé está como louca. Não faz mais que me perguntar por você. Quer que lhe diga onde nos encontramos. Ela sabe que você me entrega o dinheiro todos os meses, por isso me pergunta, patrão. Mas eu não lhe digo nada, nenhuma palavra.

Esperou uns segundos antes de ir-se; talvez o patrão desejasse lhe perguntar algo mais. Mas de Silva deu meia volta e se dirigiu à janela. De ali divisou a Praça da Vitória e a Recova Nova. Era um hervidero de gente, alguns comprando, outros vendendo, todos entre meio dos cães e os cavalos. Um transtorno. Queria retornar logo à Candelaria; ali encontrava paz. Quando se voltou, Paolina já não estava.

Decidiu tomar um banho. Sempre retornava a sua casa com aroma de cavalo e tudo suado; não gostava que Fiona o visse assim; menos ainda, que o abraçasse e o beijasse. Fechou os olhos, inspirou profundamente, e se entregou a pensar nela, cheio de gozo. Apesar do da escuelita, ela não tinha trocado com ele. Embora não deixava de dar rédea solta a seu caráter irlandês cada vez que podia, seguia bem disposta, e cada vez mais carinhosa. Por outra parte, pensou, o que seria de sua vida sem seu Fiona aguerrida e mordaz? Nada, disse-se.

A tina estava preparada. deslizou-se dentro dela, até relaxar-se por completo. A água morna era um prazer. Desejou que Fiona estivesse ali nesse instante, banhando-se com ele. A pele lhe arrepiou de só pensá-lo. imaginou lhe ensaboando as costas, o pescoço, os seios. Sua mente recordou esses mamilos rosados e translúcidos endurecidos pela excitação. Sentiu a ereção e se estremeceu.

A porta da habitação se abriu de repente. De Silva retornou de suas fantasias e se encontrou com o Cloé, sob o dintel. Em um ato reflito, ficou de pé; a mulher fechou a porta e avançou para ele.

—Pensando em mim, talvez? —perguntou, sarcástica, com a vista posta no membro ereto.

O rosto do Juan Cruz se mudou. Gesticulou uma toalha e se cobriu. Cloé não podia acreditar que estivesse tão envergonhado, e riu a gargalhadas.

—O que faz aqui? —repreendeu-a de Silva de mau modo, já fora da tina. Tratou de recompor-se. Não gostava que o vissem alterado. Não gostava que soubessem o que sentia, nem o que pensava.

—Como que o que faço aqui? —exclamou a mulher, fazendoa surpreendida—. Venho a verte. Faz tempo que não visita a casa. Você estranho, meu amor. —Tinha abandonado o gesto pícaro, trocando-o por outro, carregado de desejo. aproximou-se dele e lhe apoiou as mãos sobre o torso molhado—. Está irresistível —lhe disse ao ouvido, lhe mordiscando o pescoço.

De Silva permanecia de pé, com os braços ao flanco do corpo. O contato íntimo com a mulher o incomodou. De fato, encheu-o de raiva. Que fazia ela aí? Como tinha chegado? Claro! Seguiu a Paolina. Negra estúpida! Havia-lhe dito que tomasse cuidado.

—me solte, Cloé —ordenou, apartando a dele.

—Antes te enlouquecia que te tocasse. Recorda-o?

Outra vez se equilibrou sobre ele, rodeando-o com os braços, lhe beijando o peito. Tirou-lhe a toalha que o envolvia e lhe acariciou o traseiro. Um súbito calor envolveu o corpo do Juan Cruz, enchendo o de desejo, mas o rosto de sua esposa lhe apresentou e se desfez do Cloé com rudeza. Tomou a toalha do chão e voltou a cobrir-se.

—Mas, o que te passa! —vociferou a mulher, furiosa.

—Disse-te faz tempo que o nosso não pode ser. Pelo visto não me entendeu. Agora lhe repito isso! O nosso se acabou, e basta.

Cloé o propinó uma bofetada, com o gesto alterado pela raiva. Juan Cruz apertou os dentes para conter-se. Teria querido estrangulá-la. Com lentidão, voltou a cara até encontrar-se com os olhos da mulher.

—me perdoe, meu amor, me perdoe —balbuciou Cloé, com as mãos sobre o peito e o olhar choroso.

De Silva não disse nada. separou-se dela e, encaminhando-se à cama, começou a vestir-se.

—Não pode me deixar, Juan Cruz, eu te amo.

De Silva pensou que a teria admirado mais se se tivesse economizado a súplica, e tivesse abandonado para sempre sua vida. Essa mulher se estava convertendo em um perigo. Era do tipo cruel e ladino, e agora estava ferida em seu orgulho. Todo isso, junto, era de

cuidado. Conhecia-a bem, sabia capaz de muito. Era um inimigo para respeitar.

—Cloé, eu jamais te prometi nada. Você sabia que o nosso podia terminar tal como tinha começado, de um dia para o outro.

—Mas eu me apaixonei por ti, não entende? Não posso viver se não sinto a meu lado, Juan Cruz.

Oxalá Fiona lhe dissesse essas coisas. Não, ela nunca as diria, embora ele o desejasse mais que nenhuma outra costure neste mundo. Em troca as dizia uma mulher da qual já não sabia como desfazer-se sem armar um escândalo. Um escândalo com uma puta, pensou, seria o fim de seu matrimônio. Fiona jamais o perdoaria, e a sociedade de Buenos Aires tampouco. Mas, ao diabo com a sociedade! O único que lhe importava era sua esposa. Ela jamais devia inteirar-se da existência do Cloé.

—Não entendo, Juan Cruz, por que não podemos nos ver?

—Já lhe disse isso; esta é uma cidade muito pequena, aqui todo se sabe. E não me convém um escândalo neste momento. Seria como jogar meus planos pela amurada —respondeu Juan Cruz, sem olhá-la, acomodando o pescoço frente ao espelho.

—Mentira! Isso é uma mentira! —gritou como louca Cloé.

De Silva a espionagem pelo espelho; o que viu não gostou. Eram o olhar e o gesto de uma pessoa desenquadrada.

—O que passa é que te apaixonou por essa bienuda! Maldita menina do demônio!

—Baixa o tom de voz, estúpida!

De Silva lhe aproximou rapidamente e, tomando-a pelo cotovelo, sacudiu-a com força.

—Sim —afirmou Cloé, olhando-o aos olhos—. Apaixonou por ela como um juvenzinho inexperiente. Eu te conheço, Juan Cruz de Silva. O escândalo e a sociedade lhe importam um nada. Caga-te neles! Mas a imbecil essa, a Fiona maldita, essa te traz como louco. Está completamente apaixonado por ela.

Cloé começou a rir convulsivamente. Suas gargalhadas eram doentias, tinha os olhos muito abertos e uma expressão de loucura que não lhe apagava da cara.

—Que estupidezes diz, mulher! —exclamou de Silva, soltando-a com estupidez.

—Estupidezes? Que estupidezes? É a pura verdade.

fez-se um silêncio incômodo. Cloé não lhe tirava a vista de cima. Ele, em troca, olhava para outro lado.

—Sabe? —começou a dizer Cloé com voz mais calma—. Estive averiguando a respeito de seu Fionita adorada.

Juan Cruz se voltou com o rosto desencaixado.

—Sim. Disseram-me que é uma preciosura, mas que não gosta que a leve a cama. Alguns de quão brigados teve com ela por isso chegaram até aqui, queridito. Ai, a servidão...! Um mal necessário! —exclamou, com gesto de artista—. Não é tão linda como dizem, em realidade. Uns domingos atrás tive que me agüentar uma missa completa no Socorro para conhecê-la.

Juan Cruz se aproximou da mulher e a olhou fixo, sem pestanejar. Cloé retrocedeu, temerosa, mas continuou com seu relato insidioso.

—Aí estava, com seu abuelita e seus parentes, rezando como uma monja Ora! Segui-as até a casa. Linda casa.

Juan Cruz tomou pelo pescoço e a empurrou contra a porta. Aproximou-lhe o rosto até quase lhe roçar o nariz. Cloé tinha a cara morada e não podia respirar.

—Se voltar a lhe aproximar isso você Mato.

Soltou-a. A mulher caiu ao chão, ainda enjoada. sovava-se o pescoço e respirava com dificuldade. Doíam-lhe o peito e a garganta, mas isso não importava. O que sim contava era que ela tinha razão. Juan Cruz estava perdido pela maldita Malone.

—Agora vete, Cloé, e não volte mais. Seguirei te enviando dinheiro, todos os meses, como até agora, pelo tempo que você queira; mas não volte a me buscar. Entende-o, não desejo verte mais.

Cloé ficou de pé, com o rosto cheio de lágrimas. Não eram lágrimas de tristeza: estava furiosa, cheia de ódio.

—te coloque o dinheiro no culo! Não o quero! Eu sou uma puta respeitável. Pagamento se disposto o serviço —gritou, exaltada, e lançou uma curta gargalhada.

Juan Cruz se estremeceu.

—Entende-o bem, querido meu... Não poderá te liberar de mim tão facilmente! Nunca poderá!

E se foi dando uma portada.

Capítulo 11

Fiona já não agüentava mais assim, tão quieta. Fazia mais de uma hora que posava para um retrato e para uma miniatura. Seu marido tinha convencido a um dos artistas mais tornados famoso da época, Enrique Pellegrini, para que a pintasse e fizesse para ele sua miniatura em marfim com marco de ouro e brilhantes engastados. Em realidade, Pellegrini tinha abandonado a pintura para radicar-se em um campo do Cañuelas. Mas ninguém podia negar-se a um pedido de Silva, que, por outra parte, quando lhe pediu uma fortuna pelos retratos aceitou o preço sem falar.

—É você mais bela do que se comenta, senhora de Silva.

Fiona se limitou a sorrir.

—O senhor de Silva me pediu que lhe desse classes de desenho e pintura —comentou Pellegrini—. Infelizmente, será impossível. Eu já me retirei. Entretanto, se você me permitir isso, posso lhe recomendar um discípulo meu que viria a lhe dar aulas encantado.

—Está bem —respondeu Fiona sem muito entusiasmo. Em realidade, ela não desejava classes de desenho; isso era algo que Juan Cruz tinha decidido para encher seu tempo.

—Uns minutos mais, senhora, e a deixarei em liberdade. Meu plano é me levar estes traços a meu *atelier* terminar as pinturas ali.

—Muito bem —disse Fiona.

—Calculo que mais ou menos em um mês estarão terminadas. Eu mesmo as trarei até aqui.

—É você muito amável, senhor Pellegrini.

Fiona se sentia vazia sem suas classes, sem seus alunos. E embora em ocasiões tinha ido à casa de alguns deles a lhes ensinar algo, finalmente teve que resignar-se; não por ela, mas sim pelas súplicas das mães que, aterrorizadas, temiam ser descobertas. A ordem do patrão tinha sido: "não há escola". E ela, pouco a pouco, estava-se acostumando à idéia.

Passava as tardes lendo na biblioteca, que era muito completo; havia livros mais que proibidos na Confederação e, assim e tudo, de Silva os conservava. Leu as obras completas do Shakespeare, *Graziella* do Lamartine e tantos outros. Agradava-a como nada tomar o chá com a Catusha e passar a tarde em sua cabana. Em ocasiões, seu amiga parecia esquecer-se dela e se internava no jardim para dedicar-se a seu novelo e

flores. Fiona a contemplava comprido momento e até isso lhe resultava prazenteiro. Algumas vezes, Catusha cantava velhas canções em inglês, com uma voz muito doce e afinada. Gostava das escutar; eram as mesmas que entoava sua avó nas festas familiares ou em Natal.

O salão azul se converteu em um de seus favoritos. Era um sítio especial, cheio de luz pela tarde. De ali, a paisagem do parque se apreciava em toda sua extensão e ela, enquanto tocava o piano, não apartava a vista do verdor; passava-se horas praticando os *scherzos* que conhecia e as melodias que mais gostava. Às vezes visitava a cremería, que ia vento em popa. Apesar de que tinha sido sua iniciativa, o estabelecimento já não lhe pertencia; Candelaria era ama e senhora ali. Mas isso não lhe incomodava; não pretendia passar o dia inteiro entre leite e queijos.

de repente, sua vida social adquiriu um ritmo e uma intensidade vertiginosos. Quase todas as semanas concorria a Buenos Aires junto a de Silva a alguma reunião. Não pôde evitar assistir algumas quartas-feiras ao tradicional chá da Manuelita, e embora odiava essas reuniões, a filha do governador lhe resultava mais que encantadora; tinha certa ingenuidade que contrastava com o tosco e ladino de seu pai. Manuelita lhe brindava atenção especial quando a recebia e nunca deixava de lhe dizer que a sentia como uma irmã muito querida. Nas poucas ocasiões em que se cruzou com Rosas na quinta do Palermo se limitou a intercambiar com ele uma saudação formal e fria. Apenas o via, sentia o forte impulso de lhe cantar umas quantas verdades, e se se continha era porque não desejava incomodar a Manuelita, e menos ainda a de Silva.

* * *

Essa noite havia uma festa muito importante no de Domingo Riglos, uma das personalidades mais destacadas de Buenos Aires, e Juan Cruz parecia notavelmente interessado em concorrer. Tinha-lhe ordenado a Fiona que se fizesse confeccionar o melhor dos vestidos, e para ele tinha encarregado um luxuoso fraque.

Fiona suspirou com aborrecimento: era hora de ir arrumar se. Logo chegaria de Silva, e como era escrupulosamente pontual, queria sair com tempo se por acaso lhes apresentava algum inconveniente no caminho.

Começou a subir as escadas e, antes de chegar ao descanso, escutou a voz de seu marido que dava algumas indicações, certamente ao Celedonio. deteve-se e permaneceu uns instantes escutando-o, como enfeitiçada; estava profundamente cativada por ele, e já não tinha sentido tratar de ocultá-lo. De Silva tinha conseguido meter-se o na mente e no coração, até convir-se para ela no centro de tudo. Tinha começado odiando-o e tinha terminado... Isso que sentia, era amor? Aquilo do que sempre lhe tinha falado *aunt* Tricia? Aquilo que ela alguma vez tinha experiente com nenhum outro? Todos lhe tinham parecido muito pouco homens. Em troca, Juan Cruz, com seu corpo formoso, seu rosto masculino, suas maneiras algo torpes, seu sorriso, sua fúria devastadora, seu cabelo murcho e negro, era a virilidade feita carne. Reprimiu um gemido ao recordá-lo sobre ela, lhe fazendo o amor.

Quando escutou seus passos firmes sobre o mármore dos primeiros degraus, subiu correndo os últimos degraus. Parecia uma chiquilina escapando assim dele, mas preferia ocultar-se de seu olhar nesse momento. Seu olhar. Pensou que nem em cem anos poderia acostumar-se a ela. Às vezes, iracunda, parecia queimá-la; outras vezes, excitada, parecia querer devorá-la; e quando era indiferente a enchia de desassossego, e ela sentia que um pouco muito importante lhe faltava. O que tinha feito dela esse homem? Já quase não dormia se não era em seus braços. Sentia vergonha por isso, mas muitas vezes o desejo turvava de tal forma seu pensamento que ela mesma se escapulia pela porta comum, e se metia furtivamente entre os lençóis dele. E essas eram as vezes nas que mais louco de paixão se voltava, até fazê-la gritar de prazer. Só assim Fiona conseguia dormir em paz.

Quando entrou em seu dormitório, Maria já tinha tudo disposto. O vestido sobre a cama, as jóias sobre o penteadeira, e os escarpines de cetim prolijamente acomodados no chão.

—Vamos, te apresse, ainda deve tomar seu banho —a apressou a faxineira.

A água estava muito quente para uma tarde do verão, mas ao cabo de uns minutos seu corpo se habituou até tal ponto à temperatura que, enquanto Maria a ensaboava, começou a adormecer-se.

O ruído da porta ao abrira avivou. Era Juan Cruz.

—Maria, me deixe uns instantes com minha esposa.

A faxineira se escabulló mansamente.

Juan Cruz fechou a porta detrás de si, aproximou-se da tina, e se acucilló frente a ela. Fiona se ergueu e ficou olhando-o espectador.

—Que deseja, senhor? —perguntou—. Seguiu com seus olhos os de Silva e o rosto lhe arrebatou quando descobriu que a túnica de liencillo que usava para banhar-se ajustava a seus peitos e os punha claramente em evidência.

—Vi-te com menos roupa que esta, Fiona —disse Juan Cruz quando descobriu seu rubor.

—Senhor... por favor... —suplicou ela.

—Não me peça que não te olhe quando quão único desejo neste momento é te levar a cama, querida.

Fiona teve que esconder suas mãos sob a água para que Juan Cruz não descobrisse que lhe tremiam.

—Muitas vezes não se pode fazer o que se deseja, não crie?

—Não para você, senhor. Você sempre faz o que quer.

De Silva riu. Acariciou-lhe a bochecha úmida e a contemplou com ternura.

—Só vim a te avisar que esta noite ficaremos em Buenos Aires.

—Em casa de meu avô? —perguntou entusiasmada.

—Não; comprei uma casa na cidade. Ali ficaremos.

Pôde adivinhar o desencanto em seu olhar. Esta vez, entretanto, Fiona não fez um escândalo. Desde fazia um tempo estava mais tranqüila, mais mesurada, parecia outra; apesar de que a picardia e a sagacidade não a tinham abandonado. Ele a preferia assim, como a menina rebelde e inteligente que tinha conhecido, a das respostas afiadas e as olhadas desafiantes.

—Está bem —aceitou por fim com tom desiludido.

De Silva se incorporou e abandonou a sala l banho.

—Pode passar, Maria —o escutou dizer.

* * *

Ao entrar na casa dos Riglos do braço de seu marido, Fiona não soube que foram muitos os que suspiraram, e não poucas as que a contemplaram com inveja.

—Está você muito formoso, minha querida —disse o anfitrião ao recebê-la. Dom Riglos era um bom homem, muito amigo de seu avô. Tinha-a visto crescer e sempre tinha sido carinhoso com ela e com sua irmã. Fiona pensou que não era mais que uma zalamería. Entretanto,

dom Domingo Riglos nunca tinha sido mais sincero em sua vida. Realmente estava deslumbrante. O vestido de seda branca, como desenhado sobre suas curvas, parecia parte de sua própria carne. Os seios, que apareciam sugestivamente depois do decote do traje, davam um toque de voluptuosidad a sua figura miúda. As mulheres observavam atentas seu penteado. Recolhido no cocuruto, seu cabelo caía como uma cascata sobre suas costas em centenas de saca-rolhas. E entre médio do meio doido, miríades de pérolas pequenas descendiam da parte mais alta até perder-se entre os limites dos cachos de cabelo, lhe dando um toque de magia à cabeça mais bela da festa. Seus olhos azuis ressaltavam ao contrastar com sua pele translúcida semelhante à seda do vestido.

Juan Cruz se sentia orgulhoso. A atitude da Fiona, que bastante insegura e algo trêmula se aferrava a seu braço, enchia-o de felicidade. Ela era seu maior tesouro, sua jóia mais apreciada.

Enquanto se internavam no salão lotado de gente, Fiona olhou a seu marido com dissimulação. O fraque sentava às mil maravilhas. Levava o cabelo penteado para trás, tal como lhe gostava. Fiona espionou para um flanco e se encontrou com os olhos da Clelia posados insolentemente sobre o rosto do Juan Cruz. "Matarei-te se te atrevesse sequer a dançar o minué com ele", pensou, com os dentes apertados.

Logo soube o interesse especial que levava a de Silva a essa reunião. Ao chegar Rosas acompanhado por sua filha, Juan Cruz saiu a seu encontro e se perderam em meio de um grupo de comerciantes ingleses que acabavam de atracar de Londres. Fiona se perguntou como fariam para entender-se com os londrinos se nenhum dos dois falava inglês. Pensou que poderia oferecer-se como tradutora, mas em seguida se arrependeu: era uma idéia muito ousada. Ao pouco momento apareceu George Thomas, o diretor do *British Packet*: ele oficiaria de intérprete.

Entre a concorrência não descobriu a ninguém que não tivesse visto nas outras reuniões. Os Arana, os Coloma, os Anchorena, os Martínez de Foices, os Mansilla... Sempre a mesma gente. Também estavam Imelda e seu prometido. Fiona se alegrou muito de ver sua irmã. Era estranho, mas agora sentia que um pouco muito distinto as unia. Pensou que, paradoxalmente, a distância tinha conseguido as aproximar. Tinham passado mais de sete meses desde sua partida do lar de seu avô, e a lonjura e as coisas vividas em La Candelaria tinham

obrado uma mudança muito profunda nela. Já não era a mesma Fiona de antes.

Suspirou longamente. Era certo, todos estavam ali, mas faltava a única pessoa que tinha desejos de ver. Camila Ou'Gorman. Fazia mais de três meses se escapou junto a seu curita tucumano e ninguém sabia dela. Sua família, envergonhada pelo comportamento de sua filha, encerrou-se na estadia da Matança. Suas irmãs já não assistiam às reuniões e o prometido de Clara, uma das mais garotas, tinha-a deixado plantada ao pé do altar. Fiona não podia acreditar o comportamento absurdo dos Ou'Gorman, mas conhecia de sobra a realidade anquilosada da sociedade em que viviam; nunca ninguém lhes perdoaria a indecente façanha da Camila. Ela mesma se sentia um tanto deslocada essa noite; cada vez que se aproximava de algum grupo de mulheres, estas deixavam de conversar e a olhavam friamente e de reajo. Todo Buenos Aires sabia que Camila e ela eram amigas inseparáveis; portanto, suspeitavam que Fiona conhecia seu paradeiro. Fiona não sabia nada. Quão único sabia, em realidade, era que estava muito contente por seu amiga; Camila amava ao Ladislao e seria feliz junto a ele. Isso lhe parecia o único importante.

—Fiona!

A voz de misia Mercedes a voltou para a realidade.

—Tanto tempo, querida!

A mulher tomou as mãos e a afastou do bulício para poder conversar. Sempre era um prazer praticar com ela.

A reunião se desenvolvia normalmente. De Silva, Rosas, e outros pecuaristas portenhos, não se separavam do grupo de comerciantes londrinos. De todas maneiras, isso não impediu ao Juan Cruz vigiar a sua mulher; sabia que podia ser uma presa apetitosa para mais de um essa noite, em especial para o Palmiro Estar acostumado a, que não lhe tinha tirado os olhos de cima desde que a viu transpor a porta principal. O mazorquero não era homem de dar-se por vencido facilmente.

Juan Cruz interrompeu sua conversação com os ingleses quando surpreendeu a Fiona dançando o minué. Estando acostumado a. Sentiu que a jugular começava a lhe pulsar. Maldito Estar acostumado a. Em um momento advertiu que a roçava innecesariamente e, pior ainda, que seus olhos esquadrihavam avidamente o decote de sua esposa. Na primeira mudança de peça, a arrebatou das mãos.

—Se me permitir, estimado Estar acostumado a... Não pude desfrutar de minha esposa em toda a noite.

Tomou pela cintura, fez-a girar no ar e a levou longe de ali.
—Obrigado por me salvar, senhor —disse Fiona, divertida.
—por que aceitou dançar com ele, então? Comigo não teve muitos reparos no da Mercedes Sáenz aquela vez.

O tom de sua voz a desconcertou. Estava ciumento?

—Você não tem muito que me reprovar, senhor de Silva. Não há reunião em que não dance com essa estúpida da Clelia.

—Está ciumenta, Fiona Malone?

—Nem o sonhe, de Silva. Só digo que você não tem autoridade moral para me recriminar com quem danço porque você não escolhe muito bem a sua companhia.

Estava furiosa e isso o fascinava.

—Não posso acreditá-lo! Você me diz "obrigado" por te salvar de Estar acostumado a e agora resulto ser eu o que escolhe mal suas companheiras de valsa.

—Olhe, senhor, que eu não tenha podido me negar a Estar acostumado a porque desde que cheguei esteve me assediando, não é minha culpa. Em todo caso é culpa dela. Sim, sua —repetiu com veemência quando Juan Cruz elevou as sobrancelhas, surpreso—, por me haver deixado tanto tempo sozinha. De todas formas, isso não significa que Clelia Coloma não seja a mulher mais melindrosa, afetada, vácuca, estúpida... Uyy!

Deu meia volta e se dispôs a deixar o salão.

—Ey, detenha! —Juan Cruz elevou a voz involuntariamente e, aferrando-a pelo braço, fez-a voltar sobre seus passos—. Não voltarei a te deixar reveste esta noite. É muito formosa para andar por aí sem mim —murmurou perto de seu rosto, e a beijou na bochecha.

Tal como tinha prometido, não voltou a separar-se dela no que durou a festa. Estar acostumado a teve que conformar-se contemplando-a como se se tratasse de uma obra de arte em um museu.

* * *

Ao dia seguinte, quando Juan Cruz entrou em sua casa nova da cidade se encontrou com que Estar acostumado a, sentado na poltrona da sala, conversava animadamente com a Fiona. Falava em um tom baixo e meloso, e sorria todo o tempo.

Fiona advertiu em seguida a expressão de aborrecimento que escurecia o rosto do Juan Cruz.

—Boa tarde, senhor —o saudou enquanto se incorporava—. Estar acostumado ao está esper... —interrompeu-se, incômoda, ao dar-se conta de que seu marido não lhe emprestava a menor atenção.

Juan Cruz estirou a mão para o visitante

—O que o traz por aqui, Estar acostumado a? —perguntou, em um tom deliberadamente neutro.

—Como está você, de Silva? Antes que nada, felicito-o por sua nova casa; é muito confortável.

Juan Cruz se limitou a fazer um movimento quase imperceptível com a cabeça.

—O que me traz por aqui é algo que faz tempo que lhe venho comentando —explicou Estar acostumado a.

Nesse momento, de Silva cravou os olhos sombrios nos de sua mulher e a mensagem foi claro.

—Se me permitirem, cavalheiros, farei-lhes preparar algo afresco.

Fiona, angustiada, abandonou o lugar com a certeza de que seu marido estava furioso com ela. Não compreendia por que.

De Silva e Estar acostumado a esperaram até que Fiona desapareceu da vista. Juan Cruz advertiu com desgosto que o olhar do mazorquero se atrasava indiscretamente no meneio natural dos quadris da Fiona.

—Tome assento, Estar acostumado —Às palavras de Silva soaram mais a ordem que a convite.

—Obrigado. Como lhe estava dizendo, dom Juan Cruz, vim por algo que você já conhece de sobra.

O homem fez uma pausa para acender um charuto. De Silva se apressou e tirou seu yesquero.

—Obrigado —disse Estar acostumado a depois da primeira vaia—. tive uma conversação com o coronel Salomón. Hoje vim, justamente, a lhe pedir uma vez mais, em seu nome, que se você incorpore à Sociedade Popular.

O coronel Salomón, um gordo bastante desagradável, de rosto redondo como uma roda, com carnes que lhe penduravam da papada, olhos pequenos e muito juntos, nariz violácea e deformada pelo excesso de bebida, e lábios cor fígado, era dono de uma pulpería e, também, presidente da Espiga de milho, ou Sociedade Popular, como a conhecia oficialmente. Centenas de cabeças estaqueadas na Praça da Vitória

tinham sido colocadas ali por sua própria mão; vários corpos melados com breu tinham ardido lentamente graças a seu yesquero; era um personagem sinistro, desses que as autoridades sabem aproveitar muito bem para seus fins. Juan Cruz não queria que a língua repugnante desse cristão tivesse a oportunidade de mencionar seu nome sequer. Ele não era um santo, mas tampouco era uma besta.

—Você sabe, dom Juan Cruz, a honra que seria para nós que você integrasse nosso comitê diretor. Isso sim, você entraria na Sociedade como secretário geral, com toda a autoridade que emana desse cargo, e gozando de todas as prerrogativas dos sócios populares mais antigos.

Para a Espiga de milho, ter ao Juan Cruz entre suas hostes era benéfico desde dois pontos de vista. Primeiro, era um dos melhores com o facão e com o trabuco. Por suas veias corria água geada e não hesitava um segundo se terei que derramar sangue pelo bem da causa. Era uma lenda entre a gente do campo e da cidade. Lhe conheciam grandes façanhas e se murmurava que a vida do Lavalle tinha terminado sete anos atrás no Jujuy à mãos dele. Segundo, era o homem de confiança de Rosas. Ninguém estava mais perto do governador que ele e isso era mais valioso ainda que o anterior. Salomón o queria na Espiga de milho como fora e Estar acostumado ao desejava perto em alguma revolta com os unitários. Porque em uma circunstância assim, quem poderia afirmar que a bala que o matasse não provinha de um selvagem unitário? Nesses distúrbios, a gente nunca sabia de que lado viria a morte.

—Senhor Estar acostumado a, acredito que falamos muitas vezes deste tema.

—Sei. De todos os modos, nós não perdemos as esperanças de contar com você, senhor. Como lhe disse, Salomón em pessoa me pediu que viesse a vê-lo. Sua ajuda seria muito valiosa para a Confederação — se apressou a explicar Estar acostumado a.

—O Brigadeiro Rosas conhece melhor que ninguém minha devoção à causa. Meu apoio às decisões do governador é total e não há coisa mais importante para mim que defender à Confederação desses asquerosos unitários. Mas...

deteve-se quando viu que a faxineira cruzava a porta com uma bandeja.

—Gosta de você um pouco de limonada, Estar acostumado a?

—Sim, obrigado. Este calor que não afrouxa... —comentou o mazorquero, enxugando-a frente com um lenço. Logo, tomou o copo que lhe oferecia a mulata.

De Silva observava a Estar acostumado a através do cristal de sua taça, com olhos sérios e matreiros.

—Como lhe dizia, Estar acostumado a, minha devoção à causa se expressa em outras ações, que o governador conhece e aprecia tanto como as de vocês. Meus negócios fazem cada vez mais próspera a economia da província e enriquecem os laços com grandes nações do mundo. Além disso, a administração das estadias do governador me leva muito tempo. Não, Estar acostumado a, agradeço-lhe enormemente a você pela moléstia, e ao coronel Salomón por me considerar tanto, mas não acredito poder me fazer cargo de uma função tão importante sem descuidar outras que não o são menos.

—Parece muito convencido, dom Juan Cruz.

Juan Cruz assentiu sobriamente.

—Ontem à noite, no do Riglos, vi-o muito animado conversando com esses gringos... —comentou Estar acostumado a, como se queria congregar-se com ele.

"Enquanto tratava de conquistar a minha mulher, maldito imbecil", pensou Juan Cruz, sem deixar de lhe sorrir.

—Bom, aí tem você. Esses são negócios muito importantes, e o governador quer que se concretizem rapidamente. Dessa maneira daríamos às autoridades inglesas uma pauta de que este bloqueio sem sentido deve terminar. A Argentina e a Inglaterra devem ser amigas, não inimizadas.

Intimamente, Juan Cruz sabia que com tudo esse palabrerio vazio não tinha satisfeito sua curiosidade.

Nesse momento apareceu Fiona. Estar acostumado a pareceu esquecer-se de tudo.

—Senhora... —disse o mazorquero, ficando de pé.

—Desejava saber se gostarem de algo mais, senhor —disse Fiona sem apartar a vista de seu marido.

—Não, está bem. O senhor Estar acostumado a já se ia.

Estar acostumado a, extasiado na contemplação do rosto da Fiona, parecia não ter escutado. de repente, o mazorquero tomou consciência de seu comportamento imprudente e afirmou:

—Sim, já ia, senhora. Obrigado pela limonada, estava deliciosa.

Os olhos de Estar acostumado a, carregados de desejo, posavam-se com insolência nos lábios da Fiona.

—Boa tarde —o despediu Fiona, enquanto o visitante lhe beijava a mão. A jovem se sobressaltou quando sentiu a umidade da língua de

Estar acostumado a sobre sua pele, mas tratou de compor-se: não desejava nenhum escândalo. Retirou rapidamente a mão e baixou a vista. Embora era muito tarde; de Silva se deu conta.

— Acompanho-o, Estar acostumado a — disse Juan Cruz.

Tomou pelo ombro, guiando-o até a porta.

— Fiona, lhe diga ao Elíseo que aliste o cavalo do senhor Estar acostumado a.

Quando chegaram ao saguão, de Silva fechou a porta detrás de si. O olhar que dispensou ao mazorquero foi inequivocamente ameaçador.

— Parece-lhe que minha esposa é uma mulher formosa, senhor Estar acostumado a?

Estar acostumado a, surpreso, franziu o sobrecenho; começou a levantar nervosamente as comissuras dos lábios.

— Senhor de Silva... Bom... Surpreende-me, pois, pergunta-a...

— Parece-lhe ou não, Estar acostumado a?

aproximou-se dele e lhe falava sem lhe tirar os olhos de cima. Estar acostumado a, muito mais baixo, levantava a cabeça para olhá-lo.

— Bom, senhor de Silva, ninguém pode negar que a senhora de você é muito formosa...

Não pôde continuar; de Silva o tinha tomado pelo pescoço e o arrastava como a um menino. Por fim, depois de apoiá-lo contra uma das colunas da entrada, colocou-lhe um joelho sobre a entrepierna do mazorquero.

— Por favor... por associação de Futebol...

Estar acostumado a não podia falar; as enormes mãos de Silva se atiam como tenazes a sua garganta.

— Se voltar a descobrir que toca para mim esposa, ou que simplesmente, detém seu olhar sobre ela embora seja por um segundo, asseguro-lhe que não poderá voltar a fazê-lo. Eu mesmo me encarregarei de lhe arrancar os olhos e de lhe cortar as mãos. Compreendeu-me bem, Estar acostumado a?

Só depois de que Estar acostumado a assentiu como pôde, de Silva o soltou. O mazorquero começou a tossir sonoramente e a esfregar o pescoço, no que tinha os dedos marcados do Juan Cruz.

— Aqui está seu cavalo — lhe indicou Juan Cruz no mais suave dos tons.

Estar acostumado a lhe lançou um olhar de soslaio carregado de ódio; entretanto, não pareceu intimidar a de Silva, que agora o contemplava com um sorriso nos lábios.

Capítulo 12

De Silva retornaria essa noite de Buenos Aires e ela, ansiosa, não podia ficar quieta.

—Maria, por favor, me prepare o vestido amarelo pálido... Esse com o encaixe branco nas mangas. Sabe o que haverá para o jantar?

—Não, disse se encarrega Candelaria.

Fiona caminhava nervosa pela habitação.

—por que quer sabê-lo, Fiona? —perguntou Maria, sentida saudades.

—Tinha pensado em carne de cordeiro assada com bolo de abóbora. Talvez de entrada, humita. Não, humita não! Melhor um pouco mais leve. Te ocorre algo?

—Não sei, estaria bem uma salada. O que te deu de organizar o jantar?

—Ah, saladas, claro! Mas não sei que saladas prefere de Silva. Não importa, perguntarei a Candelaria.

—Não posso acreditar tanto alvoroço por um jantar pára de Silva! Quem te viu e quem te vê, Fiona Malone! —A criada sorriu com picardia.

—Ai, Maria! Às vezes é insofrível. —Deu meia volta, e se dispôs a abandonar a habitação—. Ihe Indique a Candelaria como dispus o jantar antes de que faça preparar outra comida —ordenou antes de sair.

—Como você diga, senhora de Silva —respondeu Maria com tom malicioso.

—Uy! Hoje não te agüento.

Fechou a porta e partiu. O melhor seria sair um momento a avivar-se.

Fazia dias que não visitava seu amiga do monte. Sempre era bom conversar com a Catusha enquanto tomavam o chá. Fiona encontrava muita paz em seu cabanita. De todos os modos, não podia queixar-se: as coisas foram melhor com de Silva, depois l todo.

Chegou e a encontrou no jardim, cuidando uns gerânios. Essa mulher tinha uma afinidade especial com as novelo. A seu redor, tudo parecia crescer sem dificuldade. As flores eram mais bonitas, e suas cores mais brilhantes. Catusha falava com as roseiras e os gerânios como se fossem meninos. Dizia-lhes coisas bonitas e quanto os queria. Ao princípio Fiona se sentiu muito incômoda; chegou a pensar que seu amiga do monte estava louca de arremate; mas ao pouco tempo se acostumou.

Catusha ficou tão contente ao vê-la que Fiona se imaginou a pessoa mais importante para ela. A jovem se sentia a rainha do mundo quando visitava sua cabana: assim era como seu amiga a tratava. Enchia-a de cuidados e a mimava mais que ninguém. Conversavam de tudo durante horas, e Fiona sempre aprendia algo. Comiam os aprimoramentos que ela mesma preparava, tocavam o piano, e até liam juntas. Embora, em ocasiões, Catusha perdia o olhar ao longe e por compridos minutos não dizia uma palavra; em especial quando mencionava ao Manuel, seu ditoso Manuel.

* * *

De Silva chegou à estadia e farejou que algo estava acontecendo. E não parecia ser nada bom.

Candelaria dava ordens a um grupo de peões na porta do estábulo principal; pareceu-lhe estranho não ver o Celedonio; Maria chorava com desconsolo, enquanto escutava à negra dar suas instruções aos empregados. Elíseo tampouco estava à vista.

Candelaria se calou quando viu o Juan Cruz entrar em estábulo montado em seu padrillo. Maria afogou um grito de terror e seus soluços recrudesceram.

—O que acontece? —perguntou alarmado, embora já o estava imaginando.

—Juan Cruz...

—Vamos, Candelaria, o que acontece!

—Fiona... Saiu muito cedo esta tarde e ainda não tornou.

—meu deus, senhor de Silva! Que não lhe tenha passado nada! — exclamou Maria, com a voz quebrada.

—Cipriano, me passe esse farol! —ordenou de Silva a um dos moços, que o olhava boquiaberto—. Sabem sequer que rumo tomou?

—Não... —replicaram a negra e a criada ao unísono.

Candelaria se sentia um pouco responsável; Juan Cruz sempre lhe pedia que cuidasse da Fiona quando ele se ausentava.

—Celedonio organizou dois grupos de busca, um a cargo dele e outro a cargo do Eli... —A negra se interrompeu bruscamente; já não havia quem a escutasse.

De Silva tinha açulado ao cavalo e se perdia na escuridão da noite a toda velocidade; só viram por uns segundos mais a luz do abajur, que logo, pouco a pouco, também desapareceu.

Candelaria suspirou, afligida; depois, pôs-se a chorar.

* * *

—Está bem, Catusha, volte para sua casa. —Fiona não conseguia convencê-la—Já está muito escuro, algo mau pode lhe ocorrer.

—A ti pode te ocorrer algo mau. Eu já sou um caquético, o que poderia me passar? Mas você, querida, é tão bela... Qualquer zopenco quereria te fazer danifico.

A mulher não afrouxava o passo, apesar de que sua voz soava agitada.

—Bom, Catusha, até aqui está bem. Olhe, lá está minha casa. — Assinalou mais à frente do bosque de tipas—. Pensando-o bem, acredito que o melhor será que esta noite fique em minha casa...

—Não! Nem o pense, querida Fiona! Posso retornar sozinha; conheço este caminho como a palma de minha mão. Vamos, corre até a casa grande. Assim eu posso verte.

Fiona começou a correr maquinalmente. de repente se deteve, deu meia volta, e tratou de distinguir a figura da mulher entre as árvores; mas Catusha já não estava ali.

Um momento depois, ao entrar na casa, encontrou a María escancarada no confidente do hall, chorando a mares; Candelaria tratava

de acalmá-la, mas ela também tinha a voz congestionada; o resto da servidão se apinhava à entrada da cozinha, observando a cena.

Maria proferiu um grito de angústia ao vê-la sã e salva. jogou-se de joelhos ao chão enquanto com a mão em alto mostrava a imagem de São Patrício.

—Obrigado, muito santo São Patrício, obrigado! Bendito seja, bendito seja!

—Senhora de Silva! —exclamou Candelaria.

Ajudada pela negra, Maria ficou de pé; com os braços estendidos, encaminhou-se onde Fiona. A jovem a contemplava sobressaltada; sabia que já era de noite, mas não tinha cansado na conta do escândalo que provocaria. A tarde lhe tinha passado como um relâmpago e, quando se deu conta, o sol se pôs.

Maria a abraçou forte.

—Minha menina, minha garotinha! —repetia uma e outra vez.

Ao cabo de uns momentos, separou-se dela. Tinha os olhos inchados e avermelhados de chorar. Fiona lhe aconteceu a mão pela bochecha.

—Mas, onde estiveste? —perguntou Maria enquanto lhe acariciava o rosto—. Quase nos matas da angústia.

Durante o desaparecimento l Fiona, a Maria lhe cruzaram mil idéias pela cabeça, mas havia uma em especial que a torturava. *"Uma vez que tenha a certeza de que esse homem pagou todas as dívidas de meu avô, escaparei-me, fugirei longe, onde ninguém possa me encontrar."*

—Bom, já, Maria, te tranqüilize.

Fiona rodeou com seus braços à criada. Seus olhos se cruzaram com os da Candelaria que a olhava absorta de um rincão do hall. Fiona a chamou e lhe tendeu o braço. A negra caminhou até ela e tomou a mão.

—me perdoem, sinto-o tanto. Olhem como as tenho feito sofrer. Só saí a dar um passeio, caminhando. De repente, dava-me conta de que se feito de noite. Isso foi tudo.

—Alguma vez mais, entende?, nunca mais volte a fazê-lo-a repreendeu Maria.

—Senhora... o senhor de Silva saiu para buscá-la —balbuciou Candelaria.

—O senhor de Silva já chegou de Buenos Aires?

Não o esperava. Agora sim, "Troya", como dizia Celedonio.

—Chegou faz mais ou menos uma hora e saiu a procurá-la, imediatamente. Todos estão procurando-a.

"Sim, definitivamente, Troya", disse-se Fiona com resignação.

* * *

Fiona parecia uma leoa enjaulada. Ia de um lado ao outro de sua habitação, olhando o chão e mordendo-as unhas. Já eram mais das dez da noite e nenhum dos que tinham saído a procurá-la, tinha retornado.

Chegou a puertaventana e, apesar de que a noite era fresca, saiu ao balcão. Sentiu que a pele lhe arrepia e se disfarçou em seu salto de cama. Quis esquadrinhar a imensidão do campo mas logo que alcançou a ver a fonte dos angelotes.

O ruído dos cascos de um turba de cavalos a tirou de seu ensimismamiento. Eram Celedonio e seu grupo.

—Já está aqui! —gritou Candelaria.

Fiona a ouviu, mas não conseguiu vê-la. Também escutou as exclamações que lançou o grupo de peões e a maldição do Celedonio.

—O senhor de Silva já sabe? —perguntou o capataz, ainda montado em seu alazão.

—Não, ainda está fora, buscando-a —respondeu a negra.

—E Eliseo tampouco retornou. —Agora era a voz torturada da Maria.

Fiona sentiu que se o fazia um nó na garganta. "meu deus, de Silva vai matar me."

—Elíseo e seu grupo se uniram ao patrão faz mais ou menos uma hora —comentou Celedonio. Logo, dirigiu-se ao resto dos homens—: Guardem os cavalos e vão a suas casas. Eu irei procurar ao patrão.

—Não quer que o acompanhe, dom Celedonio? —perguntou um dos peões.

—Não, está bem. Irei sozinho. Já sei onde encontrá-los. —E sem mais, saiu a todo galope.

Passou mais de meia hora. Celedonio não aparecia. A angústia da Fiona ia em aumento.

Tinha voltado para dormitório e tinha deslocado as cortinas. Não tinha sentido ficar no balcão, morrendo de frio, olhando um nada. De todos os modos, não pôde ficar quieta: percorria a habitação de uma ponta à outra, uma e outra vez.

de repente, escutou os saltos das botas do Juan Cruz no corredor e por uns segundos o coração lhe deteve. De pé junto ao bordo da cama, com as mãos sobre o peito e os olhos muito abertos, não se atrevia se queira a pestanejar. Um momento depois, a porta se abriu de repente.

Juan Cruz a olhava tão fixamente que Fiona não pôde evitá-lo e começou a soluçar convulsivamente. Tremia como uma folha, lhe tinha nublado a vista e não podia controlar o pranto que a fazia tão vulnerável frente a seu marido.

De Silva se aproximava dela lentamente. O ruído de seus passos sobre os tablones de madeira era como uma marcha fúnebre nos ouvidos da Fiona. Era o fim, não tinha a menor duvida.

Juan Cruz estava muito agitado. Apesar do frio noturno, tinha a camisa aberta até a metade do torso e seu peito peludo subia e descia em um intento por normalizar a respiração.

Quando esteve junto a ela, de Silva a rodeou com seus braços como se ao abraçá-la-se mantivera ele com vida. Apertou sua cara contra o cabelo da Fiona e, depois, começou a beijá-la, primeiro no cocuruto, logo nos olhos, no nariz, na frente, nas bochechas, na boca, com desespero. Fiona começou a gemer de excitação.

—O que faz de mim, Fiona? O que faz de mim que se não te tenho sinto que morro?

Aquelas palavras a surpreenderam. Jamais tinha sido tão doce e sincero com ela.

—me perdoe, senhor, me perdoe.

Era tudo o que podia dizer; ela também se aferrava a ele como uma desenquadrada. Com suas mãos lhe acariciava o cabelo, o tirava dos olhos e lhe roçava as bochechas, algo ásperas já pela barba.

—meu deus! —gemeu Juan Cruz—. Se algo te passasse... — Levantou os olhos e olhou o céu raso.

Fiona o beijou no peito.

—Onde estiveste? —perguntou, enquanto a separava apenas.

—me perdoe, senhor. Eu... Saí a caminhar, por aí, como sempre e, sem me dar conta, fez-se de noite —respondeu Fiona, causar pena por lhe mentir.

Sua voz de menina o enterneceu, e a espremeu novamente contra ele.

—Tola, não te dá conta que já quase estamos no inverno e que obscurece muito cedo? Se algo te acontecesse!

Fiona não podia acreditar o que estava passando. sentiu-se mal por ter pensado que de Silva a mataria, sentiu-se mal por não lhe contar a respeito de seu amiga do monte, e se sentiu mal por... porque tinha deixado de abraçá-la e parecia que desejava partir.

—vai, senhor?

—Agora, que já sei que está a salvo, vou comer algo. Estou esfomeado. Candelaria me está preparando isso.

—Ah... Bom... —olhou para baixo e deu meia volta—. Está bem, até manhã —o despediu, sem olhá-lo.

De Silva tomou pela cintura e a elevou no ar, lhe passando um braço sob os joelhos.

—Embora pensando-o bem... Para que jantar se aqui tenho o único que me sacia por completo?

Olhava-a e não podia acreditar que ainda se ruborizasse quando ele dizia essas coisas. Depositou-a na cama com suavidade; logo, tirou-se a camisa.

—A porta... senhor.

Juan Cruz a olhou por um segundo antes de ir fechá-la. Fiona o observava da cama, apoiada em seus cotovelos. O torso nu, os músculos que lhe remarcavam naturalmente e faziam um jogo de movimentos quando ele, ainda parado ao bordo do leito, tirava-se as botas, as calças... E seu membro ereto... Decididamente, não podia deixar de olhá-lo.

depois de lhe tirar o salto de cama e a camisola, e sem dizer uma palavra, cobriu-a com seu corpo.

* * *

Candelaria se tinha partido cedo a cremería. Maria estava em seu dormitório, bordando. As faxineiras, ocupadas em seus quehaceres. Era o momento ideal, tal como o tinha planejado. Mas Catusha não chegava.

Havia-lhe flanco um mundo convencer a de que viesse à mansão. Fiona desejava convidá-la com uma taça de chá, com alguma saborosa bolacha da Maria, mas o que mais desejava era que tocasse em seu piano. Além disso, queria lhe mostrar a biblioteca do Juan Cruz. Não tinha demorado para descobrir que a Catusha fascinava ler. Era uma mulher extraordinariamente culta e refinada; resultava incrível que alguém como ela vivesse isolada nessa paragem.

Começou a rir ao vislumbrar um par de ojitos celestes que a observavam divertidos da janela do salão azul. Era Catusha. Com um gesto lhe indicou a porta principal; ela mesma lhe abriria.

—Passa, Catusha! Bem-vinda a minha casa!

A mulher permaneceu uns instantes sob o vão, olhando de esguelha e com desconfiança. Depois, entrou.

—É tão formosa por dentro como o é por fora, Fiona — sentenciou, com o olhar cravado na aranha do *hall*.

O salão azul não a deixou menos boquiaberta. Tinha-o espiado de quando em quando da janela, mas, era óbvio, não tinha conseguido descobrir a beleza da habitação.

—Que formoso piano!

aproximou-se pressurosa e, sem pedir permissão, levantou a tampa e brincou com as teclas.

—Está muito melhor que o meu. O pobrecito já está velho e um pouco desafinado.

A mulher cravou seus olhos nos da Fiona e lhe sorriu.

—Por isso queria que viesse a minha casa, para que tocasse em meu piano. Touca tão bem, Catusha! Além disso, quero que veja isto.

A jovem a tirou da mão e a levou a sala da biblioteca.

—Por Deus! Isto parece a biblioteca de uma universidade!

—Sim —afirmou Fiona, orgulhosa.

Aproximou com dificuldade a escada e a apoiou em uma das prateleiras mais altas; subiu para tomar o livro que tinha pensado lhe emprestar. Total, de Silva não se daria conta de nada.

—Aqui está —disse Fiona.

Tomou pelo lombo e o observou um momento. Depois, descendeu com cuidado os degraus.

—Tome, Catusha, se o disposto para que o leia —lhe disse, lhe alcançando o livro.

—Para mim? —De novo essa atitude aniñada—. OH, obrigado! Mas vejamos do que se trata.

Catusha leu o título com atenção.

—O que faz aqui, mamãe? —A voz grossa de Silva ressonou na biblioteca.

Fiona levantou a vista e ficou lívida. "Como, o que faz aqui, *mamãe*?". Juan Cruz parecia tranqüilo, mas seu olhar lhe deu pânico.

—Mamãe, estou-te falando —repetiu.

Catusha tinha a vista perdida no primeiro capítulo do livro. Fiona não podia mover-se, nem pensar; só observava. Mas a vista lhe estava nublando e começava a sentir-se enjoada.

— Ah, Manuelito! É você. — A voz da Catusha tinha adquirido um matiz estranho. — O que faz aqui? Deve ter muito cuidado, nesta casa vive um homem muito mau.

A mulher se aproximou de Silva. Era muito mais baixa que ele, e teve que esticar bastante o braço para lhe mostrar o livro.

— Olhe, meu amiga Fiona me vai emprestar isso.

Catusha se deu volta e fixou seus olhos na jovem, a quem já lhe custava manter-se em pé.

— Como "mamãe", senhor de Silva? — Por fim, e como pôde, perguntou a moça.

Só naquele momento Juan Cruz olhou a Fiona; viu-a tão pálida que se assustou. Com passo firme, aproximou-se dela, tomou pelos ombros e a guiou até o sofá.

— Fiona, sente-se mau? — Tomou as mãos. Estavam geladas—. Candelaria! — gritou.

Os lábios da Fiona empalideciam. Não pôde lhe explicar que a negra se encontrava na cremeria. Não conseguia modular as palavras; a língua lhe pesava toneladas e sentia a garganta seca como uma lixa.

— Mamãe! — Juan Cruz se deu volta e viu que Catusha ainda tinha a vista fixa no livro.

— Mamãe! — gritou mais forte—. Procura a alguma das faxineiras e traz-a aqui. Entendeu? — Viu-a assentir com a cabeça—. Vamos, vê agora!

— Como mamãe, senhor? Você... Você me escolho que estava morta... Morta...

— Fiona, te tranqüilize, não é nada. Lhe posso explicar isso tudo. Mas agora, deve te pôr melhor — disse, lhe beijando os dedos; seguiam frios.

Um momento depois retornou Catusha com uma criada. Fiona cheirou as saí que lhe aproximou a mulher e começou a sentir-se melhor. Juan Cruz a carregou em seus braços e a levou a quarto. Não lhe tirava os olhos de cima. Não podia deixar de pensar no que acabava de escutar. Catusha era a mãe de seu marido. por que não vivia com eles? por que o chamava Manuel?

— Agora, trata de descansar — disse com doçura Juan Cruz, enquanto a criada corria as cortinas.

—Não! —aferrou-se a seu braço e o atraiu para ela—. Não, senhor, por favor... me conte tudo, não posso esperar. Não se vá.

O desespero de sua esposa o angustiou.

—Mamãe, volta para a sala e fique ali. Compreendeste-me?

Catusha, de pé junto à porta do dormitório, observava impávida a cena. Ao cabo, desapareceu.

—Acenda umas velas, Branca —ordenou de Silva à faxineira—. Assegure-se de que a senhora permaneça na sala e mande a alguém a procurar a Candelaria a cremería, já mesmo. Que ela se faça cargo da senhora.

Voltou os olhos a Fiona. Viu, com alívio, que lentamente as cores voltavam para seu rosto.

—Quantos mistérios, senhor de Silva... Quantos segredos.

—Fiona, meu pequena e doce Fiona. Quanto te tenho feito sofrer! Poderá me perdoar algum dia? —Não quis esperar a resposta—. Não importa isso agora, talvez nem sequer mereça seu respeito. fui tão duro contigo...

Fiona apoiou sua mão nos lábios dele.

—Isso não importa já. —Baixou o braço e retornou ao tema que a preocupava—. Ela é sua mãe, senhor?

—Sim —Apartou a vista do olhar da Fiona—. Está louca, completamente louca.

Fechou os olhos. sentiu-se protegido quando sua mulher o abraçou.

—por que alguma vez me contou?

—além de tudo, uma mãe louca... Não, Fiona, já me odiava muito! Ainda não sei se não me detesta. E não posso suportá-lo... Mata-me por dentro.

Fiona se separou dele, e tomou o rosto entre suas mãos. Ensaiou um tom de voz mais pícaro e alegre.

—Saiba, senhor, que sempre aparentou o contrário. Parecia que minha irritação nem o alterava.

De Silva sorriu com expressão afligida.

—Louca por que?

—Desde que ficou grávida de mim, conforme me conta Candelaria, já começou a estar estranha. Desvairava muito e se perdia durante horas em reflexões que pareciam atormentá-la. Eu recordo, era um menino ainda, que ela parecia estar bem, e de repente se calava, sentava-se em sua cadeira de balanço e por comprido momento

não dizia nada. Podia um lhe gritar ao ouvido até desgañitarse e nada. Isso foi agravando-se com os anos.

—por que não vive aqui, conosco?

—Ja! Essa é outra história. Em parte, porque eu não quis. Não desejava que chegasse e te encontrasse com ela aqui, dizendo disparates.

Fiona o olhou com ar admonitório.

—Não me julgue, Fiona, por favor. Ela tampouco desejava viver aqui, esta casa lhe dava medo. Não sei, resultava-lhe muito grande; sempre estive acostumada a viver em espaços pequenos. Além disso, sempre tive a sensação de que prefere estar sozinha; sabe dirigir-se tão bem como se estivesse em seus cabais. Por isso lhe construí uma casa, não longe daqui; suponho que já a conhece...

—Sim. Além disso, diz que meu marido é um homem mau. mais de uma vez me perguntou se não lhe temo.

—E você, o que lhe responde?

—Respondo-lhe que, às vezes sim, temo-lhe.

De Silva cravou seus olhos nos de sua mulher. Olhou-a sério, com uma expressão de profundo abatimento; Fiona não teve medo esta vez.

—Sua mãe não tem família?

—Em realidade, em Buenos Aires, não tem a ninguém. Ela chegou da Irlanda.

—Da Irlanda!

—Sim, do norte. Sua família vem do sul.

—Você está bem informado, senhor —disse ela burlonamente.

—Chegou da Irlanda em 1803; tinha apenas cinco anos. Ela e sua mãe escaparam dos ingleses de milagre; acabavam de pendurar a seu pai, meu avô.

—OH, não, Meu deus! Pobrecita!

—Sim, Robert Emmet; era um conhecido agitador irlandês; por isso o mataram. Uma vez me contou que ela e sua mãe presenciaram a execução de meu avô. Deus, como pôde sua mãe levá-la a semelhante espetáculo!

De Silva golpeou os nódulos contra o respaldo da cama com tanta força que Fiona sentiu necessidade de esfregar-lhe Ele a deixou fazer; depois, tomou a mão de sua esposa e a beijou.

—Minha avó morreu a pouco de chegar. Não sei muito a respeito dela porque nem minha mãe se lembra. A mamãe a criaram uns irlandeses muito bons, os Keegan.

—Os Keegan! —exclamou Fiona. Eram uma das famílias mais tradicionais de Buenos Aires, de grande fortuna e muito cultivados. Fiona compreendeu o por que da delicadeza e a educação da Catusha.

—Sim. Conforme pude saber, quiseram-na como a uma filha. Nessa casa conheceu a Candelaria. —De Silva se calou, e por uns instantes brincou com os dedos da Fiona—. Bom, pode imaginar o resto.

—Não, não posso.

Juan Cruz soltou um suspiro e sorriu sem vontades.

—Quando tinha dezoito anos ficou grávida de mim. Por vergonha, escapou de seu lar. É obvio, com a Candelaria detrás. Já eram carne e unha. Em realidade, minha mãe e eu devemos a vida a Candelaria. Ela foi a que me deu seu sobrenome: minha mãe não queria fazê-lo. Ela foi a que lhe pediu trabalho a Rosas na estadia "Os Cerrillos" porque não tínhamos aonde ir, nem o que comer. Minha mãe jamais trabalhou. Sempre foi Candelaria a que trouxe o pão a casa e, bom, quando pude, comeci a trabalhar eu. Minha mãe, sempre como uma rainha... —Não o disse com rancor, mas sim mas bem, com orgulho.

—E quando começou a trabalhar você?

—Y... —ficou a mão no queixo—. Mais ou menos, aos sete anos.

—meu deus! Tão pequeno...!

—Minha mãe me ensinou a ler e a escrever, em castelhano e em inglês.

—Sabe falar em inglês?

Fiona pensou nas muitas vezes em que havia dito a María, em inglês, coisas impróprias de Silva, estando justamente ele na mesma habitação, e se mordeu os lábios. Juan Cruz torceu a boca: ele também recordava essas ocasiões. Curiosamente, pensou, nada disso lhe importava já.

—E foi ela a que lhe ensinou a tocar o piano, verdade?

—Se se pode dizer que monte o piano, Fiona. Apenas se conhecer algumas melodias.

—A ama, senhor de Silva? Digo, a sua mãe.

—Não sei, Fiona. Em realidade, a que quero é a minha negra Candelaria.

Era a primeira vez que a chamava assim frente a ela; foi tão doce ao dizê-lo que Fiona sentiu um comichão em todo o corpo. Nunca tinham conversado tão sinceramente, em tanta paz.

—Bom, basta de conversa. Melhor será que te recoste e trate de dormir. Sofreu uma forte impressão hoje, verdade? —disse ele, ajudando-a a tampar-se com a colcha.

—Desde dia em que o conheci você, senhor, não faço mais que receber fortes impressões.

De Silva a olhou com uma mescla de ternura e perplexidade. Nesse momento, ali recostada, com esse rosto de menina indefesa, parecia em extremo vulnerável. Era uma imagem que contrastava tanto com a eloquência de suas réplicas que o desconcertava. Se acucilló a seu lado, sem lhe tirar os olhos de cima. Também lhe sustentava o olhar.

—Desde dia em que te conheci, Fiona Malone, não faço mais que te amar com loucura.

Beijou-a com entrega e paixão. Esta vez, ela não pôde nem falar.

* * *

Juan Cruz se sentia melhor que bem. Recostado sobre o respaldo de sua cama, fumava impassível um charuto. Fiona, profundamente dormida, fazia ruiditos com o nariz e a boca, agora apenas entreaberta. sorriu-se. Era a mulher mais formosa que tinha conhecido, e, além disso, pertencia-lhe. Era dela. Sua querida e adorada Fiona.

Quando tinha começado essa loucura, essa carreira desenfreada por consegui-la, essa sensação de que se não tomava entre seus braços pereceria? Supôs que tinha sido aquele dia, no Socorro, quando a voz senhorial de misia Mercedes Saénz verteu veneno em seus ouvidos... *Nem o pense, senhor de Silva. É inalcançável.* E entretanto, aí estava ela, médio nua, tendida a seu lado.

Agora, depois de que lhe tinha revelado alguns de seus segredos mais temíveis, passavam virtualmente todas as noites juntos, em sua cama, ou na dela. Era estranho, mas ainda não se animava a lhe pedir que acabassem com essa absurda idéia dos dormitórios separados. Já! Ele, o grande de Silva, não se animava. tirou-se o charuto apagado da boca e o jogou no chão com displicência.

—Que horas são, senhor? —Fiona se esfregava os olhos tratando de dissipar sua sonolência.

—Segue dormindo, já quase amanhece. —Juan Cruz lhe acariciava as mechas que, desordenados, caíam-lhe sobre o rosto.

—E você, senhor, não dorme?

Juan Cruz se encolheu de ombros.

— Ainda insiste em me chamar senhor? — comentou, risonho.

Fiona se incorporou até ficar apoiada no respaldo, junto a ele.

— Nunca me pediu que o chamasse de outra forma.

— Poderia me chamar Juan Cruz? Por favor... — adicionou.

— Não, senhor.

A gargalhada de Silva retumbou na habitação; ela também começou a rir.

— É incrível — disse ele entre risadas.

— Senhor, posso lhe fazer uma pergunta?

De Silva assentiu. Colocou a mão sob a manta e começou a lhe acariciar a curva da cintura.

— Essa noite, quando me salvou de ser atropelada pela volanta... Que fazia por aí, senhor? Lembrança que chovia muito; era uma noite horrível para caminhar.

Juan Cruz curvou os lábios e os olhos lhe faiscaram. Fiona o seguia com o olhar, ansiosa por saber.

— Essa noite cheguei tarde à reunião de misia Mercedes; tinha-me demorado em uma pulpería com seu pai arrumando... Bom... Fechando o... Você sabe...

Fiona riu ao ver até que ponto aquela lembrança o perturbava. E se surpreendeu ao comprovar que a ela já não a afetava.

— Sim — completou a jovem—. Arrumando o matrimônio entre você e eu.

— Sim, claro — respondeu de Silva, ainda incômodo—. Seu pai me disse que te diria o de nosso compromisso essa mesma noite. Eu sabia que isso seria depois da reunião, porque misia Mercedes te havia convidado especialmente a pedido meu, e me tinha confirmado que iria.

— Misia Mercedes? Misia Mercedes tramada com você?

Fiona não podia sair de seu assombro. Estava cada vez mais interessada em conhecer o resto da história.

— Sim, misia Mercedes Sáenz. poderia-se dizer que foi meu celestina em tudo isto. Graças a ela cheguei a te conhecer sem cruzar palavra contigo. Vi-te uma vez no átrio da Igreja do Socorro, mas resultou ser alguém impossível de achar. Nunca foi a nenhum lado. O que outra coisa ficava por fazer? Misia Mercedes organizou a reunião do Dia da Independência a pedido meu, para que você assistisse. Assegurou-me que se a reunião era em sua casa, você iria.

—Não posso acreditá-lo!

—Também me contou que foi muito impulsiva e que odiava a seu pai. Por isso, depois que deixou o do Sáenz te segui, temendo algum problema. Além disso, tenho que te confessar, estava ansioso. Esperei sentado em meu volanta frente à casa de seu avô. Não passou muito e saiu como louca. Lembrança que me arrepiou a pele nesse momento. Jamais pensei que reagiria assim, escapando de sua casa.

Juan Cruz tomou as mãos; tinha-as geladas. As esfregou um momento antes de continuar.

—Disse-lhe ao chofer que nos escoltasse de longe e te segui a pé. A chuva era intensa, mas podia te escutar chorar. Não compreendia o que tentava fazer, até que de repente te vi, quieta no meio da lama, esperando a volanta que se precipitava a toda velocidade sobre ti. Bom, empurrei-te, e com o golpe te desvaneceu. Os dois fomos um só barro, cheirando a bosta de cavalo, mas não me importou, tinha-te entre meus braços, pela primeira vez.

Juan Cruz se incorporou e se aproximou de sua esposa. Olhou-a fixamente e não encontrou rancor em seus olhos azuis; só paz, e um pouco de picardia. Atraiu-a para ele, e começou a beijá-la com frenesi. Ao separar a de seu peito, Fiona, com a boca entreaberta e os olhos fechados, parecia estar em outro mundo. Quando sentiu em seu ombro a mão firme e viril de Silva, beijou-a com doçura.

O frio do iminente amanhecer os obrigou a cobrir-se outra vez com a manta. Fiona, acurrucada sobre ele, começou a brincar com o pêlo de seu peito.

—Estive ontem com minha mãe... Insiste em que deve escapar, o tal de Silva é um energúmeno, segundo ela —sorriu amargamente.

—Também insiste em chamá-lo Manuel, senhor. —Fiona calou, à espera uma explicação.

—Juan Cruz Manuel de Silva, esse é meu nome. o do Manuel vai por meu pai.

Fiona se ergueu como impulsionada por uma mola.

—Por seu pai? Acaso seu pai é Rosas!? —exclamou com espanto.

—Não o quer muito, verdade? —Roçou com os dedos os lábios de sua mulher—. Não, Fiona. Dorrego era meu pai.

—Dorrego? Que Dorrego? —Não podia acreditá-lo—. O coronel? que faz anos foi governador? que fuzilou Lavalle? —Viu-o assentir com os olhos fechados. O que outro secreto lhe estaria ocultando de Silva,

Por Deus Santo?—. Era... era muito amigo da Grandpa —disse como para si Fiona. de repente, havia-se posto triste.

—Já sei. —Uma sombra nublou os olhos do Juan Cruz.

Fiona viu, como em um relâmpago, toda a vulnerabilidade e a dor que se refletia no rosto sério de seu marido. Acariciou-o e o beijou na bochecha.

—Senhor... —murmurou-lhe Fiona.

Os braços do Juan Cruz se fecharam ao redor dela. Desejava fazê-la parte de sua carne. Tinha medo de separar a de seu corpo, como se alguém fosse arrebatá-la.

—Está bem, Fiona. Já tudo passou. Ele morreu e jamais se inteirou de que tinha tido um filho com minha mãe. Já está. Seriadamente... Já nada de quão mau houve em minha vida parece me atormentar agora. Não como antes. —Tomou o rosto dela entre suas mãos; o contraste entre o branco da pele da Fiona e o torrado de seus dedos o avivou—. Agora está você; minha vida é você; é minha paz, minha felicidade, tudo. Nunca me abandone, Fiona, meu amor, nunca me deixe; isso sim não poderia suportá-lo. Já não me odeie tanto, por favor... Por favor... Não me odeie mais... —Sua boca roçou os lábios da jovem e suas mãos percorreram as curvas de seu corpo.

—Não o odeio, senhor... Eu não o odeio, não o odeio... —repetia Fiona entre suspiros entrecortados.

Logo amanheceu. Não se deram conta. Seguiam fazendo o amor.

Capítulo 13

Fiona entrou na cozinha e encontrou a Maria sentada perto do trébede. Chorava sem consolo, com sua alhada imagem de São Patrício em uma mão e, na outra, um lenço empapado. Algumas das faxineiras tratavam de tranquilizá-la. Fiona estava desconcertada: não tinha a menor ideia do que podia lhe acontecer. Pensou que talvez se brigou com o Elíseo. Fazia tempo que se deu conta de que eram amantes.

—Maria, o que te passa? Vamos, deixa de chorar. Branca, por favor, me traga um pouco de água fresca —ordenou a jovem.

—Fiona, Meu deus... Como farei para lhe dizer isso

Branca deixou o copo de água sobre a mesa, perto da Maria, e se retirou dali. Fiona sentiu uma aguda opressão no peito.

—O que acontece, Maria? —perguntou com medo.

—Fiona... Não se como lhe dizer isso sem que...

—Passou-lhe algo a de Silva?

—Não, minha menina, ele está bem. trata-se... trata-se de... Camila.

Os soldados de Rosas a apanharam, a ela e ao curita. Trazem-nos para Santos Lugares.

—Não, Por Deus!

Fiona, afligida, deixou-se cair em uma banquetta, com a cabeça entre as mãos. O cárcere de Santos Lugares... Ninguém saía com vida dali.

—Como sabe? —perguntou por fim.

—Elíseo levou hoje ao patrão a Buenos Aires e trouxe a notícia. Diz que Rosas está furioso. A família dela também. Ninguém se anima a falar em seu favor. Nem sua mãe, nem seu pai.

—Malditos sejam! Malditos covardes! —Fiona deu um murro sobre a mesa e ficou súbitamente de pé.

—Vamos, Fiona, não ponha assim. Já verá que tudo vai solucionar se Y...

—Com Rosas de por meio? Nem o sonhe, Maria! Esse... esse... Jamais os perdoará. —Fez uma pausa e voltou a sentar-se—. Quem é ele para perdoar ou não a alguém que não causou nenhum dano? meu deus! crie-se o dono de nossas vidas!

—Fiona, por favor, te cale —rogou Maria, enquanto se assegurava de que não houvesse nenhuma faxineira perto. Era mais que sabido: elas e os lacaios e criados eram os espões mais eficazes do governador. Por isso, sempre estava informado de tudo.

—Sabe algo mas?

—Não, minha menina.

—Diz que de Silva está em Buenos Aires?

—Sim. Ele não te disse que hoje partiria à cidade? —perguntou-lhe incrédula.

—Não. Jamais me diz o que vai fazer.

Fiona se levantou com presteza. Estava decidida a fazer algo. Era óbvio, lhe notava nos olhos.

—Vamos, María, iremos a Buenos Aires. Preciso falar com o governador. Se ninguém interceder pela Camila, eu o farei.

—Não, Fiona! Por isso mais queira, não o faça! Porá-o furioso, e quem sabe com que coisas te sairá. —A criada a sujeitava do braço, com pânico no olhar.

Fiona a observou uns instantes, tempo suficiente para compreender que devia refletir a respeito de seus arrebatamentos. Muitas vezes tinha tido que arrepender-se deles; esta vez, o assunto era muito delicado. Se atuava por impulso Rosas saberia rebatê-la habilmente. Não, esperaria e pensaria.

—Está bem; vamos ver o que acontece.

Transcorreram vários dias que esteve como louca. Fazia quase uma semana que Juan Cruz tinha partido para a cidade e não retornaria ainda. Precisava falar com ele. O que esperava para retornar? Desejava consultá-lo, lhe perguntar qual era exatamente a situação da Camila e Ladislao, o que podiam fazer. Estava inquieta, afligida, e nada a acalmava. Tratava de passar as horas lendo, mas não podia concentrar-se. Os passeios tampouco sortiam efeito. foi visitar a Catusha, como sempre, mas não quis lhe contar nada. Temeu perturbá-la mais do que estava. depois de tudo, a história de seu amiga com o padre era tão clandestina como o tinha sido a dela, trinta anos atrás. De todas formas, Catusha conseguiu fazê-la rir com suas ocorrências e comentários, entre inteligentes e infantis.

Quando disse que queria ir a Santos Lugares, onde ainda os mantinham presos, Eliseo lhe advertiu que não o fizesse: não deixavam entrar em ninguém. Armou vários pacotes com roupas podas e comida fresca. Sua imaginação a torturava; pensava no estado lamentável no que se encontraria seu amiga, em meio de uma cela fria e imunda, alimentada com comida de presidiários, e se desesperava. Eliseo levou os pacotes, mas voltaram intactos. A Ou'Gorman e Gutiérrez tinham proibido receber nada.

Finalmente se decidiu: iria a Buenos Aires para falar com de Silva. Já não podia seguir perdendo um minuto mais; além disso, a espera terminaria com sua prudência.

um pouco a contra gosto, Maria aceitou acompanhá-la. Eliseo oficiou de chofer, também à força. Sabia que dom Juan Cruz não o passaria. Mas não pôde negar-se ao pedido da Fiona. Além disso, seria melhor que a levasse ele; do contrário, Fiona chegaria à cidade embora fora caminhando.

Entraram em Buenos Aires de noite. A neblina que Expulsava pelas ruas lhe dava à cidade um aspecto fantasmagórico que era um reflexo perfeito do estado de ânimo da Fiona. Era difícil distinguir a luz mortíça das velas entre a espessura da bruma.

Apareceu a cabeça pelo guichê da volanta. O ar úmido e frio, que deu totalmente sobre seu rosto, obrigou-a a fechar os olhos. Voltou para arrellanarse no assento. Naquele momento, Eliseo deteve os cavalos; o relincho que soltaram foi tão estrondoso que a assustou. Estava tão sensível que algo a sobressaltava ou a fazia chorar. Estaria voltando-se louca?

Voltou a aparecer pelo guichê e divisou a casona que de Silva tinha comprado tempo atrás, escura e silenciosa. Parecia abandonada.

—Senhora de Silva... —murmurou a faxineira que lhes abriu a porta, com expressão de surpresa.

—O que acontece, Luzia? —perguntou, zangada.

Não esperava que a recebesse lhe fazendo festas, mas tampouco que ficasse olhando-a como se se tratasse de uma desconhecida.

—Não, nada, senhora.

A mulher reagiu rapidamente, apartando-se da entrada. O que acontecia era que a notícia da Ou'Gorman tinha deslocado pela cidade como reguero de pólvora e todos conheciam a amizade entre ela e Fiona. Por isso, quando a viu aí...

—por que está tudo tão escuro fora? Faça acender os faróis agora mesmo.

antes de que a faxineira se dispusera a cumprir a ordem, deteve-a.

—Um minuto, Luzia. Está meu marido?

—O senhor há dito que esta noite não retornará à casa, senhora.

A resposta foi um golpe muito duro. Como que não passaria a noite em casa? Onde a passaria, então?

—Não há dito onde estará esta noite? —sentia-se humilhada. Não suportava ter que lhe perguntar a uma faxineira onde se supunha que dormiria seu marido.

—Passará a noite na casa do salga, nos barracos. Surgiu um problema ali e devia estar a primeira hora tie a manhã.

—Está bem, Luzia. Vá não mais.

sentiu-se mais tranqüila; depois de tudo, eram questões de negócios as que obrigavam ao Juan Cruz a pernoitar em outro sítio.

Ao momento, depois de que teve guardado a carruagem na cavalaria, apresentou-se Eliseo pela porta que dava ao pátio da servidão.

—Come algo e mais tarde nos leva a salga, Elíseo. Preciso falar com meu marido esta mesma noite.

O aroma de carne podre começava a lhe arder o nariz. Tirou um lenço e o colocou sobre seu rosto. Maria já tinha feito o mesmo um momento antes. Fiona se lamentou pelo pobre Elíseo; de seguro, estaria-se chateando com o aroma fedido que alagava o lugar.

Os tablones da ponte do Márquez rangeram quando a volanta os cruzou. Por debaixo, o Riacho, e, mais à frente, o salga maior de toda a Confederação, o "Esmeralda". depois de que "As Higueritas", que tinha pertencido a Rosas, osito, o "Esmeralda" tinha passado a ser o mais importante. Cada dia se sacrificavam ali ao redor de quatrocentas cabeças de gado; muitos quilogramas de charque se secavam em outros tantos quilogramas de sal; centenas de couros se curtiam ao sol; mais de duzentos empregados trabalhavam em suas instalações. Era uma indústria extremamente próspera, e de Silva era seu dono. Toda graças a Rosas, que em seu momento lhe tinha emprestado o dinheiro para adquiri-lo. naquela época estava virtualmente abandonado; parecia desolado, e não havia mais de quinze ou vinte catezas de gado dando voltas pelo rodeio. Ao caliô de dois anos era o que agora. O primeiro que fez de Silva foi lhe devolver o dinheiro a Rosas; mais ainda, ofereceu-lhe uma participação no negócio. Embora não aceitou, o Restaurador se sentiu adulado pelo convite de seu protegido. Mas já estava muito comprometido com a causa federal e não queria meter-se em um problema mais. "que muito abrange, pouca apura, Crucito", havia-lhe dito nessa oportunidade, lhe aplaudindo as costas.

Fiona jamais tinha estado no "Esmeralda", mas tinha escutado muito sobre ele. Era um lugar imponente. Mais à frente, quase ao final de tudo, os barracos. Eram várias construções de tijolos branqueados com tetos de palha que pareciam um casario no meio l o pampa.

O sítio estava bem iluminado. As luzes enormes permitiam vigiar cada centímetro do lugar. Uma precaução necessária para evitar o saque noturno e o roubo de animais, muito comum na época. Vários gaúchos armados até os dentes faziam guarda noturno apostados em distintos pontos da propriedade.

Fiona percorreu o lugar com o olhar. ao longe, perto do barraco principal, havia um grupo de peões rodeando o fogão. Viu três homens

sentados sobre o espinhaço de uma vaca, como se se tratasse de uma banqueta. A seus ouvidos chegaram os lembres de um violão e uma voz melodiosa. Os sons e as vozes daqueles gaúchos se foram fazendo cada vez mais audíveis à medida que a volanta se aproximava do abrigo, até que, ao chegar ali e fazer-se visível, o ruído cessou como por encanto.

Fiona ficou na carruagem enquanto Eliseo conversava com um dos empregados do salga que se apartou do fogão para recebê-los. Pelo modo caloroso em que se saudaram pareciam conhecer-se. Ao momento, Eliseo apareceu ao interior da volanta.

—Menina Fiona, o patrão está dentro do barraco, reunido com uns homens.

—Está bem, entremos, então.

Maria preferiu ficar na volanta, com o lenço na cara.

A pouco de caminhar, Fiona se acostumou ao aroma. Os empregados a olhavam, alguns sentidos saudades, outros com o desejo pintado no rosto, mas nenhum se animou a dirigir-se a ela; era a mulher do diabo. Fiona passou junto a eles como se não existissem; só queria chegar onde seu marido, estava ansiosa por vê-lo.

Por fim, chegaram ao lugar onde estava de Silva.

—O que faz aqui? —perguntou ele, enquanto a transpassava com o olhar. Era evidente que estava muito zangado—. por que a trouxe? —perguntou ao Eliseo, que baixou a cabeça sem saber o que responder. O criado sabia tão bem como ele que era muito arriscado chegar à salga; mais ainda de noite.

—Não diga nada a ele, senhor de Silva. Eu lhe pedi que me trouxesse.

Fiona olhou a seu redor. O lugar era bastante confortável por dentro. Havia várias camas de armar e duas mesas enormes no centro. Em uma delas, de Silva e dois homens trabalhavam sobre uns papéis grandes; pareciam planos. O calor que dava a salamandra a reanimou.

De Silva, confundido, não lhe tirava os olhos de cima, ao igual aos dois homens que o acompanhavam. Juan Cruz captou o olhar libidinoso de seus empregados.

—me esperem fora —ordenou em um tom resistente.

Os homens abandonaram o barraco com a cabeça baixa, conscientes de sua indiscrição.

—Você também, Elíseo.

ficaram sozinhos. Fiona sentiu que uma ardência de prazer o recoma o corpo. O olhar devorador de Silva a fez estremecer-se; sabia

que o tinha enfurecido indo basta ali, mas era imperioso que falassem. Juan Cruz não pensava o mesmo. aproximou-se, tomou entre seus braços e a beijou com paixão. como sempre, a reação de seu marido a desconcertou; finalmente, relaxou-se, e uma vez mais se entregou a ele sem oferecer a menor resistência.

—meu deus... —murmurava de Silva—. Não tinha reparado em quanto sentia saudades, meu amor...

Enquanto acariciava todo seu corpo, transbordado pelo desejo, sua boca arremetia contra a dela. de repente, começou a afundar o rosto em sua cabeleira, como se queria embriagar-se com o perfume de sua pele. O perfume de sua pele... Havia algo mais excitante para ele que o aroma da pele da Fiona? Essa delícia em seu nariz fazia desaparecer como por arte de magia a podridão que o rodeava. Ela era sua distração, o recreio mais desejado depois da tarefa, o melhor prêmio depois da luta.

—Por favor... Senhor... Eu...

Sabia que não devia esquecer o motivo que a tinha levado até esse sítio, mas não o obtinha; não podia desfazer-se da atração do Juan Cruz. Uns minutos mais e de Silva lhe teria feito o amor em um dos camas de armar do abrigo; mas era impossível, disse-se; seus homens estavam fora, junto ao Elíseo. E Maria estava aguardando na carruagem. Devia controlar-se.

—O que faz aqui? —sussurrou sem apartar os lábios dos dela.

—Precisava falar com você... senhor.

Tinha as mãos ao redor do pescoço de l Silva e sentia as dele lhe ajustando a cintura. Pouco a pouco, Juan Cruz foi apartando.

—O que aconteceu? —perguntou preocupado.

—Como, senhor? Não sabe você o que aconteceu? Camila... Camila Ou'Gorman, meu amiga.

—Sim, já me inteirei —afirmou Juan Cruz.

—Temos que fazer algo, senhor. vim até aqui para lhe pedir que fale com o governador.

De Silva se tornou bmscamente para trás e a olhou com dureza.

—Deve saber uma coisa, Fiona... —Olhou ao chão antes de continuar—. Camila está grávida.

Fiona afogou um gemido, aterrada. De Silva se aproximou outra vez a ela.

—Vamos. Fiona —disse com pesadumbre—. Melhor será que te leve a casa.

Juan Cruz entrou no dormitório da Fiona e a encontrou chorando. Estava sentada em um tamborete e sua cabeça se movia ao ritmo desigual de seus soluços.

Chamou-a da porta. Viu-a girar sobre si e olhá-lo. Entre suspiros, indicou-lhe que acontecesse.

De Silva se aproximou lentamente, como se temesse espantá-la, e se acucilló diante dela.

—Vamos, Fiona, não chore. Algo faremos por ela.

Fiona chorou com mais ganha ainda. Juan Cruz lhe corria as mechas e lhe secava as lágrimas com a ponta do dedo.

—É que... É que... Não desejo que... que nada mau... aconteça-lhe... Ela é meu melhor amiga, senhor.

Por fim, pareceu começar a acalmar-se. Juan Cruz tomou pelos ombros, atraindo-a para ele.

—Vamos, pequena. Vêem; te recoste e tenta descansar.

Não podia vê-la assim. Rompia-lhe o coração. Recostou-a sobre o leito, e lhe tirou a bata e os escaupines. Tampou-a com a colcha e a agasalhou.

Fiona, mais tranqüila, contemplava-o absorta. Gostava de sentir o roce das mãos ásperas do Juan Cruz sobre seu corpo. Gostava de observá-lo. Gostava de sua expressão quando lhe tirava a bata ou a cobria com o rebuço. Gostava de contemplar seus olhos, perdidos em alguma reflexão que, como sempre, ela não podia descobrir. Gostava... Gostava de seu marido como jamais pensou que gostaria.

—Amanhã mesmo falarei com o governador pela Camila —disse ele, enquanto se sentava no bordo da cama—. Agora, tráfico de domiir.

Beijou-a na frente. Fiona sentiu que lhe arrepiava a pele.

—Senhor... —chamou-o com a voz congestionada.

—O que, Fiona? —perguntou ele da porta.

—Obrigado.

—Está louco! —exclamou Rosas. O murro que descarregou sobre a mesa fez tremer a seus ajudantes—. Desapareçam todos de minha vista, agora! —ordenou depois tie um momento. Os ajudantes e o Pai Viguá se esfumaram, aterrados. Rosas, furioso, parecia lançar labaredas pelos olhos.

Só Juan Cruz, o promotor dessa fúria, permanecia sentado, com gesto indolente e despreocupado. Rosas podia atuar assim com todos,

menos com ele. Conhecia-o muito e sabia que o ditador estava acostumado a utilizar a técnica do terror. A ele não ia intimidar o.

—Comecemos de novo —escolho Rosas zangada—. Desejas que libere a Ou'Gorman, verdade?

Juan Cruz assentiu.

—E, pode-se saber por que? —continuou Rosas, cada vez mais alterado— Não, não. Não me diga nada, eu lhe direi isso. É por seu mujercita, verdade? Fez-te uma esценка de pranto e te comoveu —rematou, olhando-o direto aos olhos.

O jovem pareceu não alterar-se, e isso incomodou mais ainda ao Restaurador. Devia aceitá-lo, era o único que não se chateava quando ele gritava.

—Foi ela, verdade? Ela te pediu que viesse para ver-me, não é certo? —insistiu Rosas.

Juan Cruz não falava. Olhava-o sem pestanejar.

—Sim que te colocou essa a China na cabeça, né? Realmente, tenho que reconhecê-lo, é uma das mulheres mais lindas que vi em minha vida. Pode voltar louco a qualquer, disso não tenho dúvidas. A qualquer, mas não a ti, Crucito. Você é muito inteligente para te deixar enrolar por um par de olhos lindos.

—Não foi Fiona a que me pediu que venha a vê-lo, dom Juan Manuel —mentiu de Silva, abandonando o sofá—. vim por minha própria vontade —continuou—. Não vou negar lhe que minha esposa está desfeita com tudo isto da Ou'Gorman. Como você sabe, são amigas da infância. Apesar de tudo, vim aqui por você.

—Por mim! Por mim, diz? —repetiu Rosas, acalorado—. Olhe o que outros estão fazendo por mim! —Jogou-lhe na cara uns periódicos que tirou da mesa—. Os que estão remarcados com tinta —Indicou Rosas, friamente, agitando o dedo no ar.

De Silva leu em voz alta.

—"... Ontem um sobrinho de Rosas que ao princípio se disse ser..'/ —passo de comprimento os nomes e seguiu—: "... tentou também roubar-se outra jovem, filha de família; mas se pôde impedir a tempo o crime. Qualquer dos dois, é da escola do Palermo, onde nessa linha, vêem-se e se ouvem exemplos e conversações que não podem dar outro fruto. Não podem, meu Deus!, pois aquilo, meus amigos... lhe deixemos sem mais dizer". —Terminou de ler e levantou a vista.

—Esse é o maldito da Alsina, no *Comércio do Pia-a*. Esse não me importa lauto, mas, vamos, lê o outro, o do *Mercúrio*—ordenou Rosas.

— "chegou a tal extremo a horrível corrupção dos costumes sob a tirania espantosa do 'Caligula do Prata', que os ímpios e sacrilegos sacerdotes de Buenos Aires fogem com as meninas da melhor sociedade sem que o infame sátrapa... — De Silva fez uma pausa neste ponto e o olhou de soslaio; Rosas tinha a cara encarnada. Seguiu lendo —: ... adote medida alguma contra essas monstruosas imoralidades."

— Agora entende por que tenho que mandá-la fuzilar, Crucito? — Parecia que se acalmou um pouco.

— Não, ainda não compreendo.

Rosas pensou que de Silva desfrutava provocando-o. Novamente, a fúria se apoderou dele.

— Mas m'filho! Sim que está lento hoje!

— Acalme-se, dom Juan Manuel, acalme-se e me escute.

De Silva começou a caminhar com os polegares enganchados nos bolsos do colete e o olhar fixo no chão.

— Embora você cria que estou aqui por minha esposa, minha imparcialidade no assunto está garantida. Não venho aqui por pedido dela, a não ser para lhe aconselhar que, por seu próprio bem, não a fuzile.

— Por meu próprio bem? — Rosas o olhou, incrédulo.

— Em tudo isto há gato encerrado, dom Juan Manuel. Algo que aprendi de você é que as coisas não são o que aparentam ser. Sempre tomei isto como um dogma e não me foi tão mal acreditando-o assim. Verá, em todo este assunto há algo que não entendo.

— Não tem que entender muito, Crucito. A Ou'Gorman e o curita estavam mais quentes que pava ao fogo e se fugiram. Isso é tudo...

— Isso o entendo. Em realidade, o que não compreendo é isto — replicou, brandindo os periódicos.

— Agora o que não entende sou eu — Rosas o olhou carrancudo.

— É evidente. o estão açulando para que a fuzile, para logo voltar-se em seu contrário, argumentando que é um monstro sem piedade que nem sequer se compadece de uma pobre menina.

— Mas, não tem lido esses artigos?

— Sim, mas nenhum deles se pronuncia sobre qual deveria ser o castigo a repartir. limitam-se a falar de uma reprimenda sem dizer qual tem que ser. Isso o deixam, taimadamente, em suas mãos.

Rosas se tinha levado a mão ao queixo e caminhava pela habitação com o olhar fixo no chão. Não tinha pensado nessa possibilidade.

— Além disso, clone Juan Manuel, a Ou'Gorman está grávida; isso o complica todo ainda mais — concluiu de Silva.

— Não sei, Crucito, não sei. O que fez essa estúpida é muito. Parece-me que a única saída que fica é fuzilá-la. Toda a Confederação está furiosa com o comportamento desses dois idiotas. O que posso fazer eu?

— Não a fuzile, dom Juan Manuel. Não o faça.

Fiona estava decidida, iria ela mesma a ver o governador. De Silva se reuniu com ele dias atrás e não tinha obtido nada. Não podia ficar de braços caizados; algo devia fazer, alguém devia falar.

Chegou ao Palermo e se encontrou com dezenas de pessoas que faziam fila nas galerias, à espera de que lhes concedesse uma audiência com o governador. Algumas fada dias que estavam ali; dormiam sobre jergones de palha e comiam as provisões que tinham levado. Fiona sentiu pena por eles, mas sua causa era mais importante.

Uma das negras faxineira de Rosas a levou onde Manuelita, que atendia a uns convidados no salão principal. Sem lhe importar muito suas hóspedes, levantou-se do canapé e se encaminhou ao encontro da Fiona.

— Fiona, querida! Que alegria que tenha vindo! — disse, enquanto tomava delicadamente as mãos.

— Para mim também é uma alegria voltar a verte, Manuelita, mas o motivo que me traz para esta casa é mais que triste.

— O que acontece, Fiona? — perguntou Manuelita com fingida ingenuidade.

Em um primeiro momento, Fiona sentiu fúria. Acaso Manuelita não conhecia a estreita relação entre ela e Camila? Do que outra coisa viria a lhe falar? Tratou de acalmar-se.

— Como saberá, Manuelita, Camila está presa. Por esse assunto de...

— OH, sim, daro! — apressou-se a exclamar a filha de Rosas—. Em realidade, pensei que devias buscava ao Crucito.

— Ah! Mim marido já está aqui... — Fiona, surpreendida, tratou de dissimular o melhor que pôde.

Obviamente, Fiona tinha viajado até a quinta do Palermo sem fazer saber a de Silva, que jamais lhe teria permitido ir falar com Rosas..Mas já estava a poucos metros de quem podia decidir sobre a vida ou a morte

de seu melhor amiga, e não se tornaria atrás pelo Juan Cruz. Em todo caso, depois suportaria sua ira em La Candelaria.

—Chegou esta manhã, muito cedo. Está no estudo, com tatita, discutindo uns assuntos das estadias, ou algo assim.

—Manuelita, poderei ver seu pai... agora? —animou-se a perguntar, a pesar do medo que a embargava. Sabia que não era fácil chegar ao governador.

—É obvio, Fiona.

Manuelita a guiou através da imensa casona. Tinha sido construída segundo o típico desenho das casas espanholas com reminiscências árabes, nas que as habitações davam a vários pátios centrais. Fiona, subjugada pelo estilo francês de La Candelaria, pensou que nunca mais voltariam a lhe gostar daquelas antigas construções coloniais.

depois de cruzar vários salões e deixar atrás a mais de quinze pessoas, as duas mulheres chegaram à porta do estudo do governador. De fora, podia-se escutar claramente a voz de Rosas. Fiona sentiu que as pernas lhe tremiam e, por um instante, duvidou em entrar. Mas não podia permitir-se medos. Respirou profundo e ingressou detrás da Manuelita.

—Fiona! —exclamou Juan Cruz, surpreso.

Era a primeira vez que ela percebia certo pânico na voz de seu marido.

—Fiona! Que grata surpresa! —Rosas se aproximou dela, a lomó pelos ombros e a beijou na bochecha—. Que bela está esta tarde! Agora, eu me pergunto, como você, uma jovem tão formosa, pudeste te apaixonar por um sacana como Caicito.

O comentário do governador a fez rir. Olhou de esguelha a de Silva e pensou que, sem ser belo, tampouco era feio. Pelo menos, não para ela.

De Silva a olhava com dureza, contendo a respiração. A visão das mãos enormes de Rosas revestir os ombros diminutos de sua mulher lhe provocou um estremecimento. "Não, Fiona, por amor de Deus, não o faça", pensou.

—Obrigado por me receber, senhor governador. Aprecio-o muito; sei o ocupado que você está —disse, sem olhá-lo.

Rosas lhe tirou seus manazas de cima e isso a tranqüilizou. —Aqui me tem, querida. Seu marido sempre me traz problemas para resolver. Em realidade, prefiro verte a ti e não a ele; você é muito mais bela —riu.

De Silva, mudo, espectador, sentia desejos de matar a Fiona.

—Vindo-me senhor...

— Ainda não perguntei a que vieste, menina — Rosas a parou em seco.

— Tatita... — murmurou Manuelita, envergonhada.

— Fiona, melhor me espera na carruagem... — interveio Juan Cruz—. Eu já...

— De maneira nenhuma — o interrompeu Rosas—. Evidentemente, ela veio a falar comigo, não para lhe buscar a ti, Crucito. Não se irá me explicar a honra de sua visita.

— vim a lhe pedir que libere a Camila Ou'Gorman — disse Fiona sem vacilar.

— All, com que o assunto da Ou'Gorman! — comentou Rosas, como se não tivesse sabido do primeiro momento que ela tinha ido ao Palermo para isso—. Mas, filha, pensei que era algo mais grave!

— Mais grave! Mais grave, diz! — Fiona sabia que estava gritando e que era inútil lamentar-se: a indignação lhe tinha feito perder o controle.

De Silva não suportou mais e decidiu tomar o touro pelas hastes. aproximou-se de sua esposa e a agarrou pelo cotovelo disposto a tirá-la dali.

— Vamos, Fiona.

— Não, Crucito. vou escutar o que seu mujercita tem para me dizer, até o final — o desautorizou Rosas.

Fiona não entendia que Rosas se proposto tirar a das casinhas para humilhá-la; era muito malicioso para uma mente tão candida como a dela. De todos os modos, ao perceber que de Silva, resignado, soltava-lhe o cotovelo, tomou coragem outra vez.

— Senhor governador — tentou um tom menos displicente—. Como já lhe disse, vim a lhe pedir, a lhe rogar se for necessário, que libere a Camila. Ela não tem feito nada mau, não prejudicou a ninguém, senhor. É uma jovem de grande coração e boas intenções. Sua filha Manuelita pode dizer-lhe são amigas... — Girou a cabeça, mas Manuelita já não estava ali. Tragou saliva—. Como lhe dizia. Camila é uma boa pessoa, muito federal, sempre defendeu a causa. Sua divisa ferrou era uma de quão maiores eu tenha visto, sempre a levava posta. Além disso, ajudava na Igreja do Socorro...

— Sei— a interrompeu Rosas—. Justamente ali foi onde começaram os amores com o sacrilego do Gutiérrez.

— O suplico, senhor... Por isso mais queira no mundo, deixe-a viver.

O pranto afogou suas últimas palavras. Mudada, aproximou-se de Rosas e o tirou das mãos.

—Deixe-a viver, por favor... A ela e a seu filho —repetiu entre soluços.

O ditador a olhou fixamente. Nesse momento compreendeu o amor que seu protegido sentia pela jovencita. A ele mesmo teria gostado de levar a à cama.

—Não, Fiona. Não o farei.

Rosas deu meia volta. sentia-se causar pena por ter que dizer-lhe assim, tão frontalmente.

—Ela não tem feito nada mau! Por Deus! Quem é você para dizer quem deve morrer ou quem deve viver!

De Silva se estremeceu; agora sim, tudo estava perdido.

—Tem idéia do que seu amiguinha esteve fazendo com esse padre todo este tempo? Tem a menor ideia, Fiona? —Rosas havia se tornado e lhe gritava na cara.

—Isso a você não importa —disse ela, em voz baixa mas firme.

—Dom Juan Manuel, melhor será... —interveio Juan Cruz.

—Como que isso não me importa! Tudo o que aconteça na Confederação me importa! —bramou Rosas sobre o rosto da Fiona. A audácia da jovem o tirava l gonzo.

—Esse é um tema privado entre ela e o senhor Gutiérrez —insistiu Fiona.

—Está muito equivocada, menina. Eles atentaram contra os bons costumes, contra a honra e contra Deus. Eu tenho que...

—Você é capaz de me falar de bons costumes, de honra, de Deus? Você? Você, que faz mais de dez anos mantém a sua amante Eugenia dentro desta casa como se fosse só uma faxineira?

Ninguém se tinha atrevido a tanto. Rosas não duvidou um instante.

—Tira a de minha vista, Juan Cruz! Tira-a já, antes de que me esqueça de que é sua mulher!

De Silva tomou a Fiona pelo braço e a tirou rastros da habitação.

O governador os seguiu com o olhar. Quando tiveram desaparecido de sua vista se aproximou da porta e a fechou de um chute. Logo, já junto a seu escritório, tomou um tinteiro de bronze e o jogou contra o móvel com pequenas gavetas, listava fora de si. Ferido em seu orgulho, humilhado em sua própria casa, e nada menos que por

essa estúpida Malone. Agora sim, o momento tinha chegado. Os malditos Malone se inteirariam de quem mandava na Confederação.

Juan Cruz arrastou a Fiona através dos pátios da casona de Rosas e em um momento estiveram fora. Bruscamente, obrigou-a a subir a seu carro e a depositou no assento como se fora um saco de batatas.

Fez-lhe tina gesto ao chofer qtie havia trazido para a Fiona para que os seguisse. O homem o olhou confundido, mas não se atreveu a perguntar. Por fim, de Silva subiu a volanta e fechou a portinhola de um golpe. Fiona deu um coice e se acurrucó no outro extremo, o mais longe possível de seu marido.

escutou-se a ordem do auriga e o som do látigo, e os cavalos ficaram em marcha para A Candelaria. Juan Cruz, sentado frente a sua esposa, olhava pela janela sem pestanejar, com o gesto tenso. Estava agitado e tinha a frente perlada pelo suor.

—Em que mierda estava pensando quando te ocorreu dever ver a Rosas? —bramou de Silva súbitamente.

Fiona tremeu; fez-se para atrás e se afundou na almofada do assento. Tinha desejos de chorar e lhe custava muito conter-se. Embora não era a fúria de seu algemo o que mais a atemorizava; temia que sua reação arrebatada com o governador tivesse piorado a situação da Camila.

—me responda! —vociferou novamente Juan Cruz.

—Em lhe salvar a vicia a meu amiga! Nisso estava pensando! — gritou Fiona mais forte que ele. Sua voz soou firme e isso a encheu de valor. incorporou-se e o enfrentou. sustentaram-se o olhar; tinham os rostos desencaixados, vermelhos de cólera.

Juan Cruz, lançou um fôlego de indigestão e se atirou para atrás, apartando a vista de sua mulher.

—Com a escenita que te montou logo terminou de enterrar a seu amiga —disse de Silva ao cabo, em um tom mais calmo, embora cheio de sarcasmo.

Ao escutar essas palavras, Fiona sentiu como se lhe atirassem um golpe no peito. Por um instante, faltou-lhe o ar; formou-se um vazio a seu redor e não escutava nem via nada. Tudo havia se tornado escuro em torno dela.

De Silva notou que sua esposa empalidecia e que respirava com dificuldade. Tinha os lábios morados e o olhar vidriosa. Rapidamente, Juan Cruz se sentou a seu lado e tomou as mãos geladas.

—Fiona! O que te passa? —Tomou pelos ombros e a sacudiu.

A jovem não reagia; seus olhos, excessivamente abertos, tinham perdido seu brilho natural. Ele continuava chamando-a, mas Fiona não respondia.

Juan Cruz abriu uma pequena porta sob o guichê e tirou uma garrafa. Tirou-lhe a cortiça com os dentes e a aproximou do nariz de sua esposa. O aroma forte da bebida a alagou, e começou a respirar ruidosamente.

—Toma um gole disto, vamos... —Juan Cruz lhe aproximou a garrafa aos lábios e verteu um pouco do líquido em sua boca. Fiona sentiu que se queimava por dentro. De todos os modos, a bebida a ajudou; ao momento tinha superado a crise, embora estava muito enjoada.

De Silva a atraiu para seu peito e a envolveu com seus braços. Ela ainda tremia e suas mãos seguiam friterem.

Ao sentir a ternura de seu marido, Fiona se largou a chorar como uma madalena. De Silva a apertou mais ainda e começou a lhe sussurrar palavras de consolo.

Juan Cruz se amaldiçoou por lhe haver dito isso e desejou poder voltar o tempo atrás. Não suportava vê-la assim; queria que o sofrimento de sua pequena Fiona terminasse rapidamente, que se esfumasse, e que ela voltasse a sorrir. Mas não o conseguia, não sabia como fazê-lo; nunca havia sentido a impotência que o afligia nesse momento. Impotência ele? Nada lhe resultava impossível para lhe provocar essa sensação; ele podia contudo. Mas Fiona... Fiona sempre o fazia viver coisas novas.

—Por... por minha culpa... a., a vai matar... —disse a jovem, entre palavras afogadas.

—Não, pequena. Você não tem nada que ver neste assunto.

Fiona permaneceu calada um momento. Queria acalmar-se para falar com de Silva. Precisava conhecer as conseqüências de seu exabrupto com o governador.

—Você me disse recém que eu tinha terminado de ente...

—Disse-o em um momento de raiva —a interrompeu de Silva—. Não é certo; esquece-o já —lhe pediu.

Juan Cruz pensou que, em realidade, teria que repreendê-la pelo que tinha feito em casa de dom Juan Manuel. Apresentar-se assim no estudo do governador, mediar pela Ou'Gorman, lhe jogar em cara a Rosas que ele não tinha autoridade moral para julgar a Camila... Deus

Santo! Sentiu frio ao recordar o que sua esposa acabava de fazer. Entretanto, devia aceitá-lo, sentia-se orgulhoso dela; era a mulher mais valente que tinha conhecido. Finalmente, de Silva decidiu deixar a reprimenda para outro momento.

Sem bem Fiona já se acalmou, continuava apoiada sobre o peito de seu marido, entre seus braços. Não queria que Juan Cruz deixasse de abraçá-la; assim se sentia segura e tranqüila, sensações que fazia dias não experimentava, desde que os soldados tomassem prisioneiros a Camila e ao Ladislao.

Fiona suspirou, e de Silva lhe beijou o cocuruto. Nesse momento, enquanto escutava os batimentos do coração do coração do Juan Cruz, e sentia suas fortes mãos ao redor de sua cintura lhe pareceu que tudo estava bem.

De Silva deixou acontecer uns dias antes de voltar para o Palermo para falar com Rosas e lhe pedir desculpas. Embora sabia que Fiona tinha razão, também era consciente de que seu gênio impulsivo a tinha levado a obrar da pior maneira. Sentia que devia recompor as coisas. Conhecia muito bem ao Restaurador para as deixar liberadas ao azar. E apesar de que Camila e Gutiérrez seguiam com vida, por nada do mundo mencionaria o assunto.

—Crucito! —exclamou Rosas ao vê-lo transpassar a porta de seu estudo.

—Viva a Santa Federação! —proclamou Juan Cruz olhando aos ajudantes, que lhe responderam o mesmo, ao unísono.

—Dom Juan Manuel —lhe estendeu a mão—. Preciso falar com você, em privado.

—Reis! Despacha aos escrivães; que continuem com o trabalho na outra sala.

—Sim, senhor —sussurrou o homem, ao tempo que fazia um gesto aos jovencitos sentados em torno do escritório.

Rapidamente, todos deixaram a habitação. Rosas se aproximou do canapé onde dormia o Pai Vigúá e o propinó um chute nas asentaderas.

—Fora daqui, cão pulgoso! —gritou.

O idiota saiu despedido da poltrona.

—Vamos! Fora daqui hei dito!

Quando ficaram sozinhos, o governador o convidou a falar.

—Agora sim, Crucito, me diga o que te traz por aqui.

—Em nome de minha esposa, donjuán Manuel, vim a lhe pedir desculpas pela cena do outro dia.

Rosas o olhou fixamente uns instantes. Juan Cruz lhe sustentou o olhar. O ditador baixou o rosto e começou a caminhar pela habitação.

—E, por que não veio ela mesma?

—Está indisposta; mas me pediu que venha pessoalmente a lhe entregar esta carta e a lhe rogar seu perdão. Sabe que se comportou como uma caprichosa e uma mal educada.

De Silva tirou de seu levita um sobre lacrado e o entregou a Rosas.

Tinha resultado impossível arrastar a Fiona a casa do governador. pôs-se como louca quando Juan Cruz lhe ordenou que o fizesse, e por mais que a ameaçou de mil maneiras, não conseguiu nada. Tão somente lhe arrancou umas palavras escritas, lacônicas e falsas, nas que lhe pedia perdão.

—Está bem —disse Rosas, depois de ler em silêncio o bilhete—. Mas me deixe te dizer, Juan Cruz, que tem uma mulher muito perigosa a seu lado. Uma mulher que pode te levar a perdição se não a controlar. É mais: se não lhe ensinar a comportar-se, conseguirá te arruinar. parece-se com a Ou'Gorman. com todas essas estupidezes românticas. —Rosas, muito sério, não lhe tirava os olhos de cima a da Silvia—. Não só é uma malcriada. Além disso, está cheia das idéias unitárias do avô.

—Idéias unitárias? De que fala, dom Juan Manuel? Não, Fiona é fiel à causa federal. Você acredita que me teria casado com ela se tivesse duvidado por um instante de sua lealdade à causa? Não, minha esposa é tão federal como eu. Reconheço que é uma jovem díscola e impulsiva e, em ocasiões, não sente o que diz; mas daí a ser unitária... Não, donjuán Manuel, o juro. O que acontece é que Fiona adora a Camila. São como irmãs, criaram-se juntas, você sabe; e tudo isto a tem muito mal. Mas nada mais que isso. Nada mais...

Rosas percebeu que seu protegido sentia medo. Tanto amava a essa jovencita que era capaz de urdir essa mentira para lhe fazer acreditar que ela estava arrependida e brigava por seu perdão?

—Sei que seu avô é leitor assíduo dos jornais do Montevideo e Santiago. Tem algum contato no exterior e assim os consegue. Sua família jamais participa das reuniões federais; em troca, sempre ancoram de amigos com todos os que tenho pontuados de asquerosos unitários. Minha cunhada diz que levam as divisas federais mais pequenas de toda a Confederação, que terá que revisá-los com lupa para tirar o chapéu as

Embora não o mencionou, Rosas tinha muito fresca em sua memória a rebelião do quarenta. Não podia esquecer que Malone tinha ajudado a muitos unitários a cruzar ao Montevideo ou a chegar ao Chile; um espinho cravado no flanco que desde fazia muitos anos o governador desejava arrancar.

— Então, Crucito, o que posso pensar de todo isso? Depois, sua neta irrompe em meu escritório e me insulta e me ofende como ninguém jamais se atreveu a fazê-lo. É muito, não crie? — Tomou pelos ombros ao Juan Cruz e os apertou até lhe fazer doer os ossos —. Entende que por muito menos a teria mandado fuzilar. Mas está você no meio e por isso não farei nada.

A afirmação de Rosas soou a mentira nos ouvidos de Silva.

Capítulo 14

Tinha passado mais de um mês da morte da Camila, e Fiona não conseguia sobrepor-se à dor e à tristeza do que para ela não tinha sido outra coisa que um crime. Calada e taciturna, resultava difícil lhe arrancar um sorriso.

De Silva não podia tirar-se da cabeça essa manhã de 18 de agosto de 1848. Elíseo tinha sido enviado a Santos Lugares para trazer notícias e quando chegou com o anúncio de que Camila e seu curita tinham sido fuzilados, Fiona começou a tremer. Não chorava, tão somente tremia. De Silva a abraçava muito forte, mas o corpo da Fiona continuava estremeando-se.

Com dificuldade, fizeram-lhe beber um pouco de láudano. Uma hora mais tarde descansava em cama, com um sonho intranquilo, desassossegado, murmurando incongruências.

"Meu deus, não permita que lhe aconteça o mesmo!", suplicava seu marido. Juan Cruz não podia deixar de pensar na Catusha.

Fiona jamais chorou. depois daquele dia, abismou-se em um comprido e profundo silêncio. Juan Cruz teria preferido que gritasse e esperneasse, que o culpasse a ele dessa desgraça se era necessário. Seu desejo não se cumpriu.

Estava abatido; não suportava ver a Fiona naquele estado. Chegou a odiar a Camila; estava ciumento dela. Não podia deixar de perguntar-se se Fiona seria capaz de sofrer por ele tanto como pela Ou'Gorman. E a idéia de que ele não era motivo suficiente para que Fiona recuperasse a alegria de viver o machucava como nada.

Catusha visitava a casa grande quase todos os dias. Era uma excelente companhia para a Fiona; estava acostumado a lhe falar de tonteras e, por momentos, a fazia esquecer sua pena. Além disso, liam juntas e, às vezes, até tocavam o piano.

Uma das tantas manhãs em que Fiona, sem ânimos para sair da cama, tinha pedido que lhe levassem o café da manhã a seu dormitório, Catusha se apareceu por ali com a bandeja do chá. Ao princípio, Fiona se sentiu incômoda; não era esse o lugar nem eram essas as circunstâncias em que estavam acostumados a encontrar-se. Entretanto, a naturalidade com que Catusha aproximou uma cadeira ao bordo da cama e se sentou frente a ela, com as mãos cruzadas sobre o regaço, fez que logo seu mal-estar se dissipasse.

—Ninguém melhor que eu pode te compreender neste momento — disse Catusha com simplicidade.

Era a primeira vez, da morte da Camila, que lhe falava nesse tom. Até esse dia tinha atuado como se não estivesse inteirada da tragédia. Fiona a olhou espectador.

—Eu conheço tanto sua dor, querida, tanto... —continuou a mulher—. É como se lhe tivessem parecido uma adaga aqui, no coração, e o revolvessem dentro, uma e outra vez. Dói tanto... Tanto que sente que enlouquecerá do sofrimento. Talvez por isso não estou do todo corda... —Sorriu, com amargura—. Quando fuzilaram a meu Manuel, eu... —Por um momento, a voz da Catusha se quebrou, mas não demorou para sobrepor-se—. Eu sei, Fiona, por que meu filho me odeia. Ele pensa que eu enlouqueci quando fiquei grávida dele. Não... Eu estava feliz levando-o em meu ventre. Era tão feliz... Pobre meu anjinho! Quanto o tenho feito sofrer! Filhinha. não cometa o mesmo engano que eu. Não perca o melhor de sua vida por alguém que já nunca mais estará a seu lado. Não o faça, Fiona. Deve te repor e voltar a ser a mesma jovem cheia de vitalidade que sempre foste. Faz-o por ele, não lhe faça mais danifico do que eu lhe fiz. Suplico-lhe isso.

—Mamãe!

As mulheres se sobressaltaram. A figura imponente de Silva na porta as sobressaltou.

—Vamos, mamãe; Fiona deve descansar —disse Juan Cruz, com autêntica preocupação.

Catusha e Fiona cruzaram um olhar cúmplice.

Desde aquele dia em que Catusha se mostrasse tão sensata, Fiona começou a sentir-se melhor e, pouco a pouco, recuperou suas vontades de viver. Voltou para seus passeios pela estadia, a visitar as casas dos peões, a encharcar os pés na fonte dos vasos de barro. Enfim, sentia-se outra vez ela mesma.

Uns desses dias, justamente, sentiu de repente que algo novo, desconhecido, estava ocorrendo em seu corpo. Nunca soube como se deu conta. Sentiu-o, assim, de repente: estava grávida. E, embora estava segura de que não se equivocava, decidiu esperar uns dias antes de dizer-lhe ao Juan Cruz. Não seriam muitos de todos os modos: o atraso de sua regra lhe daria a confirmação antes de uma semana.

A manhã que teve a certeza definitiva de seu embarço se arrumou com um delicado vestido de seda rosa pálido que antes não tinha querida usar, segasse de que não combinava com seu cabelo vermelho. Esse dia se sentia distinta e lhe pareceu que era o melhor vestido. A bata de fofoqueiro, ajustada a seu corpo, era de musselina transparente da cor do vestido, e lhe acentuava as curvas de tosse seios e os quadris. deixou-se a cabeleira solta, murcha, sem lhe importar que não se usasse assim. Desarmou uma hortênsia e colocou) seus florecillas desordenadamente entre os cabelos. Coloriu um pouco mais seus maçãs do rosto e se remarcou os lábios.

—Elíseo, viu a de Silva esta manhã?

Temia que se partiu à cidade. Ultimamente, viajava muito freqüentemente e de improviso.

—Sim, menina. Está no celeiro menino, com uns peões — respondeu Elíseo,

O celeiro menino estava bastante afastado da mansão, pelo caminho da alameda. Fiona se deteve uns instantes ao começo do percurso. A espessa bruma matinal parecia dissipar-se entre as taças dos álamos. Inspirou profundamente a brisa fresca, cheia de aroma de campo, e se sentiu muito bem.

Deixou atrás a arvoredo e começou a aproximar-se da zona de mais movimento da estadia. A de Silva não gostava que freqüentasse esse lugar, de modo que ela virtualmente não ia nunca. Ali estavam as potreros onde juntavam o rodeio de vacas, os celeiros onde armazenavam a alfafa, os abrevaderos, os currais com as ovelhas. Não entendia por que Juan Cruz lhe proibia aproximar-se desse sítio.

Os peões, assombrados, viam-na como uma aparição. Alguns, mais atrevidos, não lhe tiravam a vista do decote. aproximou-se de um gaipo de homens empenhados em uma tarefa.

—Sane Nietél —chamou a jovem.

Os homens intemimpieron o trabalho e a olharam, intrigados. O índio Sane se separou do resto, e se encaminhou para a Fiona. Ao chegar perto da patrã, tirou-se o chapéu de palha e começou a retorcê-lo entre as mãos.

—Senhora de Silva! O que gosto, patrã!

—Como anda essa perna? —perguntou Fiona, lhe assinalando o lugar l a ferida.

—E como quer que ande se tive a melhor das doutoras?

Ambos riram ao unisono. Depois, a jovem lhe perguntou por sua família. O índio se mostrou preocupado: dias atrás, sua filha Ayelén se escapou com um moço e ainda não conheciam seu paradeiro. Fiona perguntou se podia fazer algo por ele; Sane respondeu que não.

—Procura o patrão, senhora?

Fiona assentiu.

—Está no abrigo. Aí, olhe... —Assinalou-lhe um celeiro a uns metros.

Fiona se despediu do índio e se encaminhou aonde lhe tinha indicado. apareceu ao portão do abrigo, quase com medo. Ficou atônita. Juan Cruz estava com o torso nu, levava postos umas calças brancas que chegavam aos joelhos, e tinha o cabelo tomado em um acréscimo à altura da nuca. Lutava com um bezerro que parecia ter a força de dez homines. Os músculos l seus braços e suas pantorrilhas se esticavam sensualmente à medida que a tarefa ficava mais dura. A transpiração empapava seu corpo, lhe fazendo brilhar a pele. Finalmente, dobrou-o. O animal tinha ficado apanhado entre as mãos de Silva, que lhe pressionava se cangote com um de seus joelhos e, desse modo, lhe impedia de mover a cabeça.

—Fica quieto! —gritou de Silva—. Zoilo, me passe o linimento! —ordenou a um dos peões.

Fiona pôde ver uma série de feridas repugnantes no lombo do bezerro. De Silva afundou a mão dentro do balde que continha a mistura e lubrificou as lesões com cuidado.

—Um minuto mais, fica aquieto só um momento mais — murmurava Juan Cruz.

Nem de Silva nem os três peões que o rodeavam tinham reparado nela, médio oculta depois do portão. Estava hipnotizada pela cena: não podia deixar de olhar. Nunca o tinha visto trabalhar. Parecia outra pessoa, com esse traje rústico, as mãos meladas com o linimento e o rosto encarnado. A Fiona resultou irresistível.

— Juan Cruz... —chamou com suavidade.

Os três peões e de Silva se deram volta a! mesmo tempo, sobressaltados. Em outras circunstâncias, de Silva se teria surpreendido de vê-la aparecer por ali. Agora, quase não tinha tido tempo de pensar nisso. Só podia pensar em que aquela era a primeira vez que a voz erótica e envolvente da Fiona o tinha chamado por seu nome.

Os ajudantes se deram conta de que estavam de mais e abandonaram sigilosamente o celeiro. Já sozinhos, Fiona avançou uns passos para seu marido, que ainda emudecido pelo que acabava de escutar, limpava-se as mãos com estopa.

—vamos ter um bebê —anunciou Fiona.

De Silva arqueou as sobancelhas. A estopa lhe escorregou das mãos. Não podia mover-se, estava como parecido ao chão. Tinha-o desejado tanto... Já começava a temer que não pudessem ter meninos, e ele desejava ver a casa cheia de meninos.

—Fiona... —Foi tudo o que pôde dizer.

aproximou-se dela e a contemplou longamente. "Em seu estado, deveria deixá-la tranqüila", pensou. Mas não pôde. Tomou por assalto, como estava acostumado a fazer. Ela sentiu que uma das mãos dele se aferrava à parte mais fina de sua cintura, em tanto a outra percorria amorosamente seu decote.

Depois, enquanto a sustentava com um braço, estirou o outro tudo o que pôde para fechar a porta do celeiro. Uma vez que teve jogado o ferrolho, apoiou-a contra a parede de madeira e a beijou febrilmente. Sentia que as mãos l Fiona percorriam suas costas nua, e escutava os suspiros entrecortados e os pequenos gemidos que escapavam de sua boca entreabierta.

Encarapitou-a em seus braços, levou-a até um montão de feno sobre o qual se desdobrava uma manta, e a depositou delicadamente nela.

De ali, Fiona pôde ver como Juan Cruz se tirava as calças, como se deixava cair lentamente sobre ela até ficar com os joelhos cravados na manta, aos flancos de seu corpo, pôde sentir como a despojava com destreza do vestido e a bata de fofoqueiro, e, por fim, como seus seios, com os mamilos endurecidos pela excitação, revelavam-se ante ele.

—Fiona... Fiona... —sussurrou enquanto lambia sua pele e seus peitos com avidez.

Fiona desejava senti-lo dentro de si, desejava vê-lo balançar-se sobre ela enlouquecido de desejo. Nesses momentos de Silva era completamente dele.

—O que faz de mim? —perguntou él.con voz rouca— . Tem a seus pés como vencido em uma batalha... Poderia fazer de mim o que quisesse. Em troca, faz-me o homem mais feliz do mundo —seguiu murmurando, sem separar os lábios de seu pescoço.

—Amo-te... amo-te... —murmurou Fiona.

Por um momento, o delírio do Juan Cruz se interrompeu ao escutá-la. Então, sorriu de sorte.

—Eu também te amo, meu amor. Amo-te sempre, do primeiro momento que te vi... Tão formosa, tão sensual...

Levou os lábios ao rosto da Fiona e a beijou em todas partes.

Pela primeira vez, Fiona tinha sido completamente livre com ele, tinha deixado escapar os sentimentos que fazia tempo a confundiam. sentiam-se plenas fazendo o amor ali, em meio de um celeiro. De Silva, sujo e transpirado; ela, nua sobre uma manta áspera.

Juan Cruz descarregou sua virilidade dentro da Fiona; depois, escutou-a gemer e ofegar quando o orgasmo encheu seu corpo de prazer.

Capítulo 15

Como de Silva devia percorrer as estadias do sul da província, Fiona dispôs acontecer uns dias em casa de seus avós. Ao Juan Cruz, a idéia de deixá-la por umas semanas não o convencia. Mas devia cumprir

com o que Rosas lhe tinha pedido; os últimos malones tinham destruído várias construções e roubada centenas de vacas; sua presença era imperiosa: ele era o único que podia avaliar os danos e dispor medidas de vigilância.

Fiona estava bem; além disso, as descomposturas matinais que a tinham afligido os primeiros dias já tinham desaparecido.

Juan Cruz a via mais formosa que nunca. E não perdia ocasião de dizer-lhe Como quando Fiona tocava o piano, e ele, sentado escarranchado detrás dela, começava a acariciá-la e a beijá-la no pescoço. Chegava um momento em que se sentia tão excitada que tinha que deixar de tocar, e o único que desejava era que lhe fizesse o amor ali mesmo.

Fiona ria sem nenhum recato quando Maria, baixando o rosto e balbuciando as palavras, perguntava-lhe se de Silva...

—... Bom... Você sabe... Não é bom nestes primeiros meses de preñez...

—Que não é bom? —Fiona a insistia a seguir, sabendo o que lhe custava à mestiça.

—Fiona, menina, você sabe!

Nesse momento, a jovem soltava a gargalhada.

—E quem o detém de Silva, Maria? Não pude fazê-lo quando me horrorizava a idéia de que me tocasse, menos agora que me enlouquece que o faça.

—Fiona! Deus e Ave María Muito puro! —Maria se benzia mil vezes.

Finalmente, ao dia seguinte que Juan Cruz partiu para o sul, Fiona viajou a Buenos Aires acompanhada pelo Eliseo e Maria. Já tinha começado ao sentir saudades. A noite antes de que ele se fora a despedida tinha sido larga e fogosa. Não podia acreditar o que estava vivendo junto a esse homem, o homem ao que ela acreditou odiar. Agora se entregava a ele, em corpo e alma, e isso a fazia senti-la mulher mais ditosa do mundo; e não só eram seus beijos, suas palavras, suas mãos que lhe tinham conquistado cada rincão do corpo. De Silva era tal e como ela tinha imaginado ao homem de seus sonhos. Inteligente, sagaz, às vezes frio e calculador, às vezes mau, às vezes bom. Tudo a enchia de desejo. Seus arrebatamentos de fúria e de paixão, quando a tirava da cintura por surpresa, no momento menos esperado. Seus arrebatamentos de bondade, quando lhe acariciava a bochecha e lhe contava uma anedota de sua infância. Fiona o amava. Sempre.

Chegou à cidade e o primeiro que fez foi visitar a Igreja do Socorro; desejava rezar pela Camila e o curita tucumano. Não chorou, só recordou as palavras que Juan Cruz lhe havia dito dias atrás.

—Camila e o padre sabiam ao que se expor quando escaparam, Fiona. Mas esse era seu desejo, isso era o que mais desejavam na vida: estar juntos. Arriscaram-no tudo e morreram lutando por algo no que acreditavam, e que os fazia felizes.

Era certo, Camila tinha morrido lutando pelo que mais amava. Suspirou. Pensou que, certamente, no céu, Deus tinha reservado um lugar para eles. fez o sinal da cruz se e saiu à rua. sentia-se mais aliviada. Era hora de ir a casa de seu avô.

No do Malone a esperavam ansiosos. Dias antes, Eliseo tinha levado a boa nova e, desde esse momento, o avô Sejam e outros não tinham podido com sua ansiedade.

—vai se chamar Sejam —sentenciava, muito seriamente, o futuro bisavô.

—te cale, irlandês vaidoso! —repreendia-o sua esposa—. Nem sequer sabe se será varão.

—É obvio que o será! —afirmava ele, desafiante.

Foi uma bem-vinda muito emotiva. *Aunt* Ana e Brigid choramingavam; Imelda, que já se casou com a Senillosa, abraçou-a sinceramente; e Sejam... Sejam não pôde falar, só se limitou a estreitá-la entre seus braços. Seguia sendo tão miúda como quando menina e parecia que lhe perdia no peito.

Todo aquilo era estranho. Em geral, as famílias ocultavam a chegada dos meninos. As mulheres grávidas dissimulavam o ventre com roupas apropriadas e, nos últimos meses, nem apareciam à porta. Mas no do Malone, não. Eles estavam felizes com o embarço da Fiona e lhes importavam um cominho os costumes da sociedade.

Embora passou uns dias magníficos em casa da Grandpa, não havia momento em que não rememorasse ao Juan Cruz. Às vezes, angustiava-se pensando nos perigos que o espreitariam perto da última fronteira. Quão único a consolava era a certeza de que seu marido era um homem hábil e conhecia a zona como o melhor dos baquianos.

Durante sua estadia em Buenos Aires, ela e Maria se aprovisionaram de todo o necessário para preparar o enxoval com que o pequeno de Silva se encontraria ao chegar a este mundo: lã, tecidos, agulhas, fios de cores, puntillas e encaixes. Passavam tardes inteiras

confeccionando as ropitas do bebê, costurando os lençóis para o berço, fazendo os fraldas, cortando o tul do Moisés.

* * *

—Adiante —disse Fiona de dentro.

—Menina Fiona?

—Sim, Coquita, aqui estou.

—Há uma senhorita que a busca.

—A meu? — perguntou surpreendida—. A esta hora? Era a sesta e, como fazia um calor intenso, a família inteira dormia.

—Não me lembro o nome, menina. É mais difícil que fazer gargarejos de barriga para baixo. É algo assim como... —Pensou um momento—. Não sei, não me lembro —disse, por fim.

—Está bem, Coquita, já vou.

Ao entrar na sala principal, encontrou-se com uma senhora de média idade, belamente embelezada, de figura atrativa. Seu rosto, um pouco envelhecido, conservava não obstante sua beleza.

—Boa tarde —saudou Fiona.

A mulher se apressou a levantar do canapé. aproximou-se lentamente, com um andar sensual e estudado. olharam-se direto aos olhos.

—Boa tarde, senhora de Silva —respondeu a mulher—. Meu nome é Cloé Despontin.

* * *

Cloé Despontin estava nua, tendida na cama. Olhava sem muito entusiasmo ao homem que, a uns poucos passos, tinha começado a vestir-se. Um jovem cheio de brios, pensou. Tinha que reconhecê-lo, não a tinha passado tão mal com ele, mas, ter saboreado o melhor em outra época a tinha convertido em uma mulher muito exigente.

O jovem se grampeou as calças e começou a ficá-la camisa. Por um momento, contemplou-a em silêncio. Fazia um tempo que eram amantes e nunca podia ser tenro com ela depois de lhe fazer o amor. Ora!, o

amor. O amor, disse-se, só o teria feito com a Fiona, não com ela, uma velha prostituta vinda a menos.

—Amanhã, a Malone estará em casa de seu avô —comentou o homem, enquanto se calçava um dos sapatos.

A mulher não pareceu alterar-se.

—O imbecil de Silva está no sul, trabalhando nas estadias de Rosas. É o momento indicado para que o faça. Escuta-me?

—Sim —respondeu a mulher, cortante.

—Tem claro tudo ou lhe devo repetir isso

—Não.

—Não o que?

—Não faz falta que o repita —esclareceu ela, sem lhe importar a repentina irritação de seu amante.

O homem se aproximou do espelho do penteadeira e se passou um pente pelo cabelo. Depois, olhou-se de perto os olhos: tinha-os cheios de derrames; melhor seria dormir um pouco. Ultimamente, não conseguia conciliar o sonho nem meia hora seguida. Este tema o mantinha em vela, algumas peças não conseguiam encaixar. De todos os modos, já era muito tarde para tornar-se atrás, havia muito em jogo. Recolheu o saco, ainda atirado no chão, e se dispôs a sair.

—Estar acostumado a! —chamou-o a mulher. Tinha abandonado o leito e se aproximava dele—. Não vais despedir te?

—Não faz falta que finja comigo, Cloé —A olhou com certa compaixão—. Te deixei o sobre com o dinheiro no móvel da sala. Faz-o amanhã, na hora da sesta, quando todos dormem. —Fechou a porta e partiu.

Já na rua, Mateo, o chofer do Cloé, alcançou-lhe o cavalo. Estar acostumado a galopou depressa até sua casa, perto da Praça da Vitória. Entrou como louco, chamando gritos a seu servente.

O homem se apersonó tremendo. Conhecia os momentos de transtorno de seu amo e lhe temia.

Estar acostumado a lhe ordenou preparar um baú com roupa para dez dias. Iriam ao campo. Tinha decidido desaparecer de Buenos Aires até que o plano se levou a cabo.

Quando entrou em seu dormitório, o servente já preparava as mudas. Estar acostumado a se encaminhou ao roupeiro disposto a encarregar do resto. Entre as coisas da gaveta, tomou um lenço de encaixe branco. Era da Fiona. O tinha escamoteado em uma reunião tempo atrás, enquanto dançavam a valsa. Recordou com um sorriso o

desconcerto da jovem enquanto o buscava por toda parte. Ele mesmo tinha ajudado na busca.

O levou ao nariz e o cheirou. Apesar do tempo, ainda conservava esse perfume tão característico dela. Fechou os olhos, recordando-a. A mais formosa das fêmeas, pensou; nenhuma lhe comparava. Sentiu uma ereção e o desejo acendeu ainda mais seu ressentimento. Também recordou como a Malone o tinha rechaçado, sempre. Ele sabia que ela não o suportava. Mas, por que?

Menos agradável Foi pensar no maldito de Silva. "Bastardo, filho de puta!", disse entre dentes, espremendo o pañuelito no punho. Com sua figura lhe avassalem e seus milhares de reais, tinha-a comprado como a um objeto. Estar acostumado a se sentir um imbecil; não tinha feito nada enquanto o bastardo a arrebatava das mãos. De todas formas, devia admiti-lo, ele não teria podido com o toldo de dívidas dos Malone, não era o suficientemente rico.

Cheio de fúria e impotência, separou-se da passada uma banqueta de um chute. O servente se sobressaltou e abandonou depressa a habitação. Agora seu patrão precisava estar sozinho: voltaria mais tarde.

Estar acostumado a deixou o lenço sobre seu travesseiro e se sentou na cama. tomou a cara entre as mãos e sentiu desejos de chorar. Não o fez, estava muito encolerizado para poder chorar.

Recordou o dia não tão longínquo em que Rosas o tinha mandado chamar e ele se apresentou imediatamente no Palermo. A proposta lhe soou desenquadrada em um princípio. É obvio, Estar acostumado a sabia do ressentimento do governador para o velho Malone. A Espiga de milho o tinha seguido de perto nos anos da anarquia, conheciam seu espírito unitário e a ajuda que tinha emprestado aos exilados. Mas nunca puderam apanhá-lo em nada estranho, sempre lhes escapava. Era uma presa escorregadia, um homem muito hábil.

Sim, Estar acostumado a sabia bem do ódio que Rosas sentia pelos Malone. Apesar de sua reticência inicial, teve que reconhecer que, se as coisas se faziam como as tinha planejado o governador, lhe atiraria ao velho irlandês um golpe do que dificilmente poderia repor-se.

—Salomón é história —lhe havia dito Rosas para que picasse o anzol—. Se fizer bem esta missão que te encomendo, Estar acostumado a, a presidência da Espiga de milho é tua.

Lhe fez água a boca. Ele, Palmiro Estar acostumado a, convertido de boas a primeiras no sócio popular mais respeitado, o presidente da Espiga de milho. A Fiona já a tinha perdido. Além disso, não podia lhe

perdoar os contínuos despezos. Não a queria agora, toda manuseada por outro, um bastardo arrivista. Então, por que não? Rosas lhe sugeriu o nome do Cloé. Estar acostumado a e ela já eram amantes. Sabia que a mulher o ajudaria gostosa. Sentia tanto ódio e raiva por de Silva como ele. Sim, de um princípio soube que contaria com o Cloé.

—Se não ser minha, Fiona Malone não será de ninguém! — exclamou o mazorquero, atirando ao chão o lenço de encaixe.

* * *

Recém naquele momento, Fiona caiu na conta de que a mulher tinha nas mãos um pacote, não muito grande, envolto em papel de seda.

—Tome assento, por favor, senhorita Despontin.

Em um momento, entrou Coquita, com uma bandeja. Trazia limonada e algo para comer.

—Que agradável! —comentou Cloé ao sorver a bebida—. Está fazendo tanto calor que não há com o que combatê-lo.

Havia certa cadência singular em sua voz. Por certo, não era portenha, pensou Fiona.

—Sinto incomodá-la, senhora de Silva, mas me falaram tanto de você amigos em comum que não pude evitar a curiosidade e quis conhecê-la.

—É você muito amável, mas, que amigos temos em comum? — Fiona a olhava intrigada. Era a primeira vez que essa mulher e ela se encontravam. Que amizades podiam compartilhar? Jamais a tinha visto em nenhuma das reuniões, nem na Alameda, nem no da Manuelita Rosas.

—Estar acostumado a, por exemplo. Palmiro Estar acostumado a. Esse é um amigo em comum que temos.

Cloé advertiu que Fiona se acomodava nervosamente na poltrona.

Desde aquela vez em que Estar acostumado a lhe roçou a mão com a língua, não havia tornado a cruzar-lhe Viu-o em uma que outra reunião, mas o homem parecia não conhecê-la; não a saudava, não a convidava para o minué, nem sequer a olhava. "Melhor assim", tinha pensado Fiona. Não desejava que seu marido e Estar acostumado a tivessem uma briga por sua culpa. depois de tudo, Estar acostumado a

era um conhecido mazorquero, com bastante poder dentro da Sociedade Popular.

—Ah, sim, o senhor Estar acostumado a! Conheço-o.

—Ele a tem em grande estima, senhora de Silva.

—Bom... —murmurou a jovem. Começava a inquietar-se pelo giro inesperado que tomava a conversação. Decidiu passar à ofensiva—. me Diga, senhorita Despontin, você vive aqui, em Buenos Aires? Jamais a tinha visto antes.

—Sim, vivo aqui faz anos. O que acontece é que minha casa está algo retirada, perto dos barracos, na boca do Riacho, e venho pouco à cidade. Sou, quase, uma ermitã —disse, com um sorriso zombador.

—Ah... E, vive sozinha? me perdoe, não quero lhe parecer entremetida —se desculpou Fiona rapidamente.

—Não, senhora de Silva, não se preocupe. Sim, vivo só com meus criados, Paolina e Mateo.

"Paolina?" Onde tinha escutado esse nome? Pergunta-a ficou sem resposta.

—Desculpe, senhorita Despontin, não quero parecer mal educada. Mas, sinceramente, não compreendo o motivo de sua visita.

—Sim, tem você razão. Desculpe-me. Não quero lhe tirar um minuto mais de seu tempo. Em realidade, vim hoje até aqui para lhe devolver isto.

E, estendendo os braços, entregou-lhe o pacote.

—me devolver? A mim? —perguntou-lhe Fiona, enquanto recebia o pacote.

desfez-se do papel de seda e, ao princípio, não o reconheceu. Tinha passado tanto tempo que o tinha esquecido. Era o vestido da festa em casa de misia Mercedes, que tinha usado a noite em que conheceu de Silva, a mesma noite em que seu pai lhe disse que se casaria com ele, a noite que...

—Como chegou isto a suas mãos? —Fixou seu olhar na do Cloé. Tinha uma feia sensação na boca do estômago.

—Juan Cruz o deixou em minha casa, logo depois de levá-la a você ali, faz mais de um ano. A Paolina custou muito voltar a pô-lo em condições. Estava virtualmente arruinado pelo barro e, sinceramente, é uma pé...

—Juan Cruz? Juan Cruz de Silva? —Fiona ficou de pé, com o vestido entre as mãos.

—Sim, Juan Cruz, seu marido.

Quem era esta mulher que chamava com tanta confiança "Juan Cruz" a seu marido?

—Conhece-o? —perguntou Fiona, decididamente perturbada.

—Que se o conheço? me valha Deus, faz muitos anos que o conheço! —Fez uma pausa—. Ele e eu somos amantes, senhora de Silva.

Fiona sentiu que o chão se movia sob seus pés. Empalideceu mortalmente e começou a tremer. O vestido lhe escorregou das mãos. depois de uns segundos, deu-se conta de que tinha estado contendo a respiração. Solto um gemido, e se derrubou na cadeira.

Cloé a observava. pôs-se de pé e a olhava de acima, triunfal. "Aí tem, sente o mesmo que eu, maldita estirada." agachou-se para recolher o vestido.

—Deixe-o! Não se atreva a tocá-lo! E fora de minha casa, maldita mentirosa! Fora daqui!

Fiona voltou a erguer-se. Com um enorme esforço, sobrepôs-se ao enjôo que ameaçava fazendo-a perder o equilíbrio. Desejava lhe arrancar os cabelos, mordê-la, lhe fazer danifico, o mesmo dano que ela acabava de lhe fazer. "Não, Meu deus, não pode ser verdade!", disse-se, desesperada-se. Mas as circunstâncias se confabulavam de tal maneira que só podia pensar que era certo. Cada vez que de Silva viajava à cidade, e eram muitas, ela insistia em acompanhá-lo e ele se negava. Sempre se negava. "Não, não, Deus Santo!"

—Eu não sou uma mentirosa, senhora de Silva. Juan Cruz e eu fomos amantes por muito tempo e é justo que você saiba.

Cloé fez uma pausa e observou atentamente a seu rival, olhos da Fiona lançavam chamas de ódio, tinha os punhos fechados aos flancos do corpo e os lábios, apertados, tremiam-lhe de fúria contida.

—É excelente na cama, verdade? Ah, querida! Asseguro-lhe que é o melhor —Cloé começou a rir em forma afetada—. A você também converte em farrapos o vestido antes de penetrá-la? Ou, possivelmente, sint-a nua em seus joelhos e lhe faz o amor aí mesmo, sobre a cadeira, como a mim... Deus! Nosso homem é um semental!

Fiona começou a chorar. Aquilo era humilhante, não podia suportá-lo mais. Sem esperar que a mulher partisse, saiu correndo à rua.

Cloé permaneceu de pé frente à porta, olhando para fora, desconcertada. Parecia congelada, não lhe movia um cabelo, não pestanejava. Não era assim como deviam desenvolvê-las coisas; não o tinham planejado dessa forma. Estar acostumado a lhe havia dito que a

Malone era muito impulsiva e que reagiria lançando-se o em cima como uma gata raivosa. Esse seria o momento preciso para que ela...

A mulher baixou o olhar e a fixou por umas segundas na adaga que tinha mantido escondo entre as dobras de seu vestido. Depois, abandonou o lugar.

* * *

—Alguém viu a Fiona? —perguntou Sejam Malone aparecendo pela porta da cozinha. Maria levantou a vista, repentinamente alarmada.

—A última vez que a vi estava em sua habitação, patrão — respondeu a mestiça.

—Não, dali venho e não está. Não sabe se tinha pensado sair esta tarde?

—Não, patrão. Justamente, hoje tínhamos decidido não sair a nenhuma parte. Pelo calor...

O grupo de faxineiras viu partir a Sejam Malone com o rosto cheio de preocupação.

Um momento depois, Coquita, que parecia muito concentrada em sua tarefa de cortar ervilhas, interrompeu o que estava fazendo, ficou de pé, caminhou decididamente para onde estava Maria e se plantou frente a ela. A criada se ficou meditando, pensando onde poderia estar Fiona, e quase não emprestou atenção ao desdobramento da Coquita.

—Eu sei o que aconteceu com a menina. Eu escutei tudo.

Fiona tinha saído correndo, já era de noite e ainda não retornava. sentiu-se comprometida a contar toda a verdade a Maria.

—O que diz, Coquita? —perguntou Maria, alarmada.

Todas a olharam, sobressaltadas.

—Que eu sei o que lhe aconteceu à menina Fiona.

—Como que você sabe o que aconteceu a Fiona? Vamos! Fala de uma vez! —Maria ficou de pé, e apoiou as mãos sobre a mesa, quase ameaçador.

—Hoje, à sesta, veio uma mulher muito estranha a ver a menina. chamava-se Revesti, Tole ou algo assim. Não posso me lembrar.

—Como era?

—Era mais ou menos de cinqüenta anos, bastante linda e bem vestida. Tinha um traje assim, cheio de puntilla e encaixe, como os da menina Imelda. Nunca antes a tinha visto. Além disso, falava estranho.

—Estranho, como?

—Não sei, Maria, como se fora fanhosa ou estivesse resfriada.

—Vamos, Coquita, não te detenha. me diga que mais sabe.

—Foi terrível, Maria. —Custava-lhe contar o que tinha escutado.

—O que foi terrível? Não me tenha sobre brasas, Coquita!

—Essa senhora lhe disse à menina Fiona que era a amante de dom de Silva.

—Que era o que? meu deus! —Maria se deixou cair novamente na cadeira.

—A menina Fiona começou a chorar como uma Madalena e saiu correndo à rua. Fará mais ou menos três horas disso.

—Mas, como não me contou isso nesse momento, zopenca? Agora, vá ou seja o que foi que a Fiona. —A Maria lhe fez um nó na garganta.

—Eu pensei que ela retornaria sozinha, uma vez que a raiva lhe tivesse passado. Não queria que dona Brigid voltasse a me arreganhar por estar espiando nos...

Maria já não a escutava. incorporou-se de um salto e correu à sala para contar-lhe ao patrão.

depois de escutar a Maria, Sejam Malone tratou de ordenar os fatos em sua mente. Eram mais das dez da noite e Fiona não tinha retornado ainda. Finalmente, decidiu que Elíseo e ele sairiam a procurá-la pelos arredores.

Ao retornar, o velho irlandês e o servente tinham o rosto desencaixado pela angústia. Nem um espionista da Fiona. Percorreram várias quadras ao redor e mais à frente também. Foram a casa de misia Mercedes, pensando que ela poderia haver-se refugiado ali. Perguntaram no de Ou'Gorman, mas não a tinham visto. Entraram na igreja do Socorro, talvez estivesse ali, rezando. Mas nada. E já eram mais das duas da manhã.

Ao entrar na sala, Sejam se encontrou com sua mulher, sua filha e as faxineiras, que rezavam o rosário de joelhos. Várias velas se consumiam ao redor de uma imagem de São Patrício.

—Apaguem essas velas —ordenou que Sejam de mau modo. O aroma era insuportável.

Sem fazer muito caso ao mau humor de seu marido, Brigid se aproximou dele com gesto suplicante.

—Já a encontrou, verdade, Sejam? Já trouxe para minha menina de volta a casa, verdade? —perguntou a anciã, embora sabia intimamente que não era certo.

—Não, Brigid, não a encontramos.

A mulher se cobriu os olhos; começou a chorar, e a balbuciar algumas palavras em inglês.

Sem reparar em sua esposa, Sejam tomou pelo cotovelo ao Eliseo, que permanecia mudo detrás dele.

—Alguém deve lhe avisar a de Silva —disse ao servente.

—Eu irei, patrão, sei onde encontrá-lo. Mas tomará vários dias chegar, talvez três ou quatro. Está perto do Tandil.

—Está bem. Enquanto isso, eu organizarei grupos de busca e darei parte à polícia. O delegado Cuitiño não poderá me negar ajuda.

—Sim, patrão.

—Vamos, Eliseo. Será melhor que saia esta mesma noite.

Capítulo 16

Estava sonhando ou, acaso, como temia, aquilo era realidade?

Uma vez mais, e por culpa de Silva, abandonava a casa de seu avô, em fuga para nenhuma parte.

Correu. Correu até que teve que deter-se porque seu coração se sacudia enlouquecido. Tratou de acalmar-se; pensou que não devia deixar-se levar por outro de seus arrebatamentos. Tentou normalizar a respiração, mas o que não conseguia ordenar que eram os fatos,

O que tinha feito de Silva com ela? por que a tinha enganado assim? por que lhe havia dito que a amava? por que tinha a essa mulher por amante? Ela não era suficiente? Agora estava sempre disposta a agradá-lo; é mais, estava desejosa de que lhe fizesse o amor. E Juan Cruz

parecia desfrutá-lo tanto como ela. por que, então? Ela não necessitava a nenhum outro homem; a idéia de um amante jamais tinha aparecido em sua mente, nem nos piores momentos de sua relação. por que Juan Cruz o tinha feito, então?

"Talvez seja mentira", tratou de convencer-se; mas sentiu que se estava enganando. Para que faria isso a tal Despontin se tudo era uma farsa? Além disso, as contínuas viagens de Silva a Buenos Aires... Viajava quase todas as semanas, e ela nunca podia acompanhá-lo.

Já era de noite. O céu, encapotado, pressagiava uma tormenta. A rua estava sumida na escuridão. As luzes das esquinas estavam apagadas e não havia um solo sereno as acendendo.

Não obstante, vigiou um grupo de pessoas que partiam rumo ao rio. Tinha começado a época estival e era costume arraigado nos portenhos tomar banhos ao pôr do sol, quando a escuridão lhes servia de aliada para não revelar seu semidesnudez.

Instintivamente, Fiona os seguiu de longe. Não sabia o que fazer, onde ir. Quão único sabia era que não desejava retornar a sua casa. Mais, não queria voltar a ver de Silva em sua vida. Tinha cansado sob seu feitiço como uma mosca cai em um frasco com mel. Tinha-a seduzido como a uma quinceañera namoradeira. Tinha-a usado como a um trapo, só para conseguir posição social e respeitabilidade, enquanto ria dela, e do que sentia por ele. Certamente, a tal Despontin e ele ririam juntos depois de ter feito o amor. Sacudiu a cabeça tratando de apagar essa imagem de sua mente.

Sentiu uma terrível vergonha. Tão disposta com ele na cama, e tudo não tinha sido mais que um engano... Até lhe tinha confessado que o amava. Também lhe havia dito que a amava, que nunca tinha sentido o mesmo. Para que lhe tinha mentido assim? Tudo teria sido mais fácil se nenhum dos dois houvesse dito nada nesses momentos de excitação. Mas o tinham feito.

Quando o grupo fez um alto várias metros mais à frente, ela se deteve. Começaram a desdobrar uns lençóis sobre a superfície barrosa da borda. Nunca tinha compreendido o que tinha de atrativo o Prata, de cor escura e fundo lamacento. Mas aí estava, observando a uns banhistas que se alistavam para jogar-se no rio. Jogar-se no rio. Não era má idéia. Talvez assim, terminaria contudo.

—Não! —exclamou em voz alta, mas ninguém a escutou.

Jamais faria algo assim, não era o que realmente desejava. levou-se a mão ao ventre e o acariciou. Agora estava ele, seu filhinho. Nunca o danificaria.

—O que faz aqui, sozinha?

Fiona deu um coice. deu-se volta e se encontrou com uma mulher, de idade indefinida, de olhos formosos e olhar triste. Vestia um traje áspero, de confecção troça, abarrotado de cores vistosos. Estava descalça, os pés enlameados. O cabelo lhe caía nos olhos. Em uma mão levava um balde com água turva e, sob o braço, um maço de feno.

—O que faz uma jovencita tão formosa como você, aqui, sozinha?
—insistiu a mulher.

—Passeava —mentiu Fiona.

—Bom, melhor será que dê por finalizado seu passeio e volte para casa. A tormenta pinta feroz esta noite. A mulher começou a afastar-se.

—Ey, espere, senhora! —Fiona se aproximou até ela à carreira—. me Permita ajudá-la —disse, e tentou lhe tirar o maço de feno.

—Não, jovencita. Já te disse, melhor será que volte para casa.

—Não tenho aonde ir. —Fiona baixou a vista; sentiu que o pranto retornava.

A mulher ficou olhando-a. Aquela moça não parecia ser o tipo de pessoa que anda por aí, vagabundeando. Era muito belo e elegante; estava poda e cheirava a flores-de-laranja. Tudo era muito estranho.

—Está bem, me acompanhe, sempre há lugar para um mais no "Sarquis" —concedeu a mulher, e lhe aconteceu o maço de feno.

Fiona ficou observando-a. O que seria o Sarquis? Brincou de correr uns passos até alcançá-la.

—O que é o "Sarquis"?

—O "Sarquis"? Já! É o melhor circo de toda a Confederação — afirmou a mulher, orgulhosa—. Como te chama?

—Fiona.

—Lindo nome. E seu sobrenome?

Fiona não sabia o que responder. Qualquer de seus dois sobrenomes eram mais que conhecidos em Buenos Aires. Malone era uma das famílias potentadas e prestigiosas. E de Silva... Bom, de Silva era de Silva.

—Só Fiona —replicou por fim.

—Está bem. Se assim o desejar, só Fiona.

—E você, senhora, como se chama?

—Clementina, mas ninguém me chama assim. Todos me dizem Tina.

O resto do trajeto o fizeram em silêncio. Era evidente que Clementina não estava em bom estado físico. Caminhar e falar, conduzindo além disso o peso do balde, se o fazia muito difícil. Agitada, respirava nudosamente pela boca. Por sua parte, Fiona não desejava seguir falando.

Perto do rio havia um grupo de quatro carretas. Estavam dispostas em semicírculo, pegas umas com outras, formando uma espécie de ferradura. Os toldos que as cobriam eram a raias grosas, bicolores, vermelho e branco ou amarelo e negro. Eram atiradas por bois, que agora pastavam mansamente. Tinham-lhes tirado os jugos, deixando-os a um flanco das carretas. Fiona só viu dois cavalos.

À medida que se aproximavam da caravana, crescia um murmúrio. Alguém gritava dando ordens; os bois mugiam; um dos cavalos relinchava e um homem, bastante robusto, martelava algo sobre uma pedra.

—Sixto, deixa de fazer esse ruído! —vociferou Clementina. O homem, um jovem de pele escura, certamente mulato, deteve-se, deu meia volta, e ficou um momento olhando a Fiona com atenção. Depois, e sem lhe importar o pedido de Tina, continuou martelando.

—Coloca o feno aí, diante da Merina —indicou Tina a Fiona—. Vamos, me siga, não fique aí papando moscas! —repreendeu-a, com um sorriso amistoso. Fiona obedeceu de boa vontade.

—Julho! —gritou Tina a um jovencito que colocava lenha em um pequeno fossa—. Viu a dom Tadeo?

—Está em sua carreta —respondeu o moço. As duas mulheres se encaminharam para ali. À medida que se aproximavam, podia escutar uma melodia divertida. —Aonde vamos, Tina?

—Tenho que te apresentar ao dono do circo. —A mulher se deteve e deu meia volta. Retrocedeu os passos que a separavam da Fiona e adicionou—: Não acredito que haja problemas para que fique. É justo o que está procurando... —E retomou a marcha.

—O que está procurando? E, o que está procurando, Tina?

—Uma beleza assim, como você.

—Para que? —perguntou, não sem inquietar-se.

—Necessita uma ajudante para seu número de magia.

Chegaram à carreta e não pôde seguir perguntando, embora estava cada vez mais intrigada. Magia. A idéia pareceu lhe agradar.

Tina abriu a porta e, desde para dentro da carreta, saltou uma coisa escura que lançava um chiado estranho. Fiona se tornou para atrás, profiriendo um grito.

—Sisi! Sisi! Maldita Sisi, vêm aqui! —vociferava uma voz de homem—. Tina, sabe que deve tocar antes de entrar!

Fiona seguiu com o olhar ao Sisi, sem saber do que se tratava. Evidentemente, era um animal, não muito grande, talvez do tamanho de um gato gordo.

—Entra, Fiona. —Tina a insistiu a subir o degrau de entrada à carreta—. Não faça conta, é um velho resmungão. A Mona já voltará sozinha, quando tiver fome.

—A Mona? O que é isso?

—Um bichinho de Deus, como qualquer outro.

—O que acontece? Sabe que a estas horas ensaio com o Sisi Y... —O homem se calou quando viu a Fiona na porta—. Quem é esta? —perguntou, não muito amavelmente.

—Não faça conta, Fiona. Não sempre tem este humor de cães. —voltou-se, e lhe disse ao homem—: Anda procurando trabalho. Pareceu-me indicada para que te ajude no número de magia.

Dom Tadeo Sarquis, um homem mas bem baixo, gordinho, com bigodes povoados, nariz grande e avermelhado e olhos saltados e desagradáveis, escrutinava a Fiona, que não se moveu de ao lado da porta.

—chama-se Fiona —se apressou a dizer Tina.

—Ahá... O que te traz por para cá, Fiona? —perguntou o homem.

—Estou procurando trabalho e um lugar para viver.

—Por isso vejo, você não parece ser uma jovencita muito necessitada de trabalho —comentou com ironia, ao tempo que passava a mão pelo encaixe do punho da Fiona.

A jovem apartou o braço.

—Epa...! Se não ir te fazer nada! —continuou, sem lhe tirar os olhos de cima.

—Bom, já, nos diga, fica ou não? —perguntou Tina, um pouco molesta.

—Está bem. Ao princípio, só comida e um lugar onde dormir. Mais adiante, e se for boa, falaremos de pagamento. Se o quiser assim, toma-o; se não, vete.

Sarquis se deu volta, dando as costas às mulheres. Fiona sentiu que Tina lhe oprimia o antebraço.

—Está bem, aceito —disse Fiona. "Não tenho nada o que perder", pensou.

Depois, as duas abandonaram a carreta de dom Tadeo.

* * *

O lugar onde dormir de que tinha falado o dono do circo resultou ser o carro no que viviam Tina e sua filha Sacramento. Essa noite, recostada sobre seu camastro, por fim a sós com seus pensamentos, entregou-se a refletir a respeito da estranha situação em que se encontrava.

Estava ali, em meio de um circo, disposta a abandonar tudo o que até esse momento tinha amado. incorporou-se súbitamente. "O que estou fazendo? Estarei me voltando louca?" Recordou a seu avô, a sua avó, a *aunt* Ana, a Imelda... Pensou na Catusha, na Candelaria... E logo na Maria e no Eliseo. Os rostos das pessoas queridas apareciam em sua mente cada vez mais confusa e, por momentos, pareciam exortá-la a desistir da fuga. Depois, a imagem de Silva, e, outra vez, a fúria.

de repente, em meio da noite, desatou-se uma forte tormenta. As sudestadas eram famosas. Não era estranho que arrasassem contudo. Um relâmpago assustador a obrigou a recostar-se novamente e a cobrir-se com a manta. O som persistente de uma goteira começou a adormecê-la. Estava confundida, angustiada, cansada... Muito, muito, cansada,

—Juan Cruz... —murmurou antes de ficar dormida.

Capítulo 17

Eliseo tinha encontrado ao Juan Cruz depois de quatro dias, em uma das estadias de Rosas, perto do Tandil, montado em seu padrillo.

—Patrão! Buscam-no! —chamou-o um peão que tinha interceptado ao Eliseo um trecho antes.

Ao ver o servente, Juan Cruz intuiu que algo mau acontecia.

—Patrão —disse Eliseo, tirando-a boina vermelha.

—Boa tarde, Eliseo. O que acontece que anda por estas lareiras? —
De Silva tratava de aparentar calma.

—Trago más notícias, patrão. É a menina Fiona...

—O que acontece!

—Faz quatro dias que o busco, patrão. Para lhe avisar, sabe?

—Para me avisar, o que, Eliseo! Por Deus, fala!

—A menina Fiona desapareceu, patrão.

—Como que Fiona desapareceu!

Os peões escutavam atentos os gritos do protegido de Rosas.

—Faz quatro dias, patrão. Estava em casa de dom Malone e depois,
não a vimos mais.

—Mas, como que não a viram mais, Eliseo! Alguém tem que ter
visto ou ouvido algo! —estava-se voltando louco.

—Sim, Coquita o viu tudo.

—Coquita?

—Uma de quão mulatas trabalha no de dom Malone. Ela diz que a
menina Fiona recebeu a uma mulher essa tarde; a mulher lhe disse algo
que à menina incomodou muito, e mais logo saiu como louca à rua. A
mulher saiu também, depois de uns minutos.

—Uma mulher? —"Não, Meu deus, que não ela seja!", pensou de
Silva.

—Sim. Coquita não se lembrava bem o nome. Algo assim como
Tole, Revesti... Bom, algo pelo estilo.

Já não ficaram dúvidas. Era ela. Maldita Cloé, o que havia dito a
Fiona? Que mentira tinha inventado para lhe fazer danifico? De Silva
golpeou com o punho o bordo da estacada do curral.

—E, sabe o que lhe disse essa mulher? —perguntou, quase com
medo.

—Sim, patrão. —Eliseo baixou a vista, envergonhado.

Então, de Silva entendeu.

—Disse-lhe... Pois... Disse-lhe que... você e ela eram...amantes,
patrão.

De Silva não pôde manter a calma. Com uma maldição, golpeou de
novo a estacada, tirando-se sangue. Eliseo olhou para baixo, espremendo
a boina entre as mãos.

Juan Cruz se amaldiçoou por estúpido. Todo esse tempo tinha
estado papando moscas. Teria que haver-se assegurado de que Cloé não
voltaria a incomodar. Depois que abandonou a habitação do hotel esse
dia, lívida de fúria, ele pensou que, por fim, a tinha tirado de cima.

Estúpido! Tinha deixado solta a uma gata louca e raivosa e não tinha feito nada para detê-la. Agora, sua felicidade e a da Fiona pendiam de um fio por causa de sua própria inépcia.

—Patrão, eu saí de Buenos Aires faz quatro dias. Talvez, a menina Fiona já esteja de volta, sã e salva.

—Sairemos agora mesmo para a cidade. Não vou esperar um segundo mais. Joaquín!

Um muchachito se aproximou do trote.

—você mande, patroncito.

—Acompanha ao Eliseo à cozinha. lhe diga a Martina que lhe dê tudo o que lhe peça. Enquanto isso, você prepara um cavalo novo e provisões para uma viagem de quatro dias.

* * *

Estavam perto de La Candelaria; de Silva tinha decidido acontecer por ali com a esperança de que Fiona estivesse na casa grande. Não lhe importava encontrá-la enfurecida: não lhe importava se lhe gritava e o insultava. Só desejava voltar a vê-la.

Já amanhecia. Estavam esgotados; tinham cavalgado toda a noite e tinham as asentaderas escaldadas e as pernas intumescidas.

Com o sol, de Silva pôde divisar de longe os tédios da mansão. Estava ansioso por chegar e encontrar-se com sua esposa. Cada dia tinha desejado encontrá-la no comilão, lista para jantar, perfumada com sua loção de lavanda, atrativa em seus trajes insinuantes. O coração lhe encolheu ao pensar que algo mau tivesse podido lhe acontecer.

A casa já estava em pleno movimento. Algumas faxineiras poliam a platería do salão principal, outras sacudiam as cortinas. Tudo parecia tão normal que de Silva se sentiu bem. Até que se encontrou com a Candelaria.

—Juan Cruz! —exclamou a negra. O tom de sua voz era de mau augúrio.

abraçaram-se.

—Não esteve por para cá, verdade? —disse Juan Cruz, sem apartar à mulher de seu peito.

—Não, querido. Dom Malone mandou a um grupo de homens para ver se ela estava aqui. Isso foi faz mais de uma semana, Juan Cruz. Não sei nada mais. O que aconteceu, pois? Ninguém sabe, realmente.

—Tudo é por minha culpa, Candelaria.

—Sua culpa! Mas, se você estava longe, nas estadias de dom Juan Manuel. —desfez-se do abraço de Silva.

—Depois te contarei. O importante agora é achá-la. Devo partir para Buenos Aires quanto antes, não posso perder mais tempo. — encaminhou-se para a escada principal—. Alguém foi ao de minha mãe? Talvez esteja ali —disse de repente, esperançado.

—Eu mesma fui, quase todos os dias. revisei cada rincão da casa de sua mãe e cada curva do jardim. Sinto muito, filho, não está ali.

* * *

À manhã seguinte de sua fuga, Fiona despertou sobressaltada. Alguém a sacudia.

—Vamos, Fiona, vamos! Há muito trabalho que fazer... —Era a voz de Tina.

Fiona se incorporou no cama de armar tão de repente que teve desejos de vomitar. Inspirou profundamente, e, pouco a pouco, começou a sentir-se melhor.

Olhou a seu redor. A carreta se via distinta à luz do sol. As cores das cortinas se refletiam como um arco íris nas paredes de madeira e lhe davam um aspecto menos triste que o da noite anterior. A um flanco, Sacramento se lavava em uma bacia de louça; causou-lhe graça a forma em que a moça se arrojava água com uma bacia. Fiona caiu na conta l que essa manhã não teria sua acostumada tina cheia de fumegante água aromatizada, nem estaria Maria para massagear suas costas com azeite de coco, nem para penteá-la, ou conversar a respeito de trivialidades.

Começou a vestir-se rapidamente, decidida a retornar à casa de seu avô; ao fim e ao cabo, a caravana ainda permanecia à borda do Rio, a umas quantas quadras do do Malone.

—Esse anel que leva, Fiona, é de algum apaixonado? —perguntou Tina.

Fiona se olhou a mão. Os brilhos das pedras preciosas a deslumbraram, e não pôde deixar de recordar aquela tarde, em casa de

seu avô, quando de Silva lhe entregasse o anel. Também recordou que nunca tinha odiado tanto a uma pessoa como naquele instante ao Juan Cruz. E agora, o que sentia?

Tina se deu por vencida. Era óbvio, jamais lhe daria uma resposta.

—Espero-te fora, Fiona — disse —. Deve me ajudar a preparar o café da manhã. — E saiu sem esperar uma resposta.

—Sim que é estranha, Fiona —comentou Sacramento. Fiona se limitou a olhá-la, confundida. Tinha estado comprido momento perdida em seus pensamentos. Compreendeu que, se continuava assim, acreditariam- louca.

Sacramento terminou de trocar-se e abandonou a carreta.

—te apresse, queridita, aqui não é a princesa que parece ser. Deve ajudar —disse antes de fechar a porta.

A Fiona lhe encheram os olhos de lágrimas; a lembrança da tarde em que de Silva lhe entregasse o anel havia tornado a confundi-la, sumindo-a em uma sensação espantosa. Agora também o detestava, mas não como naquele momento. Detestava-o mais ainda, porque agora Juan Cruz sabia que ela estava louca de amor por ele. Tinha-lhe confessado que o amava. Em seu ventre crescia, dia a dia, o resultado de seu amor. Não podia acreditar o que de Silva lhes tinha feito, a ela e a seu filho. Não, não voltaria nunca.

arrumou-se um pouco e saiu ao acampamento. O movimento entre os membros do circo já era frenético apesar de que logo amanhecia. encaminhou-se decidida para Tina, que atiçava os lenhos que ardiam sob o trébede.

—Por fim te decide a vir! Vamos, menina, há muito trabalho que fazer. —Essa frase era seu muletilla.

—Sim, Tina. me diga no que posso ser útil.

A mulher tomou as mãos com estupidez.

—Humm... Tem as mãos mais suaves que vi em minha vida. — Levantou a vista—. Alguma vez em sua vida tem feito algum quehacer doméstico, Fiona? —Seu tom não era depreciativo.

—Nunca.

—meu deus!

—Mas aprendo rápido tudo que me ensine, Tina. Asseguro-lhe isso.

—Está bem, ensinarei-te —replicou Tina, e lhe soltou as mãos.

Essa manhã serve o mate cozido em cada um dos tigelas de lata e cortou em fatias o pão com torresmo. Mais tarde, apareceu dom Tadeo.

Ninguém o saudou, e ele tampouco saudou ninguém. limitou-se a jogar uma olhada de soslaio a todo o acampamento antes de acomodar-se em sua banqueta e pedir a gritos o café da manhã.

—Quem é o dono aqui, Tina? Esqueceste-lhe isso? Todos estão tomando o café da manhã, menos eu. Deveria me haver levado o café da manhã à carreta!

—Ah, sim, como não! Pode esperar sentado! Cansará-te menos! Além disso, resmungão de porcaria, estaria tomando o café da manhã com todos se te levantasse mais cedo em lugar de vadiar como um duque —o repreendeu antes de lhe entregar o tigela.

—Ora...! te cale, prostituta!

Fiona observava a cena e não podia acreditar que Tina se atrevesse a tratá-lo assim. Olhou a seu redor; ninguém parecia preocupar-se com a discussão entre a mulher e o dono do circo. Nem sequer Sacramento, que continuava bebendo seu mate cozido.

—Não há nada para comer, maldita seja? —Tadeo jogou um olhar furioso a Fiona.

—Vamos, Fiona, lhe alcance um antes de que o eu coloque mesma pelo nariz —sussurrou Tina.

O comentário lhe fez graça, mas conteve a risada. Lentamente, aproximou-se de dom Tadeo, estendeu a mão e lhe alcançou a feta de pão de longe, como se temesse aproximar-se muito. O homem tomou o bocado e o levou de uma vez à boca. Mastigava com dificuldade, deixando cair migalhas pelas comissuras. Fiona ficou olhando-o, atônita.

—Que miras! —vociferou Tadeo.

O grito a voltou em si e, rapidamente, retornou a seu sítio.

Mais tarde, Fiona e Tina se encarregaram de alimentar aos animais.

—Apresento a Merina e a Sinfonia, mimado-los do circo.

Tina se aproximou, primeiro à égua e logo ao cavalo, e os aplaudiu carinhosamente.

—São formosos —comentou Fiona.

O cavalo mais belo que tinha conhecido era o de Silva. Um padrilho imponente, muito alto e estilizado. Era mau; só Juan Cruz podia dominá-lo. Mas aqueles dois exemplares também eram magníficos.

—depois do Sisi, são o que Tadeo mais ama na vida. — Repentinamente, a mulher deixou de acariciá-los—. Sixto é o que os monta no espetáculo. Já o verás, não há quem lhe compare fazendo piruetas acima de Sinfonia e Merina.

—E eu, Tina... O que terei que fazer?

—Você será a ajudante do Tadeo no espetáculo de magia. Ele lhe explicará isso mais tarde, certamente. Vamos, Fiona, devemos continuar.

* * *

De Silva decidiu que antes que nada, iria a casa dos Malone. Talvez, Fiona tinha retornado ao de seu avô. Desejava tanto que estivesse ali, a idéia de perdê-la-o aterrava. tornou-se dependente dela; estar longe da Fiona todo esse tempo o tinha torturado. Sua mulher se converteu em uma obsessão: significava tudo para ele, e sabia que não poderia viver sem ela a seu lado.

Uma culpa incontrolável o atormentou: não tinha feito bem em retornar a casa do Cloé depois de casado. De todas formas, tratou de aplacar sua consciência pensando que só tinham sido umas poucas vezes, na época em que Fiona o rechaçava. Mas a culpa voltava, uma e outra vez.

—Putá maldita! —gritou, ao tempo que golpeava sua bota com a vara.

Elíseo, que cavalgava para seu lado, olhou-o pela extremidade do olho.

—Já estamos por chegar, patrão.

—Sim, já sei —respondeu de Silva, sem tirar a vista do frente.

Eliseo tinha chegado a querer ao Juan Cruz tanto como a Sejam. Era um homem trabalhador, cheio de força e ímpeto, conhecia o trabalho como ninguém e gozava de grande autoridade entre seus peões. Além disso, era muito inteligente e sagaz; tinha que sê-lo para ter conseguido dirigir à menina Fiona. Sabia que a amava e que todo esse assunto da querida não era certo. Mas também conhecia o espírito precipitado da Fiona e entendia que não seria fácil fazê-la entrar em razão.

Ingressaram pelo sul, até desembocar na Praça da Vitória. O ruído dos cascos dos cavalos chapinhando no barro das ruas, o pregão das negras vendedoras de pamonha, o sino da carreta do abacateiro, o bulício de uns meninos tratando de apanhar a um cão, mas nem um indício da Fiona. Juan Cruz procurava com o olhar a sua mulher entre a multidão. Tinha todo o aspecto de um desenquadrado enquanto estirava o pescoço tratando infrutuosamente de achá-la.

Escaparam da algazarra do centro rumo à mansidão dos bairros vizinhos. Só viam umas poucas senhoronas caminhando pelas veredas estreitas e a alguns cavalheiros falando de política. Ao reconhecê-lo, dispensavam-lhe um movimento de cabeça, frio e distante. A intriga da fuga da Fiona tinha chegado a todos os lares e era a fofoca do momento. Por mais que os Malone tinham tentado mantê-lo em segredo, resultou impossível em uma casa cheia de faxineiras desejosas de receber uns reais por um pouco de informação valiosa.

Assim chegaram ao do Malone; de Silva, de um salto, precipitou-se ao saguão da mansão. Coquita lhe abriu a porta.

— Senhor de Silva!

— Está minha esposa aqui? — perguntou, sem entrar na casa.

— Não, senhor. Ninguém sabe onde está.

Coquita reprimiu um grito quando de Silva chutou a coluna da entrada e proferiu um insulto subido de tom.

— O que acontece, Coquita?

Era a voz do Brigid; então, de Silva entrou na mansão.

— Senhor de Silva! — exclamou Brigid.

— Senhora Malone... — Não sabia o que dizer.

— Passe, meu marido está ansioso por falar com você. — O tom da anciã era duro e cheio de ressentimento.

Entrou na sala e esperou, sem sentar-se, com o chapéu entre as mãos. Quando advertiu que ainda levava o lenço vermelho a corsário, o tirou rapidamente, e se enxugou a frente com ele.

— De Silva.

A voz grave de Sejam o sobressaltou. Ao voltar, encontrou-se também com o William, o pai da Fiona, que o olhava com desprezo.

— Senhores... — Inclinou a cabeça —. tiveram alguma novidade?

— Não — respondeu o pai da Fiona lacônicamente. Juan Cruz lhe lançou um olhar de advertência. "Seras meu aliado nisto ou tenho a forma de te destruir frente ao velho." William, que não era tolo, abrandou imediatamente sua expressão.

— Senhor Malone... — Juan Cruz se dirigiu a Sejam—. Antes que nada queria lhe explicar que todo este assunto...

— Sinceramente, senhor de Silva, importa-me um rabanete seu assunto. Suas explicações não tem que me dar isso. Quão único desejo agora é encontrar a minha neta, sã e salva. O resto não me interessa... ao menos por agora.

— Sim, compreendo.

—Conhecemos suas estreitas relações com o governador e desejamos que as utilize para encontrar a Fiona. Já falamos com o Cuitiño, mas ele diz que a polícia a seu cargo não pode mover um dedo sem a ordem do governador. E por mais que fui todos os dias a ver rosas, não pôde... ou não quis me receber. —Sejam fez um gesto de desgosto.

—De todas formas —continuou William—, armamos grupos com nossos peões que saíram a percorrer a província. Mas até o momento, nada, absolutamente nada.

Juan Cruz tinha permanecido calado, com o olhar perdido. Sentia que estavam procurando uma agulha em um palheiro. Mas ele não se daria por vencido; revisaria cada rincão da Confederação; em algum lugar a encontraria.

—Enviarei ao Eliseo de volta à a Candelaria para que organize grupos de busca. Eu irei agora mesmo a ver rosas e lhe pedirei ajuda.

Moveu a cabeça a modo de despedida e saiu.

Chegou à rua e inspirou profundamente; tinha o corpo tenso e as mãos ainda lhe suavam. Como supôs que o foram receber os Malone? Com tambores grandes e pires?. De todos os modos, pensou, isso não lhe importava tanto como a falta de notícias.

—Senhor! —Eliseo não podia ocultar sua inquietação—. Alguma novidade, senhor?

—Nada, Eliseo, ninguém sabe nada. Mas, vamos, te apresse. Quero que volte para A Candelaria e, junto ao Celedonio, armem grupos de cinco homens cada um e que saiam imediatamente a percorrer a província, do norte ao sul, deste ao oeste. Não deverá ficar sítio sem investigar. Eu permanecerei uns dias aqui. Quero que cada grupo me mantenha informado com um mensageiro, entendido?

—Perfeitamente, senhor.

—Avisa a todos que haverá uma boa recompensa para o grupo que a encontre. Vamos, homem, sal agora mesmo para a estadia, não há tempo que perder.

* * *

O bulício na Praça da Vitória interrompeu as reflexões de Silva. Uma multidão se amontoava no meio, ao redor do mastro. trataria-se de

algum espetáculo, talvez, de alguma rixa, ou possivelmente uma cabeça unitária estaqueada pela Espiga de milho. Logo voltou para seu ensimismamento. Enquanto se encaminhava à quinta do Palermo analisava cada palavra que lhe diria ao governador, e calculava suas possíveis respostas.

— Senhor de Silva!

O grito atraiu sua atenção por cima do bulício da praça.

— Senhor de Silva!

— Paolina! — exclamou Juan Cruz ao reconhecer a quão negra corria para ele.

De Silva fez girar a seu padrillo para aproximar-se da jovem, que tentava abrir-se passo entre a gente aglomerada na Recova Nova.

— Senhor de Silva... — repetiu a faxineira, sem fôlego—. Ao fim retornou, patrão. fui todos os dias à salga para buscá-lo; preciso falar com você.

— O que acontece? — perguntou-lhe de Silva de mau modo, sem desembarcar do cavalo.

Ainda não tinha decidido o que seria do Cloé e não estava de humor para fazê-lo. Encontrar-se com a Paolina implicava pensar em algo, e rápido, porque de seguro a negra lhe pediria instruções.

— Patrão, preciso falar com você agora mesmo.

Os olhos exagerados da Paolina o surpreenderam.

— Agora não posso. Talvez, mais tar...

— Patrão, não pode esperar, o asseguro — insistiu a negra.

— Está bem, mas não na casa — advertiu de Silva.

— Se for pela senhora Cloé, patrão, vá tranqüilo. Ela não está aí.

* * *

Juan Cruz já estava aguardando na sala da casa do Cloé quando chegou Paolina. Mateo, o chofer, havia a trazido do centro da cidade na volanta. A negra passou como um raio para a cozinha com uma cesta cheia de verdura.

— Paolina, vêem! Não tenho todo o dia! — gritou Juan Cruz ao vê-la.

antes de entrar na sala, a faxineira se benzeu várias vezes. De Silva sempre lhe tinha dado pânico, com mais razão nesse momento.

—Senhor de Silva, você não pode imaginar-se como o procurei todo este tempo para lhe contar, senhor —exclamou a negra com voz chorosa.

—Onde está a senhora Cloé?

—Bom... Pois...

—Vamos, fala!

A negra se estremeceu com o grito.

—A verdade, não sei... Não sei exatamente, patrão. Acredito que está em casa de dom Estar acostumado a.

—De Estar acostumado a? Do Palmiro Estar acostumado a?

Juan Cruz ficou de pé e franziu o sobrecenho.

—Sim, patrão, o mazorquero. O senhor Estar acostumado a e a senhora são amantes agora.

—Amantes?

—Sim, senhor! Mas desde que você a deixou a ela! Antes, não, senhor, antes, não, o juro, o juro —repetia uma e outra vez, fazendo-a cruz sobre a boca.

—Mas, por que não me disse isso, Paolina? Acaso eu não te pagava para que me mantivera informado de tudo o que acontecia esta casa?

Os olhos duros de Silva a encheram de pânico e começou a chorar.

—Faz um tempo o senhor Estar acostumado a deveu visitar à senhora e ficou comprido momento conversando com ela. Eu não pude escutar bem porque se encerraram no estudo, mas cada tanto mencionavam seu nome e o de sua esposa.

—Filho de puta! —Golpeou a mesa com o punho—. Vamos, continua!

—O senhor Estar acostumado a vinha todas as tardes a vê-la e ficava até o amanhecer. Eu não lhe avisei nada porque pensei que, como você e a senhora... Bom, pensei que já não estava interessado nos assuntos desta casa.

—Sim, mas o sobre com o dinheiro para os gastos chegava todos os meses, verdade? —repreendeu-a de Silva.

—A senhora Cloé dizia ao Mateo e a mim que você não pagava mais os gastos da casa, que agora os pagava o senhor Estar acostumado a —murmurou Paolina.

—Mas, estúpida! Não recebia o sobre com seu dinheiro todos os meses?

—Não, senhor, o juro! —gritou entre lágrimas—. Há meses não recebo um centavo dele!

—Mas se lhe envieí isso com... maldito traidor! —Outro golpe na mesa—. Onde está Mateo? Rato miserável! Mateo! —gritou enfurecido.

Passaram uns segundos; o chofer não apareceu. De Silva decidiu que arrumaria o assunto com o Mateo mais tarde; agora se concentraria em Estar acostumado a e Cloé.

Paolina terminou de lhe relatar o que conhecia do assunto, que não era muito mais. Contou-lhe que dez dias atrás a senhora Cloé se foi da casa. Ela supunha que se alojava no de Estar acostumado a, mas não estava segura. De todas formas, na semana anterior tinha recebido um bilhete de sua patrã lhe indicando que não retornaria em vários dias, que mantivera tudo ordenado e que lhe enviaria dinheiro para os gastos.

De Silva abandonou a casa de seu antiga amante muito perturbado. Permaneceu uns minutos no saguão, quieto, com o olhar perdido. A confusão o afligia e não o deixava pensar. Tinha esquecido seu objetivo de falar com Rosas, e nem sequer sabia que rumo tomar nesse momento.

de repente, sua mente pareceu esclarecer-se. Montou seu padriilo e saiu a todo galope. Já tinha decidido o que devia fazer, e nada o faria tornar-se atrás.

* * *

A casa de Estar acostumado a estava muito silenciosa. Os portinhas das janelas permaneciam fechados e ainda ardia a vela no farol do saguão. De Silva caminhou para a entrada; ficou uns minutos imóvel frente a ela, atento a qualquer possível indício de atividade em seu interior. Depois, chamou a ponha, agitando várias vezes a aldaba. Abriu-lhe um homenzinho ao que reconheceu como o ajudante de Estar acostumado a.

—bom dia, senhor de Silva —disse o servente, sem abrir do todo a porta.

—Está Estar acostumado a? —perguntou de má maneira Juan Cruz.

—Não, não se encontra, senhor de Silva.

O chute que de Silva o propinó à porta enviou ao servente uns metros mais à frente.

—Onde está, rato miserável? me mostre a cara, covarde de mierda!
—vociferava Juan Cruz, à medida que avançava.

O servente caminhava para trás, tremendo e balbuciando.

—Não está, senhor, não está... O asseguro.

—Sal de onde esteja, Estar acostumado a filho de puta!

Juan Cruz se deteve em meio da sala principal, escrutinando cada rincão.

—Vamos, Estar acostumado a! Não seja covarde! Ou só te anima com as mulheres, maldito filho de puta?

—O que quer, de Silva?

Juan Cruz girou sobre si. Estar acostumado a, que acabava de aparecer por uma das entradas, sustentava um trabuco com o que apontava a Silva direto ao rosto. O canhão da arma tremia.

—Ah! Aí estava...! —Juan Cruz avançou para ele com sorriso desdenhoso.

—Não dê um passo mais ou lhe vôo a cabeça! —Palmiro Estar acostumado a tinha o rosto encarnado e brilhante pelo suor.

—Só me diga o que fez com minha mulher e logo me parto — Avançou um trecho—. Onde está Fiona, asqueroso rato?

Estar acostumado a retrocedeu uns passos, tremia como uma folha.

—Basta! Não siga avançando, de Silva, porque te asseguro que te tiro a cabeça de seu sítio!

—Você? Você me tirar a cabeça de sítio? —Juan Cruz soltou uma gargalhada estrondosa—. Você não pode matar uma mosca, Estar acostumado a. É um maldito covarde. Só tem guelra para te colocar com mulheres.

A expressão de ferocidade de Silva aumentava o pânico de seu rival.

—te cale, te cale, bastardo!

O servente, que momentos atrás se escondeu por uma das entradas, reapareceu na sala, com outro trabuco nas mãos. aproximou-se de seu patrão, e juntos apontaram ao Juan Cruz.

—me diga o que tem feito com a Fiona —repetiu de Silva.

—Nada, eu não fiz nada. E agora vete de minha casa ou não respondo.

Estar acostumado a tomou coragem, aproximou-se do Juan Cruz, e lhe apoiou o canhão na frente.

—me diga onde está minha mulher —repetiu de Silva, sem alterar-se.

—Já te hei dito que não sei nada a respeito de seu mujercita! O que aconteceu? Te escapou a maldita? É difícil de domar essa Malone,

verdade? Eu a queria para mim, mas ela me desprezava. Asquerosa presunçosa! —Estar acostumado a começava a encorajar-se—. Devo admitir que é a mais bela de todas. Tem um par de...

Não pôde terminar. De Silva, com um movimento rápido e certo, despojou-o da arma com uma mão, e com a outra lhe aplicou um golpe demolidor, que o fez rodar pelo chão. Foi atrás dele sem perder um segundo, pô-lhe um pé na garganta, e lhe apoiou o trabuco sobre a frente.

—Não me mate, de Silva! Não me mate! —suplicou Estar acostumado a, a ponto de chorar.

—me traga sua arma ou não lhe vai reconhecer o focinho de porco a seu patrão! —ordenou de Silva, Sem sequer olhar ao servente.

O homem se aproximou, temeroso, com a arma baixa. A uns passos do Juan Cruz, depositou-a no piso. aproximou-se ainda mais, por ordem de Silva. Quando o teve ao alcance, Juan Cruz lhe atirou uma coronhada na frente com tanta força, que o servente caiu inconsciente, ao lado de seu patrão. Estar acostumado a gritou ao ver seu servente, com a frente partida, atirado a seu lado. Juan Cruz arrojou longe o trabuco que tinha nas mãos e lhe deu um chute ao outro, que foi parar sob o sofá. Rapidamente, tirou de sua bota uma adaga e a apoiou na garganta de Estar acostumado a.

—Agora... —disse-lhe com os dentes apertados—, agora me dirá o que fez com minha mulher.

—Eu não sei nada do T... Ahhh!

De Silva lhe abriu um sulco na bochecha. A ferida sangrava profusamente e o homem começou a choramingar de pânico.

—Agora, dirá-me onde está ou te abrirei da partes, até que morra sangrado... Compreende, Estar acostumado a?

—Não, por favor, basta, basta. Direi-te tudo, mas não me faça mal. Tudo saiu mau, nada resultou como o tínhamos planejado. —Falava entrecortadamente, quase sem fôlego—. Ela...Cloé, não pôde fazê-lo...

—Que não pôde fazer?

—Ela... Ela devia matá-la...

O peito do Juan Cruz se contraiu dolorosamente e sentiu que as forças o abandonavam. "Matá-la? O que é tudo isto?", pensou, aturdido.

—Matá-la? Estar acostumado a, filho de puta! —gritou, enfurecido, e lhe cravou a ponta da adaga na garganta, lhe fazendo um corte superficial. Não devia matá-lo, pensou. Não ainda.

—Não, basta! Não a matou, não a matou. —Estar acostumado a tinha o terror pintado nos olhos—. Não pôde fazê-lo... Sua mulher saiu correndo do do Malone e nunca mais voltamos a vê-la. Ninguém sabe onde está, asseguro-te que nós não temos idéia de onde está. Por favor!

Juan Cruz tomou a Estar acostumado a do pescoço da camisa e se incorporou; logo, sem lhe tirar a adaga da garganta, apoiou o corpo sem forças de seu rival contra a parede.

—por que? me diga, por que? —perguntou Juan Cruz, me abatido—. Diga isso ou não voltará a ver em sua vida. Eu mesmo lhe arrancarei —disse isso, lhe aproximando a arma aos olhos.

—Não! —gritou Estar acostumado a, espantado—. Não foi minha idéia, não foi minha idéia! Tudo foi um plano de Rosas para vingar-se de sua mulher e de sua família. Eu não idee nada disto, asseguro-lhe isso... Por favor, não me faça mal.

Estar acostumado a sentiu que a pressão em sua garganta cedia e que o fio da adaga se afastava de seus olhos. Juan Cruz ficou olhando-o fixamente, desconcertado, como se não pudesse entender o que acabava de escutar.

—O que há dito? —balbuciou de Silva—. O que há dito? —Cheio de ira, aprisionou-o outra vez contra a parede, disposto a esfolá-lo vivo.

—Juan Cruz! —A voz do Cloé ressonou em toda a habitação.

De Silva girou rapidamente sem soltar a sua presa, e pôde ver que a mulher lhe apontava com uma pistola. Juan Cruz se jogou no chão no preciso momento em que Cloé apertava o gatilho. A bala deu totalmente no rosto de Estar acostumado a, que caiu instantaneamente.

Um segundo depois, de Silva se aproximou do corpo do mazorquero. Estar acostumado a estava irreconhecível; o tiro lhe tinha destruído a cara, e seu sangue se pulverizava rapidamente pelo chão.

—Está morto —disse Juan Cruz para si.

Ao escutá-lo, Cloé lançou um gemido angustiante. De Silva volteou e tratou de chegar a ela. Mas já era muito tarde: nesse momento, a mulher se levava a pistola à boca e se arrombava um tiro mortal. Caiu sem vida, sacudindo-se no piso antes de ficar completamente inerte.

Juan Cruz correu para o Cloé e se acucilló a seu lado. Tomou entre seus braços, apoiou-a em seu regaço e a olhou com compaixão. Um instante depois, quando fechou os olhos do Cloé, as mãos lhe tremeram.

Naquele momento, de Silva o compreendeu tudo. Cloé era uma idiota, e Estar acostumado a, um covarde. Rosas tinha sabido usar a

humilhação e o ódio do mazorquero e o ciúmes da prostituta para vingar-se de sua esposa e de sua família.

A garganta lhe fechou e um frio lhe percorreu o corpo. Apesar de que os fatos pareciam voltar-se mais claros e as peças começavam a encaixar, sentiu que tudo a seu redor se tornava escuro. Entendeu que, talvez, nunca mais voltaria a ver a Fiona; e que, se algum dia a encontrava e eram um outra vez, não poderiam sê-lo nunca mais ali. O Restaurador não o ia permitir.

Capítulo 18

Dom Tadeo tinha decidido partir para o sul. Tanto tinha insistido Tina em que seria bom conhecer Tandil e Baía Branca que por fim o tinha convencido. Além disso, no trajeto encontrariam muitos povos onde apresentar o espetáculo.

O brilho e colorido que engalanavam a função cada entardecer se perdia depois, quando os habitantes se separavam do cenário e tudo voltava para a normalidade. Uma sensação de angústia embargava a Fiona nesses momentos e, em ocasiões, precisava chorar a sós. Procurava um lugar afastado, sentava-se no chão e, afundando o rosto entre os joelhos, soluçava. Mas, pouco a pouco, a tristeza e o pranto depois do espetáculo foram ficando atrás. Com o tempo, cada vez se sentia melhor. A pesar do mau humor de dom Tadeo, os sarcasmos de Sacramento e o rondo do Sixto, Fiona estava bem.

Fazia pouco mais de dois meses que estava com eles e tinha aprendido muitas coisas. Era a assistente do ato de magia, e da Mona Sisi quando esta dançava e fazia piruetas sobre o realejo. Sixto tinha tentado convencer ao Tadeo de que lhe permitisse treiná-la no número com os cavalos, mas o dono do circo se negou. Fiona suspirou quando por fim o velho disse "não" ao Sixto; em seu estado não teria podido sequer trotar levemente.

Tina e Sacramento eram as malabaristas. Essas mulheres, tão arrudas, tinham resultado muito hábeis arrojando coisas ao ar e tomando novamente sem que nenhuma caísse ao chão. Fiona ficava pasmada durante a apresentação, tanto que continha a respiração

assaltada pelo temor que algo lhes falhasse; mas isso nunca acontecia: sempre saíam vitoriosas.

—Vamos, Fiona, move seu culo a outro sítio! —ladrou Sacramento.

A jovem começou a levantar-se.

—De maneira nenhuma—disse Sixto—. Este é seu lugar, Fiona. Você fica aqui, a meu lado.

Mas Fiona não queria problemas com sua companheira de carreta. Sabia que era uma mulher sem escrúpulos, capaz de algo por conseguir o amor do Sixto. De modo que abandonou o lugar: Sacramento o ocupou com seu volumoso traseiro, e ficou olhando ao homem com rabugice.

—Olá, querido —murmurou Sacramento ao ouvido do Sixto.

—Ora! —foi a resposta do homem, que se encaminhou onde Fiona.

—Por favor, senhor Sixto, o rogo... Sacramento vai odiar me —disse ela, sem tirar a vista do rosto encarnado da jovem desprezada.

—Não lhe faça caso a essa gata em zelo. Eu desejo estar contigo, e ela não me vai impedir isso

Essas palavras se chocavam nos ouvidos da Fiona, mas não replicava. Nada de rixas em sua nova vida. Com ninguém. Só desejava estar em paz, fazer um pouco de dinheiro e partir sem que ninguém se desse conta. Uns dias atrás, dom Tadeo lhe tinha prometido que começaria a lhe pagar uns reais depois de cada função. Ela necessitava esse dinheiro para o momento em que seu filho nascesse.

A verdade, Sixto não era mau com ela; ao contrário, tratava-a com muita deferência, e suas maneiras não eram tão rudes. notava-se que estava apaixonado. "Quero-a bem", confessava-lhe o homem em cada oportunidade. Fiona ensaiava mil e uma formas para poder afugentá-lo sem humilhá-lo. Sabia que um homem ferido em seu orgulho podia ser perigoso. Mas não parecia o caso do Sixto, sempre cavalheiro e galante.

Durante o resto do jantar não disse uma palavra. Só escutava como um eco longínquo os relatos do Sixto, os relinchos de Sinfonia e Merina, os chiados do Sisi, o som do vento enredado nas taças das árvores. Sua mente se concentrava em uma só coisa: seu bebê.

Havia momentos nos que enlouquecia de pânico e só pensava em retornar. Poderia viver em casa da Grandpa; ali nada lhes faltaria, seu bebê teria o necessário, e mais também. Mas a imagem de Silva chegava como um açoite a sua mente e desbaratava a idéia de voltar. Teria que enfrentá-lo e sabia que não poderia contra ele. Queria lhe tirar a seu filho e, de seguro, conseguiria-o. Com Rosas de seu lado, não haveria

forma de impedir-lhe Além disso, ela sabia que o governador a odiava e que faria o impossível para afundá-la.

Nesses momentos, não podia deixar de evocar a sua sogra. Ela tinha conseguido sobreviver, sozinha, com um filho. Mas a pouco de pensar nisso, caía na conta de que Catusha tinha tido a Candelaria a seu lado. Então, recordava a Maria e quanto a necessitava.

—Fiona! —Sixto tratava de tirar a de suas reflexões—. Parece como se estivesse a mil léguas de cá.

—me perdoe, senhor Sixto. É que estava pensando em outras coisas.

—Que coisas são, que lhe encham os olhos de lágrimas? Nem sequer há meio doido a comida.

Fiona começou a engolir o cozido para assim não ter que falar mais. Só assentia ou negava com a cabeça e tratava de ser o mais fria e distante possível; ao menos enquanto Sacramento não lhes tirasse os olhos de cima.

"E o senhor Sixto?", pensou. Por um segundo o olhou pela extremidade do olho. Não estava nada mal e era doce com ela, faltava-lhe um pouco de educação, sim, mas nada que não pudesse polir-se. Estava convencida de que faria algo se o pedia, até dar seu sobrenome ao filho de Silva. Não necessitou muito tempo para desistir da idéia. Ela não poderia querê-lo e a vida junto a ele se tornaria um calvário. Só tinha amado uma vez e sabia que jamais poderia voltar a fazê-lo.

Essa noite, no camastro da carreta, sentiu-se muito intranquã. Dava voltas e voltas e não conseguia dormir. Estava sozinha com Sacramento e isso a punha mais nervosa ainda. Tina, como sempre, tinha partido para a carreta do Tadeo a passar a noite com ele. Antes do amanhecer retornaria com o mesmo sigilo com o que se foi; escorreria-se entre os lençóis, e à manhã seguinte, simularia ter dormido toda a noite ali.

Fiona não compreendia o que encontrava Tina de atrativo nesse homem gordo e desagradável, mas não era assunto dele. Apesar de que a malabarista era boa com ela, jamais lhe tinha recuado a confiança suficiente para perguntar-lhe

Já quase amanhecia; soube porque escutou a Tina retornar de sua escapada noturna. Fechou os olhos, e, sem querer o, dormiu.

Em comparação com os puebluchos nos que tinham atuado, Tandil era quase Buenos Aires. O mesmo de sempre, embora maior e com mais

movimento. A praça, e em torno dela, a catedral, o negócio do Ramos gerais, o edifício da comuna.

As pessoas se detinham observar essa estranha caravana multicolorido, com dois formidáveis cavalos talheres com mantas de cetim e um pequeno bichinho que chiava como louco em uma jaula. Os tandilenses eram indivíduos desconfiados e pouco amáveis; viviam ao limite da fronteira final, e a investida contínua dos malones os tinha convertido em habitantes de olhar turvo e movimentos rápidos.

Dom Tadeo decidiu acampar perto da saída sul do Tandil, preparado para continuar em umas semanas para Baía Branca. O lugar era tranqüilo e as sienas lhe davam um marco imponente. Fiona passava largos momentos as contemplando, absorta em seus pensamentos.

—Vamos, Fiona, vêm aqui! O que tanto miras? Há muito trabalho que fazer —a repreendeu Tina.

Os ajudantes mais jovens, Cipriano e Julho, riscavam o diâmetro da pista segundo as indicações do Sixto, que necessitava muito espaço para suas piruetas equestres. Sacramento varria os tapetes que se colocavam no cenário, e se cobria com um trapo o nariz e a boca para proteger-se da espessa poeirada que se levantava.

—Seria melhor atirar estas porcarias aos porcos! Já nem cor têm! —queixava-se sem deixar de varrer.

—te cale! —ordenou Tadeo, comodamente sentado em sua cadeira.

—Poderia ajudar em vez de sentar-se a miniar a essa Mona estúpida —replicou Sacramento desafiante.

Tadeo a olhou de esguelha. ficou de pé e, depois de devolver ao Sisi a sua jaula, aproximou-se da jovem malabarista com as mãos nas costas e a vista fixa no chão. Sacramento o olhava aproximar-se; deixou de varrer, apartou-se o lenço do rosto e o olhou encorajada, lista para enfrentá-lo.

A bofetada de reverso que o propinó Sarquis a atirou sobre o tapete. O dono do circo ficou, imóvel, a uns passos da jovem esparramada. Tina arrojou o que tinha na mão e correu, com a Fiona por detrás, a socorrer a sua filha. Sixto contemplou um momento a cena e continuou dando ordens aos jovens.

—Que me deite com sua mãe não significa que te converta em minha filha —disse Tadeo, com olhos de ódio.

—Tadeo, Por Deus! —gritou Tina, enquanto ajudava a sua filha a ficar em pé.

—me solte, estúpida! —vociferou Sacramento quando Fiona tentou tomá-la pelo outro braço, e lhe deu um tranco que quase a tira ao chão.

—Sim que é uma cadela retorcida, Sacramento. —Tadeo voltou para ataque—. Deixa-a, Fiona, não vale a pena. E me escute bem, em sua vida volte a me dar ordens ou as insinuar sequer. Está claro? Ou lhe encontrarão degolada na sarjeta de algum caminho perdido.

Fiona se estremeceu ao escutar essas palavras. Tadeo era mal-humorado, sim, mas aquilo era algo mais. Havia um pouco de promessa que se cumpriria nisso de "degolada em uma sarjeta".

—Basta, Tadeo! Que estupidezes diz! —Tina estava a ponto de chorar—. Vêem, vamos, filha.

Tadeo e Fiona as seguiram com o olhar até que entraram na carreta. Sacramento ia sovando-a bochecha enquanto sua mãe, tomando-a pela cintura, murmurava-lhe algo ao ouvido.

—Está bem, Fiona?

A pergunta do Tadeo lhe resultou tão estranha que o olhou sem lhe responder.

—Pergunto se estiver bem, Fiona. Digo, porque essa idiota te empurrou.

—Ah, sim, dom Tadeo! Estou bem, não foi nada!

Não lhe haveria flanco acreditar que de velho inculto e energúmeno passasse a degollador de jovens malabaristas, mas, a doce homem preocupado por seu bem-estar? Isso já não poderia concebê-lo sequer como idéia. Viu-o afastar-se, com esse andar de obeso torpe, em meio de uma fileira de maldições e fôlegos.

Em uns dias mais fariam a primeira apresentação. O circo se converteu em tema de conversação para o povo inteiro; não só os meninos, mas também também as mulheres, e inclusive os homens, estavam desejosos de assistir à primeira função.

E apesar de que não havia uma alma em todo Tandil que não estivesse informado, dom Tadeo se encaprichó como nunca em fazer propaganda. Durante dois dias, Fiona pintou uns pôsteres com aquarelas de cores vistosos e a lenda *Circo Sarquis* em tinta negra. Em realidade, preferia fazer isso em lugar de alimentar ao Sisi e aos cavalos, ou limpar ou cozinhar. Mas como tudo, as aquarelas lhe traziam lembranças que a atormentavam.

Tadeo e Fiona, acompanhados pelos jovens ajudantes, foram à cidade a pegar os anúncios. Sacramento morria de vontades de ir, mas seu orgulho lhe impedia de rogar. Desde dia da bofetada, não havia

tornado a cruzar palavra com o amante de sua mãe. Sentiu desejos de enforcar a Fiona com suas próprias mãos quando a viu subir à carreta. Essa jovencita citadina, tão refinada e bonita, crispava-lhe os nervos de ciúmes e inveja. Sixto estava louco por ela e agora até o Tadeo a tratava com amabilidade.

Penduraram os pôsteres por toda parte. Debaixo do mostrador do negócio de abarrote, na porta da pulpería, no hotel, inclusive no edifício da comuna. Ninguém poderia evitar vê-los.

— Vocês dois, voltem para a carreta e esperem aí — ordenou dom Tadeo.

Sem dizer uma palavra, Cipriano e Julho os deixaram sozinhos.

— Vêem, Fiona, convido-te a tomar um gole — disse o velho.

— Talvez seja melhor retornar, dom Tadeo, há muito trabalho que fazer.

— Ah, menina! Não diga isso que recorda a Tina. — antes de insistir, sorriu amavelmente —. Vamos, vamos, merece-te um gole.

Tomou pelo cotovelo e a obrigou a entrar na pulpería. Ela mantinha seu corpo afastado do do Tadeo, que não deixava de atraí-la.

— Que desejos tomar? — perguntou quando se sentaram.

— Um copo de leite, por favor.

— Um copo de leite?

— Sim — murmurou Fiona, envergonhada.

— Está bem. Pulpero, um copo de leite e outro de carne! Rápido!

deu-se volta e, ao olhar a Fiona, já não era o mesmo homem que tinha estado vociferando ao dono da pulpería; seu olhar se suavizou.

Colocou uma pequena bolsa sobre a mesa. Depois, arrastou-a para o extremo da mesa onde estava Fiona.

— Isto é para ti — disse.

A jovem tomou a bolsa e as mãos lhe tremeram. Abriu o cordão que a envolvia e olhou dentro. Muitas moedas.

— Por Deus, dom Tadeo, isto é muito!

— Não, Fiona. Devo-lhe isso. trabalhaste duro e é a melhor assistente que tive. Além disso, aí também vai o pagamento pelos pôsteres.

Chegou o pulpero e lhes deixou a bebida. Fiona, com a bolsa ainda na mão, não sabia o que dizer. Nesse momento, um sentimento de ambição misturado com um pouco de necessidade imperiosa se apoderou dela. Alguma vez lhe tinha importado o dinheiro? Jamais.

Sempre o tinha tido, e em abundância. Mas agora, não. Necessitava-o muito, muitíssimo. Seu filho o necessitava.

— Está bem, dom Tadeo, aceito-o. Obrigado.

— Bem! — vociferou o homem ao tempo que atirava um golpe na mesa.

Fiona lhe sorriu hipócritamente.

— Às vezes acredito... — retomou Tadeo —. Pulpero, outra carne! Às vezes acredito que vêm a verte a ti e não a mim, o grande mago Sarquis!

Fiona trágou dificultosamente seu leite.

— É muito formosa, sabia?

Sarquis estirou sua mão gordinha para encontrar a dela. Fiona a tirou imediatamente fora de seu alcance.

— Ey! O que acontece? Só queria te tocar a mão.

O aroma do leite começou a invadi-la e um asco incontável lhe revolveu as vísceras. de repente, a figura do Tadeo se fez imprecisa, e sentiu que o piso se movia. Sem querer, derrubou sua bebida ao chão. Logo, saiu aos tombos a tomar o afresco da rua.

— O que te acontece?

Ao cabo de uns instantes, e enquanto inspirava profundamente tratando de recompor-se, Fiona escutou a voz do Tadeo. Mais que as entender, adivinhou suas palavras.

— Nada, nada, dom Tadeo. De repente me senti enjoada. Melhor será retornar ao acampamento — respondeu com voz deprimida.

Sem olhá-lo, encaminhou-se à carreta. Com o Cipriano e Julho estaria a salvo.

Sempre a levaria consigo, pendurada em seu fofoqueiro, enganchada a uma das baleias. Jamais a deixaria na carreta; não confiava em ninguém. "Por dinheiro dança o macaco, verdade? Se não, olhem ao Sisi", pensava, enquanto terminava de costurar a bolsita com moedas a sua anágua. colocou-se o vestido de assistente de mago e coloriu suas bochechas com carmim. Depois, saiu.

Era a primeira função e a gente começava a chegar. preparou-se um lugar especial, sob um toldo, onde se localizariam as autoridades. Até o padre viria.

Dom Tadeo estava muito nervoso, porque, desde a de Buenos Aires, não tinham tido outra apresentação tão importante como essa. De todos os modos, nada podia sair mau: tinham ensaiado até a indigestão.

O representante do Restaurador Rosas, o Brigadeiro Zola, chegou junto a sua mulher e a suas filhas; mais tarde, as autoridades da tropa, o comandante do exército de fronteira e o padre; até o médico obteve um lugar de privilégio.

—Boa tarde, Brigadeiro Zola, é uma honra o ter entre meu público. Você honra meu espetáculo com sua presença —saudou Tadeo, quase sem respirar, inclinando uma e outra vez para frente.

—Por favor, senhora Zola. Passe, você passe e fique cômoda. Cipriano! Ihes sirva às filhas do Brigadeiro a limonada. Pai Octavio! Por fim se decidiu a vir. —Ao lhe beijar o anel, empapou-lhe o dedo.

—Sim, filho, sim. A sã diversão também é boa para o espírito —exortava o padre, enquanto se limpava sem dissimulação o dedo na batina—. Não como essas peças de teatro francesas que, inteirei-me, estão estreando no Teatro da Vitória, em Buenos Aires —adicionou, indignado—. São um insulto à Igreja, à moral e aos bons costumes.

—Meu marido e eu fomos à Vitória semanas atrás e vimos uma ópera de... —A mulher da Zola se levou a mão ao queixo.

—*Donizetti*, senhora —a ajudou seu marido.

—Ah, sim! E, qual era? A...

—A *favorita*, senhora —disse Zola, enquanto a olhava envergonhado.

—Mas não vimos nenhuma obra francesa, Pai —se atalhou a senhora Zola.

—Estou seguro de que se não estarem de acordo com a causa federal, o governador não deixasse passar muito tempo antes das proibir... Não se inquiete Pai Octavio —sentenciou o brigadeiro.

—Isso espero, filho, isso espero.

A figura do Sarquis, embutam:! em um traje vermelho e azul, apresentou-se no meio do cenário e vociferou o início do espetáculo. Sempre começavam igual, com o Cipriano e Julho disfarçados de palhaços fazendo tolices. Os meninos desfrutavam de muito esse número e esperavam ansiosos a caramelada que repartiam os comediantes antes de abandonar o cenário. Depois, continuava o número das malabaristas, um dos que mais agradava ao público. E quando chegava o turno do mago Sarquis, Fiona já sabia que os homens lhe assobiariam, gritariam-lhe obscenidades e lhe fariam gestos estranhos que ela nunca compreenderia. Ao princípio, todo aquilo a tinha deslocado; ficava como estaqueada em meio da pista, sem poder mover-se; mas agora, acostumou-se e atuava como se ninguém

reparasse em sua presença. O povo do Tandil não foi a exceção e, novamente, teve que armar-se de valor para suportar os assobios e as caretas carregadas de lascívia.

Quando aparecia no cenário com Sinfonia e Merina detrás, Sixto luzia formidável em seu traje de couro. Os espectadores continham o fôlego enquanto o cavalo galopava e Sixto fazia a vertical sobre suas arreios. Aclamavam-no ao vê-lo erguer-se sobre os animais, com um pé em cada arreios, uma mão estendida agarrando as rédeas e a outra saudando o público. Logo, subia à égua pelas ancas e descendia pelo flanco quando o animal galopava a grande velocidade; logo que tocava o piso com a ponta da bota e se acomodava rápido no lombo da Merina. E de novo descendia pelo outro flanco, agarrado às crinas da égua. Repetia estas sortes várias vezes, muito depressa, e o público aplaudia eufórico.

Quando Merina e Sinfonia terminaram sua apresentação, Tadeo anunciou ao público que o espetáculo tinha finalizado. Todos aplaudiram uma vez mais antes de abandonar suas localizações.

Sem perder um minuto, Sarquis se aproximou do grupo de espectadores de luxo, e os convidou a uma taça, que se serviria em sua carreta, para festejar o êxito da primeira apresentação. O brigadeiro Zola despachou a sua mulher e a suas filhas e se encaminhou com o cirquero a sua toca, junto ao padre e às demais autoridades militares.

Beberam muito, e já todos um pouco ébrios, começaram a abandonar o carromato. O primeiro em ir-se foi o Pai Octavio, com a desculpa da missa das seis; mais tarde, o comandante do exército de fronteira, que tinha que partir muito cedo pela manhã; e assim todos, até que Zola e Sarquis, apoltronados sobre umas almofadas, sem soltar o copo sempre cheio, ficaram sozinhos.

— Assim pensa seguir até Baía Branca, dom Tadeo.

— Sim, brigadeiro. Dizem que é uma cidade importante. É aí onde se faz bom dinheiro com estes espetáculos.

— Claro, compreendo.

— Outra taça, brigadeiro?

— Sim, obrigado.

Tadeo verteu a bebida no copo.

— E me diga, dom Tadeo, quem é essa preciosura que o acompanha a você em seu número de magia?

— Quem? Ah, sim, Fiona! É bonita, verdade?

— Fiona? Fiona, o que?

Tadeo franziu o sobrecenho e pensou uns segundos. Não tinha a menor ideia; jamais lhe tinha perguntado o sobrenome.

—A verdade, brigadeiro, não sei. O único que me importa é sua cara de anjo e seu corpo esplêndido; o resto não me interessa... —disse, em meio de uma forte Isso gargalhada é o que realmente atrai ao público.

—Informou-me o comandante da fronteira que nas últimas semanas houve muitos ataques de índios. Estou pensando que se você mantiver a idéia de viajar para o sul, pode resultar muito perigoso. Algum muito mau poderia atacar sua caravana e matá-los a todos.

—A minha caravana? Não, brigadeiro! Faz mais de dez anos que sulco a Confederação do norte ao sul, e deste ao oeste, e jamais tive problemas com os índios. É gente tola e sempre soube mantê-los a raia.

—Não, não, dom Tadeo, agora é distinto. Andam como loucos por não sei que assunto. Destroçam quanta caravana encontram, procurando vingança por algo.

Sarquis pigarreou nervosamente e se ergueu nos almofadões.

—Ahá... E, sabe-se que assunto é esse que os tornou como loucos?

—Não. Mas parecem feras. Por isso lhe digo, dom Tadeo, é muito perigoso que siga além do Tandil. A menos que... bom, a menos que aceite uma escolta de vários soldados bem armados que eu posso lhe oferecer.

—Sim? Faria isso por mim, brigadeiro?

—Bom, dom Tadeo, como homem de negócios compreenderá que tudo tem seu preço.

—Sim, claro. E, qual é o preço?

—Verá, em realidade, não lhe custasse muito. Só lhe peço que deixe a seu assistente o tempo que você esteja de viagem.

—A meu assistente?

—Sim.

—A Fiona?

—Sim.

A verdade era que Zola se consumia de desejo pela Fiona. Tinha-a visto várias vezes no centro do Tandil e, do primeiro momento, não tinha deixado de pensar nela. Fantasiava dia e noite com seu rosto soberbo, com seu corpo nu e transpirado junto ao dele, com sua boca, que imaginava capaz de lhe deixar sulcos candentes nas costas. E essa tarde, no meio do cenário, com esse traje dourado que lhe rodeava a cintura e revelava impudicamente seus seios... Ah, não suportava mais!

Tadeo ficou pensativo uns instantes antes de responder.

—Está bem, brigadeiro —disse finalmente—. Volte amanhã pela tarde; terei tudo preparado para você.

—Cipriano! Julho!

Tadeo começou a chamá-los quando, por fim, o brigadeiro Zola e seu cavalo se perderam na escuridão.

—Cipriano! Julho! —insistiu, aos gritos.

—Sim, patrão, você mande.

—O que acontece? Estão surdos ou o que?

—É que estávamos na carreta. Faltou algo por fazer, dom Tadeo?

—Preparem todo que saímos agora mesmo para Baía Branca.

—Agora?

—Sim, agora! Ou me esqueci de que devia lhes pedir permissão a vocês? Par de inúteis! Vamos, movam esse traseiro que em menos de uma hora quero estar em marcha!

—Sim, patrão, sim.

—Tina! —gritou—. Tina, vêm aqui!

—O que acontece, Tadeo? Tornaste-te louco? —perguntou a mulher com cara de dormida, aparecida na janela do carromato.

—Prepara tudo. Partimos agora mesmo para Baía Branca.

—Que o que?

—O que acontece, mamãe?

—Você te cale e começa a preparar tudo! —ordenou Tadeo a Sacramento, de fora.

—você cale-se! Estamos dormindo!

—Sacramento, por favor! —exclamou Tina—. O que é isso de que vamos agora, Tadeo? Agora mesmo?

— Sim, mulher. Em que outro idioma tenho que lhe dizer isso

— All, não, Tadeo! Eu não me movo do Tandil —se encaprichó Tina.

Saiu da carreta e, com os braços cruzados, olhou de marco em marco a seu amante.

—Ah, sim. E, poderia me informar, sua majestade, o motivo? — perguntou Sarquis quando a teve em frente.

—Você me prometeu que se a primeira função era um êxito, poderia ir ao povo a me fazer esses vestidos novos que necessito. Já escolhi os gêneros; até falei com a costureira e desenhamos os modelos. Tadeo, por favor, só serão dois ou três dias mais! Não pode esperar?

Sarquis arqueou as sobrancelhas, como se estivesse pesando os prós e os contra.

— Está bem, ficará alguns dias no Tandil, com o Cipriano — disse, com magnanimidade—. Logo, alcançarão-nos pelo caminho.

— Obrigado, querido, obrigado!

Tina lhe equilibrou ao pescoço e lhe estampou um sonoro beijo na boca.

— Vamos, te tire! E começa a preparar tudo. Sem Tina, tudo seria mais fácil.

A cortina estava aberta e a luz da lua se filtrava na carreta. Por isso Fiona pôde ver que essa massa relatoriosa que se encarapitou sobre ela, que lhe manuseava os seios e tratava de lhe tirar a camisola, era dom Tadeo. O fôlego a álcool a decompunha e o peso de seu corpo a deixava sem respiração.

— Basta! — gritou, tratando de tirar-lhe de cima—. Saia, asqueroso!

— Vamos, Fiona, preciosura — dizia o cirquero, muito bêbado—. me Dê um besito... Vamos, sei boa comigo..,

— Auxílio! — voltou a gritar Fiona.

— O que acontece? — perguntou Sacramento, mais dormida que acordada.

— Sacramento, me ajude! — suplicou Fiona.

Por um instante, Tadeo afastou o rosto dela e olhou à filha de Tina.

— Vamos, Sacramento! Sal daqui!

A jovem, sentada em sua cama de armar, olhava a cena sem compreender.

— Sacramento, me ajude! — gritou Fiona uma vez mais.

— te cale! — ordenou Sarquis lhe tampando a boca—. Sacramento, estúpida, sal daqui!

— Como você ordene, patroncito. Que o desfrute, Fiona — disse com ironia, antes de deixar a carreta.

Tadeo começou a rir, e Fiona a sacudir-se sob seu corpo obeso. Com as mãos lhe atirava golpes nas costas que não lhe faziam nada. Sacudia as pernas em forma frenética mas não conseguia movê-lo nem um centímetro. Ao fim, mordeu-lhe a mão e pôde voltar a gritar.

— Socorro! Sixto, me ajude!

— Aaayyy, cadela maldita! — uivou Tadeo.

O homem se incorporou apenas e a esbofeteou com força.

— te cale ou lhe degola!

E como Fiona se movia, o propinó outro golpe. O nariz começou a lhe sangrar e lhe custava respirar.

Tadeo nem se chateou; seguiu com suas carícias e suas frases luxuriosas. Era uma mole para a Fiona, que tinha ficado inerte debaixo dele. Enquanto lhe tampava a boca com uma mão, começou a lhe arrancar a camisola com a outra. Seus peitos ficaram ao descoberto e foram presa fácil do Sarquis em um instante. Fiona, aterrada, não sabia o que fazer. Voltou a lhe morder a mão: não lhe fez nada; arranhou-lhe a cara, mas o homem, acalorado de luxúria, apenas se alterou. Estava como poseído. de repente, começou a tirá-los calças, mas com uma mão lhe resultava difícil.

—Auxílio! —exclamou Fiona quando Tadeo lhe liberou a boca por um momento para desfazer-se das calças.

—te cale! —Tampou-lhe a boca com um trapo—. Vamos, Fiona, sei boa comigo. Eu o fui contigo, aceitou muito gostosa as moedas que te dava. Crie que lhe dava isso porque é uma boa assistente? —Começou a rir—. Não, Fiona! Agora deverá pagar por cada uma dessas moedas que te dei de presente.

Fiona sentiu que lhe rasgava a roupa interior. Em seu desespero, tratou de mover a cabeça, as pernas, os braços, mas cada parte do corpo parecia lhe pesar toneladas. Não conseguia nada; só conseguia cansar-se mais. Entre o sangue que lhe emanava do nariz, e o trapo na boca, quase não podia respirar.

de repente, o peso do Tadeo cedeu e deixou de manuseá-la. incorporou-se em cima dela, e dirigia seu olhar à porta da carreta.

—O que acontece, Sacramento?—vociferou Sarquis—. Você fica aquieta! —ordenou a Fiona perto da cara.

Nesse breve instante de alívio, Fiona escutou um grito da filha de Tina, e a Merina e Sinfonia que relinchavam enlouquecidos. Algo grave devia estar acontecendo fora.

—O que acontece? —voltou a gritar Tadeo, sem sair de em cima de Fiona—. É que nem sequer posso estar tranquilo um instante? —vociferou, iracundo.

A porta da carreta se abriu com uma violência inusitada. Tadeo se apartou torpemente da Fiona, que por fim pôde ver-se sacada daquele peso entristecedor. Em meio da confusão que seguiu ao alívio, quão último a jovem pôde ver foi uma silhueta colossal que irrompia velozmente na carreta. Depois, já sem forças, Fiona se desvaneceu.

Capítulo 19

A velha friccionava em círculos o ventre da Fiona, olhando para cima e profiriendo umas letanias incompreensíveis. Cada tanto, aproximava uns ramos fumegantes ao rosto da jovem, e repetia a invocação.

—Está prenhe —sentenciou ao fim a velha, sem olhar ao homem que, de pé na porta da choça, seguia com atenção seus movimentos.

—Ja! Com razão tanto dramalhão —disse o homem, antes de retirar-se.

Fiona começou a despertar; custava-lhe levantar as pálpebras. Via tudo nublado e escutava ruídos estranhos a seu redor. Tratou de incorporar-se, mas não o conseguiu; estava muito enjoada. esfregou-se os olhos, e embora ao cabo de um momento pôde ver melhor, não conseguiu reconhecer o lugar.

—Onde estou?

incorporou-se, assustada, e uma repentina descompostura a obrigou a desistir de seu intento. Um rosto enxuto e enrugado que a olhava sem expressão se aproximou do dele.

—Fica quieta, m'filha, não está bem. Deve ficar quieta.

Fiona a olhou sobressaltada.

—Filho, vêem, acaba de despertar! —gritou a anciã.

—Onde estou? —voltou a repetir, a ponto de chorar.

—Está em minha casa, senhora de Silva —respondeu uma voz masculina.

Fiona se ergueu um pouco, o suficiente para ver um homem de média idade, de pé a uns passos dela. Contemplou-o uns segundos e voltou a baixar a cabeça, confusa.

—Deus Santo! O que aconteceu? Onde estou? Quais são vocês?

—Tranqüila, m'filha —disse a anciã—. me Traga água —lhe ordenou ao homem.

Fiona bebeu a água com lentidão, ajudada pela velha. Depois, retornou a sua posição inicial; não suportava estar muito tempo erguida.

—Não se lembra de mim, senhora? —perguntou o homem, já junto ao leito.

Fiona o olhou atentamente uma vez mais.

—Sanc? Sanc Nieté? É você?

—Sim, senhora, o mesmo.

—OH, Deus, não compreendo nada!

—Menina, não tente te levantar! —repreendeu-a a anciã, e a obrigou a recostar-se.

—Não se altere, senhora. Eu posso explicar-lhe tudo.

O homem aproximou uma banquetta rústica ao camastro no que jazia Fiona.

—dormiu por mais de oito horas —lhe explicou.

—Quão último recorde... Não sei, tudo é tão confuso. Estava dormindo na carreta Y... Bom...

calou-se, angustiada; as visões que iam a sua mente eram espantosas.

—Está bem, senhora, já passou tudo. Não pude salvá-la a ela, mas quis *Soychu* que a salvasse a você. Igual a você a mim, aquela vez, em *La Candelaria*. Agora estamos à mão.

—Mas, o que aconteceu, Sane? O que aconteceu os do circo?

—Com os do circo, nada. Foi o dono o que recebeu seu castigo.

Sanc disse algumas palavras mais em outra língua, que Fiona não compreendeu.

—Esse Sarquis era um mau inseto, senhora, um miserável. Fazia tempo que o buscávamos... —golpeou-se a mão com o punho fechado—. O que tentava fazer com você, senhora, fez-o com minha menina.

—Sua menina?

—Minha filhinha. Minha filhinha Ayelén. —Lhe fez um nó na garganta ao mencionar seu nome—. Desculpe, senhora, devo ir —disse com outra voz.

Sanc Nieté partiu. Fiona, desconcertada, olhou à anciã como lhe pedindo uma explicação.

—Não pode esquecer. O espírito de minha neta vaga por esta aldeia e não o deixa em paz. Talvez, agora que... De onde conhece meu filho?

—Em, bom... Sanc trabalha durante a temporada da tosquia na estadia de meu marido. Desde aí o conheço.

—Ah...Tem marido.

—Tinha —replicou Fiona.

O índio Sanc Nieté sempre tinha odiado aos crioulos; tinham-lhes tirado a terra, tinham dividido às tribos, e as tinham confinado a lugares remotos e áridos. Agora, os índios necessitavam deles para subsistir. Por isso, cada vez que Sanc estava escasso de reais, deixava sua aldeia rumo

a Buenos Aires. Aí sempre conseguia um bico. Mas desde que trabalhou para dom de Silva, nunca mais procurou outro patrão; embora era estrito, tratava-os bem. Além disso, dava-lhes boa comida e albergue cômodo. Quão único terei que evitar para não enfurecê-lo era embriagar-se, brigar ou incumprir a tarefa. Sentia a de Silva como a um deles. Era bastardo e ninguém sabia quem eram seus pais; só conheciam a negra Candelaria, a mulher que o tinha criado.

O respeito que tinha por de Silva se desvaneceu quando o patrão se casou com essa estirada da Malone. Não obstante, esse ano também lhe pediu trabalho, e de Silva o levou a trabalhar em sua nova aquisição, A Candelaria.

Uma noite, Sanc não pôde controlar-se e se esvaziou uma garrafa de carne ele sozinho. Estava tão bêbado que nunca pôde recordar como começou a briga com esse peão; ao cabo de umas horas despertou em um celeiro. A cabeça lhe dava voltas e tinha desejos de vomitar. Ao ficar de pé, perdeu o equilíbrio e caiu ao chão corno um saco de batatas. Sentiu um ponto na perna direita e se mordeu a mão para não gritar de dor. Um cuchillazo bem atirado lhe tinha aberto a perna em dois. Quando pôde examinar melhor a ferida, compreendeu que a coisa era grave.

Não pôde ter pior sorte; nesse momento entrou em celeiro a esposa de Silva junto a sua criada. Sanc tratou de esconder-se depois de uns tablones, mas seus movimentos eram torpes e não passou muito antes de que o descobrissem. Mais tarde, quando Fiona e Maria lhe limparam a ferida, e depois, quando a curaram durante dias, teve que tragá-los qualificativos com os que tinha adornado à mulher do patrão. Fiona jamais lhe perguntou como se machucou; limitou-se a ajudá-lo, sem molestos interrogatórios. Ele se teria morrido da vergonha se sua senhora se inteirava de que, por bêbado, tinha-lhe acontecido o da perna. Sanc não podia reprimir a risada quando recordava o medo que havia sentido de só pensar na ira que se teria dado procuração de Silva se tivesse conhecido a verdade.

—Se o patrão se inteira que estiver aqui ferido, sem fazer nada e cuidado como um rei me mata, senhora — repetia Sanc uma e outra vez.

—Nunca vai se inteirar — assegurava Fiona.

Sanc Nieté apareceu pela entrada da choça. Daí, divisou a Fiona junto a sua esposa. Pareciam felizes juntas, fazendo pão. Tinham passado vários dias desde que a encontrasse na carreta do circo e não

sabia o que fazer com ela. Embora lhe devia a vida, sua dívida com de Silva não era menor. Além disso, se o patrão se inteirava de que a mantinha oculta em sua aldeia, mataria-o. Mas lhe tinha prometido a Fiona não entregá-la e cumpriria sua palavra.

Voltou o olhar a ela novamente. Apesar de que tinha um embaraço avançado, apenas se lhe notava o ventre. Estava muito magra e isso o consternava ainda mais. Se algo lhe acontecia ao primogênito de Silva... Sentiu o peso do mundo sobre seus ombros.

—Quer falar do Ayelén? — perguntou-lhe um dia Fiona. Tinha-o procurado comprido momento, até que o encontrou sentado à borda do arroio. Com um palito, desenhava coisas sem sentido sobre a restinga e, cada tanto, suspirava.

—Não — respondeu Sanc Nieté sem sobressaltar-se.

—Talvez te ajude. Posso me sentar?

Sanc lhe fez lugar a seu lado.

—Vamos, Sane, cuent...

—Você não compreende, senhora, a angústia que se sente quando alguém da família desaparece sem deixar rastro. —Cravou-lhe um olhar carregado de intenção—. depois de que Ayelén escapou, busquei-a durante semanas inteiras, mas não pude encontrá-la.

—por que escapou? — perguntou Fiona timidamente.

—Porque eu não lhe permitia casar-se com um crioulo. Martín se chamava... Tinha-o conhecido na cidade. escaparam juntos e não soubemos mais deles; até que o moço chegou um dia aqui com a notícia.

—Que notícia?

Por um momento, Fiona pensou que o índio não voltaria a falar. Baixou a cabeça, retomou seus desenhos na borda e suspirou várias vezes antes de continuar.

—Ao pouco tempo de escapar, ela e Martín se uniram ao circo. Ali trabalhavam; tinham comida e teto. Mas esse maldito canalha do Sarquis se enlouqueceu com meu Ayelén e uma noite... bom, fez-lhe o que a você não pôde.

—E Martín? Não estava com ela?

—Essa noite, o muito canalha do Sarquis o tinha mandado longe com não sei que pretexto. Assim que se divertiu a suas largas... Filho de puta... Maldito... Depois a enforcou e a jogou em um ravina, aonde a encontrou Martín. O circo tinha desaparecido Y... Por uns minutos, o índio não falou. Abria grandes os olhos e tinha a cara avermelhada.

—Mas já está. Eu mesmo lhe abri a garganta de lado a lado com meu facão. Sarquis, maldito... —concluiu com uma mescla de fúria e desgosto.

Fiona se estremeceu. Logo, aproximou-se um pouco mais ao Sanc e tomou a mão.

—Sinto-o muito, Sane.

—Está bem, senhora. Agora só tenho que encontrar um pouco de paz.

Permaneceram comprido momento calados, acompanhados pelo murmúrio da água do arroio correndo entre as pedras e o chiado incansável das cigarras nos espinillos. Fiona se tinha tirado os sapatos e se encharcava os pés na água fresca. Sanc continuava com seu palito sobre a restinga.

—Ai! —exclamou Fiona, levando-a mão ao ventre—. Se moveu, Sane, moveu-se! Vamos, ponha a mão.

—Não sei se dever...

—Vamos, não seja tolo!

Fiona o anastró a mão para ela, e fez que a apoiasse sobre seu regaço.

—É certo, move-se! —exclamou o índio, assombrado. Sorridente, manteve a mão uns segundos sobre o ventre da Fiona. Depois, retirou-a de repente. O gesto de seu rosto tinha trocado; agora estava sério—. Senhora Fiona, senhora Fiona... O que farei com você?

A jovem baixou a vista, tirou os pés da água e começou a ficá-los botas de cano longo.

—Senhora Fiona, tenho que lhe dizer algo, não se zangue comigo. A semana passada, quando estive em Buenos Aires, andei averiguando de seu marido, sabe?

Fiona levantou a vista.

—Dizem que está como louco procurando-a, que não faz outra coisa há meses. deixou a administração das estadias de Rosas, e as suas estão a cargo do Celedonio e Eliseo. Dizem que não para um minuto de procurá-la. Tem vários grupos percorrendo a Confederação e até oferece recompensa a quem pode lhe dar algum dado. Vários lhe quiseram vender informação falsa, mas ele se deu conta. Não deve faltar muito para que ele ou algum de seus grupos venham por esta zona. O que faremos se isso passa? —O índio deixou vagar a vista pela restinga—. Pobre homem! Eu sei o que está sentindo. Está desesperado Y...

—Basta. Sane! Basta, Por Deus! Crie que tudo isto é fácil para mim? Crie que não desejaria estar junto a ele? —Começou a choramingar—. Ele me enganou, Sane, disse-me que me amava e não era verdade. Isso jamais poderei perdoar-lhe

Soluçou um momento, cabisbaixa, mordendo-os lábios, e com os olhos apertados para que Sanc não se desse conta. Depois, recompôs-se e lhe pediu que a deixasse sozinha. O índio se perdeu entre a espessura do monte; então, Fiona se recostou sobre a borda e chorou.

Fiona se sentia bem aí, embora não fora mais que um casario de tijolo cru e palha e apesar de que devia trabalhar duramente todo o dia ajudando às mulheres. Certo que, de quando em quando, angustiava-se pensando no futuro. Voltaria algum dia? Tinham passado tantas coisas em sua vida que temia responder essa pergunta. Agora não lhe resultaria tão fácil retornar. Pensava em sua família, na Maria, no Eliseo, e o coração lhe contraía de angústia. Estavam sofrendo. Ela os estava fazendo sofrer. Isso a torturava dia e noite. Mas não se sentia capaz de voltar, não ainda. Ainda não contava com as forças suficientes para encará-lo; o rosto do Juan Cruz aparecia uma e outra vez em seus pensamentos. Fiona sentia que aquilo a desenquadrava. Mas devia ser forte e suportar o tortura, logo chegariam tempos de paz; então, ela poderia voltar para enfrentá-lo. De Silva era um homem inteligente, muito hábil; se existia o menor espionista de debilidade nela, Juan Cruz saberia encontrá-lo e aproveitar-se dele. E ela ficaria a sua mercê, como sempre. Devia pensar.

—Olhe, Fiona, o que encontrei!

A mãe do Sanc a resgatou de suas reflexões.

—O que, Aimara?

—Isto era de meu filho. Olhe... Encontrei-o entre umas coisas velhas, talvez sirva para o enfeitado —disse, lhe roçando o ventre.

Fiona tomou o objeto alhada e lhe deu as obrigado.

—Que pequenita —disse Aimara, observando a ropita.

—Você a fez?

—Claro, m'filha. Quem mais se não? antes de que nascesse Sanc Nieté, passei-me dias inteiros costurando e costurando.

—Sanc Nieté... —murmurou Fiona para si—. Que nome estranho, verdade? Não se parece com nenhum dos outros nomes indígenas que conheço.

—É que não é nome pampa. Meu marido o pôs. Ele me disse que era nome de uma tribo de terras muito longínquas, muito mais velhas que estas.

—Sabe o que significa?

—É o nome de uma lenda, mas não recordo seu significado.

—De uma lenda?

Alguém chamou a Aimara e a pergunta da Fiona ficou sem resposta.

Essa noite Fiona se sentia mais triste que de costume. O fogão e todos em torno de recordavam aos peões de La Candelaria, sentados ao redor do fogo, contando histórias de almas e espíritos malignos. Muitas vezes, de Silva se unia a sua gente nessas reuniões e não voltava até muito tarde na noite. Fiona permanecia acordada até que o escutava entrar em seu dormitório; só então dormia. Se faziam o amor quando ele retornava, Juan Cruz estava suado, cheirava a fumaça e tinha o cabelo revoltado. A pele da Fiona se arrepiou com a lembrança e baixou a vista para que ninguém a visse perturbada.

O som monótono da dança que dançavam ao redor da fogueira a atraiu de novo.

—Senhora Fiona. —Sanc Nieté se sentou a seu lado—. Se sente bem, senhora?

Fiona o olhou aos olhos e Sanc lhe sustentou o olhar.

—Vamos, Sane, me conte a lenda de seu nome —lhe pediu.

Alguém da tribo, perto deles, escutou à senhora da cidade e se uniu a seu pedido.

—Anda, Sane, nos conte a lenda.

A dança terminou e os índios permaneceram em silêncio em torno do fogo, esperando a história. Por uns momentos, só se escutou o crepitar dos lenhos e os uivos de algum animal em zelo perdido no monte.

Com voz tranqüila, Sanc começou o relato.

—Faz muito tempo já, muito antes de que o crioulo chegasse a estas terras, muitíssimo antes, existiam duas tribos, muito capitalistas as duas. Eram vizinhas desde séculos e sempre tinham estado em guerra. Milhares de homens morriam nas batalhas e a população diminuía sem cessar. Então, os caciques das tribos, causar penas por tanto sangue e tanta morte, decidiram fazer a paz e acabar por fim com essa guerra que nem sequer recordavam por que seus ancestratos tinham começado.

Os chefes das tribos se reuniram em um monte afastado de seus territórios e ficaram de acordo em não que voltariam a guerrear. E para selar essa promessa, decidiram casar a seus filhos para que a descendência unisse as duas tribos em uma sozinha, poderosa e rica. E assim o fizeram. O cacique da tribo do norte entregou a sua filha mais bela e mais inteligente e o cacique do sul deu a seu único filho. A jovem se chamava Tamlika, que significa "eterna", e o jovem se chamava Sanc Nieté, "que busca".

A moça era tão bela e acordada que Sanc Nieté não demorou muito em apaixonar-se por ela. Tamlika, um pouco presumida e rebelde, também o amava, a sua maneira. Viviam felizes em um palácio que ambos os caciques tinham construído e adornado com as coisas mais custosas que encontraram.

Ao pouco tempo, os caciques morreram e Sanc Nieté foi o chefe de todos. Era um bom cacique e a gente de ambas as tribos o amava. Mas havia alguém que o detestava: um de seus cunhados, o irmão menor da Tamlika. O jovem, pouco inteligente e muito invejoso, tinha desejado sempre a morte de seu pai para apoderar-se da tribo e mandá-la a seu desejo. Por isso, o fato de que se uniram as duas tribos e o resultado dessa união, que seu cunhado fora o chefe de tudo, levavam-no, dia a dia, a odiar cada vez mais ao Sanc Nieté. Com o coração cheio de perfídia, encaminhou-se uma tarde a visitar sua irmã Tamlika ao palácio do cacique. Sua irmã, que o queria muito, alegrou-se de vê-lo. Ao pouco momento de chegar, o irmão disse a quão jovem seu marido tinha assassinado aos dois caciques, o do norte e o do sul, para apoderar-se de tudo e ser o chefe supremo por sempre. Além disso, disse-lhe que Sanc estava planejando matar a toda a família da Tamlika, inclusive a ela mesma, para não ter que compartilhar seu poder e fortuna com ninguém. "Para ti dispôs o tortura mais horripilante, porque te odeia mais que a ninguém e deseja verte sofrer." depois de mentir, o irmão da jovem partiu do palácio.

Tamlika, que com o passado do tempo tinha chegado a adorar ao Sanc, voltou-se louca da fúria e começou a gritar e a romper tudo a seu redor. Odiou a seu marido com todo seu coração e quão único desejou foi vê-lo padecer. Abandonou o palácio, cheia de rancor, e correu pelo monte pensando em como machucar ao Sanc. Sem dar-se conta, chegou a uma zona proibida para ela, a que só podiam entrar os sacerdotes e suas vítimas. Era a fossa onde se sacrificava às jovens vírgenes para apaziguar a ira dos deuses. Tamlika se aproximou do bordo do poço e se

atrojó dentro: preferia morrer antes que cair em mãos de seu marido. Mas como não era virgem, os deuses se enfureceram com ela, tiraram-na das vísceras do fossa e a converteram em eucalipto, plantando a à borda do poço.

Ao inteirar-se de que sua mulher tinha desaparecido, Sanc Nieté chorou. Ao dia seguinte, começou a procurá-la e não deixou rincão de seu território sem explorar. A perda da Tamlika o atormentava e não o deixava em paz. Sentia saudades tanto que cada noite dormia chorando. Seu rosto se tornou da cor das cinzas e seus cabelos estavam cada vez mais encanecidos.

Um dia, Sanc chegou à zona proibida do poço. Sem saber onde estava, aproximou-se do fosso e o contemplou por uns minutos. Depois, recostou-se sobre o tronco da Tamlika, ficando dormido. Sua esposa o chamava do interior da árvore, mas Sanc não a escutava. Estava arrependida e sofria pela dor do cacique, porque os deuses lhe haviam dito que o de seu irmão era mentira. Tamlika o chamava, uma e outra vez, mas o jovem não a escutava e continuava dormido.

Os deuses, que sabiam que Sanc era um bom homem, que amava a seu povo e respeitava aos supremos, tiveram piedade dele.

Então, despertaram. Quando o jovem abriu os olhos, esqueceu-se de tudo. Seu rosto era viçoso novamente e seu cabelo tão negro como antes. de repente, tornou-se para trás: do fosso das vírgenes emergia nesse momento uma jovem muito formosa que lhe sorriu ao vê-lo. Sanc se apaixonou por ela e, sob o eucalipto, pediu-lhe que fora sua esposa.

Por isso, essas gotas grosas e pegajosas que jorram do tronco do eucalipto são as lágrimas da Tamlika, que nunca deixou de chorar pelo amor perdido do Sanc Nieté.

Fiona despertou sobressaltada e olhou, aturdida, a seu redor. Alguns índios dormiam perto dela, junto ao fogão. O fogo já não existia, só algumas brasas ainda incandescentes. Ainda não tinha amanhecido, embora o céu estava claro no horizonte.

Tratou de ficar de pé, mas não o conseguiu; tinha as pernas intumescidas e a cabeça lhe pesava. Primeiro se sentou; depois, pouco a pouco, levantou-se. Caminhou entre as gente dormidas procurando a Sane. Foi até a choça do índio e apareceu pela abertura. Sua esposa dormia sozinha no jergón. perguntou-se, intrigada, onde poderia achá-lo.

encaminhou-se ao arroio e o encontrou sentado sobre um tronco, desenhando com um palito sobre a restinga, como sempre. aproximou-se dele sigilosamente; não desejava sobressaltá-lo. Toda estava tão quieto ali que tampouco queria romper o silêncio do lugar. Por fim, chamou-o.

—Sanc...

O homem lhe dispensou uns olhares aprazíveis, sem dizer uma palavra. Fiona fixou os seus nos olhos escuros do índio; então, pediu-lhe:

—me fale de Silva, Sanc.

Fiona se sentou ao lado do homem e se dispôs a escutá-lo. Sanc Nieté arrojou o palito ao rio e se levou as mãos à cabeça, acomodando o cabelo. Depois, olhou um momento a corrente da água e suspirou.

—Sabe que é o que mais respeitamos de seu marido, senhora? Que é um de nós. Se senhor, de Silva é igual a cada um de nós. É bastardo, além de um... como é que chamam vocês aos pobretones que se fazem ricos?

Fiona não falou. Permanecia muda escutando-o e olhando-o.

—Um *mal-educado!*—recordou de repente Sanc Isso Nieté é; um tipo sem linhagem que por um golpe de sorte se faz muito rico. Bom, de Silva é isso, rico, mas com um passado não muito distinto ao meu ou ao do Celedonio.

O índio tomou uma ramita do chão e começou a mastigá-la. Não falou por compridos minutos, tranqüilo e pensativo como estava de repente, pareceu encontrar sua linha de argumentação.

—O senhor de Silva conhece o trabalho como ninguém Não há em toda a Confederação homem que conheça melhor as tarefas de uma estadia que seu marido, senhora.

Olhou-a. Fiona baixou a vista, peitilho não se sentiu triste. Um calor lhe invadiu o peito, orgulhosa de escutar essas palavras. Sim, Juan Cruz amava o que fazia, por isso o fazia bem. Seus campos eram dos mais ricos; sua salga, o mais importante e prospero, montava como ninguém; era um prazer para a Fiona ver como dominava a seu padrilho mañero e dobrá-lo a vontade. Tal como tinha feito com ela. Esses dias de ódios e lutas voltaram para sua mente e a fizeram sorrir.

—O patrão não teme a nada. Não tem medo de enchê-las botas de bosta, nem de ajudar a uma égua em um parto.

A jovem recordou aquele dia no celeiro, quando o encontrou lutando com o bezerro. Depois o tinha visto afundar sua mão no

linimento fedido e passar-lhe pelas feridas infectadas. Sabia que Sanc não lhe mentia; ela era consciente de cada coisa que o índio lhe dizia, mas precisava escutar o de sua boca.

—Sabe tanto que ninguém lhe faz sombra. E se rompeu o lombo como ninguém para conseguir lodo o que tem; ninguém lhe deu de presente nada. Tem as Pelotas bem postas o patrão!

Fiona se ruborizou ao escutar essa expressão, um pouco áspera pá seus ouvidos. Mas que certa!, pensou ela sabia muito bem que seu marido um homem com todas as letras, ninguém tinha que dizer-lhe o comparou com os que tinha conhecido em sua vida e entendeu que, à exceção de seu avô e Elíseo, tinha estado rodeada por meninos; meninos sem convicções nem força de coração.

—por que o chamam "o diabo", então?—perguntou a Ioven.

—Não foi sua gente a que lhe pôs esse mote, senhora, o asseguro O patrão é bravo, ninguém o nega, mas também é justo quando se cumpre, e até generoso. Isso seus peões sabemos. Não sei, talvez alguém que o inveja muito lhe pôs "o diabo". Seu marido é uma pessoa muito afortunada; não deve faltar algum mentecapto bicha que o zele. Além disso, levando-a a você do braço, minha senhora, de Silva é o homem mais ditoso do Rio de Prata, me crie.

Sanc Nieté se levantou, disposto a retornar ao casario. Tinha coisas que fazer e o tempo voava quando se sentava a conversar com sua senhora.

Fiona levantou a vista e lhe estendeu as mãos para que a ajudasse a ficar de pé. O ventre lhe tinha crescido nesses dias e se sentia um pouco torpe e inútil. sacudiu-se as asentaderas e se acomodou o cabelo. Depois, olhou ao índio e falou.

—me leve a casa, Sanc já é tempo de voltar—disse com simplicidade.

Capítulo 20

depois de cinco dias de busca, Elíseo encontrou a de Silva perto do Carcarañá, ao sul da Santa Fé. Juan Cruz seguia a pista que um pulpero lhe tinha vendido.

O grupo acampava à borda do rio. Tinham decidido acontecer a noite ali e seguir ao dia seguinte rumo ao Córdoba.

Três meses atrás, de Silva tinha abandonado A Candelaria em busca de sua mulher, jurando-se que, até que não a achará, não retornaria a seu lar. Voltaria com ela ou não voltaria. Cada dia que passava, a desesperança o curvava. Nenhuma pista certa, nada que lhe indicasse que realmente se tratava dela. Sempre ia acompanhado de um grupo de cinco homens que rodavam a cada quinze dias, lapso depois do qual retornavam à A Candelaria, para deixar seu lugar a outros peões que lhe uniam na busca. Seus homens estavam desconcertados com o comportamento do patrão. Tinha renunciado à administração das estadias de Rosas, e tinha deixado A Candelaria e os outros campos em mãos do Celedonio. O salga estava a cargo do segundo de Silva nesse sítio, um homem de sua confiança. "Mas o olho do amo engorda o gado", repetiam os peões nos fogões noturnos, preocupados com o destino das fazendas.

Eliseo chegou ao esse acampamento entardecer, mas não encontrou ao Juan Cruz. Um dos peões lhe indicou que galopava por algum lugar não muito longínquo.

—Sempre faz o mesmo antes de jantar. monta-se ao padrillo e desaparece horas. Depois chega, tão calado como se foi, jantar, e se perde por aí, caminhando —explicou o homem ao Eliseo—. Ficou médio meio doido com tudo este assunto da mulher.

Eliseo decidiu esperá-lo no acampamento. O peão lhe ofereceu um mate amargo e um pão com graxa que engoliu gostoso. Estava esfomeado; fazia mais de um dia que não comia. Tinha abandonado tão depressa a casa dos Malone que não teve tempo de preparar as reservas suficientes para uma viagem tão larga. Além disso, pensou que acharia a de Silva antes; jamais imaginou tão afastado. Segundo o último mensageiro, encontrava-se ao norte da província de Buenos Aires, perto do Satt Nicolás.

Quando obscureceu, os homens se aproximaram do fogão para devorar o guisado. Comiam calados, só se escutava o estalo das colheres sobre os pratos de lata. de vez em quando, um deles lançava um comentário curto ao que ninguém emprestava atenção.

deram-se volta quando escutaram os cascos do padrillo de Silva. A escuridão lhes impedia de vê-lo, mas ao pouco momento a imponente figura do Juan Cruz sobre o cavalo se apresentou ante o grupo. Freou o animal perto da roda de homens e, sem apear-se, perguntou:

—Chegou o mensageiro?

Ninguém lhe respondeu. Então, Eliseo se incorporou e, tirando-a boina, saudou-o.

—Viva a Santa Federação. boa noite, patrão.

Juan Cruz aguçou o olhar e reconheceu ao homem. desembarcou do cavalo e se encaminhou para ele, entre surpreso e preocupado.

—Eliseo? O que faz aqui, homem? Aconteceu algo?

Juan Cruz ficou pálido, embora ninguém o notou na penumbra noturna. O pulso lhe acelerou; pressentia algo mau.

—Posso falar com você, patrão? —perguntou-lhe Eliseo, afastando-se um pouco do grupo de homens.

encaminharam-se à única carpa do acampamento, que era a de Silva. Entraram. Um jergón, uma mesita pequena com alguns papéis e uma banquetta de lona eram todo o mobiliário. Juan Cruz acendeu o abajur de azeite e desdobrou uma sillita.

—Sente-se, Eliseo. Vamos... me diga o que acontece.

—A menina Fiona retornou, patrão.

De Silva ficou de pé de um salto e se levou as mãos à cara.

—Obrigado, Meu deus! —exclamou—. Está bem, Eliseo? Ela está bem? O bebê... me diga o que seja, Eliseo, o que seja!

Juan Cruz tomou pelos ombros com tal ímpeto que o obrigou a ficar de pé. Começou a sacudi-lo. O peão o olhava atônito; nunca o tinha visto tão descontrolado.

—Tranqüilize-se, patrão. A menina Fiona está muito bem. O doutor Rivera a revisou o mesmo dia que apareceu e a encontrou bem. A ela e ao menino.

De Silva o sentou na banquetta de novo. Eliseo percebeu que se tranqüilizava. Depois, Juan Cruz apareceu pela entrada da carpa.

—Rodrigo, me traga duas taças de café bem carregado! —voltou-se, e escrutinou ao peão com o olhar—. Quando apareceu?

—Faz seis dias, patrão, mas faz cinco que o busco.

calou-se, esperando uma nova pergunta do Juan Cruz. Mas nada; este continuava olhando-o fixamente.

—Você quer retornar amanhã, patrão? —perguntou Eliseo, intimidado pelo olhar de Silva.

—Não, Eliseo. Voltaremos agora mesmo. Já.

De Silva ia todos os dias a casa dos Malone. Embora Fiona não desejava vê-lo, ele visitava a mansão da rua Larga só para saber como

estava sua esposa. Conversava comprido momento com o Brigid e Ana e, em algumas ocasiões, com Sejam. O ancião, embora se mostrava mais parco que o resto, começava a ceder.

Cada vez, Juan Cruz levava uma carta para a Fiona. A entregava a Maria, e ao cabo de uns minutos a criada retornava com o bilhete intacto, meneando a cabeça de um lado ao outro.

—Está bem, María, não se preocupe —murmurava de Silva. Recebia a carta rechaçada, e a guardava novamente no bolso.

A faxineira estava desfeita pela pena que lhe inspirava seu patrão, mas não havia forma de convencer a Fiona de que o recebesse ou lesse suas cartas.

Desde que retornasse um mês atrás, Fiona permanecia todo o dia em sua habitação. Falava muito pouco e quase não comia, o que exasperava a Maria.

—Menina, não seja caprichosa! Come, embora não tenha desejos. Faz-o pelo menino —a arreganhava dia a dia, lhe aproximando a colher à boca.

A jovem a rechaçava, fazendo um gesto de asco.

—Uuyy! É teimosa como uma mula —exclamava a mestiza, e a deixava sozinha por um momento.

Apenas Maria fechava a porta de seu dormitório, Fiona se punha a chorar. Estava muito confundida, e não sabia o que fazer.

—Parece que foi toda mentira —disse Maria um dia como ao passar.

Fiona não comentou nada porque sabia a que se referia sua criada. Estava desejosa por saber de seu marido, mas preferia mordê-la língua e não perguntar nada. Por isso, quando Maria começou a falar, não a deteve.

—Aos poucos dias de seu desaparecimento, o patrão retornou do sul, das estadias de Rosas. Estava desesperado, menina, deveria havê-lo visto. Parecia a ponto de chorar...

—Chorar! De Silva chorar?

A repentina irritação da Fiona sobressaltou a Maria. Tinha estado tão taciturna todo o tempo que não imaginou uma reação como essa.

—Sim, Fiona, chorar. O te ama, menina, embora você não queira entendê-lo.

A faxineira se calou, disposta a não falar mais. Por uns minutos, o silêncio foi insondável. Fiona estava inquieta; desejava que continuasse, mas não queria demonstrar-lhe

—E?

—E, o que? —disse María.

—O que passou depois?

María lhe lançou um olhar cheia de irritação.

—Logo soubemos tudo. O senhor de Silva foi casa de Estar acostumado a...

—De Estar acostumado a? do Palmiro Estar acostumado a?

—O mesmo, menina. Esse maldito e essa Cloé andavam juntos nisso.

—O que?

Fiona ficou de pé.

—Que Estar acostumado a estava completado com a... —não podia nem sequer nomeá-la.

—Sim. Queriam vingar-se de ti e do senhor de Silva. Parece que o Estar acostumado a andava loquito por ti Y... Bom... Desvairada-a essa... Pois... Já sabe... —balbuciou a criada.

—Não, Maria, não sei! Fala clara.

—Bom, essa louca e o senhor, pois, parece que... Bom... Tinham sido amantes.

Fiona sapateou o estou acostumado a repetidas vezes com o taco do bota de cano longo, golpeando-a mão com o punho.

—Eu sabia! Eu sabia que era verdade! —repetia a jovem enfurecida.

—O senhor jura e perjura que não a voltou a ver desde que se casou contigo. O disse a seu avô, menina. Por favor, te acalme.

—Mentira, isso é mentira! De Silva sempre viajava sozinho a Buenos Aires e por mais que eu insistia em acompanhá-lo, ele se negava. Era para ver-se com essa... essa... —Apertou os dentes e fechou os punhos aos flancos do corpo—. Uuyy! Odeio-o, odeio-o!

—me escute, Fiona! me escute! —Maria a tinha tomado pelos ombros—. É óbvio que a tinha deixado por ti. Se não, para que urdiu junto a Estar acostumado a toda essa patranha? Entende que nenhuma mulher teria atuado assim se o homem ao que deseja está a seu lado.

—Sim, mas você não sabe se a deixou antes ou depois de casar-se comigo —choramingava Fiona.

—O mesmo dia que chegou a Buenos Aires—continuou a criada—, não sei por que, foi à casa de Estar acostumado a. Talvez, intuiu algo de tudo isto, não sei. A questão é que foi vê-lo. Ali se encontrou com essa

louca... —Fez uma pausa—. A louca tratou de matar a seu marido de um balaço.

—meu deus! —exclamou Fiona. deixou-se cair ao bordo da cama, levando-as mãos ao rosto.

—Bom, o patrão esquivou a bala mas lhe deu na cabeça a Estar acostumado a. O canalha morreu aí mesmo. A mulher, ao ver morto a Estar acostumado a, pegou-se um tiro. Tenho entendido que o patrão tratou de detê-la, mas estava muito longe e não...

—Tratou de detê-la!

—Fiona, Por Deus! Ninguém pode permitir que outro mora sem salvação! Embora seja a mulher que mais odeie não pode pensar que o patrão não teria que havê-la ajudado.

Maria abandonou a habitação, furiosa com sua ama. Fiona, por sua parte, não cessava de pensar: "Tratou de detê-la, ele tratou de detê-la".

Só três pessoas conheciam a verdade e duas delas estavam mortas. De Silva nunca revelaria o segredo; não enquanto Fiona estivesse perto de Rosas e sua vida corresse perigo. Frente a todos, o mazorquero e a prostituta seriam os únicos culpados da desgraça. Frente a Rosas, Juan Cruz atuaria como sempre, só que agora o conhecia melhor. Depois decidiria os passos a seguir. Embora, nesse tempo, manteria os olhos bem abertos, disposto a esperar o inesperado.

Sanc Nieté se hospedou algumas semanas em casa dos Malone antes de retornar a seu povo. Ele relatou à família os fatos, já que Fiona pouco lhes tinha contado. Todos estavam muito agradecidos índio que tinha salvado a vida da jovem. Sejam lhe ofereceu trabalho permanente em uma de suas estadias, mas Sanc replicou agradecido que só trabalhava para o patrão de Silva. Ao escutar isso, Fiona se retirou a sua habitação. Nesses dias, até o nome de seu marido a enchia de desassossego.

Sanc se tinha convertido em um grande amigo da Fiona. Com ele se sentia a gosto e não lhe custava lhe expressar os pensamentos que a atormentavam. O índio a olhava tranqüilo, escutava-a durante horas, e ao final, sempre lhe dizia algo que a obrigava a pensar quase toda a noite. Apesar de que Sanc defendia ao Juan Cruz, a Fiona fascinava escutá-lo falar dele. Por momentos, esquecia-se de suas dúvidas e temores, e se deixava levar pela imagem de herói que o índio tinha de seu marido.

Uma tarde, Fiona lia no pátio e parecia estar de melhor ânimo que outros dias. Então, Sanc aproveitou para lhe anunciar que devia voltar para seu lar.

—Não, Sane, não vá, suplico-lhe isso. Necessito-te. O que farei sem ti? —Os olhos da jovem tinham começado a brilhar.

—Mas, senhora, minha senhora, o que me diz? Se você for a mulher mais querida de toda a Confederação. O que há com seu avô, com sua avó, Maria, todos? Não há quem não a queira nesta casa. Todos se esforçam para que você esteja melhor cada dia. Além disso, senhora, seu marido a ama por sobre todas as coisas.

Fiona se anojó aos braços do índio, chorando como uma menina.

—jNo, Sane, não vá!

Soluçou um momento, desconsolada. Sanc Nieté a deixou fazer. Ao calió de uns minutos, prosseguiu.

—Senhora, devo retornar, devo fazê-lo. Tenho poucos dias para arrumar uns assuntos em minha casa antes de voltar para trabalho em La Candelaria. Já falta pouco para que comece a época em que me necessita o patrão de Silva.

Fiona baixou a vista. Todos pareciam amar a seu marido por esses dias; todos menos ela.

—Além disso —continuou Sane—, necessito os reais que me vai pagar o patrão de Silva. lembra-se que lhe contei que queria comprar uma manada de ovelhas?

A jovem assentiu, sem poder pronunciar palavra, chorosa outra vez. Deixou passar uns segundos em silêncio, pensando que devia deixá-lo ir. Não podia aferrar-se a ele; Sanc tinha que continuar com sua vida e ela com a sua. Já era hora de tomar o touro pelas hastes e deixar de criancices. Sanc Nieté tinha razão, todos a queriam e se esforçavam por seu bem-estar; ela, em troca, não fazia a não ser encher seus corações de desassossego, mais do que já lhes tinha causado com o desaparecimento, que ninguém lhe tinha reprovado, nunca.

—Está bem, Sane, tem razão. Deixarei-te ir, mas com uma condição.

Olhou-o com picardia. Depois, tirou de seu decote a bolsita com as moedas do Sarquis.

—Isto é para ti, para que possa comprar algumas ovelhas mais. Não é muito, mas é o que tinha economizado para mim e para meu filho. Dou-lhe isso. Este dinheiro te corresponde mais a ti que a mim, me acredite.

Entregou-lhe a bolsa, que o índio recebeu desconcertado. Abriu-a e descobriu as moedas em seu interior.

—Não, senhora, é muito! Além disso, você não me deve nada. Eu o fiz por você e pelo patrão de Silva. —A devolveu.

—Sane, por favor, suplico-lhe isso. Se desejas lombriga feliz, toma a bolsa com moedas.

Fiona voltou a pôr o saco de couro em suas mãos.

—Está bem, senhora. Eu aceito as moedas e lhe agradeço, mas sei que só há uma forma de vê-la feliz a você.

Fiona o olhou com desconfiança, franzindo o sobrecenho.

—Volte com o senhor de Silva, senhora. Só junto a ele será feliz de novo.

O índio deu meia volta e partiu. Essa noite, Fiona não pôde dormir.

Bateria na porta como todas as tardes. Abriria-lhe Coquita, faria-o passar e lhe pediria que esperasse sentado a misia Brigid e a dom Malone. como sempre, tomariam juntos o chá, falando especialmente da Fiona e de alguma outra banalidade. Depois, chegaria Maila o saudaria muito cordial e lhe receberia a carta. Durante uns minutos, aguardaria ansioso, mas ao ver retornar à criada com cara de angústia e o bilhete na mão, saberia que, também hoje, Fiona a tinha rechaçado. Apesar de tudo, jamais se daria por vencido. Retornaria, uma e outra vez, até que ela o recebesse. A ansiedade por tê-la entre seus braços o voltava louco pelas noites, e a necessidade de escutá-la lançar com fúria suas frases impertinentes o atormentava durante o dia.

Apesar de que sua mulher não o tinha recebido sequer uma vez, ele as tinha engenhado para vê-la. Fiona não saía à rua mais que para a missa no Socorro os domingos pela manhã. Nessas ocasiões, Juan Cruz se apresentava primeiro na igreja, esperando que ela aparecesse. À saída, observava-a subir raudamente à diligência de seu avô, e se perdia uma vez mais a beleza de seu rosto. Nesse momento e enquanto a volanta dobrava na primeira esquina, Juan Cruz sentia desejos de chorar.

desembarcou do padrillo. Uma das moços da cavalaria do Malone tomou as rédeas, e se afastou com o animal. Bateu na porta e Coquita o recebeu. Ao cabo de uns minutos, Brigid e Sejam se apresentaram na sala. saudaram-se como de costume e se sentaram a tomar o chá.

—Queria lhes comentar que talvez me ausente por algum tempo — disse de Silva.

Os avós da Fiona o observaram com gesto desconsolado.

—Faz meses que deixei meus negócios em mãos de meus homens e, embora se dirigiram bastante bem, agora requerem minha presença. Você entenderá o que trato de lhes explicar, dom Malone — adicionou.

—Sim, é obvio, entendo; mas, por quanto tempo se ausentará, de Silva? —perguntou Sejam.

—Talvez um mês. Estamos por começar com o rodeio e a erra.

—Sim, é certo — afirmou o irlandês.

Ingressou Maria à sala, recebeu a carta de costume, e se voltou a ir.

—Como está Fiona? —perguntou Juan Cruz com não dissimulada ansiedade.

—Está muito bem. Ontem partiu Sanc e pensamos que isso lhe causaria grande tristeza; em troca, estive que bom aspecto todo o dia. Inclusive acompanhou a Maria ao mercado, como estava acostumado a fazer de pequena — respondeu Brigid entusiasmada.

—Isso sim que é bom — afirmou de Silva—. Mas... Bom, não perguntou por mim?

—Não, senhor de Silva, infelizmente não — demarcou a anciã, baixando os olhos.

Retornou Maria e lhe devolveu a carta como sempre.

— Está bem, Maria, não se preoc...

— Não, senhor, não é o que você pensa. A menina Fiona há dito que a espere, que hoje o receberá.

Fiona chegou à sala e seus avós não estavam ali. De Silva, de costas a ela, olhava pela janela. Entrou silenciosamente, tanto que Juan Cruz não a escutou, absorto como estava na paisagem exterior.

—Boa tarde — sussurrou, revelando sua presença.

De Silva volteou. Com o olhar fixo nela, não atinou a abrir a boca. depois de tanto tempo, outra vez a tinha frente a ele. E novamente sua formosura o deixou sem fôlego. Olhou-a de acima a abaixo, sem recato, detendo-se no ventre volumoso. Tinha tantos desejos reprimidos que avançou decidido para ela, disposto a beijá-la.

Fiona levantou a mão, lhe indicando que se detivera. Não podia falar; tinha a voz quebrada. Tinha ensaiado essa cena em sua mente centenas de vezes, mas agora as palavras se desvaneceram. Não sabia como começar, o que lhe dizer. Levantou o olhar, e se encontrou com seu rosto a uns passos dela. Contemplou-o atentamente. Essa levita que levava não a conhecia, era nova. cortou-se o cabelo e já não tinha o

acréscimo que a ela tanto gostava. Estava magro e ojeroso. Seguiu olhando-o, sem acanhamento.

—Fiona...

A forma em que de Silva pronunciou seu nome e o brilho em seus olhos destroçaram as convicções com que Fiona se apresentou. proposto-se que seria firme e dura com ele, que o faria sofrer, que lhe faria sentir em carne própria a humilhação e o desamor. Mas todo isso ficou atrás, e as firmes decisões desapareceram logo que escutou sua voz.

—Fiona... Por favor...

De Silva começou a aproximar-se; ela retrocedeu.

—Meu amor, não me rechace —suplicou Juan Cruz.

A jovem levantou a vista ao escutar as últimas palavras. A voz do Juan Cruz lhe soou estranha, tremente, e isso a angustiou. Depois, recordou.

—Não me rechace? Disse não me rechace? —Olhou-o fixamente uns instantes, sem falar—. Apesar de tudo, senhor de Silva, eu o aceitei. Foi você o que me rechaçou, foi você o que fez a um lado, me enganando com essa... com essa... senhora.

Fiona fechou os olhos e apertou os dentes. Juan Cruz completou o trecho que os separava e tomou as mãos. Fiona se sobressaltou; deu um passo atrás, e se soltou de seu marido.

—Não me toque —ordenou em um sussurro resistente.

De Silva sentiu um murro no estômago ao escutá-la.

—Por favor, Fiona, me perdoe. Jamais te enganei com ela. Isso é coisa do passado. Do primeiro dia em que te vi, no Socorro, amei-te. Ainda o recordo; via-te tão formosa com seu vestido lilás e sua mantilha branca... Seu rosto era radiante. Lembro-me que ria forte e apesar de que sua avó se escandalizava, você não deixava de fazê-lo. Recorda por que ria? Sempre quis sabê-lo.

Pergunta-a a desconcertou. ficou muda, olhando-o, enquanto Juan Cruz esperava a resposta.

—Eu... Pois... —resmungou Fiona—. Não, não recordo —disse por fim—. Talvez, não sei, ria-me de alguma das velhas. Sempre me davam risada, com seus peinetones fora de moda, médio rígidas dentro de seus espartilhos ajustados... Terei que as ajudar a que ficassem de pé. —As comissuras de seus lábios se elevaram um pouco. Respirou profundo e baixou a vista.

—Sim, certamente te ria de algum desses carcamanes. Desde o começo soube que detestava toda essa espata. Luzia tão natural como uma flor. Nada em ti parecia medido. Movia-te sensualmente, mas eu me dava conta de que foi ingênua. É tão sensual...

Fiona manteve o olhar baixo porque sabia que tinha o rosto como o grão. Percebeu que de Silva se aproximava uns passos, mas não se moveu de onde estava.

—Depois, essa noite, no de misia Mercedes... Bom, aí confirmei todas as teorias a respeito da que seria minha esposa. —Juan Cruz sorriu, sem lhe tirar o olhar de cima—. Do primeiro momento em que te vi soube que sérias minha, embora misia Mercedes pensasse o contrário. Ela me disse que jamais te fixaria em mim, que foi inalcançável para mim.

Fiona se surpreendeu. Embora tratou de dizer algo, não encontrou as palavras.

—Pensei que me dizia isso porque eu era um arrivista, um bastardo, criado por uma negra. Fiz o que fiz com seu pai porque pensei que me desprezaria por ser assim, e que jamais me aceitaria. Teria-me asco e me rechaçaria.

—Não! —exclamou Fiona, com um nó na garganta, dando um passo para frente—. Não...— sussurrou depois, sentindo-se vulnerável uma vez mais frente a ele—. Jamais rechaçaria a ninguém por isso, senhor de Silva.

—Viu-me com a Clelia essa noite, verdade?

Fiona deu um coice, envergonhada de só ouvi-lo falar daquilo. Conteve a respiração e não pôde falar.

—Foi isso, então... Viu-me com ela —repetiu Juan Cruz.

—Sim —sussurrou Fiona.

—Com razão pensa de mim o pior. —Sorriu com tristeza—. Essa noite te desejei do primeiro momento em que te vi. Você parecia alheia a tudo, a léguas do de misia Mercedes. Tinha o olhar perdido e luzia aborrecida. Mais tarde, busquei-te e não te encontrei. Um momento depois, entraram-me vontades de matar ao irmão da Clelia, que te tinha conseguido para uma peça. Estava tão ciumento e desejoso de ti... Bom, você sabe.

—me diga, o que é o que devo saber.

—Estava raivoso, tingia que descargasse com alguém. E Clelia se mostrava tão disposta que... —Fez uma pausa, desviando o olhar—. Depois, quando me rechaçou para a valsa... —Outra vez, a careta triste

em seu rosto—. Ainda o recordo: "Antes prefiro estar morta", disse-me, tão decidida como sempre.

De Silva soltou uma curta gargalhada. Fiona também sorriu, embora tratou de dissimulá-lo.

—Acredito que com essa resposta te desejei mais ainda. — aproximou-se dela e tomou pelos ombros—. OH, Fiona, jamais pensei que te amaria tanto! Amo-te e não posso evitá-lo. Não posso te tirar de minha mente um só instante. Você e só você. Estou-me voltando louco sem ti. Não durmo de noite porque não está a meu lado, não pued...

—Senhor, por favor —o interrompeu Fiona, se desfazendo de suas mãos e afastando uns passos—. Eu não estou preparada ainda. sofri muito com seu engano Y...

—Não, Fiona! Eu não te enganei!

Juan Cruz tratou de acalmar-se; estava gritando, e Fiona luzia assustada.

—Fiona, entende, tudo foi uma patranha urdida pelo Cloé e Estar acostumado a. Eles armaram isto, tudo é mentira.

—Mas ela foi seu amante, senhor! Você me mentiu!

—Sim, mas antes de te conhecer! Depois não! —mentiu de Silva. Jamais a perderia por uma prostituta que não havia valido um ardite para ele.

fez-se um silêncio. De Silva estava agitado. Fiona tinha baixado os olhos e tentava conter o pranto. Não desejava quebrar-se frente a ele. Se sabia vulnerável, conseguiria despedaçá-la. Respirou profundo e recomeçou.

—Senhor de Silva, passaram tantas coisas que estou muito confundida. Não estou segura de lhe acreditar, não sei, não posso. Só quis vê-lo hoje para lhe comunicar minha decisão. Bom... O melhor será que eu permaneça em casa de meu avô e não voltemos a nos ver. Quando nascer...

—Noo! —gritou de Silva, caindo de joelhos frente a ela, e aferrando-se a sua cintura—. Não, Meu deus, não me diga isso!

O homem chorava como um menino. Fiona ficou sem fôlego frente à reação do Juan Cruz. Jamais pensou que viveria para vê-lo chorar. A cabeça de Silva apoiada em seu ventre, balançava-se ao ritmo de um pranto que não acabava.

—Fiona, por favor, tenha compaixão de mim! —dizia Juan Cruz entre suspiros—. Não posso viver sem ti. Este é meu castigo por te haver feito sofrer de um primeiro momento. Em troca você, você só me fez

feliz, meu amor. me perdoe! —Por momentos parecia afogar-se com o soluço; depois, continuava—. me Perdoe! me diga que me perdoa, por favor! —Seguia de joelhos, agarrado a sua cintura—. Necessito seu perdão para seguir vivendo!

A jovem permanecia rígida. Aquela reação a tinha deixado inerte e sem palavras, mas de repente todo se voltava claro. Ela também o rodeou com seus braços e já não pôde conter mais as lágrimas.

Um momento depois, Fiona apoiou suas mãos sobre a cabeça do Juan Cruz, e entrelaçou os dedos com aquelas mechas negras que tanto gostava.

—por que o amo tanto, senhor de Silva? —perguntou-se, sorrindo.

Sentiu que seu marido a apertava mais ainda e isso a encheu de sensações estranhas.

—Agora sei que o amei de um princípio, desde aquela noite em que me senti tão atraída por você. Jamais tinha conhecido a alguém tão viril. Caminhava como um rei e olhava a todo mundo com ar desafiante. Eu gostei tanto que me assustei.

Juan Cruz se incorporou. Fiona se sobressaltou ao ver seu rosto empapado e seus olhos avermelhados. Não pôde evitá-lo e o acariciou. De Silva tomou entre seus braços e a apertou contra seu peito. Desesperado, procurou a boca de sua esposa e a beijou, ao bordo da loucura. Depois, sem separar seus lábios dos dela, falou-lhe como acostumava a fazê-lo. Com uma ordem.

—Nunca mais volte a me abandonar, Fiona.

—Nunca mais, senhor.

Epílogo

O táxi se deteve na *Rue Duret*, a meia quadra da *Avenue Foch*. Era outra dessas rudes noites parisienses. Chovia e fazia frio. Olhou pelo guichê tinha de descender do automóvel. Havia luz na planta alta da mansão. A cortina se abriu e aí estava ela, olhando o táxi de cima, com irritação. A moça sorriu antes de abandonar o veículo.

—Fique com o voltado —disse, sem olhar ao condutor.

—*Merci beancomp, mademoiselle.*

A chuva, cada vez mais forte, obrigou-a a correr até a entrada da mansão. antes de que chamasse, uma faxineira lhe abriu a porta.

—*Bonsoir, Dorothy.*

—*Bonsoir, mademoiselle Ariadna.*

A jovem transpassou o saguão e esperou ao pé da escada. tira-se o impermeável e se sacudiu a cabeleira.

—Ariadna, deixa de te sacudir como um cão —ordenou alguém da planta alta.

—*Grand-mère!* —exclamou a jovem.

—Chega tarde, menina —disse a anciã enquanto baixava.

—Só uns minutos, *grand-mère*, não seja cascarrabias —replicou a jovem, aproximando-se do pé da escada. Sua avó se manteve uns segundos no último degrau, contemplando-a.

—*Jeunessc!* —exclamou por fim, com aborrecimento—. Se não te quisesse tanto...

Ariadna sorriu. Sua avó se empenhava em aparentar um recato e uma retidão que não tinha, ao menos que não tinha para com ela. Desde pequena a tinha deixado fazer livremente; tinha-a mimada mais que ao resto de seus netos. Entre elas havia algo muito especial que aumentava com os anos; como o velho costume de esperar o aniversário da Ariadna da noite anterior, jantando sozinhas, bebendo *champagne*.

—Vamos, *chérie*, passemos ao comilão. O jantar está lista —convidou sua avó—. Tem apetite?

—Muito —respondeu Ariadna.

—Então, não poderá resistir ao pato que preparou Gerard. Durante a velada conversaram da família, de política e de arte e, embora não estavam de acordo em nada, escutaram-se. Saborearam lentamente o *Dom Pérignon*. As árias da Carmen soavam no toca-discos cada vez mais longínquas e uma sonolência se apoderava de ambas as mulheres.

O relógio do saguão deu as doze. A avó se sobressaltou e, ficando de pé, disse-lhe:

—*Bou anniversaire, MA chere Ariadna!* Beijou-a em ambas as bochechas, e a jovem a abraçou. um pouco intimidada pela amostra de afeto de sua neta, encaminhou-se ao móvel com pequenas gavetas de onde tomou uma caixa. Abriu-a, tirando uma mais pequena, e a entregou a Ariadna.

—Abre-o, é seu presente de aniversário. A jovem abriu o estojo. Continha uma miniatura com o retrato de uma mulher. Era de marfim, com marco de ouro e brilhantes engastados.

—*Grand-mere*, é muito belo! *Merci beaucoup* —exclamou Ariadna, sem tirar os olhos do presente.

—OH, sim! É uma jóia muito bela...

—Sim, é obvio, a jóia também o é, *grand-mère*, mas me referia à mulher grafite.

—Certamente, *chérie*. Era minha avó, a mãe de minha mãe. chamava-se Fiona Malone. É formosa, verdade? Agora já sabe de quem herda esse vermelho de seu cabelo que tanto detesta —adicionou sua avó, sorrindo.

A jovem não respondeu. Continuava aniquilada observando a miniatura.

—Ah, quase me esquecia o mais importante! —exclamou a anciã, tirando da caixa três cadernos prolijamente forrados com couro.

—Toma, estes são os jornais de minha avó Fiona. Estão em inglês, mas não terá problema para entendê-los.

Ariadna tomou os cadernos e os contemplou com avidez.

—Dou-lhe isso porque, bom, com essa idéia que tem de ser escritora, acredito que podem te ser úteis. Está segura de que não deseja ser advogada ou médica? Olhe que ganham muitos mais francos, *chérie*.

—Não, *grand-mère*, estou segura —respondeu a jovem.

—Bom, então, estes três jornais são o melhor presente que posso te fazer, me acredite.

Era uma e meia da madrugada quando Ariadna chegou a seu departamento. Estava tão ansiosa por ler os jornais que lhe tinha ido o sonho. deu-se um banho rápido, ficou o pijama e se preparou uma taça de café bem forte. depois de colocar os três jornais sobre a mesa ratona, se apoltronó em seu divã. Sorveu um pouco de café. Depois, tomou um ao azar, e o abriu na primeira folha. Tinha um aroma estranho e suas páginas de cor sépia pareciam a ponto de quebrar-se, como folhas secas. acomodou-se um pouco mais no divã e leu.

Londres, 7 de setembro de 1849

Apesar de que faz dez dias que estamos aqui, ainda não conseguimos pôr ordem na casa que comprou o senhor de Silva.

Maria e Candelaria não dão provisão e eu pouco posso fazer com meu bebê tão pequeno.

A casa fica perto do Bond Street, a umas poucas quadras do de aunt Tricia. Ela é um grande consolo para mim, agora que estou longe de todos. Meu menino é formoso e saudável; alheio a todas as mudanças, sempre sorri, em especial quando escuta a voz de seu pai. Acredito que ele o mímica muito, mas eu nada posso fazer."

Adiantou várias páginas e continuou lendo.

Londres, 13 de setembro de 1849

Finalmente, consegui que o senhor de Silva me confesse o verdadeiro motivo de nossa partida tão repentina de Buenos Aires e nosso assentamento nesta cidade. O conto de "assuntos de negócios" não me convencia. Por fim me há dito que foi esse malvado tirano de Rosas o que urdiu o plano. Estando acostumado a e a prostituta. Confessou-me que Silva que Rosas odeia a minha família porque crie unitária. Maldito seja, homem do demônio!

De Silva acreditou conveniente partir de Buenos Aires para evitar uma nova patranha do ditador, mas eu estou sem consolo pensando na Grandpa e no resto de minha família. O senhor de Silva diz que não devo me preocupar, que meu avô sabe cuidar-se sozinho.

Fez bem me confessando isso longe de Buenos Aires, porque eu mesma teria matado a esse malvado.

Londres, 10 de março de 1852

Hoje estive que visita aunt Tricia, jogando um pouco de luz ao comportamento estranho do senhor de Silva nos últimos dias. É que Rosas tem cansado! Derrotou-o o General Urquiza a princípios do mês passado. Dizem que acaba de chegar a Inglaterra, como refugiado. Não podemos ter pior sorte. Mas já não nos importa, pelo menos, já não me importa.

ficou-se dormida no divã, com o caderno sobre o peito. Olhou o relógio na parede: eram as duas da tarde. levantou-se sobressaltada; depois se tranqüilizou: era sábado. banhcou-se e se vestiu com roupas folgadas. Tinha pensado ficar todo o dia em casa, lendo e escrevendo. Estava muito entusiasmada com a história de seu tatarabuela e já não

podia esperar mais. Logo, conectou a contestadora automática; não tinha desejos de que a interrompessem. Estava segura de que mais de um chamaria para saudá-la no dia de seu aniversário; devolveria as chamadas mais tarde, depois de ler as efemérides.

Almoçou algo ligeiro e retornou ao trabalho. Tomou o jornal que tinha lido a noite anterior e apesar de que não o tinha terminado, sua sabida ansiedade a levou direto à última página.

Paris, 28 de julho de 1890

Acredito que ficarei vivendo em Paris, junto a minha filha Camila. É uma cidade formosa, apesar de que chove mais que em Londres. Além disso, minhas duas netas são meu consolo por estes dias. Meu filho Juan Cruz está bem situado em Londres, continuando os negócios de seu pai. Não tenho que me preocupar com ele. Já conseguirá uma boa mulher e se casará.

decidi que este seja o último dia que escrevo minhas efemérides. Agora que Juan Cruz não está junto a mim, já nada tem sentido. Tudo se limita à lenta espera do destino; final e irremissível que me uma a ele. Amei-o até o desespero; tanto que por momentos acreditei perder a razão. Mas não me arrependo, fui livre junto a ele e não me reservei nada que agora pudesse me fazer sentir mesquinha ou afligida.

Às vezes penso, cheia de angústia, no paradoxal que foi minha vida. O homem ao que acreditei detestar, meu pai, converteu-se no responsável por que eu fora a mulher mais feliz do mundo junto a meu adorado Juan Cruz. Faz muitos anos que perdi a meu pai e já nada posso fazer; deixei-o ir lhe dizer o muito que o queria.

Camila me perguntou dias atrás como tinha sido meu amor por seu pai. Tomou por surpresa e não pude lhe dizer nada. Pensei-o muito após, e me estremeci com tantas lembranças, em especial com o de nossas bodas. Deus bendito! Se meus filhos soubessem o que senti esse dia...

por agora direi a Camila que amei a seu pai com paixão, por sobre todas as coisas, mais à frente do Céu infinito, do bem e do mal; e que o amarei sempre, sem importar o tempo, por toda a eternidade.

Talvez, algum dia me atreva e lhe confesse que, em realidade, para mim tudo começou com ódio, a manhã de minhas bodas, quando o senhor de Silva tomou como sua esposa em troca das avultadas dívidas de meu pai.

Ariadna se enxugou as lágrimas com o punho da camisa. Não era sentimental, mas a sinceridade dessa mulher a tinha sobressaltado.

sentou-se frente a sua máquina de escrever, arrancou a meia folha escrita, e colocou uma nova, em branco. estirou-se os dedos, e escutou com fruição o rangido de seus nódulos. Depois, centrou a folha para tepear o título de sua nova novela. "*Bodas de ódio*", escreveu.

Nota explicativa da autora

O estilo da mansão descrito para a estadia "A Candelaria" logo apareceu em Buenos Aires para fins do século XIX.

De todas formas, trata-se de uma construção que segue os princípios da arquitetura francesa do século XVII.